

# ANTOLOGIA

DA LITERATURA DRAMÁTICA DO  
RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)



VOLUME II

A DESONRA COMO  
MACHINA FATALIS

ANTENOR FISCHER

# ANTOLOGIA

## DA LITERATURA DRAMÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)

Produzida ao longo de um Estágio Pós-Doutoral, realizado no PPGL da PUCRS, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eunice Moreira, em 2009, a presente Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) faz parte de uma série de estudos acadêmicos realizados por Antenor Fischer, nos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS, entre 2002 e 2011.

A Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (cujos ensaios introdutórios, em seu conjunto, constituem e/ou proporcionam uma visão sociológica do Rio Grande do Sul oitocentista, a partir do teatro nele produzido), foi precedida pelos seguintes estudos: A literatura dramática do Rio Grande do Sul, do século XIX – Subsídios para uma história (Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003) e A literatura dramática do Rio Grande do Sul – de 1900 a 1950 (Tese de Doutorado, PUCRS, 2007, 2 volumes).

A esses estudos, o autor acrescentaria o Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul, produzido ao longo de novo Estágio Pós-Doutoral, agora no PPGL da UFRGS, sob a supervisão do Prof. Dr. Luís Augusto Fischer, em 2011. A obra, que reúne 900 verbetes de autores, foi considerada, pelo crítico teatral Antonio Hohlfeldt, “o principal livro publicado no Rio Grande do Sul, em 2014, sobre teatro”.

---

Radicado em Porto Alegre, desde 1978, Antenor Fischer nasceu na Linha Vista Alegre, Crissiumal, RS, a 26/10/1959. Passou a infância e a juventude em Palmitos e Cunha Porã, municípios do Oeste de Santa Catarina. Ex-ator do “Caixa de Pandora” (grupo teatral porto-alegrense, que integrou ao longo de quase dez anos), diretor de teatro, historiador da literatura dramática gaúcha, escritor e bancário aposentado (CEF), Fischer, como é conhecido, é Bacharel em Artes Cênicas – Direção Teatral, pelo DAD-UFRGS (1997), Mestre e Doutor em Letras, pela PUCRS (2003 e 2007, respectivamente), com Pós-Doutorado, na mesma área, pela PUCRS (2009) e pela UFRGS (2011).

Além do Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Porto Alegre: FischerPress, 2014, 350 p.), publicou as seguintes obras: A república dos miseráveis – Ascensão e queda do Reich da Modernidade (2000); A odisseia de H.Romeo (2005); A primavera de Praga (2006); Que mistifório é este? – Crônica, poesia, teatro & Cia. (em parceria com César Dias da Silva, 2008); Era uma vez no Leste – Impressões de uma viagem a República Tcheca, Polônia, Repúblicas Bálticas e Rússia (2010); Em busca do sentido perdido – No Caminho de Santiago (2012); e Do outro lado do mundo – Crônicas da Ásia e da Oceania (2015).

*Antenor Fischer*

**ANTOLOGIA**  
DA LITERATURA DRAMÁTICA  
DO RIO GRANDE DO SUL  
(SÉCULO XIX)

VOLUME II  
A DESONRA COMO  
MACHINA FATALIS

*1ª Edição*

*Porto Alegre*

**P** | Fischer  
Press

2015

Copyright@ 2015 por Antenor Fischer

**Título Original**

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Século XIX)

**Editor**

Antenor Fischer

**Projeto Gráfico, Capa e Editoração Eletrônica**

Daniel Scheer

**Ilustração da Capa**

Gilmar Fraga

**Bibliotecária Responsável**

Ginamara de Oliveira Lima – CRB 10/1204

**Catálogo na Fonte**

F529a

Fischer, Antenor

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) /  
Antenor Fischer. – Porto Alegre : FischerPress, 2015.  
8 v. ; 21 cm.

Conteúdo: v.1. Autores primordiais e textos fundadores. – v.2. A desonra como *Machina Fatalis*. – v.3. O jusuitismo na alça de mira. – v.4. O divórcio em cena. – v.5. O drama abolicionista. – v.6. O ideal republicano. – v.7. A mulher como autora. – v.8. A comédia.

ISBN: 978-85-68558-02-7 – Coleção

978-85-68558-03-4 – v.1

978-85-68558-04-1 – v.2

978-85-68558-05-8 – v.3

978-85-68558-06-5 – v.4

978-85-68558-07-2 – v.5

978-85-68558-08-9 – v.6

978-85-68558-09-6 – v.7

978-85-68558-10-2 – v.8

1. Literatura Brasileira - Teatro. 2. Literatura Sul-rio-grandense - Teatro.  
3. Literatura Dramática do Rio Grande do Sul. 4. Teatro do Rio Grande do Sul. 5. Dramaturgia brasileira. 6. Dramaturgia gaúcha. I. Título.

CDD 869.99209

**Antenor Fischer**

fischerpress@gmail.com

www.fischerpress.com.br





## SUMÁRIO

A desonra como <i>machina fatalis</i> .....	07
Notas sobre os autores.....	37
<i>Risos e lágrimas</i> (1869), de Hilário Ribeiro.....	49
<i>Os filhos da viúva</i> (1881), de Arthur Rocha.....	91
<i>Frutos da opulência</i> (1883), de Joaquim Alves Torres.....	141
Bibliografia.....	191





## A DESONRA COMO MACHINA FATALIS

Do que trata, exatamente, Saint-Exupéry (1900 - 1944), em *O Pequeno príncipe*? Em uma frase, trata do homem e de suas aspirações. O livro – que é quase infantil em sua forma enigmática e metafórica, porém profundamente poético e filosófico no conteúdo – ensina que o fato de o homem ter aspirações é uma coisa boa, já que são elas que o movem.

O problema ocorre, segundo Saint-Exupéry, quando alguma dessas aspirações é totalizada e convertida em ídolo (entenda-se como ídolo as aspirações ou valores que cada sociedade e cada época histórica elegem e consideram como absolutos e supremos, aos quais rendem culto e por amor aos quais pessoas são marginalizadas e sacrificadas).

*O Pequeno príncipe* apresenta uma série de valores que, convertidos em totalizações ou asteróides, transformam-se em ídolos que prometem aos seus súditos poder, dinheiro, fama, segurança, liberdade, vida... mas que, na verdade, tiram precisamente aquilo que prometem dar. Os asteróides criados pelo piloto do correio aéreo francês, Saint-Exupéry, na obra publicada em 1943, simbolizam as totalizações eleitas pelo homem como valores supremos de sua existência e aos quais tudo o mais é subordinado.

Conforme deixa entrever o título, propusemo-nos analisar, neste estudo, o principal valor cultuado pela sociedade gaúcha, do século XIX, a partir do drama produzido pelos autores sul-rio-grandenses, daquela centúria. Mas como fazer uma análise da sociedade local, se o cenário da quase totalidade dessa produção não é o Rio Grande do Sul e, tampouco, suas personagens são gaúchas?

Ambientado, inicialmente, em Portugal, Inglaterra, Itália e Alemanha; e, posteriormente, no Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e, eventualmente, no Rio Grande do Sul, o tipo de sociedade que encontramos nas páginas do drama produzido pelos autores sul-rio-grandenses, do século XIX,



ainda que não seja explicitamente a gaúcha, é uma sociedade burguesa provinciana, de espírito acanhado, profundamente desigual, caracterizada pela influência quase que absoluta da religião e pela servidão humilhante dos negros e das mulheres – logo, uma reprodução extremamente fiel da sociedade local, da época.

A ambientação do nosso drama fora da Província – principalmente daquele produzido após a constituição da Sociedade Partenon Literário, em 1868 – está intimamente ligada ao movimento deflagrado no centro do País, com o objetivo de criar uma dramaturgia nacional.

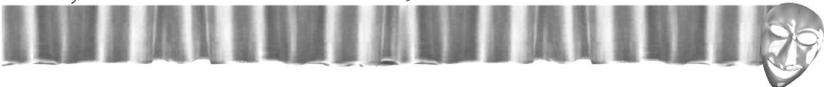
Ainda que essa atitude tenha, de certo modo, subtraído, da maioria dos textos, uma possível conotação regional ou a chamada “cor local”, os autores da dramaturgia de que estamos tratando faziam parte da sociedade gaúcha. Na qualidade de porta-vozes de seus anseios, é de se acreditar que não retratariam uma sociedade que não se identificasse plenamente com a local, seu público alvo e objeto de transformação. De modo que entendemos ser possível, sim, fazer uma análise da sociedade gaúcha, sob alguns aspectos, a partir do drama aqui produzido.

Mesmo uma leitura superficial permite constatar que a engrenagem que faz a *machina fatalis* funcionar no drama sul-rio-grandense, do século XIX, não é a *hybris* (desmedida), decorrente de uma maldição herdada, como no caso da tragédia grega da Antiguidade, mas, sim, um valor máximo – quem sabe até um super valor, já que o mesmo agrega outros, como, por exemplo, o dever<sup>1</sup> –, legado de geração para geração: a honra. No mundo oitocentista, a perda da honra significava o “exílio”, o fim da vida social, da vítima e de sua família.

O fato de que pouquíssimos dramas apresentam um enredo dissociado da questão da honra constitui um sintoma

---

<sup>1</sup> Algumas peças, produzidas na segunda metade do século XIX, inclusive, apresentam no título os vocábulos “honra” ou “dever” (este intimamente associado ao primeiro, já que o descumprimento de um dever – seja para com a família, para com Deus ou para com a pátria – representava a desonra): *Exemplo de honra* (1858) e *Os homens de honra* (1862), de Manuel José da Silva Bastos; *Ladrões da honra* (1875), de Appolinário Porto Alegre; e *Coração e dever* (1872), de Bernardo Taveira Jr.



da importância desse valor, cultuado e quase transformado em ídolo, pela sociedade gaúcha, do século XIX.

Mas, de onde teria se originado esse valor a que chamamos “honra”? Como se fixou ele em nosso meio? Aliás, a quem cabe o papel de definir os valores morais e a tarefa de educar os indivíduos para a prática da virtude (ou do Bem)? À família? À instituições sociais como a escola e a Igreja? À sociedade? Ou, quem sabe, à mídia, na sociedade contemporânea?

Seria o valor “honra” um legado dos guaranis (senão nosso primeiro substrato étnico, pelo menos nossos primeiros habitantes) ou dos espanhóis, representados pelos padres jesuítas e pelos guerreiros do Vice-Reinado do Prata, que por aqui “circularam” em meados do século XVII? Ou, quem sabe, teria sido ele introduzido em solo sul-rio-grandense pelos açorianos, que aqui arribaram em meados do século XVIII?

Os bandeirantes paulistas, preadores de índios, e os tropeiros de Minas, certamente não nos legariam um valor dessa magnitude. O mesmo se pode dizer em relação ao negro escravo, que representava em torno de 1/3 da população da Província sulina, no século XIX.

Também aos alemães e italianos (cujas primeiras famílias chegaram a estas plagas em 1824 e 1875, respectivamente) não nos é dado atribuir essa herança, pelo fato de haverem se estabelecido na periferia, custando a integrar-se à sociedade gaúcha que, de forma implícita, conforme dissemos, é retratada no nosso drama oitocentista.

Considerando a origem e o nível cultural de nossas primeiras mães de família (algumas delas, capturadas aos guaranis; outras, enviadas pela metrópole, que as recrutava, muitas vezes, dentre as meretrizes; a maioria, segregada do convívio social e criada no meio de escravos, aprendendo todos os vícios através do exemplo; em sua quase totalidade, mal sabendo bordar, costurar e recitar orações), a quem cabia a tarefa da educação dos filhos, custa acreditar que fossem as guardiãs e as responsáveis pela perpetuação do valor de que estamos falando.

Também atribuir à escola, em vista da precariedade e do baixo nível da instrução pública na Província sulina, ao lon-



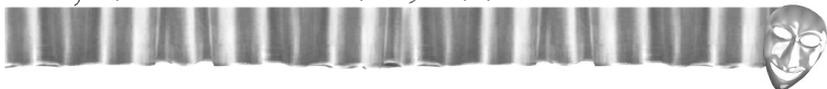
go do século XIX, conforme vimos no estudo introdutório do primeiro volume, o papel de educar para a virtude e para o bem, não resolverá nossa questão.

O mesmo talvez valha para a mídia. Apesar das discussões que a mesma promoveu acerca da instrução da mulher e de seu papel de filha, esposa e mãe, através dos periódicos e jornais, principalmente após o surgimento do Partenon Literário, estas não chegavam ao grosso da população, constituída de iletrados.

Resta-nos, então, a Igreja como educadora e perpetuadora de valores. Essa, no entanto, estabeleceu-se bastante tarde entre nós. Apesar da empresa dos jesuítas espanhóis, nas Missões dos Sete Povos, a Igreja – que em outras regiões do Brasil cedo instruiu e educou as populações, erigindo escolas e colégios – teve dificuldades de cumprir essa missão em solo gaúcho, pelo menos até a Independência.

Guilhermino Cesar (1956, p. 35-6) explica que somente ao crescerem as populações é que os padres vieram para as capelas e curatos que os grandes proprietários fizeram erigir em seus domínios. “Como, porém, se achavam as igrejas muito espalhadas pelo território, não vemos como poderiam os párocos exercer entre as populações aquela influência e domínio de que gozaram em outras zonas do país. Ainda em 1812 a situação no tocante à assistência religiosa era de quase penúria, sobretudo na chamada campanha, onde até 1773 não fora criada uma só freguesia”. Em nota, Cesar esclarece que, antes da chegada dos primeiros casais açorianos, somente quatro vilas haviam sido elevadas à condição de freguesia.

Esse quadro sofreu uma significativa mudança a partir de meados do século XIX, tanto que a chamada “Questão religiosa”, que eclodiu na Corte, em 1872, teve fortes ecos na Província sulina. Ainda que, entre nós, o debate com os jesuítas tenha se tornado mais acirrado após a constituição da Sociedade do Partenon Literário (1868), o fanatismo religioso e, principalmente, o comportamento dos sacerdotes eram já alvos dos colaboradores da revista *d’O Guaíba*, no final da década de 1850, o que demonstra a influência religiosa no seio das nossas famílias.



Com uma população composta essencialmente por católicos e seguidores de outras doutrinas cristãs, era de se imaginar que o Evangelho fosse, para as sociedades gaúcha e brasileira do Oitocentos, a principal fonte inspiradora de valores e Jesus Cristo o grande referencial para o pensar e, principalmente, para o agir.

Não foi, no entanto, o que ocorreu, conforme se verá, com mais profundidade, no terceiro volume desta Antologia, dedicado ao estudo dos textos teatrais de combate ao jesuitismo.

Se a Igreja tivesse assumido o compromisso de motivar seus seguidores (e seus próprios sacerdotes!) a cultivar e exercer os valores máximos do cristianismo – ou se, pelo menos, não tivesse se oposto à evolução mental de seus fiéis –, certamente a sociedade gaúcha do século XIX não teria sido marcada por tão gritante contradição, já que, por um lado, vivia ajoelhada nos confessionários, prestando vassalagem ao clero; e, por outro, dedicava-se à exploração do próximo, praticava a escravidão, oprimia a mulher, cometia crimes e atrocidades... afrontando e contrariando a doutrina cristã, no que ela tem de fundamental.

Considerando que o Romantismo aqui chegou com quase um século de atraso, não era de se esperar que as grandes discussões filosóficas, no campo da Ética, ocorridas no Velho Mundo, naquele século e no anterior, encontrassem solo fértil no Rio Grande do Sul. Isso, aliado ao fato de não poder contar com a Igreja – e, mais ainda, ter que, muitas vezes, lutar contra ela –, tornaria ainda mais árdua a tarefa abraçada pela intelectualidade local, especialmente pelos homens das letras, no sentido de promover uma mudança de mentalidade e de atitudes, capaz de resultar numa sociedade menos primitiva e mais justa em suas ações.

\* \* \*

Talvez nenhuma frase expresse com maior precisão e clareza o que representava a honra, naquela sociedade, do que



essa, pinçada do drama *O sexto pecado mortal* (1873), de Joaquim Alves Torres (quem fala é Lauro):

As minhas mágoas principais nasceram da minha desonra. Sou um condenado, um miserável sofredor, porque abateram, trucidaram a minha dignidade, a honra, esse ídolo adorado por todo aquele que tem o orgulho de ser um homem de bem. Eu quisera a morte de minha vida de preferência à morte de minha honra (Ato II, Cena III, p. 113).

Esta outra, proferida pela personagem título do drama *Aurélia* (1872), de Hilário Ribeiro, ao recusar o colar de brilhantes que o apaixonado Leopoldo lhe oferece, flui no mesmo sentido: “Jóias!... Para que me servem elas nesta vida tormentosa que arrasto?!... Jóias! Que valor terão elas para uma mulher que perdeu para sempre o que há de mais precioso na terra [refere-se à honra]?” (Ato III, Cena VII, p. 340).

O pensamento da heroína Adelaide, de *Risos e lágrimas* (1869), do mesmo autor, é bastante parecido com o de Aurélia: “Eu sou daquelas mulheres que preferem a virtude na desgraça à abjeção completa dos sentimentos!... Não há ouro na terra que me deslumbre, nem oblações mentidas que me seduzem” (Ato I, Cena VI, p. 15).

Também a virtuosa Cecília, protagonista de *A culpa dos pais* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa, evidencia o valor da honra, ao recusar as propostas do chantagista Francisco: “Basta, senhor. É inútil tentar-me: não há riqueza que apague a nódoa que a desonra estampa na frente da mulher perdida!” (Ato I, Cena IV, p. 10).

Constatamos que, no drama gaúcho, as principais ameaças à honra provêm da calúnia ou difamação (seja através do jornal ou por meio de fofocas e fuxicos da vizinhança); da perda da castidade da filha (ou da mulher) solteira; e da ruína financeira do homem, em seus negócios (em alguns casos, em decorrência do vício do jogo). Mas essa ameaça à honra ou a desonra pode se originar, também, do adultério feminino; do “mau passo” dado pela viúva; do proceder do filho de má índole; do adultério masculino; e, mesmo, da troca da batina e do



ofício religioso pelo amor de uma mulher. Sem contar a quebra da palavra empenhada ou de um juramento.

No primeiro caso (desonra pela calúnia ou difamação), enquadram-se, em ordem cronológica, os dramas *O nobre e o plebeu* (1852), de Manuel Pereira Bastos Junior; *O sexto pecado mortal* (1873) e *Linda* (1877), de Joaquim Alves Torres; *Ladrões da honra* (1875), de Appolinário Porto Alegre; *O anjo do sacrifício* (1876) e *Os filhos da viúva* (1881), de Arthur Rocha; *Um fruto da escravidão* (1883), de Boaventura Soares; *O marido de Ângela* (1884), de Joaquim Alves Torres; e *A calúnia* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa. Também a peça *A Independência* (1870), de Inácio Vasconcellos Ferreira, pode ser aqui enquadrada.

Em *O nobre e o plebeu*, de Manuel Pereira Bastos Junior, o capitão da marinha inglesa, Paulo, tem sua honra enlameada pelas calúnias do Conde Alberto de Hamilton, que disputa com ele o amor de Alzira, filha de Lord Lowendal. O nobre joga sujo: primeiro inventa que Paulo (cuja verdadeira origem ninguém conhece) é filho de um ladrão, que teria sido levado ao cadafalso. Depois, “envenena” Jaques contra Paulo, atribuindo ao pai deste a culpa pela morte do pai daquele. A forma encontrada por Paulo para reaver sua honra é ir lutar na guerra da Independência americana. Com o objetivo de se vingar, Jaques engaja-se na tropa que segue com Paulo para o combate. Dois anos se passam, sem que o Conde consiga casar com Alzira, apesar de haver inventado a morte de seu amado. Ao saber da volta de Paulo, o Conde providencia a fuga de um prisioneiro de guerra, para levar Paulo à força. Com a ajuda de Jaques (que a esta altura já descobriu a verdadeira história de seu pai), Paulo prepara uma armadilha para o Conde, que, além de ser desmascarado diante de Alzira e do Lord, acaba preso e tem seus bens confiscados pelo Estado. Com o inimigo na cadeia e a honra restabelecida, a vitória do plebeu se completa com a conquista definitiva do amor de Alzira.

No drama *O sexto pecado mortal*, de Joaquim Alves Torres, Lauro e Mário disputam o amor de Helena, filha do Barão de Almeida. O segundo, primo da moça, a quem sua mão já estava prometida, trata de tirar Lauro de seu caminho. Contra-



ta um inglês (Blow), que, diante de uma multidão, acusa Lauro de haver trapaceado no jogo.

Já em *Linda*, do mesmo autor, João da Mota rouba um beijo da heroína, à vista de seu amado, Otávio. Este se entrega à bebida e o Barão acaba por conceder a mão da filha a um terceiro pretendente (o Dr. Maurino), a quem, segundo diz, deve a honra e a vida, pois o mesmo o teria livrado da ignomínia. Com a confissão de João da Mota, de que pretendia desonrar Linda com suas calúnias (para que o Barão o forçasse a se casar com ela), a jovem tem sua honra restabelecida.

Em *Ladrões da honra*, de Appolinário Porto Alegre, o Barão de Andiraí paga a um jornalista para que macule a honra de Leonel, apaixonado pela sua filha, Lúcia (que o Barão deseja casar com Carlos de Souza, filho do Visconde de Itapagé). Não bastasse a calúnia no jornal, que faz Leonel perder o emprego, Carlos trata de difamar Lúcia, na presença de seu adversário. Num bar, enquanto Leonel bebe, Carlos vangloria-se, em voz alta, a seus companheiros de bilhar, de haver passado noites com Lúcia. No fim, o Barão experimentará seu próprio veneno, sendo vítima da calúnia jornalística, que o levará à ruína.

No drama *O anjo do sacrifício*, de Arthur Rocha, os fuxicos de vizinhança acerca das frequentes visitas do guarda-livros César à casa de sua patroa (a viúva Eulina) levam o mesmo à decisão de cumprir um juramento feito ao ex-patrão, em seu leito de morte: o de casar com sua cunhada, Laura. Para salvar a honra da mulher que ama, sacrificará seu amor e sua felicidade. O gesto só não se concretiza porque Laura, “o anjo do sacrifício”, vai para o claustro, liberando César do juramento.

Em outro drama, do mesmo autor (*Os filhos da viúva*), ainda que a desonra da família seja provocada, em primeira instância, pela viúva Elvira (acusada de estar convivendo incestuosamente com Frederico e de estar cometendo “adultério póstumo”), a calúnia e difamação lançadas nas páginas de um jornal, pelos adversários políticos do republicano Alberto, chegam ao cúmulo de macular não apenas a honra deste, de sua mãe (Elvira) e da irmã, mas também a do patriarca, morto há muito anos (as palavras são de Alberto para Frederico, quando este se recusa a casar com Elvira):



Está lançada sobre o nome de uma família inteira uma nódoa indelével e infamante, que, não só afeta a dignidade de três pessoas que vivem e amam-se e compreendem-se, como (...) levantando a pedra de um sepulcro venerando, vai lá, bem no fundo, revolver as cinzas de um morto honrado, cuja memória é digna dos maiores respetos (Ato II Cena VIII, p. 45).

Nesta peça, a desonra familiar é inevitável, já que Elvira engravida e Frederico não tem como reparar o mal causado, por já ser legalmente casado.

No drama abolicionista *Um fruto da escravidão*, de Boaventura Soares, o jogador e aristocrata Hemetério, que pretende salvar-se da falência fazendo um bom casamento, não hesita, na disputa que trava pela mão de Cecília, em caluniar seu adversário, o órfão Américo (criado pelos pais de Cecília), pessoalmente e pela imprensa. Vencido Hemetério e removida a nódoa na honra de Américo, este pede, a Eurico, a mão de sua filha. Eurico revela-lhe ser impossível: o rapaz é seu filho (com uma escrava, que o abandonara à porta de sua casa, ainda pequenino) e, portanto, irmão de Cecília. Américo mata-se com um tiro.

Em *O marido de Ângela*, de Joaquim Alves Torres, a heroína é vítima da calúnia do Dr. Fabrício e de Hilário. O primeiro é inimigo político de seu marido (Luís); o segundo se diz desprezado por Ângela, em seu tempo de solteira. Depois que o casal passa por um penoso processo de divórcio, os dois criminosos confessam a armação e Ângela volta para o marido. Neste caso, marido e mulher têm sua honra restabelecida.

O último drama que se insere no grupo em que a ameaça à honra ou a desonra provém da calúnia ou da difamação foi escrito por Anna Aurora do Amaral Lisboa e tem o sugestivo título de *A calúnia*. Neste drama, a personagem Mariana de Sousa macula a honra de Adelaide de Mendonça, por não aceitar que esta se case com Pedro de Castro, jovem que preteriu a mão de sua filha Júlia. Além da calúnia verbal, Mariana chega a falsificar uma carta – fato que, no final, a leva a ser expulsa dos salões da alta sociedade. Quanto à pobre e inocente Adelaide, esta só tem tempo de conceder o perdão a Pedro, antes de morrer, vitimada pela desonra.





Pode-se acrescentar, aqui, ainda a peça *A Independência* (1870), de Inácio Vasconcellos Ferreira, já que a calúnia e a chantagem estão nela presentes e a honra – cuja tentativa de quebra deflagra o drama – aparece como valor máximo e, dessa vez, cantado em versos. O governador é apaixonado por Maria. Para tê-la, ele compra da traidora Marta papéis que contêm “proclamações insidiosas”, assinadas por Alberto (seu noivo) e o comendador (seu pai). Maria enfrenta o governador, com estas palavras:

Oh! Que às faces me escalda ainda a vergonha,  
Como castigo da fraqueza da alma!  
Homem pra quem a honra é som apenas,  
À minha fez bom preço e quis comprá-la...  
Mas a honra, senhor, nesta família  
É patrimônio que o passado lega  
De pais a filhos no rodar dos séculos...  
Ri? Nunca teve um pai que lhe ensinasse  
A percorrer o trilho da virtude;  
Nem mãe que piedosa solicitasse  
Nos beijos infantis o que era a honra!... (Ato I, p. 31).

Maria é insultada e ameaçada pelos “degraus do cada-falso”. Alberto que tudo ouvira, escondido, surge com uma pistola na mão e exige que o governador queime os papéis, “à luz de uma lâmpada”. Depois, o enxota de casa. O comendador surge em seguida, dizendo que Alberto acabara de perdê-los, ao que este responde: “Está salva a honra... Pouco importa o resto” (Ato I, p. 33).

Relacionemos, agora, os dramas que se enquadram no segundo grupo, em que a ameaça à honra, ou a desonra, se origina da perda da castidade da filha (ou da mulher) solteira: *O castelo de Oppenheim* ou *O tribunal secreto* (1849), de Manuel José da Silva Bastos; *Aurélia* (1872) e *Lucinda* (1875), de Hilário Ribeiro; *José* (1877), de Arthur Rocha; *Frutos da opulência* (1883), de Joaquim Alves Torres; *O filho das ondas* (1883), de Lobo da Costa; *Arnaldo* (1886), de Damasceno Vieira; e *A culpa dos pais* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa.



Aqui, é preciso observar que, somente no primeiro desses dramas, a desonra não se concretiza e, também, que apenas em *Aurélia*, *José* e *A culpa dos pais*, o “mau passo” é dado de forma deliberada (no último deles, a desonra precede a ação da peça). Em *Lucinda*, *Frutos da opulência*, *O filho das ondas* e *Arnaldo* as mulheres são, literalmente, violentadas, conforme veremos a seguir.

Em *O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto* – o primeiro drama escrito por autor gaúcho, em solo sul-rio-grandense, que chegou até nós em forma de texto –, a insistência do Conde de Hatsenfrelde em tirar a honra de Elfride Morel (de quem é tutor), faz com que a jovem fuja de casa e se embrenhe na selva tomada de salteadores, disfarçada de homem (eis, aí, um protótipo relativamente consistente da personagem Diadorim, do romance *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa). Nessa peça, a ameaça à honra deflagra o drama; porém, a desonra, conforme já dissemos, não se concretiza.

Em *Aurélia*, a heroína homônima deixa-se seduzir pelo homem que ama, o Dr. Augusto, filho do ex-patrão de seu pai. Grávida, foge com ele para o Rio de Janeiro (ambos são de São Paulo), onde, abandonada pelo homem que a desgraçou, Aurélia torna-se atriz. Apesar de haver dado um “mau passo”, ela é de uma dignidade e de uma firmeza de caráter poucas vezes vistas em heroínas da nossa dramaturgia. Mesmo abandonada pelo amante, recusa-se a “descer ao último degrau do vício” (a prostituição, caminho natural imposto pela sociedade às mulheres na sua condição)<sup>2</sup>, sustentando seu filho sozinha e “sem recorrer ao pão amargo da desonra”.

---

<sup>2</sup> Ainda que seja custoso crer, a questão era mesmo tratada com rigidez e inflexibilidade pela sociedade oitocentista. Veja-se, a propósito, um conto de Vasco de Azevedo, intitulado *A queda de uma virgem*, publicado na *Revista Mensal* do Partenon Literário, em que, depois de um baile, o pai procura o assassino de sua honra, para vingar-se, e não o encontrando, suicida-se, legando à filha Carlinda, em seu testamento, apenas uma maldição! “Carlinda, sem proteção e lançada ao abandono, viu-se na contingência de estender a mão à caridade pública, que conservou-se muda e inflexível em suas súplicas! Obrigada a atirar-se na voragem do desespero, enlodora as asas de anjo, abismando-se para sempre em martírios eternos” (n. 4, 1875, p. 177-9).



Aurélia é uma das primeiras personagens femininas a reclamar do tratamento desigual conferido a homens e mulheres, pela sociedade da época: “Miseranda condição!... É sempre assim: o homem erra e a sociedade absolve; tu, porém, ó mártir, mal vacilas no pendor da culpa, mão selvagem impele-te ao abismo da torpeza e sentes na face o látego da execração!” (Ato III, Cena VII, p. 342).

Em *José*, a jovem Clara é seduzida e desonrada pelo “criminoso” Alfredo de Magalhães. Do relacionamento, nasce Ângela, heroína da peça. O mulato José, em pagamento de uma dívida que tem para com a mulher que livrou sua mãe do cativo (Clara), faz de tudo para proteger e dar de comer às duas. Dezenove anos mais tarde (com a mãe morta há quatorze), Ângela vive feliz com seu padrinho José (agora, um jornalista bem-sucedido) e namora o jovem Carlos. Quem surge para interferir no destino do casal é Arnaldo de Matos, que ninguém sabe quem é e de onde veio (mais tarde, desmascarado por José, ficar-se-á sabendo que se trata de Alfredo de Magalhães). Arnaldo/Alfredo, ignorando que Ângela é sua filha, faz de tudo para seduzi-la e uma desgraça maior só não acontece graças à pronta intervenção de José.

*A culpa dos pais*, de Anna Aurora do Amaral Lisboa, é um drama naturalista, em que a perda da honra da heroína Cecília precede a ação da peça: o “determinismo” impele a mesma a repetir a história e o destino da mãe. Desonrada pelo Dr. Lauro, grávida e sem apoio nenhum, a mãe de Cecília não vê outra saída senão se prostituir, para sobreviver e criar sua filha. Esse mesmo Lauro, sem saber quem Cecília de fato é, não permite que seu filho Artur a despose, pois isso desonraria sua família. No entanto, aconselha-o, sem pudor, a tomá-la como amante:

Uma amante não desonraria um rapaz nas tuas condições, no meio em que vivemos é isto até natural; mas um herdeiro de um nome como o teu não esposa uma mulher de tão baixo nascimento (Ato II, Cena I, p. 17).

Impelida pela sociedade, Cecília, para salvar a mãe enferma e sem assistência, segue o caminho desta, prostituindo-se. A autora, que recorre à personagem Artur, para condenar o



comportamento da sociedade e, principalmente, o dos homens, que “tudo fazem para arrojarem uma donzela honesta, sem remorsos, na voragem da perdição”, confere uma punição exemplar ao Dr. Lauro: Cecília, que, no fim, descobre ser sua filha, morre; e Artur, seu filho, ao saber-se apaixonado pela própria irmã, enlouquece.

Na apreciação que faz do drama *A culpa dos pais*, de Anna Aurora do Amaral Lisboa, o Dr. Antônio Alves Teixeira opina sobre a questão da honra, especialmente no que concerne ao sexo feminino:

Eu sou essencialmente severo em questões de honra e não posso admitir que haja absolvição possível para a mulher que se esquece de seus deveres, seja qual for a sua posição e estado, mas pela maneira porque me apresentais a figura simpática e infeliz da pobre Cecília, confesso-vos que me interessei pela mártir a ponto de conceder-lhe o meu *perdão* (1931, p. xv e xvi).

Há que se observar, porém, que o crítico só perdoa Cecília porque ela, antes de ser “uma mulher culpada”, traz “na frente virtuosa o estigma de uma hereditariedade funesta”. Em razão disso, “merece a palma do martirologio, e não a maldição da sociedade”.

Esse pensamento, próprio do Naturalismo, está bem de acordo com o que diz, à Cecília, o chantagista Francisco, que, não conseguindo seduzi-la, ameaça revelar a verdade sobre sua mãe: “A filha de uma mulher como é sua mãe não pode ser um monstro de virtude; protesta contra isto o sangue que lhe corre nas veias: a hereditariedade é um fato. Não creio na sua virtude!” (Ato I, Cena IV, p. 12).

Lucinda, a heroína da peça homônima de Hilário Ribeiro, é desonrada enquanto dorme. Movido pela vingança, após perder, para o pintor Fausto, a disputa pelo amor da jovem, quem comete o ato criminoso é o primo Raimundo. No dia seguinte ao casamento com Lucinda, vê-se em cena um Fausto desgraçado, certo da desonra de sua amada. Providencialmente, um padre vem dar a notícia da morte de Raimundo, na guerra do Paraguai. O religioso, a pedido de Raimundo, revela ao Barão (pai da moça) e a Fausto o ocorrido com Lucinda, que ela



própria desconhecia. Restabelecida a inocência da heroína, tudo se encaminha para a reconciliação e um final feliz. Lucinda, porém, tomara veneno, vindo a morrer em cena.

Em *Frutos da opulência*, de Joaquim Alves Torres, o Visconde de Cordovil repete o gesto de Raimundo, invadindo o quarto de Gabriela, filha de Belisário. Nesta peça, porém, a vítima tem sono menos pesado – e, portanto, plena consciência do que lhe ocorreu, durante a noite. O Visconde, habituado a desonrar moças de família, recusa-se a reparar o erro, mas oferece a Gabriela um outro noivo, que ela rejeita. Estácio, apaixonado pela prima, aceita se casar com ela, mesmo sabendo que já não é pura. Antônio, ex-servçal da casa de Belisário, que ajudara o Visconde em seu plano de desgraçar Gabriela, também terá sua filha desonrada por ele. Servindo, agora, na casa do Visconde, aceita o pagamento de 10.000 contos e o noivo que este lhe oferece, para a filha. Depois, acrescenta veneno ao café e lhe serve. A exemplo de Lucinda, também o Visconde morre em cena.

No drama em versos, *O filho das ondas*, de Lobo da Costa, o pescador André é pai de dois filhos: Elvira e Afonso – este é “o filho das ondas”, um enjeitado encontrado na praia e recolhido por André. Já adulto, Afonso irá para a guerra. Antes de partir, sela seu compromisso de casar com a irmã adotiva, ao retornar. Ocorre, porém, que, exatamente no dia da partida de Afonso, Elvira é atacada por Lúcio, que faz uso de clorofórmio, para deixá-la inconsciente e abusar dela sexualmente. Do estupro, nasce uma filha. Cinco anos mais tarde, Afonso retorna. Ao saber do acontecido, decide vingar a honra perdida. O duelo, à espada, é impedido pelo Marquês, pai de Lúcio, que reconhece em Afonso o filho que durante anos procurara. Lúcio aceita se casar com Elvira. A Afonso só resta sufocar seu amor e continuar tratando Elvira apenas como irmã. E o consolo de haver encontrado, enfim, seu pai biológico.

Assim como ocorre em *A culpa dos pais*, de Anna Aurora do Amaral Lisboa, no drama *Arnaldo*, de Damasceno Vieira, a desonra da heroína precede a ação da peça. O algoz de Ester é o pai do homem com quem, mais tarde, já no Brasil, virá a se casar (Arnaldo). Só o Dr. Mário de Castro, médico que fez o



parto de Ester, na Alemanha, sabe que ela tem um filho. Negando-se a revelar o que sabe, é desafiado pelo desconfiado amigo Arnaldo, para um duelo. No momento do enfrentamento, já com a presença do pai de Arnaldo, que acabara de chegar da Europa (em cujos salões se apresentava como banqueiro e com nome falso), Ester surge com a intenção de impedir o duelo. Ao ver o homem que a desgraçara, revela ao marido o que este lhe fizera, contando com a ajuda de sua própria tia, a Baronesa de Cléves, em cuja casa vivia (a Baronesa, devendo dinheiro ao banqueiro, a embriagara, para que o pai de Arnaldo tivesse facilitada a tarefa de desonrá-la). Arnaldo acaba se suicidando.

No terceiro grupo (aquele em que a ameaça à honra, ou a desonra, provém da ruína financeira ou da falência do homem em seus negócios), podem ser enquadrados os seguintes dramas: *Sensitiva* (1869), de Appolinário Porto Alegre; *Risos e lágrimas* (1869), de Hilário Ribeiro; *Escrava e mãe* (1880), de José Alves Coelho da Silva; e *As vítimas do jogo* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa.

Em *Sensitiva*, de Appolinário Porto Alegre – a exemplo do que ocorre em *Arnaldo*, de Damasceno Vieira, e *A culpa dos pais*, de Anna Aurora do Amaral Lisboa –, a desonra deflagra o drama antes do início da ação da peça. Há 25 anos, o Comendador provocara a desgraça de uma jovem (mãe de Faustino), que morre de vergonha, após dar à luz. Os pais dessa jovem também não sobrevivem à “nódoa que os envilecia”.

No drama, propriamente dito, Albuquerque, malfadado em seus negócios, está prestes a falir. Só quem poderá salvá-lo da ruína e da desonra é sua filha, Juvenília: o Comendador a aceitará, de bom grado, como pagamento da dívida. A moça, porém, é apaixonada por Faustino, o enjeitado deixado à porta da casa da família Albuquerque, há 25 anos. No dia em que será decretada a falência do pai adotivo, Faustino descobre que seu pai biológico é exatamente o homem que tudo fizera para tirá-lo de seu caminho (tentara, inclusive, mandá-lo para a prisão): o Comendador. Frente ao pedido de perdão deste, Juvenília exige que o Comendador faça uma viagem de dois anos, de “expição”. Segundo ela, após isso, quem sabe, os dois poderiam vir a saudá-lo e beijar-lhe a mão.



Em *Risos e lágrimas*, o que deflagra o drama, em primeira instância, são os negócios e dívidas de Fernando de Magalhães, padrinho e tio de Adelaide. Disputada por três homens, a honra do tio está em suas mãos. Só ela poderá salvar a família do opróbrio. Quem compra as letras emitidas por Magalhães é o Comendador, que deseja Adelaide em troca. Esta, porém, em conversa com o próprio Comendador, opõe-se à vontade do tio, dizendo não ser “uma coisa” e, sim, “uma mulher que pensa e escolhe”. Diante da recusa de Adelaide, o Comendador ameaça Magalhães:

O senhor hipotecou a mão de sua afilhada a quem lhe ofereceu maiores vantagens; mas esqueceu-se que existe em meu poder a hipoteca de sua honra; o crédito de um negociante arruinado. (...) Evite uma desgraça... Ninguém sabe por ora do estado de seus negócios; mas lembre-se que perderá amanhã a reputação de capitalista (Ato I, Cena VII, p. 17).

Para salvar a honra do tio, Adelaide aceita se casar, porém com o Dr. Benjamin, que tira o Comendador da disputa pela mão da moça, comprando-lhe as letras. Esse casamento só não se concretiza porque uma carta providencial revela que o Dr. Benjamin é irmão de Adelaide. Salva a honra do tio, Adelaide pode, enfim, ser feliz com o homem que ama: o poeta Júlio de Aguiar.

Em *Escrava e mãe*, de José Alves Coelho da Silva, a personagem Pedro de Lima perde grandes somas na mesa de jogo. Sempre incentivado pelo Comendador Soares – que, desejando a mão de sua filha Henriqueta, lhe faz sucessivos empréstimos –, Lima só para de jogar quando nada mais resta de sua fortuna. Para evitar a desonra, sem sacrificar a própria filha, que ama o enfeitado e cego Otávio, Lima resolve passar todos seus bens ao Comendador (inclusive os escravos, entre os quais, sem que ainda o saiba, encontra-se sua própria mãe, Andreza). O Doutor Agripino (amigo da família, que se encontra empenhado em restituir a visão a Otávio), assume a dívida junto ao Comendador. Este, mesmo após descobrir que o enfei-



tado Otávio (que, no fim, voltará a enxergar) é seu filho, exige o pagamento do que lhe é devido.

A exemplo de Pedro de Lima, a personagem Carlos, de *As vítimas do jogo*, perde toda sua fortuna no jogo. Diferentemente do primeiro, porém, que é movido apenas pelo vício, Carlos é impulsionado ao jogo, também, pelo cumprimento da palavra empenhada e pelo medo de ser visto como um homem “mandado pela mulher” (Carlos compartilha da ideia de que “nada é mais ridículo do que um marido que presta obediência a sua cara metade”). Este drama não terá o final feliz de *Escrava e mãe*: não resistindo à vergonha de haver levado a família à desonra e à miséria, Carlos põe fim à vida, tomando veneno.

Conforme antecipamos, a ameaça à honra, ou a desonra, no drama gaúcho do século XIX, decorre, também, em alguns casos, do adultério feminino; do “mau passo” dado pela viúva; do adultério masculino; do proceder do filho de má índole; e, mesmo, da troca da batina e do ofício religioso pelo amor de uma mulher.

Ainda que nos dramas *Vítor* (1874), de Félix da Cunha, *O marido de Ângela* (1884), de Joaquim Alves Torres, *A Condessa Hermínia* (1882), de Emídio Dantas Barreto, e *O filho duma escrava* (1882), de Apparício Mariense da Silva, tenhamos a situação do adultério feminino, apenas *A adúltera* (1887), de João Maia, insere-se no primeiro caso.

Em *Vítor*, o adultério, “sem culpa” e anterior à ação da peça, deflagra a tragédia (é dele que nasce o herói trágico Vítor, que mata Eugênio e, depois, comete suicídio involuntário), mas não provoca a desonra de ninguém.

No drama *O marido de Ângela*, a separação do casal Ângela e Luís Nóbrega é motivada por um suposto adultério. O caso, porém, enquadra-se melhor no grupo de peças em que a ameaça à honra, ou a desonra, provém da calúnia e da difamação, conforme já tivemos oportunidade de ver. Ainda assim, a queixa de Ângela, acusada injustamente de haver traído o marido, merece ser registrada aqui, por reforçar a desigualdade de tratamento conferido aos adúlteros masculino e feminino, antes denunciado pela personagem título de *Aurélia* (1872), de Hilário Ribeiro:



Se a mulher usa o direito de Talião – é uma infame! Eles podem rasgar os termos do compromisso contraído, podem faltar à fé jurada, podem menosprezar a palavra com que protestaram a ventura da esposa, tudo é nada, continuam a ser honrados, a ser benquistos, a ser ditosos! Elas, se os imitarem, perderam-se, arrojaram-se ao lodo, merecem a morte ou o degredo perpétuo da vida feliz; são as miseráveis! (Ato III, Cena II, p. 71-2).

Luís, o marido de Ângela, ao falar dessa questão, parece não encontrar uma explicação plausível para o tratamento desigual conferido pela sociedade a um mesmo “crime”:

Bem sei que a entidade humana está cheia de imperfeições. O homem tem fraquezas que muitas vezes o transviam no caminho do dever. Reconheço, no matrimônio, que o direito de fidelidade é recíproco e sou daqueles que o aplaudem como elemento necessário ao sossego do lar. É, porém, de mais gravidade e rigoroso para a mulher. O marido que não o respeita, merece o desagrado da esposa; mas a esposa que o despreza, desonra a família. No primeiro caso, a dignidade do homem fica salva; no segundo, é enxovalhada e abatida. Para o primeiro, o perdão é possível; para o segundo, toda a punição é necessária. É o que a razão aceita; é o que a sociedade quer (Ato IV, Cena I, p. 89).

Nas peças de Dantas Barreto e Apparício Mariense temos duas heróínas que provocam a desonra de seus respectivos maridos, cometendo adultérios, sem que, em qualquer dos casos, seja esse o motivo a deflagrar o drama.

A Condessa Hermínia, da peça homônima, e Elisa, de *O filho duma escrava*, têm em comum o fato de terem sido “vendidas” (pelo irmão, no primeiro caso; e pelo pai, no segundo) a dois nobres septuagenários (o Conde de Retiro e o Comendador Nunes, respectivamente). Forçadas a abrirem mão dos sonhos mais puros da juventude e, principalmente, do amor, as duas traem seus maridos, movidas por um desejo de vingança,



e lançam duras críticas à prática abominável (tão comum no seio das famílias burguesas!) do “comércio da carne humana”.<sup>3</sup>

Essa crítica é mais contundente na primeira peça, que, além da Condessa, tem também outra personagem, Helena, que, vendida pelos pais a um Ministro, se entrega a prazeres extraconjugais, com o Dr. Avelano.

Depois de submeter o marido a vários vexames, a Condessa Hermínia chega a lhe propor a “medida vantajosa do divórcio”. O conde, mesmo consciente da infidelidade da esposa (“Eu sou um insensato, um homem que se tem deixado conduzir pelo caminho da desonra, até onde chegam os mais desgraçados, os mais covardes” – Ato IV, Cena I, p. 70), nega-se a libertá-la, fato que leva a Condessa a proferir o seguinte discurso:

Que cenas pungentes vão pelo interior destas casas, em que a multidão supõe um repouso apetecido, uma paz inalterável! Que revoluções se agitam nestes pequenos estados da vida doméstica... Aqui as revoltas de uma família inteira contra uma jovem leviana que fora encontrada nos braços de um amante, muitas vezes de condição repugnante; ali o adultério, a orgia do amor; além o mercado em que se prende pelos cabelos uma virgem de 16 anos e atira-se à bestialidade de um comprador, que pela mercadoria oferece um título, ou o monte de notas do banco. (*Pausa*). E tudo isto é muito legal, e o silêncio reina e a sociedade aplaude! (Ato IV, Cena IV, p. 74-75).

Após destruir a vida de vários amantes (em especial a do pintor Frederico, herói da peça), a Condessa Hermínia acaba penalizada com um “surto de consciência”, que a faz ficar ao lado do marido doente, quando está prestes a partir com seu

---

<sup>3</sup> No drama *A escrava branca* (1883), de Júlio César Leal, ainda que o herói Anselmo, filho da escrava branca, Inês, condene especialmente a venda de escravos, a venda da mulher, em geral, também é criticada: “Nós somos uns bárbaros, Dr. Silva! Quando o Brasil envergonhar-se dessa grande nódoa que o desonra; quando o governo assumir o direito natural que o autoriza a, de um só golpe, terminar a escravatura e esmagar a tirania, então sim, poderemos falar em liberdade. Mas, por enquanto, não. Compraremos a mulher, ainda mesmo assim como essa, na praça pública, em leilão!... Foi assim que eu a comprei! Coitada!... Condoí-me da sua sorte, e tenho resolvido libertá-la. É uma excelente rapariga” (Ato II, Cena IV, p. 37).



novo amante: “Sinceramente, estou me desconhecendo! Esta cena fez-me mal! Este velho causou-me pena. Sensivelmente cheguei a um estado que não previa... Pobre homem... não o deixarei... Uma vez ao menos sacrificarei o coração ao dever” (Ato IV, Cena IV, p. 75).

Além disso, vê-se obrigada a presenciar o fim de seu principal amante, o tísico Frederico, de cuja morte é acusada pelo amigo do pintor, Artur: “Conclui o seu drama, não é assim? Vá contar mais esta vitória ao seu novo amante” (Ato IV, Cena última).

Questionada pelo amante Quintiliano sobre a vida que leva ao lado do septuagenário Comendador Nunes, Elisa, a heróina do drama *A filha duma escrava*, desabafa: “Um martírio interminável! Um cilício atroz! Obrigada a sujeitar-me a um homem que, conquanto procure me fazer feliz, satisfazendo minhas mais insignificantes vontades, não posso deixar de aborrecer”. Diante da proposta que lhe faz Quintiliano, de abandonar o marido e partir com ele, Elisa questiona: “Mas como nos julgará a sociedade, que exige da mulher o sacrifício de uma vida inteira, em satisfação de seus mais pueris caprichos?...” (Ato II, Cena I, p. 278).

Do destino de Elisa, que acaba concretizando a fuga com o amante, fica-se sabendo através de Oliveira, amigo de Oscar (o homem a quem amava e do qual foi separada pelo pai): “Pobre moça! Dizem que vive em completa miséria, abandonada por Quintiliano e gasta, amasiada com um escravo que, acompanhando seu senhor a uma viagem, deixou-a implorando a caridade pública” (Ato III, Cena I, p. 39-40).

No drama *A adúltera*, de João Maia, Clélia, de apenas 15 anos, casada com o general Jorge Castelar (55 anos) e mãe de um filho de um ano, também foge com o amante, Leonel, deixando para trás o marido e o bebê. Luciano, filho do primeiro casamento do general, detém o braço armado do pai, impedindo-o de eliminar os “assassinos” de sua honra: “Deixe-os viver para sua eterna vergonha, repudiados pela sociedade, que já lhes fechou seu templo. Um herói deve sempre evitar que lhe salpique a farda o sangue dos miseráveis” (Prólogo, Cena VIII,



p. 16). O bravo general, traído e abandonado pela mulher, não sobrevive à desonra, caindo morto em cena.

Vinte e dois anos mais tarde, a adúltera Clélia retorna para cumprir o vaticínio de Luciano: abandonada pelo amante e transformada na “Dama de ouro” (uma messalina, cercada de ex-amantes, todos depenados por ela), ela “chafurda no lodaçal da corrupção”. Eis que conhece o Dr. Mário Castelar (que, em criança, se chamava Júlio e, não se sabe porque razão, teve o nome mudado), a quem se declara apaixonada e arrependida de sua vida devassa. Para livrá-la do Visconde, que não se cansa de assediá-la, Mário anuncia seu casamento com a “Dama de ouro”. O irmão Luciano (filho do primeiro casamento do general) retorna da Europa, para impedir o casamento entre mãe e filho, no altar. A “Dama de ouro”, atendida pelo filho médico, morre sem obter o seu perdão – fato que causou muita polêmica entre a crítica gaúcha, da época.

No entender do autor, João Maia, a morte para a adúltera seria uma pena muito branda. Poderia haver um castigo maior para ela do que se apaixonar pelo próprio filho e, uma vez revelado o segredo e elucidada a história, morrer sem seu perdão?

A fala final de Luciano (“A adúltera é tão desgraçada que ainda depois de morta é amaldiçoada pelos próprios filhos!”), reforça a posição do autor sobre a questão, que mereceu as críticas de Damasceno Vieira, nas páginas do *Jornal do Comércio*, de 18 de janeiro de 1887.

Para Vieira, “nenhum homem de sentimentos tem o direito de desprezar ignominiosamente aquela que lhe deu o ser, seja ela a mais desgraçada das mulheres”. E prossegue:

O Sr. João Maia foi infeliz na conclusão de seu drama: excedeu-se na punição infligida à criminosa, sacrificando deploravelmente o simpático papel do Dr. Mário. Disso estará sem dúvida arrependido, à vista da impressão desfavorável que percebemos no auditório, composto na maior parte por senhoras (...). A peça, a nosso ver, merece ser convenientemente modificada para correr mundo com aceitação geral.



As dores dessas críticas foram tomadas por Alípio Rocha, no mesmo Jornal do Comércio, na edição que sairia três dias mais tarde (21 de janeiro de 1887). Aliás, a parte mais interessante da obra, em que se encontra publicado o drama *A adúltera*, talvez seja exatamente a que o precede: o embate, ou melhor, o debate de ideias entre Damasceno Vieira e Alípio Rocha, acerca dos valores e da moralidade da época.<sup>4</sup>

Num texto longo, em que faz a análise da peça, do comportamento das personagens e da posição do autor, com a qual concorda (tendo desonrado uma família e causado a morte do marido – e sendo a principal função das obras dramáticas, no entender de Rocha, a de moralizar –, “o perdão para Clélia seria desedificante”), Damasceno é duramente por ele atacado:

Referindo-se ao último quadro, taxou-o de ‘pura ex-crescência’, lamentando que não tivesses concluído o drama no terceiro ato. Palavra, a não ser isto um me-ro capricho de crítico, eu diria que o Sr. Damasceno tem um espírito destruidor e, conseqüentemente, mau. Que razões tem S. S. para supor que o drama ficaria completo com tal desfecho? (...) O Sr. Damasceno, como poeta que é, achou monstruoso que Mário tivesse negado o perdão do filho à regenerada adúltera, nos paroxismos da morte e chega, num arroubo de moço sensível, a considerar desapiedadamente, cínico o filho que, por uma energia de pundonor, influenciado pela circunstância da causa predominante – a desonra de seu nome – pune a mulher, porque a mãe jamais existiu!

Para justificar o desfecho da peça e seu próprio ponto de vista, Alípio Rocha vai buscar apoio num autor francês:

Não podias proceder de outro modo, a menos que não fizesses uso do tradicional *chavão*. Alexandre Dumas Filho no seu *Filho Bastardo*, pelo fato de um

---

<sup>4</sup> No preâmbulo da edição de *A adúltera* encontram-se transcritas não somente as críticas de Damasceno Vieira e Alípio Rocha, publicadas no Jornal do Comércio, mas também outras duas “Notícias” sobre a encenação da peça, publicadas no mesmo noticioso e no jornal A Reforma.



pai ter deixado de dar o nome ao filho que lhe viera de uns amores de rapaz, condena-o a ser amaldiçoado por esse filho, quando de joelhos, arrependido, pedia-lhe humildemente perdão de seu involuntário erro. E ninguém reclamou de Dumas tal *monstruosidade!*

Polêmica à parte, a verdade é que o adultério feminino – único motivo, à época, para a concessão de divórcio, pela Igreja – precisava ser, por exigência da própria sociedade, exemplarmente punido na dramaturgia gaúcha do século XIX, e mesmo na da primeira metade da centúria seguinte. O fim dado às heroínas adúlteras, Camila, do drama *O ultraje* (1901), de Joaquim Alves Torres, e Helena, de *Caminho errado* (1945), de Arnold Coimbra, corroboram essa afirmação.

Numa longa ausência do marido, que viaja para a Europa, Camila envolve-se com outro homem e, como se não bastasse, engravida. Transtornado pelo adultério, o marido, Arnaldo, começa a tramar sua vingança: “... o ultraje transformou-me! Hei de castigá-los exemplarmente e dessa deliberação só a morte me comoverá. Lancem-me embora a pecha de mau, de vingativo, de cruel, não me desviarão do caminho que tracei” (p. 127). Tal caminho consistia na morte – moral, e não física – da esposa e de seu amante. Camila, contudo, frustra esse desígnio, com o suicídio (destino igual é conferido ao amante, por haver conspurcado um lar).

Já quase em meados do século XX, Arnold Coimbra explora essa mesma temática, no drama *Caminho errado* (1945) – acrescentando-lhe, contudo, um aspecto que torna a situação do herói ainda mais trágica, digamos assim: Sílvio, o marido traído, é cego e o amante de Helena, sua mulher, é Lauro, seu amigo e médico, que está tentando curá-lo da deficiência visual. Uma vez ciente da traição, Sílvio resolve abandonar a esposa. Ao fazê-lo, deixa uma carta, que ela logo encontra e lê na presença do amante:

Confesso que tenho piedade de ti porque não tardarás a ser mais uma desgraçada. Enxergo e pude ver com meus olhos a infâmia que praticaste e que teria me levado ao desespero se eu não tivesse Deus na



alma. Deixo-te livre para a tua mais ampla perdição. O diabo te deu coragem para me enganares. Deus que te dê ânimo para sofreres. Sílvia (Ato IV, p. 4).

Para concretizar o vaticínio de Sílvia, agora que o caminho está livre, Lauro decide abandonar Helena. Através dos argumentos do amante – “precisamos evitar o escândalo”, “a sociedade estabelece preconceitos”, “comprometerias a minha clínica. (...) Eu perderia a clientela, se vivêssemos juntos”, “a sociedade me recriminaria”, etc. –, o autor expressa o pensamento da sociedade da época – que ainda é o mesmo do século XIX –, acerca da moralidade e, principalmente, da desonra decorrente da infidelidade feminina.

Em carta manuscrita, que fez anteceder à edição do drama, Coimbra explica haver produzido a peça “dentro de uma moral e psicologia de utilidade pública”. O destino reservado a Helena é o mesmo que Joaquim Alves Torres atribuíra, quase meio século antes, à adúltera Camila, em *O ultraje*. Da morte de Camila fica-se sabendo através de uma carta deixada ao marido. Ignora-se como ela se matou. Já a morte de Helena ocorre ante o olhar do público. Na cena final do drama, Helena apodera-se de uma espátula, que está sobre o birô, e crava-a, resolutamente, no peito, caindo pesadamente sobre o divã. Ao som de um violino, de um telefone que toca incessantemente e do relógio que bate, compassadamente, dez baladas... o pano desce.

Em *Os filhos da viúva*, de Arthur Rocha – peça que enquadrámos, também, no grupo em que a ameaça à honra provém da calúnia e difamação –, a desonra da família é provocada pela ainda bela e jovem viúva Elvira, mãe de Alberto e Eduarda, que se envolve amorosamente com o amigo de seu filho, Frederico.

Alberto reproduz o pensamento de uma sociedade conservadora, que, de certo modo, decretava a morte da mulher para o amor, após a perda do marido: não admite a possibilidade da mãe casar-se novamente, exigindo dela que se mantenha fiel ao ex-marido, pelo resto da vida. Isso leva Elvira a manter um romance às escondidas, com Frederico. Grávida e diante da impossibilidade da reparação do erro (no final, o amante revela que já é casado), a desonra da família é inevitável.



No drama *A filha da escrava*, também de Arthur Rocha, a ameaça à honra da família de Ataíde e D. Ana provém do próprio filho: o vagabundo e ladrão Lourenço, que, depois de engravidar uma escrava da família (Elvira), lança-se na vida mundana e no jogo. Como a família cria a neta como se fosse sua própria filha, fazendo de tudo para guardar o segredo de que a menina é filha de uma escrava, Lourenço aproveita-se do fato para chantagear os pais, que chegam a vender a fazenda, para tirá-lo da cadeia. Depois de praticamente levar a família à ruína, Lourenço assalta a casa dos próprios pais e volta a ser preso. A desonra da família é inevitável.

A possibilidade de um filho padre trocar a batina pelo amor de uma mulher é a ameaça que paira sobre a honra do casal Leandro e Suzana, em *Deus e a natureza* (1882), outro drama de Arthur Rocha.

Ao retornar à casa paterna, após seis anos de estudo, o padre Oscar – filho único do casal, destinado ao sacerdócio, antes mesmo de nascer (a mãe, estando enferma, fizera uma promessa) – é exibido pelos pais como um verdadeiro troféu. Ocorre, porém, que o padre, assim que volta, reencontra o grande amor de sua infância e juventude. Passa, então, a se debater entre “Deus e a natureza”. O amor do padre pela, agora órfã, Amélia, ameaça a honra da família.

Mesmo que ao término a escolha de Oscar recaia sobre a batina, acaba expulso de casa pelo pai, juntamente com Amélia. Na fala final, Leandro sentencia que seu filho será “para sempre, padre, só padre”.

Já no ocaso do século XIX, surge um drama em que o adultério masculino, visto e aceito como algo natural pela sociedade da época, provoca, na parte contrária, o mesmo efeito ou dano que o adultério feminino; ou seja, a desonra. Referimo-nos a *Janina* (1900), de Mário de Artagão, peça em que a personagem título surpreende o marido em companhia da amante e, sentindo-se desonrada, recorre ao divórcio.

O drama – que será resgatado no volume em que trataremos desse tema –, com as possibilidades sombrias que aponta para a mulher divorciada (o “exílio social” ou a prostituição) e seu desfecho trágico, de certa forma, alerta as mulheres sobre



os perigos de uma separação, ainda mais por um motivo tão banal... na visão do homem.

No século XIX, a quebra de uma promessa ou juramento, mesmo com o objetivo de evitar uma tragédia, tinha o poder de “perder” o indivíduo e sua família – isso sem falar que a honra podia, então, ainda ser “lavada com sangue”! Não fosse essa rigidez no cumprimento à palavra dada e vários dos dramas gaúchos, daquela centúria, teriam sua continuidade comprometida ou impossibilitada.

No drama *Vítor*, de Félix da Cunha, por exemplo, a promessa de Ana, feita ao pai, no leito de morte, de que se sujeitará às vontades da madrasta, a Condessa de Bórmio (“palavras guardadas como uma relíquia sagrada”), resulta na tragédia.

Em *Os lazaristas* (1875), de Antonio Ennes, Carlos de Magalhães tenta arrancar sua filha, Luísa, do convento. Já no leito de morte, assina um documento, abjurando de suas crenças antijesuíticas. Nada, porém, demove Luísa do juramento feito, no sentido de consagrar-se à vida religiosa.

Situação idêntica ocorre no drama *Em nome de Deus* (1876), de Franco Bueno. Nessa peça, o pai tenta arrancar um filho do convento. Este, porém, não o acompanha, por haver jurado, pela sua honra, dedicar-se à causa da Igreja.

Em *O anjo do sacrifício* (1876), de Arthur Rocha, um juramento feito pelo guarda-livros César, ao seu patrão, no leito de morte (de que se casaria com a cunhada do moribundo, quando, na verdade, era apaixonado pela mulher deste), só não desgraça a vida de várias pessoas porque o “anjo do sacrifício” (a mulher com quem teria de casar) vai para o claustro, liberando-o do juramento.

E, finalmente, em *As vítimas do jogo* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa, o cumprimento da palavra empenhada por Carlos resulta em tragédia.

Não bastasse tudo que escrevemos e que parece comprovar a primazia da honra, entre os valores cultuados pelas pessoas de bem, da sociedade gaúcha do século XIX, essa tese pode ainda ser reforçada pelas inúmeras mortes que a desonra provoca, na produção dramática objeto da presente análise.



No drama *A sensitiva* (1869), de Appolinário Porto Alegre, a mãe do poeta Faustino, desonrada pelo Comendador, morre de vergonha ao lhe dar à luz. Os pais dela (avós de Faustino) também não sobrevivem, em razão da “nódoa que os envenencia”.

Em *Estrelas e diamantes* (1874), de Lobo Barreto, o pai de Cândido morre a caminho da eleição (atendendo ao pedido do filho, dispusera-se a votar no candidato do partido adversário. A desonra que esse gesto provocaria, porém, mata-o antes).

Em *Lucinda* (1875), de Hilário Ribeiro, o General, pai de Raimundo, morre ao vê-lo sair do quarto da sobrinha, a quem o filho acabava de desonrar.

Em *Frutos da opulência* (1883), de Joaquim Alves Torres, Antônio vinga a desonra da família, matando o algoz de sua filha.

Em *O marido de Ângela* (1884), do mesmo Joaquim Alves Torres, a mãe da personagem título não suporta o divórcio da filha, que desonrou a família, e morre.

Em *A calúnia* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa, Adelaide, desonrada pela calúnia, adocece e morre. O mesmo acontece com seu pai, que não suporta o peso da vergonha.

Em muitos dos textos, constata-se a presença de uma situação que tanto pode levar à desonra, como ser dela decorrente: a vingança. No primeiro grupo, enquadram-se peças como *Lucinda* (1875), de Hilário Ribeiro; *O sexto pecado mortal* (1873) e *O marido de Ângela* (1884), de Joaquim Alves Torres; e *As vítimas do jogo* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa. No segundo grupo, inserem-se dramas como *O nobre e o plebeu* (1852), de Manuel Pereira Bastos Júnior; *O filho das ondas* (1883), de Lobo da Costa; *Frutos da opulência* (1883), de Joaquim Alves Torres; e *A calúnia* (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa.

Em algumas peças, temos a presença da vingança, sem que ela provoque a desonra ou, mesmo, que seja dela decorrente. É o caso de *A Condessa Hermínia* (1882), de Emídio Dantas Barreto, e *O filho duma escrava* (1882), de Aparício Marins da Silva.



Em outras, ainda, a vingança está presente, porém sem qualquer relação com a honra ou desonra – casos de *Vítor* (1874), de Félix da Cunha; *A grupiara* (1874), de José de Sá Brito; e *O filho bastardo* (1875), de Arthur Rocha.

\* \* \*

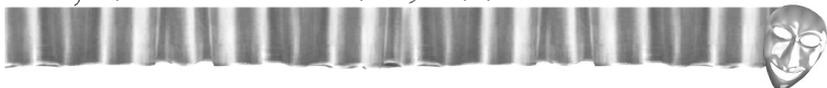
Neste segundo volume da Antologia, recuperamos os seguintes dramas: *Risos e lágrimas* (1869), de Hilário Ribeiro; *Os filhos da viúva* (1881), de Arthur Rocha; e *Frutos da opulência* (1883), de Joaquim Alves Torres.

No primeiro texto, a ruína financeira de Fernando de Magalhães ameaça a honra da família e deflagra o drama. No segundo, o envolvimento da viúva Elvira com um homem que, no final, se descobre casado (Frederico), aliado às calúnias e à difamação lançadas nas páginas de um jornal, pelos adversários políticos de seu filho (Alberto), chega ao cúmulo de macular, inclusive, a honra do patriarca, morto há muito anos. No terceiro e último texto, o mau passo dado pela jovem Gabriela provoca a desonra da família.

\* \* \*

Mesmo distante apenas entre um século e um século e meio, da época em que foi produzida a dramaturgia que acabamos de analisar, é-nos, às vezes, difícil compreender, que dirá julgar, sob o prisma do direito e dos valores modernos, tanta rigidez e tenacidade na defesa da honra – principalmente, em vista do lugar que passou a ocupar esse valor no mundo pós-revoluções sexual (que tirou a mulher do lar e abalou a estrutura tradicional da família) e científico-tecnológica (que, entre outros benefícios sociais, praticamente dobrou o tempo de vida dos seres humanos).

A sociedade pós-moderna, pluralista e multicultural, fortalecida pelo curso da globalização e da mobilidade social, não dispõe de valores em torno dos quais haja consenso, fato que vem agravando o desnorreamento da família e da escola, às quais cabe, além da formação de seres humanos capazes de lidar com o meio e com seus pares, a função de moralizar os educandos, preparando-os para uma vida livre, consciente e responsável. Na sociedade contemporânea, mais que a família e a escola, a mídia parece estar assumindo um papel cada vez mais decisivo na formação do sujeito moral.



Wilhelm Dilthey (1833 – 1911), Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) e outros filósofos estavam certos ao afirmarem que é a própria história e, mais que isso, o momento histórico, que institui e determina os valores, o que nos leva a questionar: quais são os valores que regem os indivíduos em suas relações, na sociedade pós-moderna, que repudia a retórica do dever austero, integral, maniqueísta, e que, paralelamente, exalta os direitos individuais à autonomia, ao desejo e à felicidade?

Se, no século XIX, conforme vimos, a desonra do indivíduo e de sua família decorria, basicamente, do “mau passo” dado pela filha solteira; da calúnia e difamação; do adultério feminino e do fracasso do homem em seus negócios, o que determina a desonra do sujeito no mundo pós-moderno? Aliás, qual é mesmo a definição de honra?





## NOTAS SOBRE OS AUTORES<sup>5</sup>

### 1. HILÁRIO RIBEIRO

Segundo J. Galante de Sousa (1960, p. 453), Hilário Ribeiro de Andrade e Silva nasceu em Porto Alegre, em 1º de janeiro de 1847<sup>6</sup>, e morreu no Rio de Janeiro, em 1º de outubro de 1886. Professor de desenho da Escola Normal de Porto Alegre, e do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, autor de vários livros didáticos, poeta e dramaturgo.

Sua obra teatral é composta pelas seguintes peças:

1) *As aparências enganam*, comédia em um ato, 1868. Athos Damasceno (1956, p. 368) é o único autor a fazer referência a esta peça, apresentada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 20 de dezembro de 1868, pelo Departamento de Teatro do Partenon Literário, cuja apreciação crítica aparece no *Jornal do Comércio*, de 22 de dezembro de 1868.

2) *Risos e lágrimas*, drama em cinco atos, 1869. Na *Revista Mensal* do Partenon Literário (Ano 1, abril de 1869, n. 2, p. 32), consta a seguinte nota de Aurélio de Bittencourt: “*Risos e lágrimas* – assim se chama um drama novo do Sr. Hilário Ribeiro de Andrade e Silva. Tenho-o em meu poder, e apenas dele li algumas páginas; por elas, porém, julgo que o dramaturgo não fica aquém do poeta, tão merecidamente festejado do público da capital”. O drama, representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1870, pela Companhia Dramática (Damasceno, 1956, p. 123), foi publicado na *Revista Mensal* do Partenon Literário (n. 1, p. 9-, n. 3, p. 17-, n. 4, p. 20-, n. 5, p. 23-, e n. 6, p. 34-, de 1872). O IHG do RS possui os números da revista em que ocorreu a publicação.

3) *Aurélia*, drama em cinco atos, 1872. Na *Revista Mensal* do Partenon Literário, de agosto de 1872 (n. 2, p. 40), José de Sá Brito informa que encontra-se em ensaio o drama *Aurélia*, de Hilário Ribeiro. A peça foi publicada naquela *Revista* (2ª

---

<sup>5</sup> Nas informações relativas às peças adotamos uma convenção, que se encontra ao fim desta sessão.

<sup>6</sup> Na *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar (1956, p. 314) consta, equivocadamente, 1874.



série, n. 7, p. 295-310; n. 8, p. 332-344; n. 9, p. 390-402; n. 11, p. 485-490; e n. 12, p. 540-545, de 1873). O IHG do RS possui os números da revista em que ocorreu a publicação.

4) *Uma história*, drama, 1874. Texto publicado, parcialmente, na *Revista Mensal* do Partenon Literário. O primeiro ato, que se encontra no n. 11 (p. 206-210), de 1874, foi aproveitado pelo autor, com algumas reformulações, em seu drama *Lucinda* (1875).

5) *Lucinda*, drama em cinco atos, 1875. Publicado em Porto Alegre: Tipografia da Imprensa Literária, 1875. O único exemplar localizado desta peça integra o Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS.

## 2. ARTHUR ROCHA

Arthur Rodrigues da Rocha nasceu em Rio Grande, em 1º de janeiro de 1859 e, segundo o jornal *O Mercantil* de Porto Alegre, morreu na mesma cidade, na madrugada de 26 de junho de 1888, de afecção pulmonar. Filho único do mulato José Rodrigues da Rocha, cobrador de bilhetes no teatro, que, para acompanhar o filho, fez-se ensaiador das sociedades dramáticas Luso-Brasileira, União Militar, Filhos da Talia e outras, que se apresentavam no Teatro São Pedro, de Porto Alegre (Múcio Teixeira, 1921, p. 281-285).

Arthur Rocha era filho de pais pobríssimos que não puderam proporcionar-lhe maior instrução, a não ser as primeiras letras, que “lhe foram dadas pelo professor, noutra tempo público, Bibiano F. de Almeida”. Estudou no Colégio Gomes, de Porto Alegre (1872/1876). Foi funcionário postal, a princípio como carteiro (1876/1880), e depois como funcionário interno, encarregado da agência dos Correios, de Rio Grande (1880/1883), passando posteriormente a trabalhar na agência de Porto Alegre (19:72-74).

Rodrigues Till (1970, p. 19-29) informa que Arthur Rocha casou-se em agosto de 1885, com Maria Rico y Gonzáles, e que dos filhos que teve sobreviveu apenas o primogênito, de nome Artur. A viúva faleceu no Rio de Janeiro, em 1894. Pery Borges (1961, p. 3-16) acrescenta que foram localizadas duas meio-irmãs de Arthur, filhas de um segundo casamento do velho José Rodrigues da Rocha. Segundo Borges, existe a cadeira Arthur Rocha na Academia Brasileira de Letras.



Dramaturgo, ator, comediógrafo, contista, cronista, poeta, crítico social e jornalista. Foi um dos fundadores do Parthenon Literário e integrou a diretoria da Sociedade Ensaaios Literários (2º orador), em 1878. Pertenceu à Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira e ao Ginásio Dramático, ambos de Porto Alegre. Foi diretor de O Artista (1881-1888), em Rio Grande. Em Porto Alegre, fundou e dirigiu uma folha diária para os períodos eleitorais (que foi órgão de dissidência do Partido Liberal) e dirigiu o Correio da Tarde, cujo número inicial apareceu em 08 de novembro de 1877.

Além de seu verdadeiro nome, usou na imprensa também os pseudônimos K. Zeca e E. de Mendonça. Publicou na *Revista Mensal* e em vários outros periódicos de caráter literário e instrutivo, como *Álbum Semanal* (1872 - ?); *O Mosquito* (1874); *Revista Ensaaios Literários* (1875-1877); *Álbum de Domingo* (1878-1879); e *Revista Literária* (1881).

Na opinião de Guilhermino Cesar (1956, p. 267), Arthur Rocha, “nada precioso, nada pedante, mas patenteando evidentes ressentimentos íntimos por suas condições de cor e de fortuna, deu vazão à sua sede de justiça e de paz social. Combateu a escravidão com a maior veemência, participou das lutas de seu povo, não se deixou ficar, egoisticamente, no seu sonho de arte”. Sobre a literatura dramática gaúcha do século XIX e o legado deixado para as gerações futuras, Cesar (1956, p. 391-392) é categórico: “o teatro oitocentista rio-grandense, que tivera auspicioso início, com Souza (sic) Bastos, terminou, assim, de modo magnífico, com um nome de alta categoria”. Esse nome é o do rio-grandino Arthur Rocha.

Sua obra é composta pelas seguintes peças:

1) *O filho bastardo*, drama em três atos, de 1875. Peça de estreia do autor, de apenas 17 anos, “revelando-se de saída um vigoroso talento para o teatro” (13:163). Drama publicado, inicialmente, na *Revista da Sociedade Ensaaios Literários*, n. 10 a 12, de jan a mar de 1876 (o IHG do RS possui exemplares desses dois números), e, depois, juntamente com o drama *O anjo do sacrifício* e a comédia *Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora* (*Teatro de Arthur Rocha*. Volume I. Porto Alegre: Oficinas do Jornal A Federação, 1876, p. 1-75). Encenado pela



S. D. P. Luso-Brasileira, no primeiro semestre de 1876 (13:163). Na sessão “Crônica”, da *Revista Mensal* (3ª série, setembro de 1877, n. 3, p. 72) consta: “No dia 8 a União Escolar representou, no salão da ‘Luso’, *O filho bastardo*, produção do talentoso rio-grandense Arthur Rocha”. O drama voltou à cena, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1883, 1886 e, finalmente, em 1888, em homenagem ao autor, morto em junho, aos 30 anos incompletos, na cidade de Rio Grande.

2) *O anjo do sacrifício*, drama em três atos, 1876. Estreado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, no segundo semestre de 1876 (13:163-4). Foi representado em Taquari, entre 1891/1905 (1:161) e, em Triunfo, no biênio 1910/1911 (1:172). O texto foi publicado, juntamente com o drama *O filho bastardo* e a comédia *Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora* (*Teatro de Arthur Rocha*. Volume I. Porto Alegre: Oficinas do Jornal A Federação, 1876, p. 79-154).

3) *Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora*, comédia em um ato, 1876. Representada, pela primeira vez, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, no 2º semestre de 1876 (13:164). Voltou à cena em 1881 (13:191), 1882 (13:196) e 1889 (13:242 e 14:38). A comédia foi publicada juntamente com os dramas *O filho bastardo* e *O anjo do sacrifício* (*Teatro de Arthur Rocha*. Volume I. Porto Alegre: Oficinas do Jornal A Federação, p. 155-182).

4) *José*, drama em três atos e prólogo, 1877 (4:98, 13:236 e 16:101). Publicado originalmente na *Revista Mensal* do Partenon Literário (1879), o drama seria, posteriormente, publicado também em livro (Porto Alegre: Tipografia da *Deutsches Zeitung*, 1879, 64 p.). Foi representado diversas vezes em Porto Alegre: em 1878, pela S. D. P. Ginástica Dramática (13:178); em 1880, pela Luso-Brasileira (13:185); em 1882, pela Sociedade Grêmio Dramático (13:197); e, em 1890, pela recém fundada Sociedade Dramática Arthur Rocha (13:254). Voltaria à cena no Teatro São Pedro, em 1901 (14:58). Representado também em Taquari, entre 1891/1905 (1:161).

5) *Lutar e vencer*, drama em cinco atos, 1877. Inédito (11:457). Na revista *O Colibri* (Ano 1, n. 2, de 15 de abril de 1877) tem crítica da peça.



6) *O distraído* ou *O esquecido*, comédia em um ato, 1877 (4:98). Na sessão “Crônica”, da *Revista Mensal* (3ª série, agosto de 1877, n. 2, p. 47), consta: “A União Escolar estreou no salão da Luso, com o drama *Segredos do coração*, trabalho do ilustre Sr. Sá e Brito, e a comédia *O esquecido*, do inteligente moço Sr. Arthur Rocha”. Lothar Hessel (1:72) esclarece que a comédia *O distraído* foi publicada sob o título *O esquecido*, na *Revista Mensal* (30 de agosto de 1877), por ocasião de sua estreia. Para Athos Damasceno (13:171), trata-se de uma “agradável e bem urdida peça em um ato”. A comédia foi representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1877: “Os atores da União Escolar exibiram o drama em 3 atos – *Segredos do coração* – e a comédia do meu simpático E. de Mendonça – *O esquecido*” (*O Colibri*, n. 21, 02 de setembro de 1877, p. 7).

7) *Os filhos da viúva*, drama em quatro atos, 1881 (13:171). Para 4:98 e 16:101, o drama seria de 1882. Publicado, juntamente com os dramas *Deus e a natureza* e *A filha da escrava*, em: *Teatro de Arthur Rocha*. Volume III. Porto Alegre: A Federação, s/d (provavelmente, editado em 1884), p. 3-88. Encenado, pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em maio de 1882 (13:197) e em 1890 (13:254). Foi representado também em Rio Grande, na década de 1880. A Biblioteca da UFRGS (Instituto de Artes) possui exemplar da edição.

8) *Deus e a natureza*, drama em quatro atos, 1882 (4:98 e 11:457). Publicado, juntamente com os dramas *Os filhos da viúva* e *A filha da escrava*, em: *Teatro de Arthur Rocha*. Volume III. Porto Alegre: A Federação, s/d (provavelmente, editado em 1884), p. 89-136. O drama foi representado, no Teatro São Pedro, em 1883 (13:199), 1890 (13:254), 1898 (13:301) e 1899 (13:310). Representado também em Triunfo, em 1883 (1:170), e no Teatro de Exposição do Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1908 (9:88). A Biblioteca da UFRGS (Instituto de Artes) possui exemplar da edição.

9) *A filha da escrava*, drama abolicionista em três atos, 1883 (11:457). Publicado, juntamente com os dramas *Os filhos da viúva* e *Deus e a natureza*, em: *Teatro de Arthur Rocha*. Volume III. Porto Alegre: A Federação, s/d (provavelmente, edita-



do em 1884), p. 137-212. Representado no Teatro São Luís, em 20 de setembro de 1883 (11:457). Moacyr Flores (4:83-7) procede à análise da peça. A Biblioteca da UFRGS (Instituto de Artes) possui exemplar da edição.

10) *Não faças aos outros...*, comédia, 1883 (4:98). Inédita. Em 11:457, sem data. Athos Damasceno (13:236) diz tratar-se de *Vaudeville*, de 1883.

11) *Uma cena do futuro*, cena dramática, 1884. Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1885 (13:220). Pery Borges (1961, p. 3-16) informa que a peça foi publicada em Porto Alegre: Oficinas do Jornal do Comércio, 1884; e que se trata de uma cena teatral em versos, que fala da luta pela emancipação dos escravos.

### 3. JOAQUIM ALVES TORRES

Filho de Joaquim Alves Maria Torres e Felicidade Alves da Conceição Torres, Joaquim Alves Torres nasceu em Porto Alegre, em 5 de agosto de 1853. Segundo Cláudio Heemann (1989, p. 17), desde jovem destacou-se no ambiente cultural da cidade, colaborando com publicações literárias, como cronista, contista e teatrólogo. Fez parte da Sociedade Partenon Literário e esteve ligado à primeira fase da Academia Rio-Grandense de Letras, à Sociedade de Ensaio Literários de Porto Alegre, ao grupo dramático particular Romeiros do Progresso e à Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira, uma das mais atuantes e prestigiosas agremiações teatrais porto-alegrenses do século XIX. Para esta última entidade escreveu inúmeros dramas e comédias, que foram representados com êxito.

Ainda segundo Heemann (1989, p. 17), Joaquim Alves Torres fez carreira também como funcionário público fazendário. Ao falecer, com 57 anos, atuava como titular da 5ª diretoria do Tesouro do Estado. Foi vitimado por um ataque cardíaco, durante uma reunião de trabalho em sua repartição, exatamente à uma e trinta da tarde do dia 23 de agosto de 1910. Alguns anos antes, Alves Torres tinha ficado com muitas limitações físicas, após sofrer um derrame cerebral. Deixou, como pessoas mais próximas, mulher, uma filha e um filho advogado no foro de Porto Alegre.



A estreia do autor teatral gaúcho mais profícuo do século XIX e, quiçá, de todos os tempos, ocorreu em 1873. Daquele ano até 1910 (ano de sua morte), Alves Torres escreveu nada menos que 28 peças teatrais:

1) *O sexto pecado mortal*, drama em cinco atos, 1873. Estreado pelo Grupo Dramático Romeiros do Progresso, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 3 de novembro de 1873 (17:19, para quem o drama teria apenas quatro atos). Voltou a ser representado no Teatro São Pedro, em 1877 (13:171 e 14:33) e, em Taquari, entre 1891/1905 (1:162). Na sessão “Crônica”, da *Revista Mensal* (n. 11, novembro de 1873, p. 507), Achylles Porto Alegre faz uma breve apreciação da peça. Publicado na *Revista Mensal* do Partenon Literário, 2ª série, vol. 5, n. 2, p. 68; n. 3, p. 104; n. 4, p. 153; e n. 6, p. 217, de 1876. O IHG do RS possui os números da *Revista* em que ocorreu a publicação.

2) *Martírios de amor*, drama em três atos, 1873. Estreado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1873 (17:19). Publicado na *Revista Mensal* do Partenon Literário, Porto Alegre, 3ª série, v. 1, n. 7, p. 149, e n. 8, p. 195, de 1877. O IHG do RS possui os números da *Revista* em que ocorreu a publicação dos dois primeiros atos.

3) *Sentença do céu*, drama, 1875. Estreado pela S. D. P. Luso-Brasileira, de Porto Alegre, em setembro de 1875 (17:19). Na sessão “Crônica”, da *Revista Mensal* (n. 9, 1875, p. 138) consta que a Luso-Brasileira “representou os dramas *O ouro* e *Sentença do céu*, aquele original do talentoso Dionísio Monteiro e este do inteligente J. Torres”.

4) *A condição de casamento*, comédia em um ato, 1876. Representada em 29 de outubro de 1876, pela Sociedade Dramática Luso-Brasileira, conforme consta no paratexto da publicação (Porto Alegre, Tipografia da Imprensa Literária, 1876, 26 p.). O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui o único exemplar localizado da edição.

5) *Linda*, drama em três atos, 1877. Estreado pela Sociedade Dramática Melpômene e publicado na *Revista O Colibri*, Porto Alegre, n. 27 a 39, outubro 1877/fevereiro 1878 (17:19). A peça foi efetivamente publicada naquela *Revista* e naquele



período. O IHG do RS possui oito dos 13 números em que a peça foi publicada (faltam os n. 31 a 33, 35 e 38). A peça voltou a ser representada em Porto Alegre, em 1890 (13:254).

6) *O homem de luto*, drama em cinco atos, 1878 (11:546). Para 17:19, a peça seria de 1884. Foi representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1878 e 1892 (13:178 e 267).

7) *O esposo*, drama em três atos, 1882 (11:546). Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1882 (13:197, 14:35 e 17:19). Aparece como *Um esposo*, em 14:35.

8) *Mulher em concurso*, comédia em três atos, 1882 (11:546). Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1882 (13:197 e 14:35) e 1883 (13:199). Aparece também como *Uma mulher em concurso* (14:35) e *A mulher em concurso* (11:546 e 13:197).

9) *Frutos da opulência*, drama em quatro atos, 1883. Estreado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1883 (13:199 e 17:19). Voltou a ser encenado em Porto Alegre, em 1891 (13:261) e 1901 (14:39) e, em Taquari, entre 1891/1905 (1:161). Aparece também como *Os frutos da opulência* (1:161). Publicado em: *Teatro Rio-grandense*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1886, p. 139-233. O IHG do RS possui exemplar da edição.

10) *A nuvem negra*, drama, 1884. Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1884 (13:209 e 17:19). Voltou a ser representado na capital, em 1890 (13:254). Em 17:19 aparece como *Nuvem negra*. Em 14:36, aparece como *A nuvem nepéia*. Trata-se de erro flagrante de impressão. Em 13:209 consta: "*O Modelo Vivo, A Nuvem Negra, peça nova de J. A. Torres...*". Já em 5:36 consta: "*O Modelo Vivo e a Nuvem Nepéia, de J. A. Torres...*". Trata-se da mesma peça (*A Nuvem negra*) representada pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, em 1884.

11) *O marido de Ângela*, drama em cinco atos, 1884. Publicado em: *Teatro Rio-Grandense*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1886, p. 11-138 (A data consta no final da peça: Out/1884). O IHG do RS possui exemplar da edição.



12) *O salvador*, comédia, 1885 (17:19). Para 11:546, trata-se de um drama em quatro atos. Peça representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1885 (13:220 e 17:19). Aparece também como *Salvador* (11:546 e 13:220).

13) *Impalpáveis*, comédia em um ato, 1886 (5:267 e 17:19, para quem o nome da peça é *Os impalpáveis*). Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1887 (13:234, 14:37 e 17:19) e 1894 (13:275). Para 11:546, trata-se de um drama em um ato, de 1886. Em 13:275 consta como *novo drama* de Joaquim Alves Torres. Trata-se, efetivamente, de uma comédia em um ato, publicada em: *Teatro Rio-Grandense*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1886, p. 235-262. Na capa o título consta como *Impalpáveis*. Na folha de rosto como *Os impalpáveis*. O IHG do RS possui exemplar da edição.

14) *Tipos da época*, revista, 1891. Representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1891, repetindo o sucesso de *Frutos da opulência*, encenada no mesmo ano (13:261). Em 14:39, a data da representação consta, equivocadamente, como 1901.

15) *Homens de caráter*, drama, 1895. Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1895 (13:281 e 17:19). Aparece como *Homem de caráter*, em 14:40.

16) *O brio*, drama em quatro atos, 1899. Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1899 (13:308). Em 17:19 aparece como *Brio*.

17) *O ultraje*, drama em quatro atos, 1901. Representado pela Luso-Brasileira, em Porto Alegre, em 4 de outubro de 1901 (21:521). Publicado em: *Teatro Rio-Grandense* (juntamente com o drama *O trabalho* e a comédia *A ciumenta velha*). Porto Alegre: Livraria Americana, 1911 (ed. póstuma). Reeditado em *Teatro Social* (Org. Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989, p. 103-175. Vide análise da peça em 23:54.

18) *O dever*, drama em quatro atos, 1901. Estreado pela S. D. P. Luso-Brasileira no Teatro São Pedro, de Porto Alegre. Publicado em: Porto Alegre, Globo, 1901. A Biblioteca da UFRGS possui exemplar da edição. Vide análise da peça em 23:57.



19) *O trabalho*, drama em quatro atos, 1903. Vide análise da peça em 23:64 e dados sobre a publicação no drama *O ultraje*.

20) *Tipos de Porto Alegre*, revista, 1904 (14:60). Em 17:19 consta “burlesca, música de Pedro Álvares, estreada pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro. Porto Alegre, 6 de setembro de 1904”.

21) *A falha*, drama, 1904. Representado pela Luso-Brasileira, em 4 de outubro de 1904 (21:521). Drama representado pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, em 4 de outubro de 1905 (17:20).

22) *A ciumenta velha*, comédia em um ato, 1905. Vide análise da peça em 23:110 e dados sobre a publicação no drama *O ultraje*.

23) *Cabeça e coração*, drama, 1905. Representado pela S. D. P. Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 5 de fevereiro de 1905 (1:41, 14:60, 17:20 e 21:521).

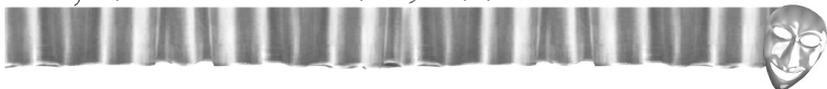
24) *O lar alheio*, drama, 1905. Representado pela Luso-Brasileira, em Porto Alegre, em 4 de outubro de 1905 (21:521).

25) *Amor e ciência*, drama em cinco atos, sem data (11:546). Em 17:20 aparece como *Amor à ciência*.

26) *A família Dória*, drama, sem data (11:546 e 17:20).

27) *A imaculada*, drama, sem data (11:546 e 17:20).

28) *O cometa*, comédia em três atos, sem data (11:546). Representada em Taquari, entre 1891/1905 (1:162).



Para não repetirmos os nomes dos autores-fonte nas notas, adotamos a seguinte convenção:

1. HESSEL, Lothar (1999).
2. PEIXOTO, Fernando (1993).
3. HESSEL, Lothar & RAEDERS, Georges (1979).
4. FLORES, Moacyr (1995).
5. CESAR, Guilhermino (1956).
6. SANTO, Qorpo (1998).
7. COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de (2001).
8. KILPP, Suzana (1987).
9. SILVA, Lafayette (1938).
10. MARTINS, Ari (1978).
11. SOUSA, J. Galante de (1960).
12. PEQUENO *dicionário do Rio Grande do Sul* (1999).
13. DAMASCENO, Athos (1956).
14. DAMASCENO, Athos, CESAR, Guilhermino et alii (1975).
15. GOLIN, Cida, CESAR, Guilhermino et alii (1989).
16. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (1997).
17. TORRES, Joaquim Alves (1989).
18. FORTES, Betty Y. B. Borges (1998).
19. HESSEL, Lothar & RAEDERS, Georges (1986).
20. VILAS-BÔAS, Pedro Leite & MARTINS, Ari (1968).
21. VILLAS-BÔAS, Pedro Leite (1978).
22. HESSEL, Lothar, VILLAS-BÔAS, Pedro Leite et alii (1976).
23. FISCHER, Antenor (2007).

Exemplo: 4:78 = FLORES, Moacyr, 1995, p. 78. As informações bibliográficas completas, referentes às obras acima, encontram-se no espaço apropriado, na sessão final deste volume.





# RISOS E LÁGRIMAS

*Drama em quatro atos e cinco quadros*

por

Hilário Ribeiro

PORTO ALEGRE

*Revista Mensal do Partenon Literário*

---

1872<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> O drama foi publicado nos seguintes números da *Revista Mensal* do Partenon Literário: n. 1, p. 9-20; n. 2, p. 17-24; n. 4, p. 20-25; n. 5, p. 23-29; e n. 6, p. 34-41, de 1872. No preâmbulo da edição do primeiro ato consta: "Representado a primeira vez em Porto Alegre, no Teatro São Pedro, em 20 de setembro de 1870". O drama, contudo, é de 1869, conforme consta na seguinte nota da *Revista Mensal* (ano I, abril de 1869, n. 2, p. 32), assinada por Aurélio V. de Bittencourt: "*Risos e lágrimas* – assim se chama um drama novo do Sr. Hilário Ribeiro de Andrade e Silva. Tenho-o em meu poder, e apenas dele li algumas páginas; por elas, porém, julgo que o dramaturgo não fica aquém do poeta, tão merecidamente festejado do público da capital". A Biblioteca Central da PUCRS (Acervo Júlio Petersen) possui os números da *Revista Mensal* em que ocorreu a publicação da peça.







## PERSONAGENS

FERNANDO DE MAGALHÃES e  
RICARDO DA SILVA (Negociantes).  
DR. ANSELMO e  
DR. PAULO DE BENJAMIN (Médicos).  
JÚLIO DE AGUIAR (Guarda-livros).  
COMENDADOR TORRES  
OTÁVIA  
ADELAIDE  
BARONESA DE TAPAGÉ  
MARGARIDA e  
MANOEL (Criados).

Ação – no Rio de Janeiro.  
Atualidade.

Ao seu amigo Luiz Alves Pereira Machado, oferece esta primeira tentativa dramática

O AUTOR.





## ATO I

*Sala luxuosamente decorada. Reposteiros ao fundo: e portas laterais. Ao levantar do pano[,] ouvem-se os últimos compassos de uma polca.*

Cena I

DR. PAULO DE BENJAMIN e depois o DR. ANSELMO.

DR. BENJAMIN (*observando de um reposteiro a sala de baile*) – Pobre louco! Segues atrás de um fantasma e te ajoelhas diante duma estátua! (*Vai sentar-se no divã*).

DR. ANSELMO – Por que deixaste as salas? A baronesa quer ver os seus convivas alegres. Então[,] não tencionas dançar?

DR. BENJAMIN – Encontro mais delícias nas espirais do charuto, que nos vórtices de uma valsa. Aquele mundo fantástico é insípido a matar de tédio. Não te parece?

DR. ANSELMO – O que me parece, é que ninguém será capaz de definir o Dr. Paulo de Benjamin. Seriamente, de dia em dia, compreendo-te menos.

DR. BENJAMIN (*acendendo o charuto*) – Sim? E depois[,] doutor?

DR. ANSELMO – És bem curioso e singular! Às vezes, há na tua frente esse sulco profundo que denota um amargor íntimo, ou o tédio das almas, que se desfolham de castas e suavíssimas ilusões. Outras vezes[,] o teu olhar lampeja como o do tigre e a tua voz fere no sarcasmo que atiras à ponta dos lábios.

DR. BENJAMIN – E o resto?

DR. ANSELMO – Que ideia fazes do amor e da amizade, não sei. Encaras com a mesma estóica indiferença o que é santo e nobre, como o que é mesquinho e desprezível. (*Sorrindo*). Estás seriamente céptico?

DR. BENJAMIN – Ah! Ah! Ah! Nascestes para reitor de seminário, meu caro: torceram-te a vocação, fizeram-te médico, quando devias envergar uma sotaina de presbítero.

DR. ANSELMO – Motejas; mas[,] nesse riso satânico[,] quem sabe se não transparece o abismo, em que tua alma se convulsiona atada ao ecúleo?! Ris, Paulo de Benjamin, porém apostava que sofres!

DR. BENJAMIN – Escuta. Enquanto a multidão se inebria naquelas salas[,] sentindo o colo palpitar ofegante de voluptuosidade; enquanto essa mascarada ridícula e torpe folga e ri, anseia de febre e espasmo como a cortesã nos coxins da lascívia, eu só tenho aqui (*indicando o coração*) tédio e saciedade, o pior flagelo que pode sentir a criatura. (*Erguendo um dos reposteiros*). Olha, tudo aquilo é mentiroso e hipócrita! Se tivesses ali uma irmã, eu te diria: aquela mulher é tão falsa e vale tanto como todas as outras!

DR. ANSELMO – Que mistério!



DR. BENJAMIN – Não é um mistério, é a minha história! Sabes como entrei no mundo? De um lado[,] tinha eu acervos de ouro e[,] do outro[,] o crepe negro da orfandade! De um lado[,] a frente angustiada e veneranda de meu pai, e do outro – junto ao meu berço o túmulo de uma mãe, que a minha existência escavara!

DR. ANSELMO – Continua.

DR. BENJAMIN – Contava eu apenas dez anos, quando um homem abrindo para mim os braços, murmurou banhado em prantos: – Teu pai acaba de expirar, porém[,] ficas rico e velarei sobre teu futuro. Aqui tens, em poucas palavras, a história de minha infância. Nasci condenado; os meus primeiros anos escoaram-se sem carinhos e alegrias, porque deviam ser o prólogo de uma existência infausta!

DR. ANSELMO – A orfandade deve ser horrível!

DR. BENJAMIN – Estudando medicina, o meu fim, a minha única ambição era tornar-me um dia o protetor da orfandade indigente, velar à sua cabeceira como pai ou médico... (*Pausa*). A fatalidade, porém, mudou completamente as minhas santas aspirações!... O acaso aproximou-me de uma mulher. Impelido por força irresistível, segui-a como louco e adorei-a de joelhos! Eu nunca tinha amado e a solidão em que vivia minha alma iriou-se por encanto!

DR. ANSELMO – E depois?

DR. BENJAMIN – Depois?! Voltou o vácuo, voltou a solidão, voltaram dias mais tristes e noites mais lulentas! Foi tudo um sonho passageiro... (*Pausa*). Ah! Mas para esquecer essa mulher infame, a quem um só ano de ausência bastou para postergar tantas juras e promessas, atirei-me à vida sensual dos bordéis, calcinei-me na ebriedade do vício, a alma gastou-se nos seios flácidos das Frinés! Hoje[,] não há aí alegrias que me deleitem, nem desgraças que me punjam. Trucidaram-me[,] fibra por fibra!

DR. ANSELMO (*sorrindo*) – Não me disseste ontem que estavas apaixonado por Adelaide? O que me respondes?

DR. BENJAMIN – E acreditaste?

DR. ANSELMO – Seriamente[,] que duvidei. Se não fosses amigo de Júlio[,] poderia acreditar, porém....

DR. BENJAMIN – Não tenho amigos e não sou amigo de ninguém. Chamem-me embora de cínico ou céptico, materialista ou o diabo; para mim é indiferente. Que me importam[,] a mim[,] os rivais?

DR. ANSELMO – E não temes o comendador? Disseram-me que se casa com Adelaide.

DR. BENJAMIN – Não passará de um boato. O comendador quer conhecer-me melhor.

DR. ANSELMO – Ah! Confessas a tua segunda paixão?! Eu sempre ouvi dizer que o coração não envelhece, e o teu há de ressuscitar como a fênix de Homero.

DR. BENJAMIN – Eu só creio no primeiro amor!



DR. ALSELMO – E no segundo?...

DR. BENJAMIN – Sou caprichoso; sempre gostei de perseguir os barões e comendadores.

*(Ouve-se o sinal para a valsa).*

DR. ANSELMO – Não ouves? Dão sinal para a valsa de adeus, meu excêntrico!  
*(Sai).*

#### Cena II

DR. BENJAMIN e depois um CRIADO.

DR. BENJAMIN *(tocando a campainha)* – Ao menos nestas casas há cerveja e champanhe[,] na falta do amor: é sempre a embriaguez dos sentidos. *(Para o criado)*. Traz cerveja para dois, e diz à senhora baronesa que a estou esperando. *(O criado retira-se)*. Ah! Ah! Ah! *(Observando a sala do baile)*. O comendador[,] afinal[,] morre entre as minhas mãos como um frango! *(Ao criado que entra)*. Falou com a baronesa?

CRIADO – A senhora já vem.

DR. BENJAMIN – Retira-te.

#### Cena III

DR. BENJAMIN e depois o COMENDADOR TORRES.

DR. BENJAMIN *(deitando cerveja em um copo)* – Ignoro quem foi o teu inventor, néctar sublime, mas quem quer que ele fosse, eu bebo à tua memória, cabeça de gênio, e asseguro que valias bem um monumento! *(Reclinando-se no divã, depois de beber)*.

COMENDADOR TORRES *(limpando o suor)* – É demais; não se ri assim nas barbas de um homem sério e respeitado como eu! Preciso e hei de vingarme[,] tão certo como dois e dois são quatro. *(Voltando-se para a sala do baile)*. Veremos se o orgulho não há de cair!... *(Depois de pequena pausa)*. Atrevida!... Rir-se à minha custa, envergonhar-me, a mim, um comendador!

DR. BENJAMIN – Sofreu alguma contrariedade, senhor comendador?

COMENDADOR *(voltando-se, sobressaltado)* – Ah! *(À parte)*. Sempre esta sombra maldita!

DR. BENJAMIN – Cuidado, cavalheiro, – é um médico quem lhe avisa: as paixões nessa idade são perigosas... O amor aos sessenta anos não é outra coisa senão uma parasita. Cuidado, que ele pode exaurir-lhe as faculdades mentais! *(Solta uma risada)*.

COMENDADOR *(irrequieto)* – Ah! Aí vem o senhor com os seus gracejos pesados! Veja que sou grosso para palito!...

DR. BENJAMIN – Ora[,] vamos, confesse, não está perdidamente apaixonado por D. Adelaide?



COMENDADOR (*quase fora de si*) – E que tem o senhor com isso?!... Pior vai ela!

DR. BENJAMIN (*com sarcasmo*) – Quais são as suas intenções, comendador?

COMENDADOR – E o senhor, o que pretende requestando D. Adelaide? Julga que não tenho observado?

DR. BENJAMIN – Procuo uma mulher para casar-me, nada mais natural e lícito.

COMENDADOR – Espere[,] então[,] por sapatos de defunto.

DR. BENJAMIN – Estou aplicando os meios[,] como vossa senhoria.

COMENDADOR – E se não conseguir os fins?

DR. BENJAMIN – Dar-me-ei por vencido. Contudo[,] pouco temo a luta. Até hoje, comendador, não tive um só desejo, um simples capricho[,] mesmo[,] que se não realizasse[,] segundo a minha vontade. Nunca encontro obstáculos, porquanto não meço a profundidade dos abismos. Creia-me, teria sangue frio para matar aquele que se antepusesse à minha vontade. É mister que me fique conhecendo, e não se arrepie do que lhe vou ainda dizer... Aos vinte anos[,] eu tinha um coração, hoje, aos trinta[,] nem sei mesmo o que tenho aqui!... Como o anjo do mal[,] eu rio ante a cabeceira do enfermo, que se estorce no ecúleo do desespero, implorando-me misericórdia; encaro a humanidade com a frieza estóica do filósofo, e desprezo tanto os homens quanto Cristo sacrificou-se por eles!

COMENDADOR – Parece incrível!

DR. BENJAMIN – Não crê na metempsicose, comendador?

COMENDADOR – Metemp... Não sei o que quer dizer.

DR. BENJAMIN – Talvez o espírito de satanás passasse para o meu corpo.

COMENDADOR – Eu já desconfiava!...

DR. BENJAMIN – Tenho ouvido dizer que o ouro é o potentado da terra. O móbil das paixões humanas; talvez o ponto de apoio que faltou à alavanca do sábio de Siracusa<sup>8</sup>... Creio mais[,] no entanto, na realza da medicina.

COMENDADOR – *Dubito!* Não pode ser, nego!

DR. BENJAMIN – Já vê, o respeitável latinista, que sendo eu médico e possuindo muito dinheiro, tenho dois poderosos elementos: posso dominar pelo ouro e pela ciência.

COMENDADOR – Noto que vossa senhoria está um tanto gasto.

DR. BENJAMIN – Cínico, pode exprimir-se com franqueza... Sou tão cínico como o comendador!

COMENDADOR – Menos essa! Não admito a comparação.

DR. BENJAMIN (*oferecendo um charuto*) – Não fuma?

COMENDADOR – Obrigado, sinto-me indisposto.

DR. BENJAMIN – Com que vossa senhoria é meu rival[,] pela segunda vez!... Não imagina o quanto sinto.

---

<sup>8</sup> Aristóteles.



COMENDADOR – Pois fique sabendo que desta vez não me darei por vencido. (*Dispondo-se a sair*). Vou até às salas[,] que é o melhor. Não dança?

DR. BENJAMIN (*com sarcasmo*) – Não, comendador, aprecio pouco esse divertimento[,] próprio para crianças e velhos tontos. (*O comendador faz gestos de impaciência*). Prefiro o jogo; amo as sensações fortes, que abalam mais o espírito do que a matéria. (*À parte*). Temos explosões.

COMENDADOR – Cá para mim[,] o jogo é a distração dos vagabundos. Não lhe parece? (*À parte*). Vejamos o efeito da bomba. (*Vai mirar-se no espelho*).

DR. BENJAMIN – Com que se acha parecido vossa senhoria?

COMENDADOR (*furioso*) – Advirto-lhe que tais gracejos podem trazer resultados funestos!

DR. BENJAMIN (*deitando cerveja nos copos*) – Façamos tréguas. Sejamos dois rivais generosos. (*Oferecendo um copo*). Bebamos ao triunfo do herói, ou à memória da vítima, porque[,] enfim, estou disposto a lutar e a fazer-lhe uma guerra de extermínio. (*Bebe*).

COMENDADOR (*bebendo*) – À saúde, pois, do herói! (*À parte*). Péssima bebida! (*Retirando-se*). Até já, que estou com pressa.

DR. BENJAMIN (*tirando do bolso um vidro*) – Uma palavra, comendador.

COMENDADOR (*voltando-se*) – Queira dizer.

DR. BENJAMIN – Vê isto?

COMENDADOR – É um vidro.

DR. BENJAMIN – É a morte!

COMENDADOR (*assustadíssimo*) – Oh! Estarei envenenado? (*Sai rapidamente*).

DR. BENJAMIN – Ah! Ah! Ah! Como é covarde! (*Sai*).

#### Cena IV

ADELAIDE.

ADELAIDE (*agitada*) – Rir, fingir sempre risos, enquanto o coração distila lágrimas de sangue!... Ah! Piedade, Senhor, já não posso mais, sinto-me exausta, mal tenho forças para suportar tão longo suplício! Protege-me, Deus de misericórdia, leva-me daqui, para bem longe... Aquelas salas inspiram horror, e tenho medo de enlouquecer!... (*Pausa*). Homens vis! Julgam que a mulher é uma mercadoria e que se impõe ao coração!... (*Arrancando as joias e atirando-as ao chão*). Pois bem, eu não preciso mais do que um claustro... De hoje em diante[,] desfaço-me destas sedas, renuncio às esmeraldas e diamantes!... (*Cai soluçando no divã*).

#### Cena V

A MESMA e o DR. PAULO DE BENJAMIN.

DR. BENJAMIN (*baixo*) – Veremos quem é mais forte, comendador! (*Aproximando-se de Adelaide*). Que agitação, minha senhora!... Vossa excelência chora?... Sente-se[,] porventura[,] incomodada?



ADELAIDE (*com ódio*) – Deixe-me, senhor!...

DR. BENJAMIN – Por que motivos me odeia assim?...

ADELAIDE (*erguendo-se e fitando-o*) – É demais!...

DR. BENJAMIN – Vossa excelência fez mal em deixar as salas... Quer vê-lo daqui?... (*Levantando o reposteiro*). Ei-lo, pálido e triste, sonhando talvez o impossível!... (*Descendo*). Os poetas são assim, minha senhora; criam um ideal, enlevam-se contemplando aquela miragem enganadora, e da condição de sonharem sempre, provém o seu eterno infortúnio. Pobres cismadores! ... Transviados da senda da vida real, vão de decepção em decepção, de descrença em descrença, e a última estrofe que soltam, é a última blasfêmia jogada ao mundo. Dizem eles que ninguém os compreende e talvez assim seja... Mal aventurados!... A poesia tira-lhes a força vital, porque a lava ardente que lhes atea o espírito assemelha ao cancro: – rói dia por dia, hora por hora e morrem na idade em que nós outros começamos a viver. A poesia é como a túnica de Nessus<sup>9</sup>; não acha perfeita a comparação, minha senhora?

ADELAIDE (*com desprezo*) – Nem sei o que disse!... (*Querendo retirar-se*).

DR. BENJAMIN – Queira ouvir-me[,] então. Conceda um instante ao último dos seus adoradores...

ADELAIDE – Julga acaso que esse incenso, que a fatuidade e a mentira queimam no turíbulo da lisonja, chegue até à solidão de minha alma?! Ah! Engana-se, senhor. Eu sou daquelas mulheres que preferem a virtude na desgraça, à abjeção completa dos sentimentos!... Não há ouro na terra que me deslumbre, nem oblações mentidas que me seduzam.

DR. BENJAMIN – Perdão...

ADELAIDE (*em ato de sair*) – Quando a mulher compreende a sua missão, luta e luta sempre; porque[,] se há um anjo mau perseguindo-a na terra, Deus vela do céu! (*Sai*).

DR. BENJAMIN – Nunca é tarde. Não é verdade, baronesa? Pobres joias, estão definitivamente desprezadas? (*Apanha-as e as coloca sobre uma mesa*). Ah! Ah! Ah! Mulheres, mulheres!

---

<sup>9</sup> Referência ao mito explorado por Sófocles, na tragédia *As traquínicas*. Na tentativa de impedir que Íole tomasse seu lugar no coração de Hércules (mais conhecido entre nós como Hércules e a quem os gregos do século V a. C. prestavam culto de herói), Dejanira recorre ao uso de um filtro mágico: umedece uma túnica no sangue do Centauro Nessus e a envia de presente ao marido. Tardiamente ela compreende que o Centauro a enganara: com o filtro mágico, o monstro se vinga de seu matador. No terceiro episódio da tragédia, Hilo, filho de Hércules e Dejanira, retorna e conta o terrível e violento espetáculo protagonizado pelo pai, depois que ele vestiu a túnica, que incendiara e aderira ao corpo do herói.



Cena VI

DR. BENJAMIN e JÚLIO DE AGUIAR.

JÚLIO – Sim, é mister um esforço; acima do amor está a dignidade.

DR. BENJAMIN – Aonde vais, rapaz? Que diabo tens tu? Estás fúnebre como um esquife!

JÚLIO – Vou para casa... Adeus...

DR. BENJAMIN (*detendo-o*) – O que sucedeu?

JÚLIO – Nada, coisa alguma...

DR. BENJAMIN – Não sejas criança. Fala, diz, o que aconteceu?

JÚLIO – Fiz mal em aceder às tuas instâncias. O coração adivinhava!

DR. BENJAMIN – O que é que adivinhava o teu coração?

JÚLIO – Não imaginas como sofro!

DR. BENJAMIN (*sorrindo*) – Por causa de uma mulher?!

JÚLIO – Amo-a e em recompensa só tenho desprezos!... Pedi-lhe uma contradição logo que entrei, e nem sequer respondeu-me... Procurei-a ainda há pouco, e sempre a mesma indiferença!... É demais, o coração não deve humilhar-se tanto!...

DR. BENJAMIN – Afinal[,] te hás de convencer que as minhas teorias não são exageradas... Falta-te experiência, meu poeta. Adelaide não passa de uma mulher vulgaríssima e banal, como são todas as mulheres, desde a Eva da Escritura! Todas elas se nos apresentam sob a efígie de um anjo; porém[,] não tomes a sombra pelo corpo. Adelaide quis ver-te humilhado a seus pés, escravo submisso[,] beijando-lhe as fimbrias do vestido!... Caprichos! Nestas regiões[,] o amor é moeda falsa!

JÚLIO – No entretanto[,] dir-se-ia que ela sofre!...

DR. BENJAMIN (*com sarcasmo*) – Lembra-te que Adelaide[,] respirando a atmosfera mefítica dos salões de baile, já perdeu o candor nos torcicolos da valsa. Só o contato da baronesa perverteria Madalena, mesmo depois da sublime redenção!

JÚLIO – Não, não consinto que digas isso!... Cala-te, amo-a e respeita-a, ao menos na minha presença!

DR. BENJAMIN – Pois escuta. Há dois dias que a mão de Adelaide foi pedida pelo barão, e sei com certeza que esse casamento se efetua muito breve.

JÚLIO (*indignado*) – Ah! É impossível, não creio!...

DR. BENJAMIN – Verás, meu caro.

JÚLIO – Se fosse verdade!... Não posso acreditar, é impossível; ao menos[,] que não seja uma imposição infame!

DR. BENJAMIN – Dá-me o braço. Lembra-te que eu já passei pelos mesmos transe e não enlouqueci. Vamos. Enquanto o epicurismo palpita naquelas alminhas, que vocês poetas chamam de anjos e querubins, embriaguemos os sentidos num copo de champanhe. Coragem, rapaz!

JÚLIO – Não posso... Deixa-me ir para casa.

DR. BENJAMIN – Iremos juntos[,] daqui a uma hora. (*Saem pelo fundo*).



Cena VII

FERNANDO DE MAGALHÃES e depois o COMENDADOR TORRES.

FERNANDO DE MAGALHÃES (*triste*) – Fiz mal em ter falado... Foi uma irreflexão imperdoável... Pobre Adelaide! Quem lesse no teu coração, como eu tenho lido hoje, saberia o que vai nele de tristezas!... (*Senta-se*).

COMENDADOR – Ora[,] graças que o apanhei de jeito! (*Baixo*). Em que pensa, senhor Fernando?

FERNANDO DE MAGALHÃES (*abatido*) – Nem sei mesmo.

COMENDADOR – O baile está animadíssimo; magnífica partida!

FERNANDO DE MAGALHÃES – É verdade, minha irmã não se cansa...

COMENDADOR – A senhora baronesa sempre gostou dos bailes... Fez época no seu tempo! (*Pausa*). Vamos ao que nos interessa. Em primeiro lugar, falou à sua afilhada, como me prometeu?

FERNANDO DE MAGALHÃES – Falei, senhor comendador, e a única resposta foram lágrimas!

COMENDADOR (*com grosseria*) – Lágrimas que se desfazem[,] amanhã[,] em sorrisos.

FERNANDO DE MAGALHÃES – Não creia. Adelaide se...

COMENDADOR (*interrompendo*) – Então[,] força-me...

FERNANDO DE MAGALHÃES – É impossível tal casamento... Não terei coragem para violentá-la, senhor!... Adelaide não é minha filha; porém[,] adoro-a como se o fora... É a minha única alegria e[,] sobretudo[,] um penhor sagrado!

COMENDADOR – Nesse caso...

FERNANDO DE MAGALHÃES – Forçá-la... eu... ó, não, nunca! Depois que lhe falei, não sabe o senhor que grande mudança se tem operado nela!... Foge-me, como se visse em mim o algoz do seu futuro; se é obrigada a falar-me, já não é com a mesma confiança e serenidade de outrora!... Nem sei como há pais, que violentam as filhas!

COMENDADOR – Compreendo perfeitamente a farsa, senhor Fernando de Magalhães!... O senhor hipotecou a mão de sua afilhada a quem lhe ofereceu maiores vantagens; mas esqueceu-se que existe em meu poder a hipoteca de sua honra; o crédito de um negociante arruinado.

FERNANDO DE MAGALHÃES (*com dignidade*) – Senhor comendador!...

COMENDADOR – Sei eu que há aqui um homem que lhe garante uma transação mais lucrativa, e por isso...

FERNANDO DE MAGALHÃES – É demais, senhor!...

COMENDADOR (*tirando três letras da carteira*) – Conhece estas letras?... Estão vencidas há três meses!...

FERNANDO DE MAGALHÃES – O senhor condena-me à um suplício... Exige o que não está em minhas forças!...



COMENDADOR – Sacrifício por sacrifício... Disse-lhe que amava sua afilhada e pode acreditar-me... Por ela[,] sacrificaria uma fortuna colossal, que juntei moeda por moeda... Amo-a e serei seu escravo; dar-lhe-ei o que exigir para torná-la invejável de todas as mulheres!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Julga[,] porventura[,] que se impõe a felicidade ao coração?!...

COMENDADOR – Ora, meu amigo, não me venha com essas palavras de romances... Passava-lhe quitação e não aceita!... Tanto pior para o senhor... Deve-me inúmeros favores e nega-me o primeiro que lhe peço... Prefere[,] então[,] o descrédito e a ruína?...

FERNANDO DE MAGALHÃES (*à parte*) – Horrível situação!

COMENDADOR – Evite uma desgraça... Ninguém sabe[,] por ora[,] do estado de seus negócios; mas lembre-se que perderá[,] amanhã[,] a reputação de capitalista.

FERNANDO DE MAGALHÃES – Basta, senhor comendador. Depois de amanhã[,] dar-lhe-ei uma resposta decisiva.

COMENDADOR – Espero-a favorável... Neste mundo[,] servimo-nos uns aos outros. (*Saindo*). Vou às salas; até já.

#### Cena VIII

FERNANDO DE MAGALHÃES, só.

FERNANDO DE MAGALHÃES – O que hei de fazer, meu Deus!... Pobre Adelaide!... Julgas-me na opulência ainda, e mal avalias o infortúnio de teu padrinho!... Que mundo e que misérias!... Enquanto vamos a caminho da prosperidade não faltam amigos, nem adaladores!... Se baqueamos – fogem todos os *amigos* e os adaladores escarnecem! (*Sai*).

#### Cena IX

A BARONESA, pelo braço do DR. BENJAMIN.

BARONESA – Ah! Ah! Ah!

DR. BENJAMIN – E vossa excelência a rir-se!... Repito-lhe que sinto-me perigosamente apaixonado.

BARONESA – E di-lo assim, doutor?!...

DR. BENJAMIN – Por quem é, querida baronesa; faça-me esta última vontade... Bem sabe que amo-a e que nada virá perturbar as nossas...

BARONESA – Ah! O senhor tem um coração de bronze!

DR. BENJAMIN – Não é tanto como supõe... Torna-se necessário arredar quanto antes Júlio desta casa... Adelaide ama-o, e é mister desvanecê-la, seja qual for o meio.

BARONESA – E reserva-me tão degradante papel?



DR. BENJAMIN – Breve terei as letras em meu poder, e as dificuldades desaparecerão... Por quem é, baronesa!... Proteja-me!

BARONESA (*à parte*) – Preciso ser escrava agora!...

DR. BENJAMIN – Posso dizer ao poeta, que vossa excelência o chama?

BARONESA – Diga-lhe o que quiser...

DR. BENJAMIN (*beijando a mão da baronesa*) – Até já, querida... (*Sai*).

#### Cena X

BARONESA e depois JÚLIO DE AGUIAR.

BARONESA – Vamos, coragem[,] até o fim!... (*Pausa*). Ah! Seja bem-vindo o festejado poeta!...

JÚLIO (*agitado*) – Vossa excelência mandou me chamar?

BARONESA – Sente-se aqui ao meu lado... Está em minha casa e aproveito a oportunidade para ralhar com o senhor...

JÚLIO – Se cometi alguma falta, aceito qualquer recriminação...

BARONESA – Por que razão ainda não dançou com Adelaide? Já estamos em meio do baile e[,] pelo que vejo...

JÚLIO – A culpa não tem sido minha....

BARONESA – Já no baile passado[,] Adelaide queixou-se-me do senhor, e estou resolvida a não dar mais uma partida por sua culpa...

JÚLIO – Vossa excelência zomba?!

BARONESA – Que gosto selvagem apaixonar uma menina incauta, para ao depois fingir ciúmes e vê-la triste!

JÚLIO – Baronesa!...

BARONESA – O seu procedimento tem sido reprovado por todos... Esses zelos astuciosos são ridículos, não lhe ficam bem... Antes não viesse!

JÚLIO – Se vossa excelência não instasse há pouco comigo, eu já estaria bem longe daqui!

BARONESA – O senhor Júlio de Aguiar decididamente não é poeta. Faz versos, porque possui o artifício das vulgaridades. Os poetas, meu senhor[,] são dotados de um coração afetuoso e nobre, e o seu coração, desculpe-me a rude franqueza... Ah! Ah! Ah!

JÚLIO – Pode dizer sem rebuço.

BARONESA – Não quero agastá-lo!... Ah! Ah! Ah!

JÚLIO – Vossa excelência está abusando da sua posição!

BARONESA – Sabe que Adelaide o ama?

JÚLIO – Para que me há de torturar tanto, baronesa?!...

BARONESA – Responda: sim, ou não?

JÚLIO – Eu[,] amado por ela?! Houve um tempo em que a esperança parecia alentar a minha alma e julguei-me feliz! Eram ilusões de um louco[,] que não media as distâncias e julgava a felicidade tão perto e fácil!...



BARONESA – O senhor é mesmo uma criança. Pela última vez: acredita ou não no amor de Adelaide?

JÚLIO – Como vossa excelência insiste, eu respondo. Acreditei, porém[,] tarde vi o esqueleto informe da realidade. Acreditei, baronesa, foi apenas um delírio! A estátua pode mover-se, mas não há meio de fazê-la sentir...

BARONESA – O senhor faz rir a gente com tais devaneios poéticos! O senhor Júlio de Aguiar é capaz de dizer que Deus não é Deus, nos seus incomensuráveis arroubamentos... Ah! Se Adelaide soubesse!...

JÚLIO – Basta, senhora; não sei até onde me quer levar!

BARONESA – É pena que não escutem os seus floreios...

JÚLIO – Pode zombar, tem razão baronesa. (*O Dr. Benjamin aparece no fundo*). A culpa é minha, e só devo queixar-me de mim... Eu via o abismo, e em vez de fugir-lhe, lancei-me a ele[,] como o marinheiro incauto atira-se sobre as ondas que rugem aos seus pés... Não me iludiram; eu me enganei a mim mesmo!... A provação foi grande, e devia assim acontecer... O homem que vive de um salário não pode, não deve ter aspirações tão elevadas, não é verdade?!... A minha audácia merecia uma punição severa, e vossa excelência arrogou a si o papel de apontar-me a craveira social!... É justo, e perdoe vossa excelência o inconsiderado... a quem esta lição não esquecerá jamais!... (*Vai a sair*).

BARONESA (*interrompendo*) – Ah! Ah! Ah! Quer uma das minhas carruagens?

JÚLIO – O sarcasmo de vossa excelência é ridículo!... A mulher que foi uma vez fraca descendo, não tem o direito de insultar o homem que foi fraco subindo!... (*A baronesa encara-o com ódio*). Ah! Mas não devo reagir contra a senhora... Tenho bastante nobreza na alma e sei perdoar!... Alguém me vingará...

BARONESA (*tocando a campainha*) – Saia quanto antes!... (*Cai prostrada*).

#### Cena XI

OS MESMOS e o DR. PAULO DE BENJAMIN.

DR. BENJAMIN – O que fez, senhor?!

JÚLIO – Não dou explicações a ninguém!

DR. BENJAMIN (*apontando a porta*) – Vilão!

JÚLIO (*saindo*) – São signos um do outro!

DR. BENJAMIN – Saia!

JÚLIO (*no limiar da porta*) – Vim buscar a felicidade e levo a morte!

FIM DO PRIMEIRO ATO.



## ATO II

### QUADRO II

*Sala modestamente mobiliada. Um piano à direita.*

#### Cena I

OTÁVIA, reclinada sobre o sofá, tendo um livro aberto entre as mãos,  
e RICARDO DA SILVA, que entra, para-se, contemplando a filha.

RICARDO DA SILVA (*baixo*) – Sempre triste!... E não poder adivinhar a causa  
desse sofrimento atroz! (*Aproximando-se*). Bom dia, filha.

OTÁVIA – Ah!... A sua benção, meu pai.

RICARDO DA SILVA – O que tens tu, minha Otávia?... Se me fosse possível  
adivinhar o que pensavas!...

OTÁVIA – Estava completamente absorta...

RICARDO DA SILVA – Valha-me Deus. Há[,] nas tuas palavras, nos teus gestos,  
na expressão do teu semblante[,] uma mágoa tão funda, que não é preciso  
ser pai para compreender que sofres e muito. Dize-me, filha, acaso passou  
nuvem negra no teu céu cor de rosa?... Por que não há de rir como as outras  
que têm a tua idade?... Então[,] emudeces?

OTÁVIA – Que lhe hei de responder, se nada sinto...

RICARDO DA SILVA – Julgas porventura que podes iludir-me?... Quando o  
coração de uma filha é magoado, quando seus olhos coam essa tristeza que  
em vão tenta ocultar, o coração de um pai estremece exuberando de cuida-  
dos. Fala-me, Otávia, o teu silêncio martiriza-me.

OTÁVIA – Mas por que se há de afligir assim, meu pai?! Bem sabe que nunca  
fui alegre...

RICARDO DA SILVA – Não, Otávia, não mintas a teu pai!... Há três meses que  
uma grande mudança tem-se operado em ti. Já não és a mesma, definhas dia  
por dia, e isto não pode, nem deve continuar!... Vamos, minha filha; tira-me  
do peito este peso que o esmaga... Uma palavra ao menos... Eu te suplico!...

OTÁVIA (*à parte*) – Que martírio!...

RICARDO DA SILVA – Pois bem, logo que se restabeleça Júlio, sairemos deste  
lugar para sempre; entregar-lhe-ei o escritório e iremos viver bem longe  
desta terra maldita. É preciso que te distraias; talvez sejas mais feliz...

OTÁVIA (*agitada*) – Sim, meu pai[,] iremos... (*À parte*). Partir!... Deixá-lo!...

RICARDO DA SILVA – Aí vem Júlio... Como está desfigurado!... (*Indo ao encon-  
tro de Júlio*).

OTÁVIA (*idem*) – Não devia sair do quarto...



Cena II

OS MESMOS e JÚLIO DE AGUIAR.

JÚLIO – Sinto-me melhor, estou quase bom.

OTÁVIA – Este ar frio da manhã pode fazer-te mal...

RICARDO DA SILVA – E o médico recomendou sossego de espírito.

OTÁVIA – Júlio é teimoso, não quer ouvir-nos, e a moléstia pode agravar-se.

JÚLIO – Não hei de morrer, Otávia... Preciso viver[,] agora mais do que nunca.

Meu coração pulsa com todo o vigor da mocidade... A minha existência começa hoje... Uma nova aurora brilha risonha, matizando a estrada do futuro... Não vês?... Que céu azul!... Repara como é lindo, Otávia!... Flores e luzes!... Que primavera ridente!...

OTÁVIA (*inquieta*) – Delira!...

JÚLIO – Olha... Não ouves?... Que harmonia infinda!... Dir-se-ia um cântico eólico... É talvez a voz do Senhor perpassando lânguida nas ramarias do arvoredo!... Que esplêndidas salas. Vem comigo, Otávia, entremos... Dançam, são todos felizes!

RICARDO DA SILVA – O que é isto[,] Júlio?!...

OTÁVIA – Júlio! Júlio!

JÚLIO – Mas... o que vejo!... Sim, é ela, lá está... Não me engano... Como desdenha!... Deixem-me... Quero vingar-me!... (*Cai prostrado sobre uma cadeira*).

OTÁVIA (*à parte*) – Era o desenlace que eu esperava!

RICARDO DA SILVA – É mister ser homem, Júlio.

OTÁVIA – Vai para o quarto, precisas repousar... Ardes em febre e este ar frio faz-te mal.

JÚLIO (*olhando em redor*) – Ah! És tu, Otávia!... Como me estimas e quanto te sou agradecido! Senta-te aqui junto a mim, quero faltar-te, tenho tanta coisa a dizer-te...

RICARDO DA SILVA – Não, senhor, não consinto que se demore aqui...

OTÁVIA – Ele vai, meu pai...

RICARDO DA SILVA (*baixo*) – Preciso ir de novo à casa do médico; o caráter desta moléstia assusta-me, dá-me sérios cuidados. (*À Otávia*). Já volto, vou ter com o doutor... (*A Júlio*). Ânimo, Júlio, Deus é grande e misericordioso. Crer e esperar.

Cena III

OTÁVIA e JÚLIO.

JÚLIO (*levantando-se*) – Crer e esperar! Crer em quem? Esperar o quê? Ah! Nada mais me resta... A estrela que brilhava lá nas alturas, aluziando a vereda incerta, apagou-se... Só trevas no caminho, trevas na minha alma[,] também... Destinos, Otávia. Que importa. Os crentes não temem a morte, não é assim?



OTÁVIA – Por que me hás de entristecer?... Deus ouvirá as minhas orações e ver-te-ei ainda muito feliz.

JÚLIO – Feliz! Nunca mais, é impossível. Quando a alma adoece, a morte é necessária, inevitável. Quando se ama como eu amei e que em paga desse culto, em troca dessa adoração recebe-se a mais cruel indiferença, o coração paralisa-se, a ideia morre, fica a existência do cataléptico. As moléstias do corpo curam-se: as da alma, nunca[,] Otávia. O que sinto aqui dentro é a morte.

OTÁVIA – Cala-te, Júlio, cala-te por piedade!

JÚLIO – Não te enfades do meu pedido, quem sabe se não será o último!

OTÁVIA (*à parte*) – O que será!

JÚLIO – Quero que vás tocar. Fiz uns versos e...

OTÁVIA – Versos?

JÚLIO – Sim, do que te admiras?... Guarda-os bem... Então, não me fazes esta última vontade? Quero recitá-los[,] acompanhados por ti...

(*Otávia senta-se ao piano e executa um acompanhamento para recitativo*).

JÚLIO (*recitando*):

Anjo querido, se amanhã no leito  
Meu pobre peito não pulsar, não chores;  
Que vale a vida de prazeres cheia,  
Se é qual sereia, – seu cantar traz dores!

A vida é taça transparente e bela,  
Mas dentro dela só veneno existe;  
É manso lago que transluz e encanta,  
Mas ai espanta!... Lá no fundo é triste!

A vida é nuvem que no céu se esgarça,  
E nos disfarça o temporal que é perto;  
É falaz sonho, nos febris ardores  
Fanam-se as flores no caminho incerto.

Por isso, ó anjo, se amanhã no leito  
Meu pobre peito não pulsar, não chores.  
Além[,] minh'alma foi sorrir contente,  
Aqui somente suportou mil dores! A morte...

OTÁVIA (*erguendo-se agitada*) – Ah! Basta, não continues, Júlio!

JÚLIO (*dando-lhe os versos*) – Aqui tens, são teus, guarda-os, minha prima... Minha irmã... Consente que eu te chame assim... É um nome doce e tens direito a ele pelos teus afetos, por esses cuidados, por essas lágrimas, que eu agradeço!... Mas não chores assim, não chores tanto!...

OTÁVIA (*à parte*) – Que suplício, santo Deus!



Cena IV

OS MESMOS e MARGARIDA.

MARGARIDA (*que traz um caldo*) – Há de tomá-lo todo, foi feito pela minha mão...

OTÁVIA – Aqui está o caldo, Júlio...

MARGARIDA – Olhe que é para o seu bem, está tão fraco...

JÚLIO – Para que me serve isto? (*Bebendo*).

OTÁVIA – Falta um restinho, vamos, bebe todo...

MARGARIDA (*recebendo a xícara*) – Ora[,] muito bem. Agora vá para o quarto.

OTÁVIA – É preciso, Júlio.

JÚLIO – Pois sim, eu obedeço, seja feita a tua vontade...

MARGARIDA (*à parte*) – Quem o viu e quem o vê!

Cena V

OS MESMOS e o DR. ANSELMO e RICARDO DA SILVA.

DR. ANSELMO (*baixo[,] a R. da Silva*) – Nada receie. Todas as moléstias sofrem alternativas. Júlio tem contra si a imaginação apreensível e[,] depois[,] é de uma natureza débil.

RICARDO DA SILVA – Mas a febre recrudescer.

DR. ANSELMO – Confie em meus esforços. (*Saúda Otávia e dirige-se a Júlio*). Sente-se melhor, não é verdade?

JÚLIO – Eu não sinto coisa alguma.

DR. ANSELMO – Tem menos febre hoje.

JÚLIO (*baixo[,] ao doutor*) – Dá-me notícias dela, doutor?... Não posso esquecer-lá.

DR. ANSELMO – E[,] no entanto[,] precisa suplantar de uma vez esse amor inglório...

JÚLIO – Tem razão, doutor. Adelaide[,] respirando a atmosfera dos salões, embriagando-se nos perfumes da lisonja, perdeu a candura das virgens, gastou-se naquele mundo mentiroso e hipócrita! Iludiu-me com o sorriso nos lábios; à sua palavra cheia de sentimento e suavidade senti-me preso; a um gesto seu tornei-me escravo submisso[,] até ser esmagado um dia! Oh! Fui um insensato!

RICARDO DA SILVA – Sossega, Júlio; calma.

JÚLIO – Na febre desse amor eu esqueci que era pobre e que a sociedade devia condenar a minha audácia!... Foi uma loucura!... Eu deveria ter compreendido que desse afeto nasceria a minha eterna desgraça!... E quer saber, doutor, para esquecer-lá[,] hoje é tarde!... Aqui ou longe, sob outro céu, noutro clima amá-la-ei, a sua imagem viverá comigo, presa sempre à minha alma!



DR. ANSELMO – Tudo passa, o tempo desvanece todas as coisas.

JÚLIO – Sociedade maldita! Proclamas a virtude e[,] no entanto[,] vendes a alma e a consciência como a miserável cortesã de Roma vendia o corpo ao tinir da moeda que lhe arrojavam à face!... Proclamas-te rainha e suplantas o pobre com o teu despotismo, erguendo da lama o milionário, cortejando o agiota que vela, escutando o soluçar das vítimas!

RICARDO DA SILVA – Acalma-te, Júlio.

JÚLIO – Eu acreditava no amor e na glória – o amor e a glória mataram-me!... Que vale adormecer de cansaço sobre os livros, empalidecer à mesa do estudo, quando não se tem um pergaminho ou um título nobiliário?!

DR. ANSELMO – É uma verdade bem triste!

JÚLIO – No estrangeiro[,] estudam para ganhar; aqui[,] estudamos para perder, escrevemos para morrer de fome!... Velando noites inteiras, após o trabalho diurno sobre os livros do escritório, dediquei-me ao estudo sacrificando até mesmo a saúde, fazendo miseráveis economias para comprar livros!... Envelheci nesse afã que sentia por subir, e, tanto mais baixo me achava, quanto minha inteligência enriquecia-se, porque antes uma ignorância supina quando se tem uma moeda de ouro, do que uma ilustração, quando não se possui uma moeda de cobre!...

DR. ANSELMO – Porém[,] faz mal com esses excessos.

JÚLIO – Há momentos, doutor, em que a blasfêmia nos roça pelos lábios roxeados! Momentos em que o espírito atribulado se perde, desvaira, porquanto há dores superiores às nossas forças!... Oh! Se é verdade que existe um Deus!...

RICARDO DA SILVA – Júlio!

DR. ANSELMO (*baixo*) – É a febre, tenha pena.

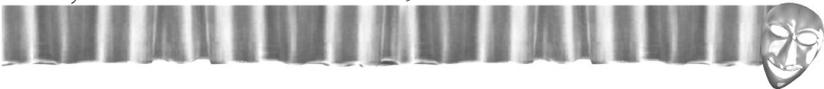
JÚLIO – Oh[,] a Providência é surda e inexorável! Lança-nos à borda de um abismo, dá-nos uma vida eivada de fel, cheia de amargores e[,] no entanto[,] há de o homem sofrer resignado a chamar esse Deus bom e justo!

RICARDO DA SILVA – Doutor, tenho medo.

DR. ANSELMO – Confie em meus esforços.

JÚLIO – Nada tenho que agradecer a Deus!... Deu-me inteligência, essa febre que só o gênio sente e que[,] por senti-la[,] morre quase sempre tresvariando à mingua na espelunca do vício, asfixiando a alma na ebriedade do álcool[,] após tantos sonhos e esperanças!... E o que é a existência senão um desengano?!... Tudo mentira, tudo... Até...

DR. ANSELMO – Nesta romaria efêmera pela terra a criatura enverga-se sob o peso de uma condição infeliz, é verdade; mas nem por isso o verdadeiro cristão pode clamar contra a Providência. Aqui sofremos, porque é aqui que a Divindade experimenta o homem. Cristo, o divino mestre[,] deu-nos o exemplo. Seu sangue[,] jorrando pela terra, borrifou a face da humanidade inteira, e[,] no entanto[,] naquele batismo estupendo, torturado o espírito,



açoitado o corpo, Ele não maldisse de Deus, nem do seu semelhante!... A resignação é a maior das virtudes!

JÚLIO – Pois bem, cumpriu-se o meu destino. Onde eu sonhava encontrar a felicidade, achei o desengano... Morreram todas as minhas esperanças e agora irei pedir às estátuas do vício o esquecimento da vida!... Sim, depois que venha o mundo com o seu sarcasmo; rode triunfante o carro da sociedade sobre um corpo palpitante ainda, mas cuja alma galvanizou-se na efusão do gozo[,] depois de uma existência tormentosa!... Que venham os moralistas!... Riam-se da vítima, lancem-me o ferrete da maldição e eu lhes responderei com um sorriso de escárnio. (*Solta uma gargalhada, caindo nos braços de Ricardo e do doutor*).

OTÁVIA – Que foi, meu pai?!

RICARDO DA SILVA (*impondo silêncio*) – É melhor fazê-lo deitar-se.

DR. ANSELMO – Sim. Passa por uma crise nervosa, porém[,] fá-lo-ei dormir; estas agitações do espírito vão cessar.

(*Ricardo da Silva e Margarida saem [,] amparando Júlio*).

#### Cena VI

#### OTÁVIA e o DOUTOR ANSELMO.

OTÁVIA (*afлита*) – Diga-me, doutor, tem esperanças de salvá-lo?

DR. ANSELMO – Por que não?

OTÁVIA – Mas ele está em perigo?!

DR. ANSELMO – Bem longe disso, minha senhora.

OTÁVIA – Oh, doutor, doutor!... Por que me há de ocultar talvez uma verdade?! Compaixão, seja franco, bem sabe que prezo Júlio como se fosse meu irmão; criamo-nos juntos, a minha infância escoou-se ao lado da sua e... Compreende que devo interessar-me muito por ele... que... depois de meu pai...

DR. ANSELMO – Sossegue, minha senhora, não vê como estou calmo?

OTÁVIA – Ah! Então[,] pode salvá-lo, não é assim?... Não está em perigo, o senhor disse; posso e devo confiar em sua palavra?!... Demais, o doutor interessa-se muito por ele... E quem não se interessaria, se Júlio nunca fez mal a ninguém!... Moço, inteligente!... Seria uma pena, doutor!...

DR. ANSELMO – Não receie coisa alguma, confie em mim.

OTÁVIA – Obrigada, doutor, obrigada! (*À parte*). Oh[,] virgem imaculada!

DR. ANSELMO (*à parte*) – Ela o ama[,] sem dúvida alguma! (*Alto*). Com licença, vou ainda ver o doente. (*Sai*).



Cena VII

OTÁVIA e depois RICARDO DA SILVA.

OTÁVIA – E agora[,] o resto fica por minha conta!... *(Pausa)*. Ah! Júlio, por ti farei todos os sacrifícios!... Sê tu feliz, já que o não posso ser!... *(Pausa)*. Tu sofres agora muito, porém[,] a tua dor não é talvez igual a minha!... Amar com todo o ímpeto da alma e sentir o desengano em cada dia que passa! Onde maior suplicio, Deus?!... *(Pausa)*. Porém[,] coragem até o fim. *(Ricardo da Silva aparece)*. Dai-me forças, Senhor, para completar a minha obra!... *(Dando com o pai)*. Ah!... *(À parte)*. Teria ouvido?!...

RICARDO DA SILVA *(atormetado)* – Ainda bem, não podes dissimular, nem mentir-me[,] agora!... Choravas, Otávia, choras ainda e...

OTÁVIA – Que lhe hei de dizer, meu pai?! *(Soluçando)*. A sua Otávia não sente coisa alguma... Acredite-me... Tenho[,] às vezes[,] prazer em chorar... Quando me vir assim, ralhe-me, porém[,] não se amofine, não se aflija!

RICARDO DA SILVA – Estás mentindo, Otávia!... O coração de um pai nunca se engana... Há na tua vida um mistério... Sei-o eu, dizem-me as tuas lágrimas!... Pela memória de tua mãe[,] confessa-me a causa das tuas tristezas!...

OTÁVIA – Por que insiste[,] meu pai?!...

RICARDO DA SILVA – Não mintas, filha!... Existe[,] forçosamente[,] o quer que seja na tua vida... Um erro *(comovido)*, um erro, quem sabe?!...

OTÁVIA *(com desespero)* – Um erro!...

RICARDO DA SILVA – Confessas[,] então?... Ah! Já o tinha pensado!... Pois bem, não me o quiseste revelar e agora quero contas, já, exijo quanto antes a confissão do teu crime!...

OTÁVIA – Cale-se, cale-se, meu pai!... *(Apontando para o quarto de Júlio)*. Silêncio!... Ele está ali e pode escutar-nos!...

RICARDO DA SILVA – Oh! Maldição sobre ele!... *(Vai direito à porta do quarto de Júlio, porém[,] recua detido por Otávia)*.

OTÁVIA – Que vai fazer, meu pai?

RICARDO DA SILVA – E ainda perguntas?!... *(Baixo[,] para ela)*. Hei de matá-lo!...

OTÁVIA – Matá-lo?!... Pois que fez ele?... Ouça-me, escute-me... Não julgue que a sua boa Otávia está perdida... Não, meu pai!... Quer saber a causa das minhas lágrimas?...

RICARDO DA SILVA – Fala, Otávia, tira-me desta dúvida horrível!

OTÁVIA – Quer saber?... *(Impondo silêncio ao pai)*. Falemos baixo... É preciso que ninguém saiba... Ninguém ouviu, meu pai!...

RICARDO DA SILVA – Estamos sós!...

OTÁVIA *(apontando para o quarto de Júlio)* – Amo-o muito, porém[,] ele não sabe e não deve saber!... Cale-se, silêncio, agora por mim e por ele!

RICARDO DA SILVA – Compreendo, és mártir!... Ah! Júlio, mataste a minha filha!...

FIM DO QUADRO II.



## ATO III

### QUADRO III

*A mesma decoração do primeiro ato.*

#### Cena I

BARONESA e um CRIADO.

BARONESA (*dando ao criado o bilhete que acaba de escrever*) – Sem demora, à casa do comendador Torres. Não voltes sem a resposta. (*Ouvem-se palmas*). Vai ver quem bate... Se fosse o comendador, que ventura!

CRIADO (*anunciando*) – O Dr. Benjamin.

BARONESA (*agitada*) – Diz-lhe que não estou em casa...

CRIADO – Porém... eu...

BARONESA – Sempre és um imbecil!... Manda-o subir, e vai depois executar as minhas ordens...

#### Cena II

BARONESA e o DR. BENJAMIN.

DR. BENJAMIN – Bom dia, querida baronesa... Aposto que me não esperava tão cedo?

BARONESA – Escapou por um triz de me encontrar...

DR. BENJAMIN – Vai sair[,] então?

BARONESA – É verdade, preciso ir à casa...

DR. BENJAMIN – Adivinho, vai visitar o poeta... Talvez o encontre cadáver. Vossa excelência aplicou-lhe o cáustico justamente sobre o coração e não há a menor esperança de salvamento.

BARONESA (*sorrindo*) – Está brincando[,] sem dúvida.

DR. BENJAMIN – Falo sério. Júlio de Aguiar está morto ou louco[,] a esta hora. Vossa excelência teve uma coragem inaudita!...

BARONESA (*trêmula*) – Não creio, está gracejando... (*À parte*). Será possível!

DR. BENJAMIN – Por que descora assim, baronesa?... Vossa excelência trem-me?... Ah! Ah! Ah! Já serão efeitos do remorso?

BARONESA (*com ódio*) – E quem induziu-me? Não foi[,] porventura[,] o senhor?...

DR. BENJAMIN – Valha-me satanás! Vossa excelência faz das suas e depois quer tornar-me cúmplice!... Em todo caso[,] morre o nosso poeta de uma moléstia raríssima[,] neste século em que o amor é um cálculo e o casamento uma convenção. Exemplos peregrinos, não é verdade?... Os grandes amores trazem fadários lutuosos!

BARONESA – Mudemos de assunto...





DR. BENJAMIN – Tem razão, estas conversações sérias entre nós causam o mais insuportável tédio. Vossa excelência sabe muito bem que sou um homem incorrigível, como sei até a evidência que não seria capaz de operar em vossa excelência o milagre da redenção!

BARONESA (*com desespero*) – Pois ainda quer mais provas do meu amor?!

DR. BENJAMIN (*idem*) – Queria a última!...

BARONESA (*idem*) – Nunca, impossível!...

DR. BENJAMIN – Nesse caso...

BARONESA – E onde estão as suas promessas? Como há de cumpri-las, se renuncia o meu amor, os meus extremos, este afeto que só o senhor pôde inspirar em minha alma?! Peça-me o que quiser, menos esse sacrifício; mande, e obedecê-lo-ei cegamente, como escrava humilde!... (*Ajoelhando-se*).

DR. BENJAMIN – Levante-se, baronesa; estas cenas... são ridículas!

BARONESA (*erguendo-se*) – O senhor é um homem sem alma!

DR. BENJAMIN (*com sarcasmo*) – Vossa excelência[,] onde tem a sua?

BARONESA – Coração de bronze! Ri-se agora; moteja em vez de respeitar a vítima! Ah! Mas não há de triunfar, juro-lhe eu, ainda que amanhã o meu nome seja infamado nas praças públicas!... Pode ir propalar aos seus amigos que a baronesa de Tapagé foi sua amante!... Diga-lhes que...

DR. BENJAMIN – Acalme-se, baronesa; se assim continua, desperta a curiosidade dos criados!... Ama-me[,] então[,] seriamente?...

BARONESA – Basta, senhor, nem mais uma palavra! Não se esqueça que está em minha casa!

DR. BENJAMIN – Confessa, baronesa, quantos amores tem tido depois que enviuvou? Quantos amantes[,] antes de conhecer-me?

BARONESA (*tocando a campainha*) – Basta de obedecer!... (*Quer falar ao criado que aparece, e não pode*).

DR. BENJAMIN (*ao criado*) – A senhora baronesa estava pedindo água, porém já não é preciso. (*O criado retira-se*). (*Aproximando-se da baronesa*). Dir-se-ia que vossa excelência transformou-se em estátua como a mulher de Loth!...<sup>10</sup>

Ah! Ah! Ah!

BARONESA (*súplice*) – Mate-me, Paulo, mate-me de um só golpe, mas não me flagele assim, não me enlouqueça! Imploro-lhe compaixão, aqui me tem outra vez a seus pés, diga que me ama, porque mereço o seu amor!... Piedade, Paulo, não escarneça, não me torture tanto o espírito... Já tenho sofrido

---

<sup>10</sup> Personagem do Velho Testamento. Loth era amigo de Abraão e morava em Sodoma. Quando Deus resolveu destruir Sodoma e Gomorra, Abraão lembrou-se do amigo e tentou salvar sua família. Os mensageiros enviados por Abraão ordenaram a Loth e a sua família para saírem de Sodoma e não olharem para trás, porque Deus tivera misericórdia de Loth. Deus enviou fogo do céu e Sodoma e Gomorra, com o todo o povo pecaminoso que lá vivia, foram destruídos. Loth e sua família saíram a tempo, mas no caminho a mulher de Loth olhou para trás e imediatamente se transformou numa estátua de sal (Gênesis, 18:16 – 19:29).



demais por sua causa... (*Lacrimosa*). É ser muito inexorável escarnecer em face da vítima!

DR. BENJAMIN (*levantando-a*) – Vossa excelência fala em vítimas!... (*Depois de pausa*). Quando a mulher descai um dia do pedestal sublime onde a mão do Senhor a colocou, é porque essa mulher não tinha forças para subjugar as paixões mundanas; resvalou no pendor do erro, porque era fraca e não podia resistir à luta da matéria com o espírito. O fim de vossa excelência devia ser irremissivelmente desastroso! Vossa excelência contaminou-se ainda muito cedo na alta sociedade; foi nas salas aristocráticas que desperdiçou os dias insontes, volteando em torno à pira das seduções!... Mentindo a uns e sendo iludida por outros, roçou afinal as asas de anjo na charneca impura dos desejos sensuais e[,] como por encanto[,] viu-se de um dia para outro isolada! A mesma turba que turificava<sup>11</sup> vossa excelência, murmurou ao depois; à lisonja seguiu-se o estigma infamante!... Contudo, vossa excelência casou-se, e seu marido dava-lhe em troca da desonra um título nobiliário!

BARONESA – Cale-se[,] por piedade! É covardia ultrajar uma mulher!

DR. BENJAMIN – Vossa excelência tem precedentes notáveis!... Escute-me[,] ainda. Quando pela primeira vez entrei nesta casa, no dia em que tive a suprema honra de penetrar no palácio de vossa excelência (já lá vão três meses), desde logo reconheci que um homem a requestava.

BARONESA – É demais, já não me posso conter!

DR. BENJAMIN – Depois[,] tive a coragem necessária para seduzi-la e[,] no fim de quinze dias, no curto espaço de meio mês, vossa excelência repelia a corte daquele[,] para aceitar a minha. Nunca pensei que vossa excelência fosse tão fácil!

BARONESA – Cale-se!

DR. BENJAMIN – Vossa excelência é realmente uma Onfália!<sup>12</sup>... Está chorando, baronesa?... É verdade, não devo importuná-la mais... Até logo. Hei de voltar para conhecer[,] então[,] quem é o Dr. Paulo de Benjamin. (*Sai*).

### Cena III

#### BARONESA e depois o CRIADO.

BARONESA (*com ódio*) – Infame!... Seja qual for a minha expiação, juro que não realizarás esse casamento! Basta de ser escrava!...

CRIADO (*anunciando*) – O senhor comendador Torres.

BARONESA – Acompanha-o até aqui. Eis um raio de esperança!

---

<sup>11</sup> Bajulava, adulava.

<sup>12</sup> Heroína do drama homônimo de Quintino Bocaiúva (1836-1912), representado no Teatro Variedades do Rio de Janeiro, em 1860. A personagem é lendária e sua origem remonta à Antiguidade grega: Ônfale, rainha da Lídia, comprara Hércules, transformando-o em seu escravo sexual. Na tragédia *As traquínias*, que tem Hércules como herói, Sófocles explorou parte do mito.



Cena IV

BARONESA e o COMENDADOR TORRES.

BARONESA (*apertando-se as mãos*) – Esperava-o ansiosa.

COMENDADOR – Teria vindo logo que recebi o bilhete de vossa excelência, porém[,] demorou-me um negócio urgente.

BARONESA (*indicando ao comendador a cadeira junto ao sofá*) – Sabe quanto possuo, comendador?

COMENDADOR (*sentando-se*) – Vossa excelência deve possuir (*calculando*) aproximadamente mil contos de réis... Mil contos[,] mais ou menos.

BARONESA – Calculou bem. (*Pausa*). Como vossa excelência foi íntimo amigo de meu marido, e tenciono dar um passo arriscado, preciso consultá-lo, antes de fazer.

COMENDADOR – Um passo arriscado?! (*À parte*). Algum novo romance.

BARONESA – Da sua aprovação ou reprovação vai depender o meu destino. Penso em casar-me.

COMENDADOR – Vossa excelência está gracejando.

BARONESA – Não sei por que se admira tanto! Amo e sou amada. (*Adelaide aparece à esquerda e oculta-se[,] de quando em quando*). O ciúme levou-me a excessos... O ciúme é sempre assim; leva-nos até ao crime[,] muitas vezes! Porém, sinto-me hoje mais feliz do que nunca. Estou convencida de que me ama, porque ouvi de seus lábios a frase sublime de uma paixão incendida!

COMENDADOR – E poderei saber quem é o futuro marido de vossa excelência? Naturalmente[,] o Dr. Benjamin...

BARONESA – Júlio de Aguiar. (*Adelaide mostra uma terrível emoção*).

COMENDADOR (*com espanto*) – O senhor Júlio de Aguiar?!...

BARONESA – Jesus, que admiração faz o comendador!...

COMENDADOR – Não é para menos, baronesa!... (*À parte*). Que tratante!

BARONESA – No entretanto, comendador, uma coisa me preocupa seriamente. Júlio é moço e[,] sobretudo[,] cheio de elevadas aspirações... Às vezes[,] vacilo; não sei porque[,] um véu de tristeza desce até a minha alma e arreceio-me do futuro... Se tivesse 20 anos[,] não faria a menor reflexão, porém hoje... Tenho sofrido tanto nesta minha vida!

COMENDADOR – Mas desde que vossa excelência tem certeza de que o senhor Júlio de Aguiar...

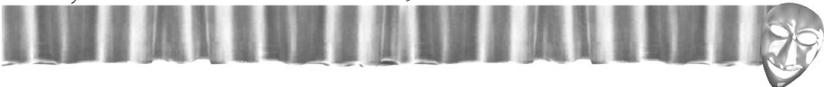
BARONESA – Se tenho certeza do seu amor!...

COMENDADOR – Então... Nesse caso... qualquer alvitre seria desnecessário.

BARONESA – Júlio fingia amar Adelaide para despertar-me o ciúme. Na última partida que dei, porém, num desses momentos de arroubos, abramos-nos nas chamas etéreas de um amor indefinível! Que noite feliz!

COMENDADOR – Então[,] o que houve, aquela?!...

BARONESA – Uma combinação apenas para arredar quanto antes Júlio do coração de Adelaide.



COMENDADOR – Eu só tenho a dizer que vossa excelência já conta alguns anos de experiência. O que fizer está bem feito.

BARONESA (*à parte*) – Passemos à segunda parte. (*Alto*). Mas não foi só para isto que o importunei, comendador. Respondo pela dívida de meu irmão. Não calcula como me dói na consciência não ter-lhe prestado o auxílio que devia por todos os títulos. Reconheço que fui má ou caprichosa... Nunca, porém, é tarde o arrependimento, nem o benefício... Trouxe a letra? Estou pronta a resgatá-la imediatamente.

COMENDADOR (*confuso*) – Se eu tivesse adivinhado... Se vossa excelência escreve-me duas horas antes... Agora[,] é humanamente impossível.

BARONESA (*inquieta*) – Impossível?! Por quê?!

COMENDADOR – Vendi-a...

BARONESA – A quem?! E as suas pretensões[,] então?!

COMENDADOR – Desisti.

BARONESA – Desistiu!!...

COMENDADOR – Refleti melhor. Duas horas antes de receber o bilhete de vossa excelência[,] já a letra estava em poder do Dr. Paulo de Benjamin.

BARONESA (*como aterrada*) – Em poder dele!!

COMENDADOR (*prosseguindo*) – Desisti por duas razões poderosas. A primeira[,] porque realmente cometia uma loucura sacrificando cem contos de réis por uma mulher... Não sou tão rico como por aí supõem. A segunda[,] porque não gosto de inimizades com médicos... Vossa excelência não imagina que inimigo terrível é o tal Dr. Paulo de Benjamin!...

BARONESA – O senhor é um poltrão!

COMENDADOR (*em ato de sair*) – Vossa excelência pode dizer o que lhe aprouver... Está em sua casa...

BARONESA (*apontando-lhe a porta*) – Retire-se!

COMENDADOR – Sempre às ordens de vossa excelência. (*Sai*).

#### Cena V

BARONESA e depois ADELAIDE.

BARONESA – Coragem, coragem[,] agora até o fim! (*Para Adelaide[,] que entra*). O que quer aqui?

ADELAIDE (*com desespero*) – É verdade que vossa excelência vai casar-se com o senhor Júlio?!... Pelo amor de Deus, não me iluda; diga-me a verdade, baronesa, eu lhe suplico... Custa-me a acreditar, vossa excelência...

BARONESA (*dando-lhe as costas*) – Já fatigam as suas lágrimas!

ADELAIDE – Vossa excelência não pode avaliá-las, porque nunca chorou[,] talvez! (*A baronesa encara-a com ódio*). Compreendo agora[,] tudo!... Está explicado o seu empenho em querer unir-me ao comendador Torres!... Custa pouco ceder o coração dos outros, quando se tem perdido o coração!...



BARONESA – Atrevida!

ADELAIDE – Pode insultar-me, aproveite o último dia. Amanhã[,] estarei bem longe daqui... Cumpra-se o meu destino, que não tem outro a enjeitada!

Cena VI

AS MESMAS e FERNANDO DE MAGALHÃES.

BARONESA (*à parte*) – Propícia ocasião.

ADELAIDE (*beijando a mão de F. de Magalhães*) – Bom dia, padrinho.

FERNANDO DE MAGALHÃES – Por que tens os olhos arrasados de lágrimas?!

BARONESA – O comendador veio procurá-lo[,] para saber a resposta.

FERNANDO DE MAGALHÃES (*à parte*) – Meu Deus!

ADELAIDE – Consultou-me ontem[,] pela segunda vez[,] e a minha resolução está tomada... Vou para um convento[,] meu padrinho.

BARONESA (*à parte*) – Veremos quem ganha a partida!

FERNANDO DE MAGALHÃES – E julgas que serei capaz de consentir, Adelaide?! Nunca, minha filha, enxuga os teus olhos queridos!...

ADELAIDE – Deixe-me ir, é o lugar das órfãs desvalidas e das enjeitadas. Deixe-me ir, prefiro a túnica da freira; mil vezes a solidão eterna do claustro a pertencer a um homem que nem me inspira amor, nem ódio. Ali ao menos, afastada desta sociedade que abomino, surda ao cortejo da miséria e da lisonja, eu serei feliz no meu isolamento. Antes os cilícios da irmã de caridade que esses mil ouropéis com que o marido adereça a vítima de suas ferezas[,] para ocultar aos olhos ávidos da sociedade o pranto inconsolável da virgem incauta! Quantas não choram aí amaldiçoando a família, que lhes ergueu o holocausto?!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Tens razão, Adelaide!...

ADELAIDE – Não sei o que tenho feito para sofrer tanto, nem o que deve o senhor àquele homem para querer sacrificar a minha existência!

FERNANDO DE MAGALHÃES – As tuas recriminações são justas...

BARONESA (*abatida; à parte*) – Qual será o fim de tudo isto!

ADELAIDE – Mas não posso, nem devo ficar mais um dia nesta casa... Quero ir para um convento... Sabe o que é perder uma esperança que resumia um futuro?!...

FERNANDO DE MAGALHÃES – Não te compreendo!

BARONESA – Adelaide tem razão de não ficar nem mais um dia aqui... Confesse: o senhor pôs em almoeda o futuro desta menina!...

ADELAIDE (*surpresa*) – Meu Deus!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Até a senhora?!

BARONESA – A máscara devia cair! Vamos, tenha coragem!... Não é verdade que ia fazer de um penhor sagrado...



FERNANDO DE MAGALHÃES (*baixo[,] à baronesa*) – E o que fez de sua honra?  
(*Em ato de sair*).

BARONESA (*aterrada*) – Ah!...

ADELAIDE (*chamando*) – Meu padrinho, meu padrinho!!

FERNANDO DE MAGALHÃES (*voltando-se[,] do fundo*) – Ela tem razão; teu padrinho é um miserável! (*Enxugando os olhos*).

ADELAIDE (*caindo-lhe aos pés*) – Oh! Essas lágrimas só derrama o coração de um pai!

FIM DO QUADRO III.



## ATO III

### QUADRO IV

*A mesma decoração.*

#### Cena I

ADELAIDE e depois um CRIADO.

ADELAIDE (*erguendo-se*) – Ouvi bater palmas... Quem será!...

CRIADO (*entrando*) – Lá embaixo está uma senhora que deseja falar-lhe.

ADELAIDE – A mim?

CRIADO – Sim, senhora.

ADELAIDE – Vem só?

CRIADO – Acompanha-a um homem de idade.

ADELAIDE – Bem, diga-lhe que suba.

#### Cena II

ADELAIDE e OTÁVIA.

OTÁVIA (*trêmula*) – D. Adelaide...

ADELAIDE – Sou eu mesma... (*Indicando assento*). Queira sentar-se.

OTÁVIA – Parecer-lhe-á estranha a minha visita[,] no entanto...

ADELAIDE – Pode falar, minha senhora, eu a escuto... É verdade, o cavalheiro que a acompanhou não quis subir?

OTÁVIA – Era meu pai, e virá buscar-me depois... Um poderoso motivo forçou-me a procurar vossa excelência.

ADELAIDE – Peça-lhe que me conceda um tratamento mais compatível com a minha posição e aspirações. Excelência é demasiado para uma pobre enjeitada.

OTÁVIA (*à parte*) – Enjeitada!

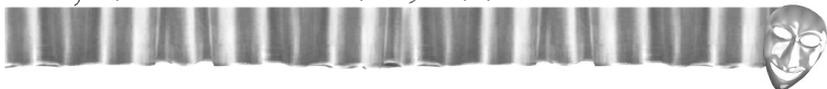
ADELAIDE – O que deseja de mim?

OTÁVIA (*trêmula*) – O que desejo?!...

ADELAIDE – Receia[,] porventura? Acaso inspiro-lhe vãos temores? Pois acredite, está me consolando essa tristeza que diviso no seu olhar umedecido.

OTÁVIA (*à parte*) – Que mistério! (*Alto*). Pois a senhora sofre?

ADELAIDE – Admira-se?! O mundo julga sempre pela aparência!... Disseram-lhe que eu sou muito rica e feliz, não é verdade? Que, enquanto outras velam as noites acurvadas sobre o costureiro, eu bocejava imersa nos coxins da indolência ou sorria enlevada pelas harmonias ruidosas dos saraus!... Foi isto o que lhe disseram, e a senhora veio ao alcaçar da fortuna pedir talvez lenitivos a quem precisa deles! Mentiram-lhe!... Sob estes tetos opulentos há



muita lágrima vertida no silêncio da noite; sobre estes tapetes luxuosos muito pó a desbotar-nos as ilusões e afetos! No meio destas alfaias[,] o coração vive asfixiado, trituram-se as flores virginais dos primeiros anos, tudo se extingue e morre nesta atmosfera mefítica!... Sabe o que é a miséria dourada? É isto que nos cerca e deslumbra a vista!... Quer saber onde existe a suprema ventura?... Ide adiante, lá mais longe, naquela choça isolada à borda do caminho... Ali sim, é ali que mora a felicidade, a crença, o amor. É a habitação do proletário, que passa desconhecido entre a turba-multa, mas que à noite repousa tranquilo no regaço da família!... Ainda duvida que eu sofra? Pois bem, confie-me os seus infortúnios, e enxugue[,] se pode[,] estas minhas lágrimas!

OTÁVIA – Enganaram-me, ou eu me enganei... Ninguém pensará que a senhora é realmente infeliz... Ainda anteontem divertiu-se muito.

ADELAIDE – Refere-se ao baile?... Como se engana, minha senhora. Se não fosse obrigada, nem a um só teria assistido. Violentam-me, é um verdadeiro suplício. Transportem a flor que devera crescer e vicejar na penumbra do vale, para onde o sol brilha mais intenso e luminoso, e vê-la-ão fanar-se dia a dia!... (*Pensa*). Porém, vamos, o que deseja?

OTÁVIA – Releve uma pergunta. Nunca amou, nunca foi amada?

ADELAIDE (*surpresa*) – Dir-se-ia que a senhora sabe a minha vida!

OTÁVIA – Talvez. Entre os seus adoradores, não encontrou porventura um moço de frente contemplativa e serena, olhar melancólico, desconfiado e tímido como uma criança?... (*Tirando um retrato da bolsa*). Veja se conhece, era assim talvez, olhe... Chamava-se...

ADELAIDE – Esqueci o seu nome. (*Reparando no retrato*). Ah!... (*Tapa os olhos*).

OTÁVIA – Por que esconde os olhos?

ADELAIDE (*com desespero*) – O que quer de mim, o que quer de mim a senhora?!...

OTÁVIA – Tranquelize-se... Este moço é meu parente, vivemos juntos, crescemos um ao lado do outro... A sua vida está em perigo...

ADELAIDE (*fora de si*) – Ah! É demais, é demais, meu Deus!... Combinaram-se para enlouquecer-me!!...

OTÁVIA – Escute-me. Da senhora depende a felicidade de meu primo... Nem ele sabe que vim a sua casa... Atenda...

ADELAIDE – Seu primo! Deteste-o, não creia nele, porque roubou-me a paz e a alegria!... Movido pela mola do cálculo e do interesse sórdido, entrou nesta casa, e, semelhante à fera que acaricia a vítima para feri-la no âmago, fez-me acreditar no seu amor, quando mentia covardemente. (*Pausa*). Corações de bronze, almas vis e gastas!... (*Soluçando*). Ah! Pode dizer a esse homem que me viu chorar... Não importa que saiba, são lágrimas que não envergonham, nem humilham! Quer saber, era o primeiro amor que florescia em minha alma; o primeiro amor, compreende?!  
.....



OTÁVIA – Vejo que a senhora e meu primo foram vítimas de uma ignóbil traição. Meu primo é inocente, juro-lhe. É mister que a verdade ressurja. Acredite sinceramente nas minhas palavras. Júlio ama-a e muito. Apelo para Deus que nos escuta, Ele que seja o juiz, se estou mentindo.

ADELAIDE (*com súbita expansão*) – Então?! Ah! Baronesa, baronesa!

OTÁVIA – É de quem se queixa amargamente.

ADELAIDE – Dela?

OTÁVIA – Sim, minha senhora, dela, e do Dr. Paulo de Benjamin.

ADELAIDE – Dir-se-ia um sonho tudo isto!

OTÁVIA – Dou-me por feliz em ter vindo a sua casa; foi Deus quem guiou-me e ouviu as minhas preces.

ADELAIDE – Consinta agora que lhe beije as mãos...

OTÁVIA – Eu é que devo beijar as suas...

(*Abraçam-se e beijam-se*).

### Cena III<sup>13</sup>

AS MESMAS, O CRIADO, depois A BARONESA.

CRIADO – O senhor seu pai...

ADELAIDE (*interrompendo*) – Por que não o fizeste subir?

OTÁVIA – Obrigada, são horas de ir. (*Pausa*). Posso[,] então[,] levar-lhe uma palavra de esperança?

(*A baronesa aparece ao fundo*).

ADELAIDE – Diga-lhe que me não esqueça.

BARONESA (*baixo*) – O que significa isto?

OTÁVIA – Adeus, queira-me bem!

ADELAIDE – Adeus, minha boa amiga. (*Voltam-se e dão com a baronesa; ambas ficam surpreendidas*).

OTÁVIA (*passando pela baronesa*) – Minha senhora...

(*Saem; pouco depois entra Adelaide*).

### Cena IV<sup>14</sup>

ADELAIDE e A BARONESA.

BARONESA – Quem é essa mulher?

ADELAIDE (*à parte*) – Causa-me medo!

BARONESA – Então[,] não respondes?

ADELAIDE (*trêmula*) – É uma parenta do senhor Júlio de Aguiar.

BARONESA (*aterrada; à parte*) – Dele!!...

ADELAIDE (*à parte*) – Meu Deus, coragem!

<sup>13</sup> Na edição original, "Cena II".

<sup>14</sup> No original, "Cena III".



BARONESA (*fora de si*) – Tenho a dizer-lhe que não a quero mais nem um dia nesta casa. Ouviu? Embusteira!

ADELAIDE (*tímida*) – Por que me ofende? Nunca lhe fiz mal, senhora!...

BARONESA – Julga que se há de casar contra a minha vontade e a de seu padrinho?... Engana-se.

ADELAIDE (*revoltando-se*) – E julga que se impõe assim ao coração?!... Não, nunca! Aceito o martírio da alma e repilo o contrato do corpo!

BARONESA (*ameaçando*) – Insolente! Atrevida!

ADELAIDE (*lacrimosa*) – Vitupere, insulte...

BARONESA – As suas lamentações já cansam.

UM CRIADO (*anunciando*) – O Dr. Paulo de Benjamin.

BARONESA (*perturbada*) – Que suba. (*A Adelaide*). Retire-se.

Cena V<sup>15</sup>

AS MESMAS e o DR. PAULO DE BENJAMIN.

DR. PAULO DE BENJAMIN (*a Adelaide*) – Seu padrinho não está?

ADELAIDE – Saiu. Talvez o encontre no escritório.

BARONESA (*baixo*) – Que irá ele fazer!

DR. PAULO DE BENJAMIN – No escritório não está, vim de lá agora... Provavelmente[,] foi ao correio, chegou o pacote. (*Adelaide vai a sair*). Pode conceder-me alguns instantes, D. Adelaide?

ADELAIDE (*voltando; à parte*) – Nem ousou encará-lo.

BARONESA (*à parte*) – É o gênio do mal este homem!

DR. PAULO DE BENJAMIN – Sabe o que venho solicitar de seu padrinho?

ADELAIDE – Ignoro, e pouco me importa saber.

DR. PAULO DE BENJAMIN – Jesus, vossa excelência odeia-me sem um motivo justificável; não lhe parece, baronesa?

BARONESA – Estava distraída, não ouvi...

DR. PAULO DE BENJAMIN – Trata-se de seu futuro, D. Adelaide.

ADELAIDE – Do meu futuro?!...

DR. PAULO DE BENJAMIN – Sim, venho solicitar a sua mão...

ADELAIDE – Sem consultar-me?... É original!... Então[,] o que sou?!... Uma mulher que pensa e escolhe, ou uma coisa?!... (*O Dr. Paulo ri-se*). Ria-se, pode rir-se!... A Providência[,] que vela do céu[,] será o seu juiz, como o senhor tem sido o meu algoz!

DR. PAULO DE BENJAMIN – Sempre recriminações...

BARONESA (*baixo*) – Qual será o desfecho desta comédia?

ADELAIDE – Se tivesse uma irmã, ah! se o senhor possuísse uma irmã, saberia avaliar o coração da mulher, respeitaria essa criatura frágil, que sabe ser mãe e esposa, em cuja frente Deus asselou uma missão divina. Porém, como eu, o

<sup>15</sup> No original, "Cena IV".



senhor não conheceu família; quando abriu os olhos era órfão; quando eu abri os meus[,] era – enjeitada!

DR. PAULO DE BENJAMIN – Vossa excelência chora?

ADELAIDE (*como delirante*) – Pobre filha do erro! O teu patrimônio foram lágrimas; derrama-as sobre o caminho ladeado de espinhos excruciantes[,] até chegares ao último marco! (*Depois de longo silêncio*). Ah! Senhor, por sua causa tenho sido por demais mortificada, por sua causa lançam-me em rosto os benefícios que tenho recebido, acusam-me de enjeitada, chegam até a insultar a memória de minha mãe!...

BARONESA – Mentirosa, caluniadora!

ADELAIDE – Caluniadora!

DR. PAULO DE BENJAMIN – Contenha-se, baronesa.

BARONESA – Estou em minha casa. (*Avançando para Adelaide*). Intrigante!!

ADELAIDE (*fora de si*) – Meu padrinho, onde estás, meu padrinho?!...

#### Cena VI<sup>16</sup>

#### OS MESMOS e FERNANDO DE MAGALHÃES.

FERNANDO DE MAGALHÃES (*inquieto*) – O que tens, o que foi?!... Ó, fala-me... Fala-me, filha!... (*À Baronesa*). A senhora é... (*Abraça Adelaide*).

BARONESA – Basta de jogar-me insultos!...

DR. PAULO DE BENJAMIN (*apresentando a letra a F. de Magalhães*) – Venho receber a importância desta letra. O seu credor já não é mais o comendador Torres.

FERNANDO DE MAGALHÃES – Não tenho dinheiro, e faça o que entender.

ADELAIDE – Ah! Compreendo tudo agora! Ó, meu padrinho, eu não sabia, nem poderia suspeitar!... Perdão, perdoe-me!... Se foi o único que salvou-me do infortúnio, não maldiga quem, para salvá-lo, é capaz de sacrificar a existência! (*Voltando-se para o Dr. Benjamin*). Estou pronta, senhor, aqui tem a minha mão. (*Baixo[,] para ele*). Se não posso ser sua esposa, sê-lo-ei escrava!

BARONESA (*aterrada*) – Ó, Providência, Providência!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Não, não consentirei! A pobreza honrada não envergonha, filha. A minha resposta é a mesma, faça o que lhe aprouver, senhor.

DR. PAULO DE BENJAMIN (*baixo*) – É orgulhoso! Serei inflexível.

FERNANDO DE MAGALHÃES (*tirando do bolso uma carta*) – Desculpa se tomei a liberdade de tirar esta carta do correio. (*Entrega-a ao Dr. Benjamin*).

(*Enquanto o Dr. Benjamin lê a carta, sentindo grandes comoções, F. de Magalhães conversa com Adelaide; a baronesa, porém, segue os movimentos do doutor*).

---

<sup>16</sup> No original, “Cena V”.



DR. PAULO DE BENJAMIN (*como fulminado*) – Ah!  
FERNANDO DE MAGALHÃES e a BARONESA (*ao mesmo tempo*) – O que é, doutor?!

DR. PAULO DE BENJAMIN – Nada... Deixem-me, preciso respirar... (*Levando as mãos à cabeça*). Meu Deus, meu Deus! Misericórdia!  
FERNANDO DE MAGALHÃES – Que tem?

DR. PAULO DE BENJAMIN (*baixo, a F. de Magalhães*) – Leia esta carta... e cale-se. (*Ajoelhando-se diante de Adelaide*). Perdoe, esqueça tudo... Se alguém perguntar-lhe pelo Dr. Benjamin... responda que morreu.  
FERNANDO DE MAGALHÃES (*com alegria*) – Será possível!

DR. PAULO DE BENJAMIN – Consinta que lhe beije as mãos... E não esqueça jamais estas lágrimas inconsoláveis que o coração não pôde sufocar no deradeiro adeus... (*Saindo*).

ADELAIDE (*à parte*) – Que mistério incompreensível.  
FERNANDO DE MAGALHÃES (*com explosão de alegria*) – Abraça-o, Adelaide, é teu irmão!

BARONESA (*acabrunhada, baixo*) – Seu irmão?!

ADELAIDE (*surpresa*) – Meu irmão!!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Sim, sim.

ADELAIDE (*abrindo os braços para Benjamin*) – Meu irmão?!

DR. PAULO DE BENJAMIN (*idem*) – Minha irmã! Minha irmã! (*Abraçam-se*).

BARONESA (*fulminada*) – Ah!

FERNANDO DE MAGALHÃES (*apontando para o quadro*) – Deus dispõe!

FIM DO QUADRO IV.





## ATO IV

### QUADRO V

*A mesma decoração do primeiro ato.*

Cena I

MANOEL e MARGARIDA.

MARGARIDA – *Té* que afinal chegou o dia desejado.

MANOEL – E a embrulhada, a embrulhada, senhora Margarida? Vosmecê é uma mulherzinha como eu procurava... Palavra que eu nunca me enganei.

MARGARIDA – Está muito curioso?

MANOEL – Se não hei de estar.

MARGARIDA (*mostrando uma carta*) – Pois aqui a tens; tanto fiz que apañhei-a...

MANOEL – Louvado seja Deus! Vamos a isso[,] dê-ma cá, senhora Margarida... Ainda bem que aprendi o meu *poucachito* a ler.

MARGARIDA (*dando-lhe a carta*) – Curiosos, curiosos que são estes homens!

MANOEL (*lendo mal*) – “Paris, 5 de maio de 1850. Meu querido Paulo. É possível que não nos vejamos mais. Estou desenganado pelos médicos e as forças quase me abandonam neste momento. Antes, porém, de fechar os olhos[,] devo revelar-te um segredo que teu pai confiou-me[,] nos seus últimos instantes. Deve existir aí[,] na casa de um negociante por nome Fernando de Magalhães[,] uma menina que deve contar hoje 18 anos, chamada Adelaide. Essa infeliz criatura, abandonada no primeiro dia de existência, é tua irmã. Cumpre-te fazer por ela o que teu pai esqueceu. Adeus, recebe a última benção de teu padrinho. Luiz Amaral da Cunha.”<sup>17</sup>

MARGARIDA – E então?

MANOEL – Foi uma obra do céu esta carta! (*Consigo*). Por isso a senhora Baronesa foi lá para o convento... An, an... Por isso... Aquela mulherzinha era mesmo o tinioso!...

MARGARIDA – E o que é feito do Dr. Paulo?

MANOEL – Eu sei cá, ninguém mais o vê, desapareceu... Ah! Senhora Margarida, em tudo lá vem o dedo de Deus! Estou realmente contente!... Se não hei de estar, quando a minha querida senhora D. Adelaide, que vi crescer, que acalentei nestes braços... Estou pelos cabelos de contente!

MARGARIDA – Outro tanto não digo eu, Manoel; não reparas como anda triste a menina Otávia?... Pensas que eu não sei o que é aquilo?...

MANOEL – Sim? Sabe? O que é, senhora Margarida? Eu também penso que sei... Olhe...

<sup>17</sup> Na edição original o texto da carta não se encontra entre aspas.



MARGARIDA – Uns riem e outros choram!... Para aquele mal não lhe vejo remédio!... (*Enxuga os olhos*).

MANOEL – Está bem, vamos cuidar do serviço... (*Sai*).

MARGARIDA – Pobrezinha, pobrezinha!

## Cena II

### MARGARIDA e OTÁVIA.

MARGARIDA – Aí vem ela... Pobre menina, pobre anjo!

OTÁVIA (*visivelmente abatida; andar vacilante*) – Deus, santo Deus, o que será de mim?!... Já não tenho lágrimas... A minha razão perde-se, eu enlouqueço!... Onde maior suplício?!... (*Ajoelhando-se*). Ó[,], mãe da minha alma, tu que vives lá no céu[,], ampara-me, intercede por mim... Leva a tua filha deste exílio... Ó[,] minha mãe! Minha mãe!...

MARGARIDA (*aproximando-se*) – Resignação, resignação.

OTÁVIA (*erguendo-se[,] tomada de susto*) – Ah! Quem é?!...

MARGARIDA – Sou eu, sou eu, minha querida senhora. O que se há de fazer? Por que chora assim?... Isto corta o coração.

OTÁVIA – Ah! Margarida, Margarida!

MARGARIDA – Resignação...

OTÁVIA – Resignação, dizes tu! Perdi-a, Margarida, perdi-a para sempre. Quero morrer com este amor, com este culto imenso, que foi o primeiro e há de ser o último. Há quatro anos, ouviste, Margarida, há quatro anos que esta chama devora e consome a minha alma. Não posso sobreviver mais um dia, não posso, é impossível!

MARGARIDA – E por que veio? Eu bem lhe dizia.

OTÁVIA – Queria vir, precisava vir... Estou assistindo aos meus próprios funerais. (*Pausa*). Para ela um altar, a felicidade, o amor; para mim – um túmulo, o esquecimento. Nada mais espero, nem desejo, Margarida. Assim ama-se uma vez na vida; amor que nasce e floreja enlaçado ao coração para morrer e extinguir-se com ele.

MARGARIDA – As coisas parecem sempre piores do que são... Espere pelo tempo, que é remédio santo...

OTÁVIA (*impaciente*) – Cala-te, cala-te, Margarida; – não digas mais uma palavra; deixa-me, deixa-me[,], por Deus, vai-te!

MARGARIDA (*retirando-se*) – Eu vou, não precisa zangar-se, não fique mal comigo...

OTÁVIA (*arrepentida*) – Mal contigo? Ó[,] não, minha boa Margarida; tu não me compreendes, não podes compreender esta situação desesperada! Já nem sei o que digo, nem o que faço... Perdoa, o meu espírito perde-se diante deste abismo em que me despenho. Perdoa, bem sabes quanto te quero... Eu não minto[,], Margarida, amo-te quase como se foras minha mãe!... Mereces bem este doce nome; és digna dele...



MARGARIDA (*comovida*) – Porém[,] a menina... Enfim, eu não devo falar; contudo, eu cá sei... Às vezes[,] o melhor é a gente não se mortificar assim... Não quero dizer que... A menina, sim... (*Otávia mostra-se impaciente*). Depois[,] está tão moça... Depois[,] o tempo... Ah! Não se zangue... Eu não estou dizendo que a menina... Vem gente.

Cena III

OTÁVIA e FERNANDO DE MAGALHÃES.

OTÁVIA (*consigo*) – Vai-se aproximando a hora.

MARGARIDA (*saindo*) – Até já... (*Baixo*). O Senhor se compadeça dela.

FERNANDO DE MAGALHÃES (*traja casaca*) – Ah! Por aqui a menina?

OTÁVIA – Cheguei agora. Então, está muito contente, senhor Magalhães?...

FERNANDO DE MAGALHÃES – Infelizmente[,] a festa não é completa. Riem uns e choram outros. Pobre baronesa, infeliz irmã!... Lá vive isolada numa cela... Se a visse[,] admirar-se-ia; tão diferente que parece outra.

OTÁVIA – E que novas tem tido do Dr. Paulo de Benjamin?

FERNANDO DE MAGALHÃES – Até agora[,] nenhuma. Seguiu para os Estados Unidos, e nem sequer uma carta. (*Pausa*). Como aquela natureza também mudou!... O contato da irmã regenerou-o completamente: é que a virtude triunfa sempre e o vício tem o seu dia de expiação. Veja o comendador Torres, do alto da opulência desceu ao calabouço. Deixou de ser um milionário, é um calceta!<sup>18</sup>

OTÁVIA – Porém, falemos de Adelaide; falemos de sua felicidade.

FERNANDO DE MAGALHÃES – Da sua felicidade?... E quem pode responder pelo futuro? Tenho cuidados; se os não tivesse seria um indiferente criminoso. Que quer, faço as vezes de pai; não zelo o que é meu; desvelo-me por um tesouro que a Providência confiou-me.

OTÁVIA – Dúvida do amor de Júlio?

FERNANDO DE MAGALHÃES – Não disse tal; creio nele sinceramente.

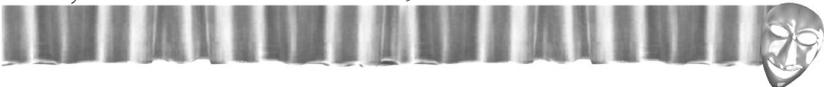
OTÁVIA – E deve crer. Adelaide não estende a mão a um homem rico, é certo; porém adormecerá tranquila sobre o tálamo conjugal[,] embalada aos cânticos de um amor condigno da sua ternura. O santuário doméstico seme-lha ao templo do Senhor; não carece de galas nem louçanias; quanto mais simples e modesto, maior religião inspira.

FERNANDO DE MAGALHÃES (*aplaudindo*) – Bravo, bravo!

OTÁVIA – Quando a Providência nos concede uma alma irmã da nossa, medir então os sacrifícios seria o mesmo que interrogá-la o que nos dá em paga, se oferecemos um óbulo ao necessitado que bate à nossa porta. O amor que calcula, deixa de ser um perfume da alma para tornar-se um miasma da

---

<sup>18</sup> Homem condenado a trabalhos forçados.



abjeção: não eleva nem exalta a criatura; deprime-a, rebaixa-a. É a degradação moral, a torpeza que embota e aniquila os sentimentos, agrilha a liberdade, esmaga os afetos!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Tem razão, a senhora é um anjo; é assim que eles devem falar.

OTÁVIA – Acredite, senhor Magalhães, o futuro de Adelaide há de ser risinho.

FERNANDO DE MAGALHÃES – Deus queira, Deus abençoe as suas palavras. (*Escutando*). Batem palmas... É talvez o noivo... Com licença, até já. (*Sai*).

#### Cena IV

OTÁVIA, depois ADELAIDE (vestida de noiva).

OTÁVIA (*caminhando a esmo*) – Enfim, está completa a minha missão... Agora... nada mais resta... Acaso posso eu viver mais um dia?! Resignação, dizem eles... Resignação[,] quando a vida é um cilício!... Não sabem o que dizem, estão loucos!... Resignação!... Querem-me viva[,] morrendo todos os dias! (*Vendo Adelaide*). Ah! Como estás linda!

ADELAIDE – Sim? (*Beijando-a*). Lisonjeira! (*Reparando nos olhos de Otávia*). Querida, tu choravas!... Não negues, meu anjo, os teus olhos condenam-te.

OTÁVIA (*contrariada*) – Os teus é que te iludem.

ADELAIDE – Eu não me engano, meu amor; desta vez[,] convenci-me, senti a realidade, deparei com ela... Basta olhar para o teu semblante... A tua face ainda está úmida...

OTÁVIA – Estás brincando...

ADELAIDE – Deus sabe o que silencia o teu pobre coração!

OTÁVIA – Nada[,] realmente, acredita...

ADELAIDE – Não posso... O teu sorriso contrafeito reflete a melancolia de tua alma; através dessa alegria simulada transparece um doer profundo, imenso... Sofres, Otávia, e a tua mudez flagela-me...

OTÁVIA – Queres que eu minta?

ADELAIDE – Queria que fosses sincera; sou digna das tuas confidências... Se é um segredo triste, confia-me o sem receio; quero partilhar as tuas mágoas... Dá-me um quinhão do teu infortúnio... Reparte comigo as tuas lágrimas!

OTÁVIA – Caprichos, lágrimas de criança...

ADELAIDE – De mártir, dize antes!

OTÁVIA (*agitada*) – Mudemos de assunto... Falemos antes de ti...

ADELAIDE – Escuta. Há dois meses, naquelas salas, entre o ruído da multidão, cortejada por uma turma de admiradores, eu sentia-me só e triste. Meu coração derretia-se em prantos... Meus lábios saturados de fel soltavam a frase da loucura; eu procurava a morte como único lenitivo, e teria morrido



de desalento se um anjo tutelar não viesse amparar-me sob suas asas cândidas e protetoras!... Esse anjo – foste tu, Otávia, foste tu, meu amor!

OTÁVIA – Não tens que agradecer-me...

ADELAIDE – Ai dos que sofrem, se não acham[,] lá nas trevas da existência[,] uma alma caritativa e meiga, uma mão amiga, um sorriso celeste, uma voz como a tua, consoladora e providencial! Deus mandou-te à solidão de minha alma; nas tuas asas de anjo trazias a luz da esperança, que me faltava!

OTÁVIA – Deus, sim, foi Deus quem guiou os meus passos.

ADELAIDE – Ontem – era meu padrinho arrancando-me às portas da miséria e luto, abertas de par em par[,] para receberem mais uma vítima!... Quem ignora a sorte cruel e nefanda de quase todas essas criaturinhas que uma mãe repeliu e enjeitou, que nunca sentiram os afagos maternos, nunca a doce e suavíssima alegria do lar!... Eu avalio as vossas lágrimas, minhas irmãs!... (*Soluçando*).

OTÁVIA – Para longe ideias tristes...

ADELAIDE (*enxugando as faces*) – Depois[,] vieste tu... Salvaste-me!... Pois bem, abre-me o cofre das tuas dores, mostra-me o sacrário das tuas angústias... Encosta a fronte desalentada sobre o meu seio... Dá-me metade dos teus espinhos cruciantes... Tu sofres, Otávia, e eu não posso ver-te assim, isto não pode, nem deve continuar.

OTÁVIA (*afлита*) – Depois, depois... Alguém se aproxima, cala-te, minha querida!

#### Cena V

AS MESMAS, RICARDO DA SILVA, FERNANDO DE MAGALHÃES.

FERNANDO DE MAGALHÃES – São mesmo duas pombinhas arrulhando!...

ADELAIDE (*lançando-se ao pescoço de F. de Magalhães*) – Meu rico padrinho!

OTÁVIA (*baixo, ao pai*) – Meu pai, meu pai!

RICARDO DA SILVA – É preciso agora que ninguém veja as tuas lágrimas

FERNANDO DE MAGALHÃES – Olha[,] que me esmagas assim, rapariga! Estás amarrotando-me a camisa!

ADELAIDE – Tenho tentação de dar-lhe uma dúzia de abraços...

FERNANDO DE MAGALHÃES – Se o noivo ouviu-se...

RICARDO DA SILVA – Teria ciúmes, não é verdade?

FERNANDO DE MAGALHÃES – Quero vê-la de longe... Afaste-se... mais... Ainda mais... Alto, *stop!* Que prenda!... Ciúmes[,] tenho eu... Por Deus[,] que falo sério. Dar um mimo destes... custa, custa muito!

RICARDO DA SILVA – Tem razão, sei avaliar.

ADELAIDE – Ainda está em tempo, padrinho...

FERNANDO DE MAGALHÃES – Como elas são, senhor Ricardo... Zombam depois.

ADELAIDE – Bem sabe que metade deste coração pertence-lhe.



FERNANDO DE MAGALHÃES – Metade?

RICARDO DA SILVA – E é contentar-se.

FERNANDO DE MAGALHÃES – Isto agora, depois... fica um homem atirado aí para um canto. Prometem e faltam... Ah! Que se não andarem direitinhos!... (*Conversa com Ricardo*).

ADELAIDE (*a Otávia*) – Nem ao menos um sorriso neste dia?!

OTÁVIA – Não crês nas almas predestinadas para o sofrimento?

ADELAIDE – Ah! Confessas[,] então?! Obrigada! Mil vezes[,] obrigada!

OTÁVIA – Hei de dizer-te... um dia, amanhã... Não fiques triste...

ADELAIDE – A vida é assim, Otávia; o coração humano confrange-se até nos momentos mais venturosos! Eu mesma sinto aqui alguma coisa que amargura. (*Pausa*). Não falta aqui alguém?

OTÁVIA – Falas da baronesa?

ADELAIDE – Sim, cresci ao seu lado, na infância gozei dos seus carinhos... A gratidão é sempre uma virtude!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Está bem, são horas...

UM CRIADO (*anunciando*) – O noivo.

OTÁVIA (*consigo*) – Meu Deus!

FERNANDO DE MAGALHÃES – Vamos?

ADELAIDE – Dá-me o teu braço, Otávia.

OTÁVIA (*agitada*) – Vai indo... Só dois minutos... Eu já vou...

(*Adelaide e Fernando de Magalhães saem vagarosamente*).

#### Cena VI

OTÁVIA, RICARDO DA SILVA.

OTÁVIA – Vê, meu pai? Já não tenho lágrimas!

RICARDO DA SILVA – Ó[,] Deus de misericórdia!... Resignação, filha, coragem, Otávia!...

OTÁVIA – Sempre esta palavra maldita!... Deixem-me!... Afastem-se!... Não os quero ver!...

RICARDO DA SILVA – Filha da minha alma?!... É teu pai quem te fala, escuta, ouve... Otávia, Otávia!... Ah! Louca!! (*Soluçando com desespero*).

OTÁVIA – Lá estão... Os anjos descem sobre eles... Sobem agora o altar... Fazem oração... Como estás linda, Adelaide! E tu... Júlio... Não me conheces mais?...

RICARDO DA SILVA – Ó[,] Deus, Deus!!... Se não podes salvá-la, mata-me também!

OTÁVIA – Não ouvem? ... Vai começar o baile... Que harmonia celeste... Então, Júlio, não danças comigo?... E a tua noiva... Onde está ela?... Ah! Sim... Estou vendo... (*Convulsiva*). Afastem-se!... Deixem-me passar!... Deixem-me passar!



*(Neste momento[,] abrem-se os reposteiros do fundo e aparece o altar iluminado; tem-se concluído a cerimônia. Júlio de braço com a noiva, em seguida Fernando de Magalhães).*

RICARDO DA SILVA (*mostrando a filha*) – Está louca a minha filha!  
TODOS – Louca?!!

*(Otávia solta uma gargalhada estridente, caindo amparada nos braços de Júlio e Adelaide).*

FERNANDO DE MAGALHÃES (*apontando para o quadro*) – O que é a vida! – Risos e lágrimas!

FIM DO DRAMA.



# OS FILHOS DA VIÚVA

*Drama em quatro atos*  
de  
*Arthur Rocha*

*PORTO ALEGRE*  
*Tipografia d'A Federação*

1884<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Segundo J. Galante de Sousa (1960, p. 457), o drama *Os filhos da viúva* é de 1881. A peça foi publicada, juntamente com os dramas *A filha da escrava* e *Deus e a natureza*, em *Teatro de Arthur Rocha*. Volume III. Porto Alegre: Tipografia d'A Federação, s/d (provavelmente, editado em 1884). Representado pela Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira, no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em maio de 1882 e em 1890. A Biblioteca do Instituto de Artes da UFRGS possui exemplar da edição.





## PERSONAGENS

ELVIRA, viúva.....	36 anos
EDUARDA, sua filha .....	18 "
ALBERTO, seu filho .....	20 "
FREDERICO, amigo de Alberto .....	34 "
DR. COSTA, médico.....	45 "
FRANCISCO, barbeiro.....	40 "
JOÃO, criado de Alberto .....	30 "

Época – Atualidade.

Ação – Rio de Janeiro.





## ATO I

*Gabinete elegante. Portas laterais e janelas ao fundo. Ao levantar o pano[,] Elvira está ao piano tocando suavemente uma música sentimental. De vez em quando[,] para, como se ouvira alguma coisa, e logo continua.*

Cena I

ALBERTO e ELVIRA.

ALBERTO (*entrando, com todas as cautelas, e depositando um beijo na fronte de Elvira*).

ELVIRA (*assustada*) – Ah!

ALBERTO – Assustei-te? Perdoa.

ELVIRA – Mau!... Estás sempre a fazer-me surpresas!

ALBERTO (*sentando-se junto ao piano*) – Não sou eu quem as faço: és tu quem as preparas. Estás sempre de tal modo distraída, que nunca te apercebes nem de quando entro nem de quando saio.

ELVIRA – Ingrato!... Agora é que te não perdo a injúria...

ALBERTO – Perdoa, sim, porque sabe que a não injurio. E que filho, tendo uma mãe assim como tu és, seria capaz de dizer mal dela?! Olha: queres que eu te diga uma coisa?

ELVIRA – Dize lá.

ALBERTO – Às vezes[,] tenho vergonha de dizer que és minha mãe.

ELVIRA – Alberto!

ALBERTO – Tenho, sim; mas vergonha por ti e não por mim, que se há no mundo alguma coisa de que eu me orgulhe e desvaneça, é de ser teu filho. Mas tu, querida, tão moça, tão bela, tão vigorosa nos teus 36 anos, como se tiveras apenas 15, parecendo antes minha irmã mais nova do que minha mãe, que sentes quando me ouves[,] a mim, um rapagão de 20 anos, robusto, desenvolvido, chamar-te – *minha mãe*?

ELVIRA – Que sinto, louco?... Sinto o orgulho e a glória que toda a mulher deve experimentar de poder chamar filho, a um homem como tu.

ALBERTO – És lisonjeira!... Creio-te, entretanto; mas desespero ao pensar que envelheço-te desastrosamente e tiro ao teu viço e aos teus encantos uma parte de seus atributos, quando em presença de gente sou obrigado a chamar-te mãe. Aborrece-me pensar que, diante dos indiferentes, devo tratar-te com certo respeito exagerado e uma tal ou qual alheação, para que não confundam os carinhos puríssimos do amor filial, com as carícias e afaços do enamorado vulgar.

ELVIRA – És um insensato, Alberto! A mim nada me causa mais prazer do que ouvir dos teus[,] e dos lábios de tua irmã, esta sublime palavra – *mãe*. Quan-





do tu ou ela a pronunciam, desejava eu que todo o mundo a ouvisse, para que me invejasse a dita de ter filhos tão bons e tão bonitos, sendo eu[,]Jou parecendo ainda[,] tão moça.

ALBERTO – Boa que tu és!... Mas, diz-me: por que andas tão triste, mãezinha? Que incógnitos pesares povoam de sombras escuras, o céu azul da tua tranquilidade?

ELVIRA – Eu[,] triste?! Que ideia!... Sempre fui assim.

ALBERTO – Enganas-me. Eras alegre, jovial, e, às vezes, muitas até, via-te no jardim com minha irmã[,] de tal modo confundidas pela graça, pela beleza, pela infantilidade, que chegava a persuadir-me de que não eram mãe e filha que ali se achavam, mas apenas duas irmãs a disputarem-se a primazia entre flores.

ELVIRA – É que então me vias, pelos olhos do teu grande amor filial, num desses momentos em que me separo de mim mesma e da ideia da vida com os seus dissabores e a sua terrível responsabilidade, para ensinar à tua irmã de que modo se é moça e se é mulher. Tristezas – não as tenho, a não ser que o pesar de haver tão cedo perdido teu pai opere no meu espírito[,] sem que eu dele me aperceba. Será a inconsciência da ferida profunda não cicatrizada ainda e da saudade longamente suportada... Mas, não falemos nisso, sim?

ALBERTO – Pois bem: não falemos. (*Mudando de tom*). Frederico procurou-me?

ELVIRA (*simulando indiferença*) – Não: não o vejo há muitos dias. Que é feito dele?

ALBERTO – Também não sei. Tenho-o procurado em casa, sem resultado. Penso que lhe não demos motivos para enfadar-se. Julgando-o doente, perguntei e soube que está bom. Onde se terá ele metido?

ELVIRA (*com mal dissimulado interesse*) – Terá... saído... da Corte...

ALBERTO – Qual! Não o faria sem comunicar-mo. Tem me apoquentado isto. Há dias que o achava sorumbático e tristonho: ocultava-me a causa dos seus padecimentos, mas deixava perceber sempre que se tratava de negócios de coração. Há um mistério na sua vida. Falava-me muito contra o casamento e... (*em tom de gracejo*) não sei... Ter-se-á ele casado?

ELVIRA (*rápida*) – Casado?

ALBERTO – De que te admiras? Não está ele ainda em boa idade? Não é moço? É certo que diz-se partidário do celibato e não prima pela beleza física; mas[,] para compensá-lo destes defeitos, deu-lhe a natureza um grande coração e uma grande cabeça. (*Ainda gracejando*). Ouvi dizer hoje[,] na rua do Ouvidor[,] que havia sido raptada a filha do comendador Silva e lembrei-me... Quem sabe se não foi ele o autor. Ele era muito da casa, e está aí o segredo da sua repentina ausência.



ELVIRA (*desalentada, à parte*) – Céus!...

ALBERTO (*tomando as mãos de Elvira*) – Já sabias deste fato?... Mas que é isto? Estás a tremer; que tens?

ELVIRA – Nada... Fez-me mal a notícia que me deste... Simpatizava eu tanto com a filha do comendador, e depois, quando ouço a relação de casos semelhantes[,] penso sempre que tenho ainda uma filha, cujo futuro não me é dado descortinar...

ALBERTO – Para longe essas apreensões de excessivo amor maternal. Eduarda tem bom senso e sabe o que deve a si e à família. Nós[,] por nossa parte, sabemos bem o que lhe devemos a ela e às suas afeições[,] para não obrigá-la nunca a um semelhante passo. Vês? Já estou arrependido de haver-te contado o que sabia. Por isso mesmo[,] castigo-te, deixando-te para ir dar bons dias a Eduarda. Até já. (*Beija-a na fronte e sai*).

## Cena II

ELVIRA e JOÃO.

(*Acompanha Alberto até à porta e volta[,] rápida e desassossegada[,] à mesa onde está o tímpano, que vibra repetidas vezes[,] febrilmente*).

JOÃO (*entrando*) – A senhora chamou?

ELVIRA (*desassossegada e irresoluta*) – Sim... chamei... Sabes onde mora o senhor Frederico?

JOÃO – Sei, sim, senhora...

ELVIRA – Chega então até lá e entrega-lhe... (*dirigindo-se à secretária, como para escrever, para repentinamente, como assaltada de uma ideia, e diz consigo*). Escrever-lhe!... Louca que eu sou!... Meu Deus! Meu Deus! (*Deixa-se cair na cadeira*).

JOÃO – Sente-se incomodada, minha senhora? Quer que chame alguém?

ELVIRA (*esforçando-se por parecer tranquila*) – Não... não... Passou... Há dias que ando achacada. Deixa-me.

JOÃO – Não quer[,] então[,] nada?

ELVIRA – Não.

JOÃO – Como tivesse perguntado pela residência do senhor Frederico...

ELVIRA – Vai-te...

(*O criado sai, e Elvira fica por instantes pensativa*).





Cena III

ELVIRA e ALBERTO, depois EDUARDA.

ALBERTO (*aparecendo a uma das janelas do fundo*) – Cá está ela, mãezinha...

ELVIRA (*levantando-se repentinamente*) – Ela!... Sim... (*Ouve-se um grito de Eduarda e uma gargalhada de Alberto*). Como são, ou como se julgam felizes essas crianças!... E não adivinham, no meio desses brincos a que descuidosamente se entregam, que angústias supremas me vão na alma neste momento... (*Pausa*). Vamos: é mister reagir contra este sentimento criminoso que me invade e ameaça arrastar-me ao abismo da desesperação!... (*Recom-põe-se*).

ALBERTO (*entrando*) – Aqui a tem, mãezinha... Fui buscá-la a um cantinho do jardim, onde estava a cismar não sei que coisas graves[,] que a preocupam.

EDUARDA (*indo a Elvira*) – Não creias, querida; estava a conversar tranquilamente com as minhas flores, e recitava-lhes muito em segredo, para que me não escutassem os passarinhos que volitavam em torno de mim, o poema de meu amor por ti.

ELVIRA – Creio-te. Teu irmão hoje anda a encontrar incógnitos pesares em toda a gente. Quer achar mistérios em tudo... Mas, pobrezinho! Cada tentativa é uma desilusão.

ALBERTO – Em boa hora me desiludo! O afeto vigoroso que lhes consagro faz com que demasiado se apure a minha solicitude e encontre mágoas ocultas onde não há senão despreocupação natural. Das minhas erradas suposições, porém, indulta-me a intenção com que as manifesto.

EDUARDA – Sabe, mãezinha?... O meu bordado está muito adiantado e penso poder apresentá-lo[,] acabado[,] amanhã ou depois.

ELVIRA – O que já não é sem tempo. Estive quase a convencer-me de que jamais o veria pronto.

EDUARDA – Essa suposição não abona nada a minha atividade.

ALBERTO – É que as moças não são ativas somente quando querem; são-no unicamente quando podem.

EDUARDA – Como assim? Por quê?

ALBERTO – Sei eu bem por que; tu deves sabê-lo melhor do que eu: há uma certa época na vida da mulher, decerto aquela em que ela mais se agita e mais trabalha, na qual toda a sua energia, toda a sua atividade se concentra num objetivo único, constante, inolvidável – ocupa-lhe o pensamento e as ações durante o dia, e preside-lhe aos sonhos durante a noite.

EDUARDA – Não percebo...



ALBERTO – Será que estejas ainda no período da formação dessa época, pela qual hás de passar[,] decerto, como por ela passam fatalmente todas as mulheres. Dize-me: ainda não amas?...

EDUARDA – Alberto!... (*Em tom levemente repreensivo*).

ELVIRA – Ainda é cedo para pensar nisso, não é assim, Eduarda?

ALBERTO – Como[,] cedo! Aos dezesseis anos é quando se abre o coração, como as pétalas da flor nas manhãs de primavera, para receber os primeiros raios dourados do sol do verdadeiro amor. Cedo! Para quando então entende a mãezinha que se deve guardar o sentimento, as expansões, a ternura, os sonhos, os enlevos e os êxtases? Para quando as rugas da face começarem a denunciar as ruínas da nossa natureza física? Para quando o coração, embotado já pela experiência e ferido pelas decepções, achar-se incompatível com as emoções dulcíssimas da paixão, e apenas souber amar com a frialdade e o desapego do sentimento calculado e cauteloso? Mas isso não é amar; isso é negociar...

ELVIRA – Nunca é tarde, Alberto, para amar sincera e ardentemente.

ALBERTO – Mas chega um dia, especialmente, para a mulher[,] em que é tarde para ser amada. Supõe a mãezinha que, por ser, aos 36 anos, moça e bonita, e achar-se ainda em condições de inspirar paixões, toda a gente goza do mesmo privilégio. Bem vês que não, e compreendes certamente que essa virtude não é tradicional e hereditária, e que se, por força dos carinhos, do grande amor e da incomparável dedicação de que te cercou meu bom pai, pudeste chegar a ter dois filhos de quem pareces irmã, não está Eduarda garantida de achar no mundo uma bondade como a de nosso pai, para alongar-lhe a existência e perpetuar-lhe, por assim dizer, a mocidade.

ELVIRA – Sei disso...

ALBERTO – E não é tudo: nunca é tarde para amar sinceramente, diz a mãezinha. Ilude-se. O amor verdadeiro, o sentimento afetivo que reúne[,] em uma só[,] duas almas estranhas, deve ser um sentimento puro, santo e compatível somente com a inocência. Só ela pode experimentá-lo. Mas quando se tem passado pela vida, e se tem visto o mundo e suas misérias, e sofrido com ele, e caminhado com ele[,] não há inocência possível, não há amor admissível. O que se sente então é uma paixão, bem diversa, porque tem tudo de positiva; nada de ideal: ninguém ignora senão quando não sabe; aquele que quiser voluntariamente iludir os sentidos, nunca conseguirá iludir a consciência. E eu desejo que Eduarda ame na idade em que o amor é mais santo e mais puro.

ELVIRA – Ela há de curvar-se, como todos, à lei fatal... Descansa.

EDUARDA – Mas para que essa discussão inoportuna?

ALBERTO – Tens razão: inoportuna. Cuidemos antes do teu bordado, que está em caminho de prontificação. Olha cá: não sei o que estás fazendo; mas



adivinho que há de ser um mimo como tu. Pois bem: guarda contigo o teu trabalho, e que ele seja oferecido, em lembrança das palavras que agora proferi, ao primeiro homem a quem amares, no dia em que entenderes dever pôr-nos a corrente de tuas afeições. Feito?

EDUARDA (*um pouco constrangida*) – Feito. (*Estendendo a mão a Alberto, que a beija*).

ALBERTO – Está selado o pacto. Os anéis de esponsais hei de os eu dar-tos, desde já me comprometo.

#### Cena IV

#### OS MESMOS, JOÃO e depois FREDERICO<sup>20</sup>.

JOÃO – O senhor Frederico de Moura pergunta pelo senhor Alberto.

ALBERTO – Frederico!

ELVIRA E EDUARDA – Ele!...

ALBERTO – Manda-o entrar. (*O criado sai*). Ora, vamos ver com que razões justifica a sua deserção.

FREDERICO – (*entrando*) – Minhas senhoras! (*A Alberto, apertando-lhe a mão*). Alberto...

ALBERTO – Eu esperava ver entrar um fantasma... Julgava ter de estabelecer relações com uma alma do outro mundo; mas, pelo que vejo, ou tu não morreste ou, morreste, e as almas do outro mundo são de carne e osso, como qualquer de nós.

FREDERICO – Não graces, Alberto. Sei onde apontas as setas da tua ironia. Efetivamente[,] faltei a um dever de delicadeza, ausentando-me ex-abrupto desta casa, onde sempre fui tratado com a maior distinção e amizade. Mas os motivos dessa retirada foram tão urgentes e imperiosos que não me permitiram obedecer aos mais comecinhos preceitos de boa educação. Volto, porém, hoje de São Paulo, e foi o meu primeiro cuidado correr à tua residência[,] para apresentar as minhas desculpas e obter o meu perdão.

ELVIRA – Ah! Esteve em São Paulo?

FREDERICO – Sim, minha senhora, um negócio de sumo interesse para mim chamou-me àquela cidade, na qual apenas demorei-me o tempo preciso para ultimá-lo.

ELVIRA – Folgo de saber que é esse apenas o motivo de sua retirada, que já nos havia dado[,] a mim e a meu filho[,] os mais sérios motivos de reflexão.

FREDERICO – Agradeço à vossa excelência e a Alberto esse interesse[,] que em demasia me desvanece. Agora, porém, que estou explicado, creio que

---

<sup>20</sup> Na edição original: “Os mesmos, João e depois Eduarda”.



não porão dúvida em reformar qualquer ideia que, em meu desabono, houvessem concebido.

ALBERTO – Eu, por mim, perdoo-te; mas peço-te que não faças outra.

FREDERICO – E vossa excelência será tão bondosa como Alberto?

ELVIRA – O senhor Frederico sabe que meu filho pensa por ele e por mim.

FREDERICO (*com intenção*) – Sempre?...

ELVIRA (*depois de pausa*) – ... Sempre. Vamos deixá-los: hão de ter muito que conversar os dois. Voltaremos dentro em pouco[,] para reclamar o nosso quinhão da visita. Vamos, Eduarda... (*Eduarda cumprimenta cerimoniosamente, e Alberto[,] que lhe tem notado o constrangimento[,] toma-a pelo braço e trá-la à boca da cena, dizendo-lhe em tom confidencial*). Ó Eduarda... Estou capaz de apostar em como é Frederico quem vai calçar as chinelas que estás bordando... Eu digo chinelas[,] porque imagino que o sejam: não porque o saiba positivamente.

EDUARDA (*rubra de pejo*) – Por quê?

ALBERTO – Por quê?... Porque dir-se-ia que tu emudeces quando estás na presença dele, e isso nas mulheres, por natureza parladoras e tagarelas, é um péssimo indício.

ELVIRA (*à porta*) – Temos conspiração?

ALBERTO – Não, mãezinha, recomendava a Eduarda que não esquecesse de pôr alpiste ao canário... (*Saem Elvira e Eduarda*).

#### Cena V

#### ALBERTO e FREDERICO.

(*Puxando cadeiras e sentando-se ao centro da cena. Depois de pausa, durante a qual Alberto observa que Frederico tem[,] maquinalmente[,] sentado-se e se absorvido em íntima reflexão*).

ALBERTO – Ó Frederico... Que tens tu?

FREDERICO (*como que acordando*) – Nada.

ALBERTO – Sempre te conheci assim, melancólico e pensativo; mas confesso que te encontro agora muito mais do que de costume. Estarás, porventura, enamorado? A tua repentina desapareição; esses ares *hamléticos* com que nos reapareces, tudo parece indicar que alguma coisa de extraordinário se passa em ti... Será que tenhas reformado as tuas opiniões sobre o casamento? Muito teria eu que rir-me, se tivesse de ver-te amanhã projetado ao lado[,] aí[,] de qualquer beldade, fazendo a triste figura que, na tua opinião, fazem todos os maridos... Mas onde estiveste? O que tens feito?... (*Depois de longa pausa, vindo que Frederico nada responde*). Fala, homem!...

FREDERICO – Esperava que acabasses de figurar todas as hipóteses que sugerisse a trêfega imaginação do escritor político, acostumado a envenenar



as ações de toda a gente, cujo procedimento é ou lhe parece misterioso, para então produzir em forma a minha defesa. Habitado como estás a julgar os homens pelas suas ações aparentes, não há para ti quem tenha ideias ou posição definida[,] desde que as não ande a apregoar *urbi et orbe*. Daí vem o perder-te em mil conjecturas atrás do motivo que determinou a minha ausência desta corte, e que resume afinal numa simplíssima questão de interesses pecuniários, que te não pode nem deve importar. Estás satisfeito?

ALBERTO – Afora as injustiças que arrogas ao meu caráter de jornalista, tudo mais aceito.

FREDERICO – Bem; e fica entendido que continuo a ser o mesmo Frederico, com as mesmas excentricidades, com as mesmas esquisitices e[,] sobretudo[,] com a mesma opinião acerca do casamento.

ALBERTO – Opinião que eu não desespere de ver[,] oportunamente[,] modificada.

FREDERICO – Criança! Não sabes o que é alimentar-se uma ideia fundada em fatos sucessivos e contristadoramente eloquentes!... Olha, Alberto, cada dia que se amontoa na voragem do passado deixa gravada na minha consciência mais uma prova da sensatez das minhas convicções; e cada minuto que me aproxima do futuro traz nas suas asas velozes mais uma convicção para a minha consciência. Não pretendo reformar o mundo; mas reconheço que o mundo precisa de reforma.

ALBERTO – O que quer dizer que, se pudesses, decretarias um novo dilúvio.

FREDERICO – Quem sabe?... Na hipótese de poder extinguir o mundo[,] talvez preferisse o fogo à água. A água asfixia, dilacera, mata; mas deixa o cadáver exposto à ação destruidora do tempo, infeccionando o ambiente de gases putrefatos. Não é senão deste fato que se originou a depravação que eu hoje observo no mundo moderno, o qual[,] ao nascer[,] foi obrigado a sorver o ar que o cadáver do mundo antigo empestava. Enquanto que o fogo, Alberto, na sua vertiginosa carreira, na violência de seu furor, na tirania de suas chamas[,] tudo destruiria, tornando estéreis os campos, espedaçadas as próprias pedras, e deixando no lugar onde outrora a desmoralização erguera o seu templo apenas um montão de cinzas que, voando com os ventos, perder-se-iam, como átomos imperceptíveis e inofensivos, no azul infinito dos espaços.

ALBERTO – Exageras, Frederico... Pareces a imagem desoladora do cepticismo.

FREDERICO – Que queres? É feito meu; e fôra mister que houvesse sofrido tanto como eu, para compreenderes o fundamento do meu azedume contra o mundo e contra as instituições. Tenho sido[,] desde muitos anos[,] testemunha calma e observadora dos acontecimentos que em torno a mim se desenvolvem. Vejo-os, comento-os no silêncio da minha consciência, compare-os e deduzo. Eis tudo.



ALBERTO – E que lucras com isso?

FREDERICO – Que lucro? A experiência, Alberto, a experiência que é a melhor conselheira da vida. Falas do casamento para exaltar-lhe<sup>21</sup> as virtudes e os benefícios; mas é porque, criança como és, ilusionista, imbuído de todas essas aspirações indefiníveis e sonhos esplendorosos que povoam o crânio da mocidade incauta, só lhe procuras as delícias, e não lhe estudas os defeitos e misérias. É mister que te convenças de que o casamento, socialmente considerado, e tal como entre nós o praticamos, é um erro, é um absurdo, é um monstro. É uma cadeia indissolúvel que não só liga, na frase do catolicismo, dois corpos numa só alma, usurpando a cada um dos seres uma parte intangível de sua liberdade, como unifica duas honras e duas consciências, tornando-as dependentes uma da outra e responsáveis uma pela outra. Pode ser sancionada por Deus, que fez a humanidade dividida em dois sexos, dos quais um muito mais fraco que outro, pode ser sancionada, digo, uma lei que coloca a dignidade, a honra, a vida do mais forte nas mãos caprichosas e inconsistentes do mais fraco? Não, decerto; isso seria negar à Suprema Divindade os atributos de infalível sabedoria que os teólogos lhe atribuem.

ALBERTO – Nem tanto. O divórcio modifica de modo evidente as condições do casamento católico.

FREDERICO – O divórcio... O divórcio!... Mas o divórcio é outra insensatez, é outro aleijão, é outra deformidade codificada por legisladores inconscientes e irrefletidos. O divórcio, no casamento católico, é a negação do próprio casamento. É como se eu te dissesse agora: *Ordeno-te[,] em nome de Deus, que rezes quatro padre-nossos e quatro ave-marias, e em seguida acrescentasse: mas, em nome da lei[,] te previno que não podes deixar de o fazer.* Se a lei da Igreja diz que os cônjuges ficam eternamente ligados por Deus, que é o poder superior; se leva o seu escrúpulo e o seu zelo ao ponto de declarar, por uma aberração de todos os princípios fisiológicos, que os dois corpos – de marido e mulher – ficam reunidos em uma só alma, como se pode admitir[,] sensatamente[,] um determinação promulgada pelos homens – poder inferior – que diz: *eu vos separo em nome da lei?* Ou Deus ou os homens... É mister escolher, porque não pode o menor absorver o maior. E depois: o que é que o divórcio remedeia?

ALBERTO – Livra o homem de um encargo que lhe pesa, e deixa-lhe a salvo a dignidade e a honra.

FREDERICO – Parece; mas não faz nada disso. Amas a tua mulher: ela te atraiçoa; mente à tua confiança: estrafega entre os dentes adúlteros a tua honra, e mistura nos beijos dados ao amante, por entre os soluços da concupiscência, as letras do teu nome. Divorcias-te: levavas para o obscuro recanto

---

<sup>21</sup> Exaltar-lhe.



onde desejas esconder o teu infortúnio e a tua vergonha a lembrança de um amor[,] que tanto mais se apura quanto mais infeliz é, e as dores da ingrati-  
dão com que foi compensado o teu afeto. Não a amas? Pior para ti. És deson-  
rado por uma mulher que nada te merecia. No cabo: divorciados os esposos,  
recuperam sequer a liberdade de amar, de sentir, de viver? Não; continuam  
presos um ao outro, indissoluvelmente unidos por Deus; e o desgraçado  
marido, ao ver a esposa prostituída, vendendo o seu corpo, e negociando os  
seus carinhos, sente que ela venda e negocia também, pela lei de Deus, uma  
parte de si mesmo, um pedaço da sua alma; porque o divórcio separa os  
indivíduos; mas não desfaz os compromissos solenemente contraídos.

ALBERTO – És paradoxal, Frederico...

FREDERICO – Não, sou pensador. Conheço eu uma dessas vítimas. E quando  
aportei a esta cidade, quando te conheci, quando te estimei, há seis meses  
apenas, acabava de assistir a um fato, que veio avigorar a minha crença, ou  
antes[,] a minha descrença. Sou teu amigo, Alberto, porque há uma coisa em  
que eu ainda creio: é na amizade. E sou-o tanto mais porque me apertaste a  
mão, sem me perguntar donde eu vinha e quem era. Falei-te; falaste. Com-  
preendeste-me; compreendi-te. Procurei-te; procuraste-me. Unimo-nos; eis  
a história da nossa afeição. Fica, porém, sabendo agora que fui obrigado a  
fugir do lugar onde morava por não poder resistir ao peso da vergonha de  
um... de um irmão meu, cuja honra foi sacrificada por uma mulher infame.

ALBERTO – Tu tens um irmão?!...

FREDERICO – Tive. O desgraçado... morreu!

ALBERTO – Morreu?

FREDERICO – Matou-se... Amava loucamente, santamente[,] uma menina,  
que parecia um anjo de candura e de bondade. Casou. Vivía feliz: para ela e  
por ela. Ainda se não haviam passado seis meses, e a esposa infiel atraícoa-  
va-me... meu irmão, entregando-se a um amante de outras eras. O marido  
abandonou-a: não teve forças para matar os infames, e dias depois encon-  
trava-se em plena rua com uma mulher que, em bacanal carnavalesca[,]  
dava-se em triste e repugnante espetáculo às famílias que a conheciam.

ALBERTO – E teu irmão... Não a matou?

FREDERICO – Não. Fugiu para nunca mais a ver... (*Algun tanto comovido[,]  
sobe até à janela do fundo*).

ALBERTO (*que tem ficado pensativo*) – Era este o segredo da sua tristeza. (*A  
Frederico*). Talvez tenhas razão, Frederico... Também eu penso[,] às vezes...  
Olha: tenho uma mãe moça, bonita, como se pode ser na sua idade. Sei que  
ela deve sentir dentro em si um vácuo deixado pela morte de meu pai e a  
necessidade de alguma afeição nova e consoladora. Mas, quando me lembro  
que ela pode pensar em casar, em esquecer aquele que tanto a amou, sinto  
não sei que dores íntimas que me desesperam. Penso que a viuvez não que-



bra os laços do matrimônio, que, sendo eterno, não pode findar com a vida de um dos cônjuges. E, por Deus[,] te digo, que no dia em que minha mãe desse um semelhante passo, eu teria de ver desfazer-se o meigo sorriso que brinca naqueles lábios (*indicando um retrato, que está na parede*)<sup>22</sup> e parar[,] no lugar dele[,] uma indizível expressão de dor. Não o fará, porém, porque nem ela será capaz de ceder a ninguém, no seu lado, o lugar que aquele homem ocupava, nem eu o consentiria jamais.

FREDERICO (*à parte*) – Que diz ele?!

#### Cena VI

OS MESMOS e JOÃO.

JOÃO – Está aí uma pessoa que deseja falar-lhe. Mando entrar?

ALBERTO – Para esta sala só entram as pessoas de minha família e os meus amigos. Já vou. (*O criado sai. A Frederico*). Dás licença? Volto já. (*Sai*).

FREDERICO – À tua vontade.

#### Cena VII

FREDERICO e ELVIRA.

FREDERICO (*fica recostado à janela[,] cismando*).

ELVIRA (*entrando, mal disfarça a sua agitação*) – Alberto já aqui não está?...

Cuidei que não acabavam mais a conferência...

FREDERICO – Por que, minha senhora? Tinha necessidade de falar-me?

ELVIRA – Sim: se o não visse hoje, se lhe não pudesse dizer tudo quanto sinto... Não sei: penso que morreria.

FREDERICO – Que há[,] então?

ELVIRA – O que há? É que a situação em que nos achamos é insustentável.

Faço-te a justiça de acreditar, Frederico, que todas as angústias por que tenho passado nestes últimos dias em que não pude ver-te, foram sentidas também por ti; quero crer que[,] efetivamente[,] negócios de suma importância ocasionaram a tua ausência: tudo te desculpo, tudo te perdoo; mas não posso mentir por mais tempo ao mundo, aos meus filhos, a mim mesma. Não sou eu livre, não és tu livre? Que te impede de ser legalmente meu, como eu já sou inteiramente tua? Aonde me quererá levar a tua obstinação? Que pretendes fazer de mim?

FREDERICO – Elvira. Deixa dizer-te ainda uma vez: também eu não posso quase suportar mais as angústias da situação difícil em que me coloquei. Quis fugir covardemente, e eis porque desapareci.

---

<sup>22</sup> Na edição original, essa rubrica consta como parte da fala da personagem: "... eu teria de ver desfazer-se o meigo sorriso que brinca naqueles lábios indicando um retrato, que está na parede e parar no lugar dele uma indizível expressão de dor".



ELVIRA – Querias abandonar-me, proclamar a minha desonra?  
FREDERICO – Queria fugir do abismo a que nos arrasta esta louca paixão. Não pude: voltei louco, desesperado, morto de saudade e de dores. E aqui estou, obrigado a mentir a teu filho, a pregar-lhe ideias que não professo, a enganá-lo[,] enfim...  
ELVIRA – Ponhamos, pois, termo a esse mistério: casemo-nos.  
FREDERICO – Impossível!  
ELVIRA – Impossível!!! Por quê?  
FREDERICO – Teu filho[,] agora mesmo, diante do retrato de seu pai, acaba de dizer-me que não crê que penses em colocar a teu lado outro homem e que nem ele consentirá jamais nessa profanação à memória de seu pai.  
ELVIRA – Oh! Meu Deus!... Então, fujaamos... Oh! Não... Abandonar meus filhos, perder-me, perdê-los, aviltá-los!  
FREDERICO – Bem vêes...  
ELVIRA – Pois bem, morrerei.  
FREDERICO – Elvira! E eu?!...  
ELVIRA – Tens razão... Que fazer, entretanto?  
FREDERICO – Esperar.  
ELVIRA – Esperar! Esperar! Quando sinto dentro de mim palpitar e agitar-se a prova do meu crime nefando!... *(Caindo no sofá, amparada por Frederico[,], que se senta junto dela)*.  
FREDERICO – Oh! Elvira, perdoa-me os males que te causo... *(Leva-lhe a mão aos lábios[,], como para beijar[,], ao tempo em que entra Alberto, que para à porta[,], admirado. Disfarçando)*. É um magnífico anel e um excelente brilhante.  
ELVIRA – Foi o último presente de meu marido...

#### Cena Última

OS MESMO e ALBERTO.

ALBERTO – Ah! Ah! Ah! Ia jurar em como estava diante de dois namorados e que tu ias beijar a mão à mãezinha.  
ELVIRA E FREDERICO – Alberto!... *(Em tom repreensivo)*.  
ALBERTO – Enganei-me[,] felizmente. Desculpas, Frederico? Perdoas, mãezinha?  
ELVIRA – Não...  
ALBERTO *(chegando-se a ela e beijando-a)* – Perdoas... por força.

FIM DO PRIMEIRO ATO.



## ATO II

*A mesma cena do primeiro ato.*

Cena I

JOÃO e BARBEIRO.

JOÃO (*espanando os móveis*).

BARBEIRO – Esteja Deus nesta casa. (*Trazendo consigo um estojo de navalhas e mais pertences de seu ofício*). Bom dia, senhor João.

JOÃO – Bom dia, seu Chico, então[,] como vai isso?

BARBEIRO – Assim... Assim... Vamos indo como Deus é servido: hoje com muito, amanhã com pouco, sempre se vai vivendo menos mal. O senhor Alberto ainda dorme?

JOÃO – Pois não dormiste... Há duas horas que está à sua banca, escrevendo para as *Gazetas*.

BARBEIRO – Ah! Ele também escreve pras folhas?

JOÃO – Se escreve pras folhas?! Você está às cegas: não vê nada... Esses homens das monarquias têm-lhe um ódio de morte, por causa do que ele põe contra eles lá no seu jornal. Aquilo é que é dizer as coisas como as coisas são! *Tim tim por tim tim; pão-pão; queijo-queijo*.

BARBEIRO – Mas tão moço... Já metido nessas barafundas! Nos tempos de agora, seu João, as coisas andam às avessas. Fossem lá dizer ao meu pai que eu[,] aos vinte anos[,] pensava sequer em escrever para jornais, para verem como ele me escrevia às costas com uma suculenta pena de vara de marmeleiro. Você está a ler... Não sabe a cotia por onde assoviava, no tempo do pão de rala e do capote de camelão.

JOÃO – Que quer, seu Chico? É o progresso... Atrás de tempo vem tempo; depois de tempo, tempo vem. Pois o senhor Alberto, aqui onde o vê, é procurado por muitos grandes da terra, e todos o ouvem com muito cuidado e atenção. Deixou de ser doutor porque brigou lá com um dos lentes e entendeu dever dizer-lhe[,] em plena Faculdade[,] que ele não sabia nem onde tinha o nariz. Seu Chico, você é que anda a ler... Olhe, a estas horas[,] lá está ele, no seu gabinete, rodeado de livros, a escrever. E isto é todos os dias: levanta-se às seis horas, trabalha até às oito; depois vosmecê lhe faz a barba e ele lê os jornais, que já aqui estão; veste-se; vai tomar a benção à mãe e beijar a irmã, com as quais conversa até que sejam horas de almoço. Não tarda por aí, e vosmecê deve ir tratando de preparar as suas navalhas.



BARBEIRO (*enquanto fala, vai preparando os utensílios para barbear*) – Ó seu João, diga-me cá uma coisa... O senhor Alberto não para muito tempo em casa?...

JOÃO – Por que pergunta isso?!...

BARBEIRO – Deus sabe que o não faço com má intenção. Mas, ouça bem, rosna-se por aí umas certas coisas...

JOÃO ( *fingindo-se ignorante e em tom de severidade*) – Que coisas, seu Chico?

BARBEIRO – Não, não vai a zangar... O senhor sabe perfeitamente o que é uma barbearia, posto que, penso, nunca foi meu colega.

JOÃO – Graças a Deus...

BARBEIRO – Graças a Deus não, que o ofício não desonra. Mas, como lhe ia dizendo: vai lá à casa muita gente[,] e gente de todos os caracteres. Ora, imagina que há poucos dias estava eu a raspar[,] muito consciente e tranquilamente[,] a caraça de um freguês, quando lhe ouço dizer para outro amigo[,] que o acompanhava: *são dessa laia os Catões modernos*. À força de ensinarem aos outros moralidade ficam sem nenhuma para o gasto de casa. Aí está esse tal Alberto da Cunha, jornalista, republicano, mas que não passa de um grande criançola, na minha opinião, a jogar doestos às nossas mais puras e santas instituições, sem reparar que, enquanto se perde nas ruas farejando escândalos e fazendo praça de ideias absurdas e revolucionárias para constituir reputação, a mãe e a irmã, em casa, encarregam-se de a comprometerem. É reparar para a frequência das visitas do tal Frederico... Olhe que não sou eu quem digo estas coisas. Ouvi-as.

JOÃO (*à parte*) – Começam as murmurações... já. (*Alto*). São mentiras, seu Chico, que vosmecê não deve repetir.

BARBEIRO (*pouco convencido e verificando[,] na palma da mão[,] se a navalha está afiada*) – Desde que vosmecê o afirma... Já não está aqui quem falou.

JOÃO – Aí vem o senhor Alberto. (*Sai e volta pouco depois, trazendo uma bacia com água e toalhas de rosto*).

## Cena II

BARBEIRO e ALBERTO.

ALBERTO – Bom dia, senhor Francisco. Hoje veio cedo.

BARBEIRO<sup>23</sup> (*com muitas medidas*) – Mas não tão cedo, que o não achasse já de pé e trabalhando.

---

<sup>23</sup> Na edição original: FRANCISCO



ALBERTO – Ah! Eu gosto muito de trabalhar nas primeiras horas do dia. Então[,] que há de novo?

BARBEIRO – Nada sei.

ALBERTO (*sentando-se e tomando os jornais de cima da mesa – começa a lê-los, enquanto o Barbeiro lhe põe a toalha ao pescoço*) – Está [aí] uma coisa em que eu não acredito. Toda a gente tem o direito de não saber novidades, menos os barbeiros.

BARBEIRO (*sorrindo servilmente*) – Vossa senhoria está sempre disposto...

ALBERTO – A casa de um barbeiro é a praça do comércio de todas as verdades e de todas as mentiras. Nela[,] tem alta cotação a calúnia, e a difamação passa por ser gênero de primeira necessidade. Vamos, ponha-me ao fato de seus preços correntes.

BARBEIRO (*à parte*) – Vontade tinha eu, lá isso tinha... (*Alto, em tom subser-viente*). Não sei, não sei de coisa alguma. Sou talvez o único barbeiro que tem sempre os ouvidos tapados às murmurações dos fregueses.

ALBERTO – Sendo assim, bem merecia que se o mandasse para a Exposição Internacional, como um verdadeiro aborto – de sua espécie.

BARBEIRO – Não merecia essa honra, senhor Alberto...

ALBERTO (*que tem fixado mais a atenção sobre o jornal que estava lendo, não atende às palavras que o Barbeiro lhe dirige*).

BARBEIRO (*com o pincel e a navalha em mão[,] pronto para começar o serviço*) – Fará o favor de levantar um pouco a cabeça... Fará o favor de erguer mais a cabeça... (*Alberto faz um ligeiro movimento de contrariedade[,] originado pela leitura a que procede*). Mais para trás... (*Vai para ensaboar-lhe o rosto[,] tendo a navalha na mão, ao tempo em que Alberto, machucando entre mãos o jornal, levanta-se repentinamente, gritando*).

ALBERTO – Infames!...

BARBEIRO (*recuando, assustado*) – Cortei-o; desculpe, não foi por querer.

ALBERTO – Infames!... Não podendo bater-me no terreno das ideias, ferem-me naquilo que mais prezo.

BARBEIRO – Não foi por querer que o feri... Eu estava há uma porção de tempo a recomendar-lhe que levantasse mais a cabeça... Vossa senhoria não fez caso...

ALBERTO – E são estes os que se dizem os sacerdotes da imprensa e arautos da opinião!... Mentira... Sabem nodoar, conspirar, rebaixar, aviltar esse apostolado sublime, que não lhes é, nas mãos impuras e venais, mais do que o instrumento de ódios e paixões ignóbeis... Não são operários de nenhuma ideia; não são obreiros de nenhuma causa justa; são assassinos morais, bandidos repelentes, abrigados à sombra de uma grande bandeira. Ah! Que os não possa esmagar a todos!... (*Fitando[,] com sombria expressão de ódio[,] o jornal que tem entre mãos*).



BARBEIRO – *Hom’essa!... (Vai arrumando as navalhas e guardando os objetos no estojo, que está sobre a mesa).*

ALBERTO – E estão escritas aquelas horríveis palavras que li; e este jornal foi distribuído, e toda a gente o pode ler!!... Agora, ao sair desta casa, onde hei de esconder estas faces, onde hei de ocultar esta vergonha?... *(O Barbeiro vai se escamando[,] sorrateiramente[,] com ares de medo. Alberto continuando, numa transição rápida).*<sup>24</sup> Mas, vergonha do quê?... Pode[,] porventura[,] a calúnia desbragada fazer curvar a cabeça a um homem de bem? Quem se atreve por aí a duvidar dela, dessa santa, dessa criatura divina, em cujos seios bebi o primeiro alimento da vida, em cujos conselhos aprendi as primeiras noções do saber e da virtude, em cujos olhos pude sempre ler a transparência de uma consciência pura e imaculada? Haverá, porventura, um homem, um só que a conheça, que não levante a voz para bradar ao autor destas linhas: “Mentes!... Elvira é uma mulher honrada e Frederico um amigo fiel...”. Eu não descreio de ti, ó minha mãe! Mas esta mentira fere-me de morte!... *(Deixa-se cair desalentado sobre uma cadeira. De repente, como que se lembrando da presença do barbeiro, levanta-se, procurando dissimular a comoção. Volta-se e[,] não o vendo, diz):* Felizmente – saiu; teve o bom senso de sair. Ouviria ele as minhas palavras?! Entretanto, preciso providenciar. Devo dizer à minha mãe estas coisas? Oh! Não: seria matá-la. Que eu só sofra, e que ela nem suspeite sequer dos transe amargosos por que estou passando.

### Cena III

ALBERTO e EDUARDA.

EDUARDA *(apresentando a face a Alberto, que a beija)* – Bom dia, senhor madrugador. Teu rosto espinha... Não fizeste a barba?

ALBERTO – Não, maninha, sinto-me hoje um tanto adoentado.

EDUARDA – Que fazias, então?... Que papel é esse que tens machucado entre mãos?

ALBERTO *(reparando e disfarçando)* – Ah! Um de tantos jornais que me deem e emprestem-me intenções que não alimento. Ainda não estou de todo acostumado a estas lutas e a este constante envenenamento de tudo o que é justo, nobre e consciente. E, ao ler estas verrinas<sup>25</sup>, sou acometido de uns acessos de ódio, que dão em resultado reduzi-las a este estado.

---

<sup>24</sup> Na edição original, a rubrica aparece dividida em duas, integrando parte dela a fala da personagem: “*(O Barbeiro vai se escamando sorrateiramente com ares de medo)*”. Alberto continuado. *(Numa transição rápida)*”.

<sup>25</sup> Cada um dos discursos do maior dos oradores romanos, o político e escritor Cícero (106 - 43 a.C.), contra Caio Verres (c. 120 - 43 a.C.), pró-cônsul romano. Por extensão,



EDUARDA – Por isso, eu e a mãezinha não lemos nunca os jornais[,] para não vermos a maneira injusta e brutal por que te tratam os teus inimigos e adversários.

ALBERTO – E fazem bem... A leitura de folhas como esta, longe de instruir, de educar, de ensinar, vicia e corrompe. Estes jornais têm as propriedades deletérias dos miasmas: – putrificam tudo em que pousam e todos que lhes tocam.

EDUARDA – Toma, então, cuidado em não esqueceres de lavar as mãos quando deixares esse que aí tens.

ALBERTO (*com decisão rapidamente tomada*) – Então, Eduarda?... Já acabaste o bordado?

EDUARDA – Quase. Falta-me apenas pôr-lhe umas iniciais, que a seu tempo...

ALBERTO – E por que não lhe as pões já?

EDUARDA – Por uma razão simples: porque, conforme o que convencionalmos, tenho de pôr lá o nome da pessoa a quem amar, e como essa pessoa ainda não apareceu...

ALBERTO – Queres iludir-me a todo o transe. Eduarda, tu amas Frederico.

EDUARDA – Alberto! Que ideia!...

ALBERTO – É uma ideia como outra qualquer, mas que se funda na observação e na experiência. Deves confessar-mo. Prometo que nada direi à mãezinha.

EDUARDA – Mas se eu não tenho coisa alguma a confessar-te.

ALBERTO – Tens, sim; em vão te obstinas em negar. Preciso que sejas franca comigo[,] para poder ser também contigo.

EDUARDA (*rápida*) – Ele disse-te alguma coisa a meu respeito?...

ALBERTO – Vês como o coração te trai? Os amores puros e inocentes, como o teu, são todos assim. Por mais esforços que a gente empregue para escondê-los, para recalá-los no fundo da alma, eles estão sempre a transparecer de nossos sorrisos, de nossos olhos, de nossas palavras, de nossas ações. Parece que há[,] dentro de nós mesmos[,] uma grande força impulsora que tanto mais rapidamente e mais longe arremessa para fora o afeto que se pretende esconder, quanto maior é a violência que sobre ela se tenta exercer.<sup>26</sup>

ALBERTO – Então, Eduarda: não sou eu teu irmão?

EDUARDA – Pois bem, Alberto. Dir-te-ei a verdade do que sinto. Não sei se o amo, nem sei mesmo dizer-te o que possa ser o amor. Mas penso que[,] se

---

censura violenta comumente escrita ou feita em discurso público ou crítica apaixonada e violenta.

<sup>26</sup> Considerando que após esta fala de Alberto aparece outra da mesma personagem, é de supor que, na edição original, tenha sido suprimida uma fala de Eduarda ou, então, uma rubrica.



um dia tiver de querer a alguém tanto como a ti, tanto como à mãezinha, esse alguém será ele...

ALBERTO – Ora, aí tens: é isso mesmo. Tenho razões para acreditar que és correspondida. Devo, entretanto, prevenir-te de que Frederico é[,] ou finge ser[,] o mais acérrimo inimigo do casamento. Ah! Mas não te dê isso cuidado... Havemos vencer a sua repugnância pelo nó matrimonial. Cumpre, porém, que sejas reservada e nada digas à mãezinha de nossos projetos, por ora. Bem sabes como ela pensa acerca de casamentos. Entende que a gente deve casar, quando já a vida se torna pesada e fastidiosa.

#### Cena IV

#### OS MESMOS e ELVIRA.

ELVIRA – Pensei que haviam fugido. Não tinha tido ainda a dita de vê-los hoje. (*Eduarda e Alberto beijam-lhe a mão e a face*).

ALBERTO (*em toda esta cena[,] e na precedente[,] deve mostrar-se constrangido*) – Preparávamo-nos[,] agora[,] para ir dar-te os bons dias.

ELVIRA – Já não seria sem tempo.

EDUARDO – Alberto estava a queixar-se de uma ligeira indisposição, que o impediu de fazer hoje a barba.

ELVIRA (*solícita*) – Sentes-te doente?

ALBERTO – Não, mãezinha. Estou bom. Passou. Indisposição consequente de um mau sonho.

ELVIRA – Ah! Tiveste sonhos maus?

ALBERTO – Sim. Voltei aos tempos da minha infantilidade e sonhei que tinha sido arremessado do cume de um rochedo às profundezas de um mar, cujas águas tinham a propriedade de enegrecer tudo aquilo em que tocavam.

ELVIRA – Extravagante sonho! Entretanto[,] consegui impressionar-te.

ALBERTO – Não, mãezinha. Apenas um forte abalo nervoso, que me impediu de conciliar o sono e dormir com a tranquilidade do costume. Agora, porém, vou caminhar um pouco e, à volta, já não me restará sequer a lembrança de semelhante sonho. Permites, não?

ELVIRA – Até logo, Alberto. (*Alberto vai a sair*). Então, não me dás o beijo da despedida?

ALBERTO – Perdoa: ia fazer *toilette* e contava voltar aqui, a fim de cumprir esse dever. (*Beija-a e sai*).



Cena V

ELVIRA e EDUARDA.

ELVIRA – Acho Alberto[,] hoje[,] assim[,] não sei como...

EDUARDA – Resultado de uma noite mal dormida. Daqui a instantes voltará a ser o mesmo Alberto de sempre.

ELVIRA – Deus queira. (*Sentando-se*). Então... O bordado?

EDUARDA – Estou para dar-lhe a última de mão.

ELVIRA – E já tens a quem oferecê-lo?

EDUARDA – Não, mãezinha. Mas hei de achar; não entende que devo achar?

ELVIRA – Mais tarde... sim. Por hora, estás muito menina, e precisas bem cuidar ainda de ti. Não sigas as teorias de teu irmão, que é tão criança como tu. Falo-te com a experiência de quem... já amou. Era ainda muito moça: era de tua idade. Comecei a sentir dentro de mim um quer que era de extraordinário[,] que me transportava a mundos ignotos e me dava a perceber umas venturas que eu nunca havia sonhado. Casei, minha filha, e tu vês: no fim de seis anos, a morte rompia para sempre os laços que o amor e a religião haviam atado[,] e eu tive de resignar-me a uma viuvez precoce, cujo único enlevo eram os filhos. Na época justamente em que o meu coração mais precisava de ser compreendido; no tempo em que começavam a desenvolver-se em mim os germens frutificadores de todos os afetos que devem ligar eternamente marido e mulher – a morte roubava-me o esposo e deixava-me dois orfãozinhos. Imaginas lá o que eu senti; as dores que suportei; as angústias que afligiam esta pobre alma!

EDUARDA – Pobre mãezinha!

ELVIRA – E aí fiquei. Em plena mocidade, amando com todas as veras da alma, mas só, só – das afeições conjugais e arrimada apenas aos sorrisos de duas crianças, que eu tanto mais amava quanto mais fundos e dilacerantes eram os tormentos que me afligiam. Não te cases tão moça, Eduarda. Foge de que possa acontecer-te o mesmo que sucedeu à tua desditosa mãe.

EDUARDA – Descansa, querida. Inspirar-me-ei nos conselhos do teu extremo amor e da tua dolorosa experiência. Agora, vamos ao jardim[,] que eu quero mostrar-te como está bonito o meu canteiro de violetas.

ELVIRA – Vamos. (*Saem*).

Cena VI

JOÃO e BARBEIRO, entrando.

BARBEIRO – Não, senhor João: venho apenas buscar uma navalha que cá me ficou.

JOÃO – Mas, dizia então que o senhor Alberto não fez a barba.



BARBEIRO – Pois havia de fazê-la!... Quando eu me preparava para ensaboar-lhe o rosto, e tinha já na mão a navalha, levanta-se e[,] amarrotando um jornal que estava lendo, arregala os olhos e grita – infames!

JOÃO – Essa agora!

BARBEIRO – É o que lhe digo. Peço-lhe desculpa se o havia cortado, e ele responde que eu não podendo batê-lo no terreno das ideias... Lá nisso ele tinha razão, que cabeça<sup>27</sup> há de ser como a dele... Vingava-me ferindo-o no lugar que ele mais prezava, o rosto, sem dúvida, – porque bonito é ele, lá isso é.

JOÃO – Você está a escarnecer de mim, seu Chico.

BARBEIRO – Por Deus e um patacão[,] lhe juro que é a pura verdade. E vai ele[,] então[,] desanda numa tremenda descompostura, durante a qual eu arrumo apressadamente a ferramenta e ponho-me a safar. Infelizmente[,] esqueço uma navalha, que é o que aqui venho buscar.

JOÃO – Enfim... Você o diz. Aqui está a sua navalha. (*Dá-lhe a*).

BARBEIRO – Coitado! Aquilo será talvez de muito estudar!... Olhe, senhor João, diga-lhe sempre que eu não posso mais fazer-lhe a barba: que procure outro.

JOÃO – Mas[,] por quê?

BARBEIRO – Não, não... O acesso pode-se-lhe repetir um dia[,] com menos sucesso para mim. O seguro morreu de velho, diz o adágio. E adeus, que tenho gente à minha espera. (*Sai*).

JOÃO – Adeus, seu Chico...

#### Cena VII

JOÃO e ALBERTO.

ALBERTO – Quem estava aqui?

JOÃO – O barbeiro[,] que veio fazer as suas despedidas, dizendo que não pode continuar a cá vir todos os dias.

ALBERTO – Bem: veja outro que o substitua. Se aqui vier o senhor Frederico[,] diga-lhe que me espere.

JOÃO – Sim, senhor. (*Vai a sair e volta*). *Aí vem ele.*

ALBERTO – Deixe-nos.

#### Cena VIII

ALBERTO e FREDERICO.

ALBERTO – Ia procurar-te.

---

<sup>27</sup> Na edição original, “cadéca”.



FREDERICO – E eu venho ver-te. Encontrei aí[,] à porta[,] o teu barbeiro[,] que me disse estares incomodado[,] e subi a saber o que sucedera.

ALBERTO (*sem responder, deposita o chapéu sobre a mesa e fecha as portas do interior*).

FREDERICO (*desconfiado*) – Para que essas precauções?...

ALBERTO – Vais sabê-lo. Frederico, neste momento, mais do que nunca, preciso que me dêes prova cabal da tua amizade. E princípio por exigir de ti a maior fraqueza.

FREDERICO – Assusta-me...

ALBERTO – Ainda ontem o disseste: há seis meses que nos conhecemos; estimei-te e abri-te as portas do meu lar; fiz-te coparticipante das minhas alegrias domésticas. Não perguntei quem tu eras. Encontramo-nos por acaso: um laço misterioso[,] desde logo[,] nos atraiu um para o outro, e mais tarde – a elevação das tuas ideias, a independência do teu caráter, fizeram com que eu te estendesse lealmente a mão e te oferecesse a sinceridade da minha estima que, benevolmente, aceitaste. Não é isto verdade?

FREDERICO (*confuso*) – É, sim... Mas esse exórdio?...

ALBERTO – O acaso tem destas curiosas anomalias: estava reservada àquele a quem entreguei de boa mente a minha amizade; àquele em cuja lealdade, em cuja nobreza de sentimentos confiei[,] e confio ainda[,] como na minha própria, a missão de concorrer inconscientemente para a minha desgraça, cavando, por uma cruenta irrisão da sorte, a desonra dos entes que me são mais caros...

FREDERICO – Alberto!... (*Assustado*). Não te compreendo.

ALBERTO – Não podes compreender. Há meia hora que exerço[,] sobre mim mesmo e sobre os impulsos de meu coração angustiado e ferido[,] uma violência indescritível. Atlante<sup>28</sup> de uma nova espécie[,] tenho sobre meus ombros[,] neste momento[,] não o peso do céu, mas o peso de um inferno, com todos os seus horrores. Calcula, se podes, o que é ter-se uma família, uma família a quem se ama com toda a veemência e toda a dedicação; ter uma mãe boa, santa, digna e virtuosa; uma irmã pura, meiga, virgem e cândida; ter-se a gente feito homem, antes de o ser, pela necessidade de ampará-las e protegê-las; haver adquirido[,] a custa de trabalhos, sacrifícios e abnegação[,] uma reputação de honestidade, e ver[,] em um instante[,] tudo isso ameaçado pela calúnia infame e reles, pela traição torpe e repelenta.

FREDERICO – Mas... Alberto...

---

<sup>28</sup> Do grego Atlas, “titã que carregava aos ombros a abóbada celeste”. Diz-se do homem muito forte, agigantado, hercúlio, atlântico.



ALBERTO – E o que é mais: sentir que a origem de todos esses males é um amigo, a quem se não pode responsabilizar pelas desgraças que ocasiona, porque é inocente.

FREDERICO – Com que[,] então?...

ALBERTO – Sim: és tu a causa do meu infortúnio e da minha desesperação. A amizade com que te trato, a franqueza que entre nós existe, a frequência de tuas visitas a esta casa, a maneira sinceramente fraternal e amistosa porque aí és recebido, tudo isso tem servido de alvo aos ataques da maledicência, que não perde ensejo de fazer vítimas onde quer que as possa encontrar. Vingam-se os ódios políticos no amor da família. Vê tu que infâmia!...

FREDERICO – Tremo de compreender-te, Alberto. Até hoje, penso ter procurado corresponder à confiança que em mim depositas. De que desgraças me falas, a que desonras te referes?

ALBERTO – Vais sabê-lo. Confio tanto em ti, Frederico, que estou certo acharás meios de reparar os meus infortúnios[,] sem sacrifícios. Vou mostrar-te um jornal; lê-o, e faz depois o que te aconselhar a consciência e a amizade.

FREDERICO (*sôfrego*) – Vejamos. (*Recebendo o jornal das mãos de Alberto, abre-o e[,] à medida que vai lendo, empalidece*). Oh! Mas isto é uma calúnia!...

ALBERTO – E quem por aí se atreverá a negá-lo? Tu que a conheces, Frederico, que sabes quantos tesouros de virtude se aninham naquela alma generosa; tu, que, inscientemente<sup>29</sup> a comprometes, tu, que sem ser seu filho a adoras, como eu, com o sentimento de veneração[,] que a bondade e a nobreza de caráter impõem a todos os corações bem formados, dize se há martírio igual ao nosso? (*Frederico mantém-se pensativo*). Os bárbaros! E não se satisfazem de duvidar dela, de cuspir a baba hedionda da calúnia vilã às fimbrias do negro vestido de uma honesta viuvez e de uma viúva maternidade... Vão mais longe: atiram-se como chacais, sedentos de sangue, sobre a virgindade inofensiva e indefesa, atribuindo-lhe convívio incestuoso no adúltério póstumo da esposa! Ah! É demais... (*Depois de pausa*). Vamos!... Que fazer?

FREDERICO (*depois de longa pausa, aperta em silêncio a mão de Alberto e[,] tomando o chapéu, vai sair*).

ALBERTO (*tomando-lhe o passo, e com expressão de dolorosa ironia no semblante amargurado*) – É isto, então, o que te aconselha a consciência e a amizade?!...

FREDERICO – É...

ALBERTO – Não te ocorre[,] então[,] um outro meio de conjurar a crise que me assoberba?

---

<sup>29</sup> Não cientemente.



FREDERICO – Este.

ALBERTO (*ainda irônico*) – Na verdade... Tens razão. A honra de uma família que não é a nossa não pode ter[,] para nós[,] mais do que o valor do cão que nos não pertence... Que loucura a minha, pensar que tu podias colaborar na obra da reconstrução de minha honra atassalhada!<sup>30</sup> Pois é... a amizade!... Quem há que, em pleno século XIX, no domínio exclusivo do positivismo, acredite nesse sentimento abstrato e sem significação?... (*Pausa, e dando-lhe lugar para passar*). Vai-te...

FREDERICO (*voltando*) – Alberto, eu quisera que lesses na minha alma... Só assim saberias que inimagináveis tormentos a pungem neste momento... (*Com dificuldade aparente*). Quisera que... Que o teu olhar pudesse penetrar no mais íntimo do meu peito, para que... Por ti mesmo... Por teus olhos próprios... Visses a luta tremenda que tenho travada dentro de mim!... Imaginas lá o que eu sinto... Quão fundo me ferem as armas traiçoeiras com que te batem os teus inimigos!?... Aí tens: fui recebido nesta casa, que é tua, com a cega confiança da amizade e dela me aproveitei incauto, sem me recordar que aqui existiam uma viúva[,] moça e bela, e uma virgem[,] inocente e formosa. Vi essas duas criaturas, e , doido que eu sou!... Sem refletir que a sociedade tem exigências imperiosas e fatais, sem cogitar que o mundo pensa mais no mal que no bem, deixei-me levar pela ventura de respirar a doce e suavíssima atmosfera do teu lar, purificado pelo hálito de tua mãe e irmã, esquecendo que, enquanto assim era, a maledicência e a calúnia aguçavam lá fora as garras traiçoeiras... Que queres que eu te aconselhe? Que exiges que eu faça?... Posso, porventura, dizer ao mundo – cala-te; dizer à maledicência – mentes? A calúnia tem isso: se uma só boca basta para apregoá-la, milhares delas seriam insuficientes para desfazê-la. – Há um mau destino que por toda a parte me persegue. Força é, pois, fugir dele, enquanto para isso tiver forças. Ontem – a desonra de meu no... de meu nobre irmão abrigava-me a abandonar[,] para sempre[,] a terra natal, e a vir esconder nos ruídos da corte a minha vergonha... Hoje – a calúnia me violenta a deixá-la, para que fique a salvo a honra de um amigo... Alberto, eu parto... Para sempre. Adeus. (*Vai a sair*).

ALBERTO (*sempre irônico*) – Nunca pensei, Frederico, que o teu talento te sugerisse um meio tão original de salvar a minha honra ultrajada e suspeita!... Com efeito!... Este jornal (*indicando o jornal que Frederico lhe tem entregue[,] depois de ler*), este infame jornal diz que tu tens amores ilícitos com... minha mãe... Atende bem!... Minha mãe!... E que minha irmã coparticipa das delícias desse crime... Está lançada sobre o nome de uma família

---

<sup>30</sup> Despedaçada, difamada.



inteira uma nódoa indelével e infamante, que, não só afeta a dignidade de três pessoas que vivem e sentem e amam-se e compreendem-se, como...

FREDERICO (*à parte*) – Meu Deus! Que tormento!...

ALBERTO – Como... levantando a pedra de um sepulcro venerando, vai lá, bem no fundo, revolver as cinzas de um morto honrado, cuja memória é digna dos maiores respeitos. Pois bem: em tão difícil e dolorosa contingência[,] o que faz aquele que é a origem, embora inocente, mas em todo o caso a origem desses males? Foge, foge covardemente, o que equivale a dizer aos caluniadores: vocês têm razão; vocês disseram a verdade, e não serei eu que me encarregue de autorizar[,] com a minha presença[,] que o filho ultrajado procure desafrontar a honra de sua mãe! (*Depois de pausa*). Mas que fazes ainda aqui? Foge, vai-te, sai, porque eu posso ainda exigir que me reabilites diante do mundo... Mas livra-te de dizer-lhe uma única palavra a respeito do que sabes... Far-te-ei responsável pela primeira lágrima que se desprender de seus cílios. (*Aponta-lhe a porta[,] em silêncio*).

FREDERICO – Alberto! (*Vai a sair[,] cabisbaixo; Alberto chama-o*).

ALBERTO – Frederico!... Perdoa-me. O infortúnio enlouquece-me. Dize-me franca, sinceramente. Despe uma vez ao menos essa capa paradoxal com que encobres dos estranhos o teu coração e a tua consciência. Amas minha mãe?

FREDERICO (*conserva-se em muda e latente luta; faz depois um movimento para falar e arrepende-se*).

ALBERTO (*insistindo, desconfiado*) – Amas minha mãe, Frederico?...

FREDERICO (*resoluto*) – Não.

ALBERTO – Já o sabia... Não a amas, não. Tu... amas Eduarda?...

FREDERICO (*faz um movimento de assombro*).

ALBERTO – Enganei-me?

FREDERICO – Enganaste-te.

ALBERTO (*desconsolado*) – É terrível!... Pois bem: um último favor. Eduarda ama-te... Oh! Sim, ama-te, disse-mo já. Não a correspondeste agora; hás de correspondê-la mais tarde. Ela é meiga, é boa, é virtuosa, é inocente. Fá-la feliz, e salva-nos a todos da desonra que nos ameaça. O mundo compreenderá então o verdadeiro motivo de tuas visitas frequentes, reconhecerá a sua injustiça e ficaremos reabilitados. Casa-te, Frederico.

FREDERICO – Impossível.

ALBERTO – Impossível! Por quê?

FREDERICO – Nunca me casarei.

ALBERTO – Nunca?

FREDERICO – Nunca.

ALBERTO – Então... sai. (*Frederico sai e Alberto, deixando cair o jornal que ainda tem entre mãos[,] sai também[,] desorientado*).



Cena Última

EDUARDA, só.

*(Entra, como quem tem estado à espreita, apanha o jornal[, ] comovida, lê, e vai pouco a pouco desfalecendo sobre a cadeira que lhe está próxima).*

FIM DO SEGUNDO ATO.



### ATO III

*A mesma cena dos atos anteriores.*

Cena I

JOÃO e BARBEIRO.

*(É noite. João ocupa-se em iluminar o gabinete).*

BARBEIRO *(à porta)* – Dá licença, senhor João?

JOÃO – Que há, seu Chico?... É preciso prevenir-lhe que vosmecê, desde que deixa de ser o barbeiro do senhor Alberto, não pode mais entrar neste gabinete, onde só tem ingresso os seus parentes e amigos.

BARBEIRO – Aceito a observação, e procurarei[,] doravante[,] cumpri-la religiosamente, muito especialmente se for bem sucedido na missão que aqui me traz.

JOÃO – Então, o que quer o senhor?

BARBEIRO – Pouca coisa: receber o honorário dos meus serviços[,] até ontem.

JOÃO – Tanto medo tinha que lhe não pagassem, que vem receber a conta a esta hora, nove da noite.

BARBEIRO – Longe de mim semelhante afronta à inteireza de caráter de seu patrão, cuja infelicidade ainda lamento. Lá que ele havia de dar em doido – sabia eu. Bastava ler o que ele escrevia. Sempre era uma criatura que pregava a revolta, dizendo que o povo não tem liberdade, quando é sabido que a temos em demasia. Se vim a esta hora é que os negócios hoje correram mal e amanhã[,] muito cedo[,] tenho de pagar os direitos de indústria e profissão, pois finda-se o prazo.

JOÃO – Está bom. Dispensó os seus comentários. Dê-me a conta.

BARBEIRO – A conta?! Sim... A conta cá está. *(Entrega-lhe um papel).*

JOÃO *(examinando-a)* – Espere um pouco: vou buscar-lhe o dinheiro. *(Sai).*

Cena II

BARBEIRO e depois ELVIRA.

BARBEIRO *(verificando que está só, chega à porta da E. e chama[,] com voz abafada)* – Senhora dona Elvira... Ó senhora dona Elvira!...

ELVIRA *(entrando)* – Quem me chama?

BARBEIRO – Desculpe vossa excelência a liberdade que tomei em chamá-la; porém...

ELVIRA – Quem é e o que quer?



BARBEIRO – Eu sou o ex-barbeiro do senhor seu filho... O barbeiro de ali em frente, pegado ao doutor Costa... E vim receber a importância dos meus honorários...

ELVIRA – Não de lhe ser pagos. E para isso me chamou?

BARBEIRO – Não, minha senhora... O senhor Frederico...

ELVIRA (*rápida*) – Diz o senhor?!

BARBEIRO – Não digo, não, senhora; agora é que eu ia dizer.

ELVIRA (*dissimulando a sua curiosidade*) – Fale, então...

BARBEIRO – Como ia dizendo, o senhor Frederico saiu hoje daqui[,] pela manhã[,] muito preocupado e aflito. Entrou-me pela porta adentro, e disse-me assim: senhor Francisco... Ele é um dos poucos que me não chama de Chico... Senhor Francisco, sei que o senhor vai todos os dias à casa de Alberto. – Engana-se, respondo-lhe eu: ia, agora não vou mais. – Por quê? diz-me ele. – Porque hoje me despedi do seu serviço. Vai ele, então, contesta-me: – E não poderia lá voltar hoje[,] mesmo sob qualquer pretexto, se eu disso tivesse necessidade? – Conforme. – Bem: chegue até lá; procure falar à excellentíssima senhora dona Elvira... e...

ELVIRA (*ansiosa*) – E...

BARBEIRO – Entregue-lhe isto...

ELVIRA – Mas[,] isto o quê?...

BARBEIRO – Era uma carta. O senhor Alberto, continuou ele, corre um sério perigo: fui preveni-lo, e ele ainda em cima zangou-se comigo e correu-me pela porta fora. É preciso, pois, dar disso conhecimento à sua digna mãe[,] para que lhe evite alguma desgraça. Eis porque tomo a liberdade de escrever a essa senhora e rogo-lhe o favor de encarregar-se da entrega da carta.

ELVIRA – Meu filho! Em perigo?!... E então... A carta?

BARBEIRO – E, então[,] eu, conjeturando que se tratava de praticar uma boa ação, aceitei a incumbência, e... (*Tirando a carta do fundo do chapéu*). E aqui está a carta.

ELVIRA – Oh! Obrigada... Obrigada...

### Cena III

#### OS MESMOS e JOÃO.

JOÃO (*à entrada de João, Elvira esconde rapidamente a carta*) – Aqui está, seu Chico; demorei, porque ele estava ocupado a escrever.

BARBEIRO – Obrigado... (*Com muitos cumprimentos*). Sempre às ordens... Minha senhora. (*Saindo[,] diz à parte*). Trabalhei como um Herrmann.<sup>31</sup>

JOÃO – Deseja alguma coisa?

ELVIRA – Nada. (*João sai*).

---

<sup>31</sup> Senhor ou amo.



Cena IV

ELVIRA só, depois EDUARDA.

[ELVIRA] (*só, depois de verificar que ninguém a escuta, rasga febrilmente o envoltório da carta, lendo*) – “Elvira. Preciso absolutamente falar-te hoje[,] sem testemunhas, das 10 às 11 horas da noite, quando teu filho estiver ausente. Acabo de vir de tua casa, aonde, tendo me desavindo com Alberto, por um motivo assaz melindroso, não posso mais voltar de dia. Trata-se da tua honra e da minha vida. Às nove horas[,] achar-me-ei no barbeiro em frente, e alguns acordes do teu piano serão o sinal de assentimento. – Frederico.” (*Fica durante algum tempo pensativa, e depois, como quem toma de súbito uma resolução, olha para o relógio, que marca nove horas, dirige-se ao piano e fere alguns acordes, pondo sobre a estante a carta aberta. A este tempo, Eduarda aparece à porta, e vendo que Elvira está tocando, dirige-se pé ante pé para o piano, e vai para beijar a fronte à mãe, quando deparando com a carta[,] que está sobre a estante, a lê com expressão de angústia. Acabada a leitura, começa a recuar com toda a precaução, afim de sair; mas esbarra num móvel. Ao ruído produzido, Elvira guarda rapidamente a carta e[,] assustada, pergunta*). Quem está aí?

EDUARDA (*parando de súbito*) – Eu, mãezinha...

ELVIRA – Que susto!... Com efeito! Tu e Alberto parece que se combinam para assustar-me, sempre que me sento ao piano!...

EDUARDA – É que a mãezinha, quando toca, de tal modo se entrega à música, que não se apercebe do que se passa em redor de si.

ELVIRA – Seja como quiseres... (*Com azedume*). Seria bom, entretanto, que ambos se coibissem de semelhantes gracejos.

EDUARDA (*com lágrimas nos olhos*) – Perdão, mãezinha, perdão... Não terá ocasião de repreender-me segunda vez.

ELVIRA – Deus o queira...

EDUARDA – Se eu pudesse pensar que... (*Não podendo continuar[,] pelos soluços que lhe embargam a voz*).

ELVIRA (*como que voltando a si do estado anormal em que se achava, abraça Eduarda e cobre-a de beijos*) – Filha, querida filha, sou eu quem te peço perdão. Não sei onde tenho hoje a cabeça. Estou doente... Estou achacada... Nem sabes... Nem imaginas... (*Em lágrimas*). Desculpa-me: vou deitar-me; preciso repouso. (*Beija-a de novo e sai*).

Cena V

EDUARDA e ALBERTO.

EDUARDA (*amparando-se ao piano*) – Pobre mãe! Em que dará tudo isto?...



ALBERTO (*entrando, triste, e surpreendendo a irmã a chorar*) – Também tu sofres[,] Eduarda? Que dores originam as tuas lágrimas?

EDUARDA (*enxugando os olhos[,] às pressas[,] e procurando disfarçar a co-moção*) – Não; não chorava; ou antes: chorava sem motivo real.

ALBERTO – Em vão[,] pretendes enganar-me. O teu magnânimo coração, o teu grande, o teu generoso coração[,] pressente e adivinha as desgraças que nos ferem.

EDUARDA – Que desgraças?

ALBERTO – Não as podes compreender. São tamanhas, tão rudes, tão dolorosas, que te as não posso confiar, e nem tu as suportarias. O céu azul, plácido e sereno da nossa felicidade doméstica[,] está talvez prestes a transformar-se no negro e pesado manto das grandes tempestades.

EDUARDA – Alberto, exageras decerto alguma contrariedade sem significação.

ALBERTO – Oxalá.

EDUARDA – O teu extremoso amor pela família faz com que[,] a teus olhos[,] tome um argueiro<sup>32</sup> as proporções de um cavaleiro...

ALBERTO – Santa ignorância!... Abençoada sejas!

EDUARDA – Que desgraças são essas? Que infortúnios nos ameaçam? (*Consultando[,] de vez em quando[,] o relógio. À parte*). Preciso afastá-lo.

ALBERTO – Que sempre os ignores, para que não possas nunca sentir as mesmas dores que[,] neste momento[,] me pungem. E venham para cá dizer-me que a felicidade consiste na honestidade e no trabalho. Ah! Filósofos mentirosos, pregoeiros da mentira, arautos da hipocrisia!... Se todos vós[,] que tendes escrito essas blasfêmias[,] pudésseis estar agora no meu lugar, seríeis forçados a reconhecer que sois uns embusteiros, e que o trabalho, o trabalho constante, bem intencionado, consciencioso; que a honestidade tomada por bússola de uma existência, não são títulos para a felicidade, que é a ilusão mais falaz e enganadora, de todas quantas tem abrigo no cérebro da humanidade.

EDUARDA (*sempre consultando o relógio*) – Do que tu precisas é de distrações; é do ruído, para dissipar essas mágoas imaginárias, que tanto te afligem. Por que não vais ao *Club*?

ALBERTO – Eu?! Aparecer no *Club*!?

EDUARDA – E que tem? Não tens tu consciência do que és e do que vales? Os teus inimigos caluniam-te, deprimem-te? Mais uma razão para que apareças aos teus amigos[,] com a fronte levantada, como que dizendo-lhes: “Vejam, sou o mesmo. Não conseguem morder-me os cães que latem aos meus calcanhares”. E todos eles abrir-te-iam os braços e proclamar-te-iam vítima..

<sup>32</sup> Partícula leve, separada de um corpo; cisco.



ALBERTO – Nunca ouviste dizer, Eduarda, que a calúnia é como o carvão: *não queima, porém tisona?*

EDUARDA – As regras têm todas a sua exceção. Demasiado te apreendes... (*Sempre consultando o relógio*). Já devem estar estranhando a tua demora, e[,] a esta hora[,] os teus próprios amigos, que seriam os primeiros a inocentar-te quando aparecesses, estarão a dizer: “E esta! E Alberto que não aparece!... Estará envergonhado? Terão razão os seus detratores? O seu desaparecimento faz desconfiar.”

ALBERTO – Eduarda... As tuas hipóteses aterram-me, porque são[,] de todo o ponto[,] sensatas. Mas como hei de eu resistir à vergonha? Não haverá entre eles algum espírito mau que deseje acreditar nas injúrias que me assacam e que, ao ver-me, esteja a dizer consigo: “Nem lhe fez massa!?...”. Não haverá um espírito crédulo, que, apesar de me ser afeto, tenha acreditado nos baldões de que me cobrem e que[,] ao olhar-me, diga a si mesmo: “Coitado! Como é digno de lástima!?...”.

EDUARDA – És demasiadamente escrupuloso; em todo o caso, melhor será que muitos se convençam, a despeito dos poucos que persistirem suspeitosos, do que todos fiquem duvidando da verdade ou da procedência das acusações de que, segundo dizes, és alvo...

ALBERTO – Mas se me falta a coragem, Eduarda; se não tenho forças para lutar contra esta campanha de ódios[,] que em meu desfavor se levantam!... Olha, estou aqui, junto de ti, ouvindo a tua palavra meiga e consoladora, confiadamente entregue ao bálsamo da tua afeição, e parece-me que me saem chamas do rosto. É a vergonha, Eduarda, e eu sou um covarde.

EDUARDA – Vai, Alberto, vai. O dever, a dignidade, o brio[,] tudo te indica que não deves faltar hoje aos teus hábitos. É preciso que olhes ativo e soberbeiro para os teus inimigos; é mister que te presentes calmo e despreocupado aos teus amigos. (*Impelindo-o[,] brandamente, e olhando de soslaio para o relógio*). Vamos, Alberto; faz-se tarde: são quase dez horas.

ALBERTO (*indeciso*) – Não estivesse eu certo da intenção com que instas para que eu saia, e era capaz de pensar que te aborrece a minha presença.

EDUARDA – Que ideia, Alberto!... Pondera que se trata da tua reputação, segundo dizes, vilmente atacada.

ALBERTO (*resolvendo-se, depois de curta pausa*) – Bem: irei. Tem paciência, Eduarda; vai buscar o meu chapéu e a minha capa. (*Eduarda sai*).

#### Cena VI

ALBERTO, JOÃO e depois EDUARDA.

ALBERTO (*tocando o tímpano*).

JOÃO (*aparecendo*) – Chamou?



ALBERTO – Sim. Vou sair. Vou ao *Club*. Não sei mesmo aonde vou. Como, porém, é possível que volte cedo, não feches a porta antes da meia-noite.

JOÃO – Entendido. (*Sai*).

EDUARDA (*entrando e trazendo o chapéu e a capa*) – Aqui tens. (*Observando sempre o relógio*).

ALBERTO – Adeus; até logo. (*Vai a sair e volta*). Eduarda, o que eu desejava era poder acarretar sozinho com o enorme peso de dissabores que o futuro nos prepara. (*Beija-a na frente e sai*).

#### Cena VII

EDUARDA e JOÃO.

EDUARDA (*conserva-se à janela[,] pensativa*).

JOÃO (*entrando e indo como que apagar a luz, vê Eduarda*) – Perdão, minha senhora. Não sabia que estava aqui.

EDUARDA (*voltando-se*) – Que queres?

JOÃO – Vinha apagar as luzes. Queira vossa excelência chamar-me, quando tiver de sair. (*Vai a sair*).

EDUARDA – João... Podes deitar-te... Eu apagá-las-ei.

JOÃO – Ora, minha senhora, então há de vossa excelência encarregar-se de um trabalho que me pertence?! Essa é boa.

EDUARDA – Que te importa? Tenho necessidade de esperar Alberto em pé.

JOÃO – Também eu tenho de esperar que o senhor Alberto se recolha, ou que seja meia-noite[,] para fechar a porta.

EDUARDA – Não te dê isso cuidado. De tudo me encarregarei.

JOÃO – Oh! Minha senhora... Não posso consentir.

EDUARDA – Mas se eu quero...

JOÃO – Vossa excelência manda?...

EDUARDA – Mando, sim.

JOÃO – Bem: obedecerei. (*Sai*).

EDUARDA (*só*) – É mister que ninguém vele[,] senão eu. Mais ninguém testemunhará a nossa... desgraça.

#### Cena VIII

EDUARDA e ELVIRA.

ELVIRA (*entrando, depara com Eduarda e como que se surpreende*) – Tu!... Aqui?...

EDUARDA – Não tinha sono, e sentia-me mal da cabeça. Vim a esta sala procurar refrigerio. Não me reprende, não?



ELVIRA – Não, não te repreendo... (*Um tanto contrariada*). Mas é mister que te deites... Se estás efetivamente doente... não pode fazer-te bem essa friagem...

EDUARDA – Pelo contrário. Far-me-á bem. E depois[,] desde que a mãezinha está desperta, devo acompanhá-la. Alberto não deve tardar: esperá-lo-emos[,] juntas.

ELVIRA (*embarçada*) – Não: eu vou repousar... Tenho mais juízo que tu, e sei bem o que me pode fazer bem ou mal. Entretanto, não me recolherei sem que antes o faças. A autoridade de uma mãe, quando não tenha desejos de manifestar-se, deve ao menos prevalecer quando se trata de zelar a saúde de seus filhos. Vamos a dormir.

EDUARDA – Mas, mãezinha: não tenho sono.

ELVIRA – Ele virá logo que te deites.

EDUARDA (*à parte*) – Quer afastar-me. (*Alto*). Pois bem: irei. (*Beijando-a e abraçando-a. Sai*).

#### Cena IX

ELVIRA e depois FREDERICO.

ELVIRA (*depois de observar toda a cena e verificar que está só, apaga as luzes, deixando apenas uma[,] e dirige-se à janela e acena com um lenço. Depois de breve pausa, durante a qual Elvira[,] desalentada[,] encosta-se ao piano, entra Frederico*).

ELVIRA (*pondo o dedo sobre os lábios*) – Silêncio! Fala baixo; que não nos ouça Eduarda. Pensei que não atinasses com o antigo sinal.

FREDERICO – Estava impaciente. Desde que vi sair Alberto tinha desejos de subir. Conteve-me, porém, a ideia de que não estivesse dona Eduarda recolhida.

ELVIRA – Agora, dize-me o que há, qual foi o motivo de desavença que tiveste com Alberto. Frederico, tu queres matar-me?

FREDERICO – O motivo?... Não posso dizer-te.

ELVIRA – Não podes dizer-me!?! Tens então segredos para mim?

FREDERICO – Por Deus!... Não os tenho, bem sabes; mas há coisas que se não podem dizer a ninguém. Dir-te-ei apenas que é enormemente sério.

ELVIRA (*rápida*) – Saberá ele?!

FREDERICO – Não, não suspeita sequer destas relações criminosas a que um mau destino fatalmente nos impeliu. Quando penso, Elvira, que hemos chegado ao ponto em que nos achamos, o pensamento que mais de pronto me ocorre[,] para terminar esta terrível situação[,] é... fazer saltar os miolos.

ELVIRA – E deixar-me desonrada, perdida, não é assim?...

FREDERICO – Esse é o motivo por que ainda conservo esta existência. Oh! Por que não tive eu forças para resistir à fascinação que os teus encantos e[,]



mais que tudo[,] a tua bondade[,] exerceram sobre mim? Cegaste-me. Inundaste-me na luz cintilante do teu olhar, e arrebataste-me o coração, com o coração a razão, com a razão a dignidade, com a dignidade a vida. Eis-me perdido e eis-te perdida. Paguei com a desonra a lealdade com que Alberto me ofereceu a sua mão de cavalheiro e de amigo. Desonrei-o, é certo, mas cavei[,] também[,] no fundo de minha consciência[,] um sepulcro para a minha felicidade.

ELVIRA – E quem te diz que não podemos ainda ser felizes?... Quem te diz que o sentimento que mutuamente experimentamos não terá ainda a suprema consolação de ser proclamado pela religião e aceito pela sociedade? Eu era feliz. Viúva e moça, sentia ainda dentro em mim, apesar dos carinhos de meus idolatrados filhos, o vácuo deixado pela afeição conjugal[,] que se extinguiu[,] e a necessidade de preenchê-lo com um novo afeto[,] grande, fervoroso, único, sublime. Apareceste-me. Coube-te a sorte; e eu, que tinha o dever de zelar uma virtude que já me não pertencia[,] senão que à memória do meu esposo e ao amor de meus filhos, entreguei-me incauta, louca, perdida[,] ao ascendente que[,] desde logo[,] sobre mim exerceste, e o acaso, funesto acaso! quis que o nosso amor fosse[,] desde logo[,] também eternizado pela existência de um filho, que não tarda a trair as nossas criminosas relações.

FREDERICO – Ai! Elvira! Nem sabes que mal me fazes com essas palavras! Admites a possibilidade de sagrar pela religião o nosso afeto e não te lembras que Alberto não consentirá jamais que outro homem ocupe o lugar que seu pai deixou vago ao teu lado.

ELVIRA – Mas – quem manda aqui sou eu.

FREDERICO – Louca! Coloca-te, mãe extremosa que és, entre teu filho e teu amante. Teu filho morre, se lhe dás um padrasto. Terás coragem de matá-lo? Quererás ser a assassina de teu próprio filho?

ELVIRA – Matas-me, Frederico...

FREDERICO – Não; digo-te a verdade, como ela é. E[,] ao pensar em tudo quanto nos sucede, não sei porque não perco a razão.

ELVIRA – E que meio aconselhas[,] para sairmos desta situação embaraçosa?

FREDERICO – A isso vim. Mas, Elvira, sem que te disponhas a ser resignada e dócil aos meus conselhos; sem que faças farta provisão de forças para suportar os golpes da adversidade, nada poderemos fazer.

ELVIRA – Mas[,] que queres, então?

FREDERICO – Eu mesmo não sei o que quero. Quero salvar-te; quero salvar-me. Mas o que eu não posso é continuar a viver neste tormento constante[,] de ver-te sem poder falar-te, de falar-te sem poder dizer o que sinto, de sentir sem poder amar-te.

ELVIRA (*sôfrega*) – E queres?...

FREDERICO – Não quero; preciso absolutamente deixar-te...

ELVIRA (*com um grito*) – Ah!...



FREDERICO (*temeroso*) – Louca! Despertas tua filha...

ELVIRA – Infame! Já esperava essa resolução. Cavaste[,] cínica e covardemente[,] a minha desonra; iludiste-me com os protestos do teu amor; enganaste-me com as juras de um falso afeto, com as expansões de teus fingidos carinhos; e agora[,] que me vês desgraçada, perdida, desonrada; agora[,] que sinto dentro em mim mesmo mover-se um produto do teu abominável crime, disseste-me a sangue frio: preciso deixar-te!... Vil!... Infame!... Canalha!...

FREDERICO (*que tem feito esforços desesperados para fazê-la calar*) – Elvira!...

ELVIRA – Miserável!... E dizia ter-me amor!... Mas o que é que tu pensas ser o amor? Supões[,] porventura[,] que o amor, esse sentimento puro e elevado[,] que liga a criatura ao Criador, é esse desejo sujo e bestial em que te revolves, é esse cinismo depravado, que em vão tentas esconder, é esse descaramento com que vens dizer-me: eu não te abandono somente; eu cuspo-te à face, poluída pelos meus beijos, o labéu de uma desonra eterna; eu abandono-te a ti e ao meu filho, a quem lego a mácula e o angustioso pesar de não ter um nome, de não ter um pai? Oh! Meu Deus!... (*Horrivelmente sobre-excitada[,] começa a perder os sentidos*).

FREDERICO – Desgraçado de mim. (*Amparando Elvira*). Elvira, eu amo-te, amo-te como um doido, como um insensato. Há, porém, um segredo terrível na minha vida... Eu não posso reparar o meu crime[,] sem cometer outro[,] mais abominável... Eu sou... (*Vendo que Elvira está de todo desfalecida, brada*). Socorro! Socorro!

#### Cena X

OS MESMOS e EDUARDA.

EDUARDA (*entrando, aflita*) – Que é isso? Oh! Minha mãe!... Ajude-me, ajude-me a conduzi-la a seu quarto.

FREDERICO – Traga a luz, minha senhora. (*Eduarda leva a luz, e Frederico, tomando Elvira no colo, entra em seus aposentos*).

#### Cena XI

[EDUARDA, FREDERICO e ALBERTO.]

(*A cena fica por instantes deserta e escura. Instantes depois, Eduarda atravessa a cena rapidamente[,] como para ir buscar qualquer coisa. Em seguida[,] aparece Frederico à porta[,] pálido e desffeito, ao tempo em que entra Alberto e encontram-se no centro da cena*).

ALBERTO – Aí está gente... (*Tomando Frederico pelo braço*). Quem é, o que quer aqui?



FREDERICO (*à parte*) – Céus!...  
ALBERTO – Não respondes... Tragam luz... Luz.  
FREDERICO – Alberto, por Deus, cala-te...  
ALBERTO – Frederico!... És tu?!...  
FREDERICO – Sim: sou eu.  
ALBERTO – E o que fazias aqui[,] a esta hora?...  
FREDERICO – Eu...  
ALBERTO – Responde, ou mato-te...  
FREDERICO – Alberto!...  
ALBERTO – Fala...

Cena Última

OS MESMOS.<sup>33</sup>

[EDUARDA] (*aparecendo com luz*) – Pergunta-o[,] a mim.  
ALBERTO (*atônito*) – A ti!...  
EDUARDA – Sim.  
ALBERTO – Então, os meus inimigos não mentiam... Este homem é...  
EDUARDA – Meu amante!  
ALBERTO (*arremetendo para ela*) – Desgraçada!... (*Ouve-se dentro um gemido. Alberto, numa rápida transição*)<sup>34</sup>. Silêncio! Minha mãe desperta!...

FIM DO TERCEIRO ATO.

---

<sup>33</sup> Na edição original, "EDUARDA".

<sup>34</sup> Na edição original, a rubrica aparece dividida em duas, integrando parte dela a fala da personagem: "(*Ouve-se dentro um gemido*). Alberto (*numa transição rápida*)".



## ATO IV

*A mesma cena dos atos anteriores.*

Cena I

ALBERTO, DR. COSTA e JOÃO.

*(Ao levantar o pano, Alberto está à secretária[,] escrevendo).*

DR. COSTA *(entrando, acompanhado de João).*

ALBERTO *(levantando-se)* – Então, doutor?...

DR. COSTA – A senhora dona Elvira obstina-me em não permitir que a examine, alegando que nada tem. Diz que apenas o susto que levou esta noite lhe produziu um forte abalo nervoso, do qual se acha perfeitamente restabelecida.

ALBERTO – E acha que nada devemos reear?

DR. COSTA – Em absoluto, não. É preciso[,] em todo o caso[,] ter cuidado. Estou, porém, vizinho e de qualquer acidente mande prevenir-me. Adeus, senhor Alberto.

ALBERTO – Adeus, doutor. *(O doutor sai).*

Cena II

ALBERTO e o CRIADO JOÃO.

ALBERTO *(depois de acompanhar o doutor, volta a acabar a carta que estava escrevendo)* – João, por que razão esta noite, tendo-te recomendado que me esperasses até meia-noite, vim encontrar-te[,] muito antes dessa hora[,] já dormindo?<sup>35</sup>

JOÃO – Porque a senhora dona Eduarda ordenou-me[,] terminantemente[,] que me fosse deitar, encarregando-se ela mesma, apesar da minha relutância, de apagar as luzes e fechar a porta.

ALBERTO – Então, foi Eduarda que...

JOÃO – Sim, senhor.

ALBERTO – Bem: vai levar esta carta ao senhor Frederico e diz-lhe que o espero. *(João sai).*

Cena III

ALBERTO e depois ELVIRA.

[ALBERTO] – Eduarda!... Foi ela também que exigiu que eu saísse!...

ELVIRA *(entrando, pálida e desfigurada)* – Alberto, bom dia.

---

<sup>35</sup> Na edição original, ponto em vez de interrogação.



ALBERTO (*indo a ela e beijando-lhe na face e na mão*) – Querida mãezinha... Estás tão pálida!

ELVIRA – Resultado da vigília. Ansiosa por falar-te e saber de ti o que se passou aqui esta noite.

ALBERTO (*embaraçado*) – Nada... Loucuras minhas. Entrei... A sala estava escura e pareceu-me sentir gente dentro de casa, e, medroso como sou, gritei logo, pedindo luz.

ELVIRA (*assustada*) – E depois...

ALBERTO (*com esforço*) – E depois... Não era nada. A sala estava deserta, e apenas minha mãe, acordada naturalmente pelos meus clamores, estorcia-se num ataque. Eduarda não me permitiu entrar no seu quarto, e tranquilizou-me, dizendo que já se achava melhor. Entretanto, não pude resistir ao desejo de chamar um médico[,] para vê-la.

ELVIRA – E cujos serviços desprezei por desnecessários. (*À parte*). Felizmente, nada sabe. (*Alto*). Ando muito nervosa, Alberto<sup>36</sup>... Mas isto passará.

ALBERTO – Decerto, passará...

ELVIRA – E Eduarda... Onde está?

ALBERTO (*com esforço*) – Naturalmente... nos seus aposentos... Quer falar-lhe?

ELVIRA – Sim; ontem à noite[,] queixava-se de dores de cabeça e recusava deitar-se, desejando, ao que parece, ficar eternamente àquela janela. Foi-me mister obrigá-la a recolher-se.

ALBERTO (*aprensivo*) – Ah! Ela tinha dores de cabeça[,] ontem à noite... E não queria deitar-se... (*À parte*). Oh! Meu Deus! (*Alto*). Vou chamá-la.

ELVIRA – Desnecessário; ei-la[,] que aí vem.

ALBERTO (*evitando encontrar-se com Eduarda*) – E eu preciso ainda escrever. Até já. (*Sai*).

#### Cena IV

ELVIRA e EDUARDA.

ELVIRA – Não sei que providência me salvou. Eles nada sabem.

EDUARDA (*beijando Elvira*) – Estás melhor, mãezinha?

ELVIRA – Sim, e agora, que de todo se me foram as apreensões, quero que me contes o que sucedeu.

EDUARDA – Nada; estava eu tranquilamente sentada, em meu quarto, a ler, quando ouvi um grito de mãezinha. Levantei-me e corri a esta sala, onde a encontrei desmaiada. Chamei gente e João acudiu, com o auxílio de quem conduzimo-la aos seus aposentos, levando eu a luz a deste gabinete para

<sup>36</sup> Na edição original: "Ando muito nervosa, Frederico...".



alumiar o caminho. A este tempo[,] entrava Alberto, que tomou[,] sem dúvida[,] o rumor que fazíamos por algum perigo e alarmou a todos, causando-lhe um segundo ataque nervoso.

ELVIRA – E não estava aqui mais ninguém?

EDUARDA – Não.

ELVIRA – É que eu também, depois de haver feito com que te recolheses, fiquei aqui pensando na vida e na felicidade de meus idolatrados filhos, quando pareceu-me sentir que havia gente junto a mim. De tal pânico me deixei tomar, que sem ter forças para voltar o rosto, fui desfalecendo sem o sentir. Felizmente[,] não era nada.

EDUARDA – Passou. Mas[,] em todo caso[,] a mãezinha precisa curar-se desse achaque. Há tempos que a acho mudada. Seria conveniente, talvez, abandonarmos a corte e ir abrigar-nos em outro clima[,] mais puro, mais salutar e mais benéfico.

ELVIRA – Sair da corte! Obrigiar Alberto a abandonar o centro de suas glórias, a arena de seus triunfos[,] para ir vegetar na insipidez provinciana? Não, nunca.

EDUARDA – Quando mesmo Alberto não estivesse cansado disso a que a mãezinha chama os seus triunfos, estou certa de que tudo sacrificaria pela sua felicidade.

ELVIRA – Porém[,] eu é que nunca aceitaria o sacrifício. Enfim... Deixemos isso: o tempo aconselhará o nosso procedimento e dirigirá nossas ações. Melhoraste de tua indisposição de ontem à noite?

EDUARDA – Um tanto... Mas não corro perigo de piorar. Sinto-me boa[,] desde que a mãezinha o esteja. (*Noutro tom*). Alberto nada lhe disse?

ELVIRA – De que?

EDUARDA (*mais tranquila*) – De nada. Pensei que lhe houvesse trazido alguma novidade.

ELVIRA – Não; não trouxe. Noto que Alberto anda muito mudado...

EDUARDA – Também eu; mas sei que a sua tristeza origina-se das lutas políticas em que anda envolvido.

ELVIRA – Maldita seja essa política!...

EDUARDA – Mais uma razão para que abandonemos esta terra, onde, mau grado seu, Alberto será forçado a figurar nela.

ELVIRA – Pois sim: nós pensaremos nisso. Vou ver as tuas flores. Queres vir?

EDUARDA – Não, mãezinha. Vou acabar a leitura de um livro[,] que me está interessando bastante.

ELVIRA – Como se intitula?

EDUARDA – *O amor e o dever*.

ELVIRA – Então, até já.



EDUARDA – Até já. (*Elvira sai*). Meu Deus! Quanto custa ser-se obrigada a enganar uma mãe, e a salvá-la de uma desonra.

Cena V

EDUARDA e ALBERTO.

EDUARDA (*lançando-se aos pés de Alberto*) – Perdão, Alberto, perdão e obrigada.

ALBERTO – Perdão, sim; mas obrigada... Por quê? Admito que, de joelhos, peça perdão dos males que me causa; mas não quero nem aceito os protestos de um reconhecimento que não tem razão de existir. Agradecida!... Por quê?

EDUARDA – Porque compreendeste quanto seria dolorosa[,] à nossa mãe[,] a relação da minha horrível falta, e nada lhe disseste.

ALBERTO – Cumpri um dever; não tem que agradecer-me. Não foi consideração guardada para com aquela que não a soube ter para aqueles a quem tudo deve, até a vida. Pois podia eu, que amo minha mãe com um sentimento único e inexcedível; que desde os mais verdes anos só penso em fazê-la feliz, adoçando[,] à força de solicitude e de carinhos[,] a sua precoce viuvez; podia eu, repito, ir turbar a sua felicidade, a sua descuidosa tranquilidade, dizendo-lhe: sabes, mãe? Estamos desonrados. E sabes quem nos desonrou? Tua filha e minha irmã. Não: antes morra eu. A falta que cometeu, minha senhora, há de ser reparada, e nós... e minha idolatrada mãe nunca saberá de que horrorosa vergonha tentaste cobrir o seu nome.

EDUARDA – Alberto... Piedade.

ALBERTO – Piedade!!... Tiveste-a, porventura, de mim e dela, quando, levada não sei por que inconfessáveis sentimentos, atiravas-te[,] louca, perdida, sem pudor, sem reflexão, sem brio, nos braços de um infame, que ainda ontem[,] nesta sala, neste mesmo lugar[,] me jurava que não te tinha amor? Que mulher és tu, Eduarda?! De quem herdaste esse despejo de sentimentos; esse menosprezo de tudo quanto é nobre e santo? Daquele que ali está, cuja memória atraíças e infamas? Daquele que foi[,] sempre[,] o protótipo de todas as virtudes, o depositário de todos os sentimentos generosos?...

EDUARDA – Basta, Alberto!

ALBERTO – Daquela boa e santa criatura, que[,] a esta hora[,] ali anda[,] pelo jardim... daqui a vejo... confundindo com o das flores o perfume de sua inexcedível virtude?... De ninguém herdaste, não. Filha ingrata, não te importou sacrificar a honra da família, pela satisfação de ceder à sedução e à infâmia. O teu lugar está assinalado na sociedade, se aquele miserável, como é de esperar, teimar em negar-se ao cumprimento de seu dever.



EDUARDA – Matas-me, Alberto!...

ALBERTO – E morri eu, porventura, quando ouvi de teus próprios lábios a cínica confissão de teu crime nefando? Não: sobrevivi à desonra, sobrevivi à vergonha, e aqui estou para matá-lo, se não reparar o crime de que foi autor[,] e tu cúmplice.

EDUARDA – És desarrazoável!... O peso das tuas acusações esmaga-me... Tem pena de mim!...

ALBERTO – Não, não a terei. Eu deveria desconfiar do interesse que manifestaste em que eu fosse ao *Club*, fazer passear no meio de toda aquela gente a minha desonra e o meu aviltamento. Felizmente[,] não tive coragem de entrar, e[,] depois de muitas e frustradas tentativas, voltei a esconder na sombra do lar a minha vergonha. Pensava[,] quiçá[,] em pedir-te consolações. E tu, hipócrita, enquanto teu irmão abrasava de ódios e agonizava de vergonha, cavavas mais fundo o sepulcro da sua honra.

EDUARDA – Não... não...

ALBERTO – E tudo preparavas com mão de mestre: obrigavas o criado a deitar-se e encarregavas-te do seu serviço, para que ele não fosse testemunha do teu crime; pretextavas[,] à minha mãe[,] dores de cabeça[,] para poder ficar de pé[,] à espera do amante. Vamos; quanto te deu ele? Por que preço vendeste a nossa honra?

EDUARDA (*levantando-se indignada*) – Alberto! É demais... Devia o infortúnio de tua irmã merecer-te mais respeito. Tens o direito de recriminar-me, mas não de insultar-me. Não te quero mais ouvir. Adeus. (*Vai a sair*).

ALBERTO (*agarrando-a pelo braço*) – Fica!... (*À proporção que vai falando[,] aperta o braço de Eduarda que, em lágrimas, é obrigada a ajoelhar*). Não tens o direito de sair. Não te insulto. Não te recrimino. Castigo-te. Que uma mulher, contrariada em seu afeto, esqueça dever, honra, tudo para entregar-se àquele a quem ama – admite-se... Mas que, tendo perfeita liberdade de escolha, que estando mesmo indicada para eterna companheira desse homem, a ele se entregue pelo prazer de ser amante[,] em vez de ser esposa, é abominável! Vamos. Esses lábios infamados que se purifiquem[,] agora, pedindo perdão, ao pai, da desonra de que o cobriram. E se, naquele rosto severo, digno, honrado, não transparecer um sorriso de compaixão, é que ele te não perdoa, é que nunca te perdooarei. Vamos...

EDUARDA – Meu pai... Tu bem o sabes... Perdoa-me... (*Levantando-se em soluços*).

ALBERTO (*vendo a mãe[,] que se aproxima*) – Sai. Sai. Que ela não veja essas lágrimas. (*Eduarda sai*).



Cena VI

ALBERTO e ELVIRA.

ELVIRA (*trazendo flores*) – Pareceu-me ouvir a voz de Eduarda.

ALBERTO – Saiu agora mesmo daqui. Discutíamos modas.

ELVIRA – E quem tinha razão?

ALBERTO – Ela. As mulheres têm sempre razão[,] quando se trata de modas. Sente-se já forte?

ELVIRA – Sinto-me... Passou completamente a excitação nervosa.

ALBERTO – Ora[,] ainda bem. Afligia-me vê-la indisposta.

ELVIRA – Não há outra mãe como eu.

ALBERTO – Sim? Por quê?<sup>37</sup>

ELVIRA – Por ter filhos como tu e Eduarda.

ALBERTO – Eduarda... sim... Eduarda...

ELVIRA – E tu também. Que me conserve Deus os dias[,] para vê-los felizes.

ALBERTO (*amargurado*) – Oh! Muito felizes... Muito felizes havemos ser... Eu... e... Eduarda.

ELVIRA – Dizes isso de um modo?

ALBERTO – Comovido, mãezinha, comovido, por ver quanto nos preza e nos ama.

ELVIRA – E não os amo tanto quanto merecem. Vou ajardinar o meu quarto, sim? (*Com interesse mal dissimulado*). É verdade. E o senhor Frederico que nos não aparece desde ontem. Que é feito dele?

ALBERTO – Estou à sua espera.

ELVIRA – Ah! Pensei que tinha ido fazer outra viagem a São Paulo.

ALBERTO – Ainda não foi; mas talvez irá[,] desta vez[,] visitar São Pedro...

ELVIRA – São Pedro?!...

ALBERTO – Sim: São Pedro do Sul.

ELVIRA – Ah! Ele pensa ir para o Rio Grande? Dizem que é um excelente clima.

ALBERTO – Dizem.

ELVIRA – Previne-me quando ele aqui estiver. (*Sai*).

Cena VII

ALBERTO, depois FREDERICO e JOÃO.

ALBERTO – Pobre mãe!...

JOÃO – O senhor Frederico.

ALBERTO – Manda entrar. (*O criado sai*). Veremos até onde vai a infâmia.

---

<sup>37</sup> Na edição original: "Sim? porque.".



FREDERICO (*entrando, conserva-se ao fundo[,] em posição respeitosa e humilde*) – Eis-me às suas ordens.

ALBERTO – Entre. (*Vai fechar todas as portas e vem sentar-se. Frederico[,] irrefletidamente[,] vai a sentar-se também*). De pé, senhor!... Não se sentam os réus, quando vão ser interrogados pelo juiz. (*Frederico levanta-se*). Mandei-o chamar para dizer-lhe que é um infame!... (*Pausa*). Um traidor! (*Pausa*). Um miserável!... (*Frederico conserva-se mudo*). Um homem que nem ao menos sabe corar quando é insultado. (*Silêncio de Frederico*). Fale...

FREDERICO – Eu não vim retaliar insultos. O senhor o disse: eu sou réu, o senhor é juiz. Se o juiz se julga autorizado, abusando da superioridade que a lei e a sociedade lhe concedem, a insultar o criminoso confesso e arrependido, não tem[,] no entanto, o réu o direito de proceder da mesma maneira para com o juiz. Chamou-me[,] para interrogar-me: aqui estou. Responderei ao que me perguntar.

ALBERTO – O senhor foi sempre recebido nesta casa como amigo fiel e leal, não é verdade?

FREDERICO – É.

ALBERTO – As portas desta casa nunca se lhe fecharam, não é assim?

FREDERICO – É.

ALBERTO – Entretanto, ocupando-se a maledicência de nós, chamei-o, expus-lhe a situação em que nos achávamos[,] e pedi-lhe me sugerisse um meio de salvar a minha honra comprometida, não foi?

FREDERICO – Foi.

ALBERTO – Na suposição de que amasse minha irmã[,] como Eduarda o amava[,] ofereci-lhe a sua mão e...

FREDERICO – Recusei.

ALBERTO – Proibi-o de entrar mais nesta casa, lembra-se?

FREDERICO – Lembro-me.

ALBERTO – Mas[,] à noite, na minha ausência, fora de horas, veio, não é verdade?

FREDERICO – É.

ALBERTO – Com que intenções?

FREDERICO (*hesita*).

ALBERTO – Lembre-se que prometeu responder.

FREDERICO (*à parte*) – Meu Deus! Terei de condenar uma inocente[,] para salvar a culpada?

ALBERTO – Então?!...

FREDERICO – Sem nenhuma intenção.

ALBERTO – Confessa que amava Eduarda?

FREDERICO – Não.



ALBERTO – Não!... Então[,] por que a seduzia?<sup>38</sup>

FREDERICO – Eu não a seduzi.

ALBERTO – Mas era seu amante!... Não o disse ela?

FREDERICO – Disse.

ALBERTO – E como concilia a sua negativa com a declaração dela?

FREDERICO – Não posso conciliá-las.

ALBERTO – Vejo que encastela-se na sistemática defesa de negar a verdade[,] sabida e conhecida. O senhor tinha premeditado a entrevista; e tanto que Eduarda teve o cuidado de obrigar-me a sair, de fazer dormir o criado, de arredar minha mãe. Escusamos discutir mais. Eu não quero que minha idolatrada mãe suspeite sequer da desgraça que nos fere. Vou chamá-la e o senhor vai pedir-lhe solenemente a mão de Eduarda. (*Movimento para sair*).

FREDERICO – Não chame sua mãe.

ALBERTO – Por quê?!

FREDERICO – Porque eu nunca lhe farei semelhante pedido.

ALBERTO – Nunca lhe fará semelhante pedido!... Então[,] qual é a reparação que me oferece?

FREDERICO – Não posso oferecer nenhuma.

ALBERTO – Ah! É demais! Então, vieste-me a esta casa, onde só a felicidade existia, lançaste nela o gérmen de uma desgraça profunda, abusando da franqueza e lealdade com que te abri os braços, precipitaste uma família inteira no abismo da desesperação e da desonra, e quando eu te exijo que repares esse crime, esse nefando crime, quando te aponto o único meio que existe para remediar semelhante mal, recusas-te a lançar mão dele?!...

FREDERICO – Nunca me casarei.

ALBERTO – E não te ocorreu essa mesma reflexão, quando compuseste os planos da ação que ias praticar? Não conjecturaste[,] neste momento[,] que nem todos pensam como tu acerca do casamento e que alguém podia exigir-te contas da sua honra ultrajada? Não pensaste[,] ao vir aqui, que eu te mandava chamar para que me reabilitasses diante do mundo ou para que morresses?

FREDERICO – Pensei em ambas as coisas; e vim para sofrer as consequências da segunda hipótese. Mata-me: não me defenderei.

ALBERTO (*arremetendo para Frederico*) – Desgraçado!... (*Parando de súbito*). Matar-te!... Que lucraria com isso? Ficava, além de publicamente desonrado, eternamente condenado pela justiça dos homens!... (*Depois de longa reflexão*). Frederico... Estou certo de que a maneira brutal por que te hei tratado tem ditado o teu procedimento. Não posso acreditar na sinceridade da tua negativa e da tua obstinação. Trata-se da minha honra, de meu nome, que é

<sup>38</sup> Na edição original, ponto em vez de ponto de interrogação.



o nome de um morto honrado e de uma família inteira. Dize que tens estado a castigar a minha altivez e o meu orgulho... (*De joelhos*). Aqui me tens de joelhos: eu já não sou o juiz e tu o réu; eu sou a vítima, tu és o algoz. Apieda-te do meu sofrimento. Já não posso esconder de minha mãe este segredo terrível. Ele sufoca-me, angustia-me, mata-me. Mas se lho confio, ela morre também. Não sobreviverá[,] decerto[,] à desonra. És culpado, Frederico, e muito culpado, e diante da tua culpa, diante das minhas dores, deves bem sacrificar as tuas ideias excepcionais sobre o casamento. Não calculas que sofrimentos me pungem!...

FREDERICO (*fazendo-o levantar-se*) – Conheces a fábula de Prometeu acorrentado ao Cáucaso, atormentado pela sede, pelos ardores do sol, e devorado pelos abutres? Pois olha: todos os sofrimentos por que passou esse imaginário mártir; todas as torturas que lhe impuseram; todos os horríveis transeles que lhe amarguraram a agonia[,] não são mais do que um pálido reflexo de tudo quanto sinto neste momento. Também eu te digo[,] neste momento, de joelhos: perdoa-me, Alberto, o mal que te causo. Não posso remediá-lo; mas ofereço-te a minha vida. Mata-me, ó mata-me!...

ALBERTO (*desorientado, deixando ficar Frederico de joelhos, corre à porta do quarto de Eduarda e abre-a*) – Eduarda... Eduarda... (*Eduarda entra*).

#### Cena VIII

#### OS MESMOS e EDUARDA

ALBERTO (*tomando Eduarda pelo braço, leva-a até junto de Frederico*) – Aí o tens!... O homem a quem te entregaste, o teu depravado amante, o teu infame sedutor, aí o tens... Sabes o que ele diz? Que não pode restituir-te a honra que te roubou. Sabes o que ele pede? Que o mate. Vê tu a quem deste o teu coração, o teu pudor, a tua vida?... Não pode casar, sabes? E sabes por que? Porque entende que o casamento é uma instituição ridícula e tirânica. E, então, o que faz ele?... Deixa-te a ti, a mim, à minha... à nossa mãe para sempre infamados, para sempre desonrados. Contempla e admira a tua obra! Eu sinto que me faltam as forças. (*Cai soluçando sobre a cadeira*).

EDUARDA (*levantando Frederico, a ele*) – Morreremos ambos. E ela ficará salva.

ALBERTO (*levantando-se bruscamente*) – Descansa, porém, Eduarda... Eu o obrigarei a ser homem de bem. E se[,] para que sejas reabilitada[,] é mister publicar a minha desonra – ela será pública. És órfã e és menor, e a justiça há de obrigá-lo a reparar a sua falta.

EDUARDA – É escusado, Alberto...

ALBERTO – Escusado!?...



EDUARDA – Sim!... Ainda mesmo que o senhor Frederico se dispusesse a desposar-me, eu nunca seria sua mulher.

ALBERTO – Que dizes?!...

EDUARDA – Que nunca serei sua mulher!...

ALBERTO – Será possível, meu Deus!... Então[,] combinaram-se em perder-nos, a mim e à minha santa mãe?!... São ambos infames... Não, não... Tu não o eras, Eduarda; foi ele quem assim te fez. Quem ouviu os conselhos daquele homem, que é, felizmente[,] morto, para não corar desta vergonha; quem deitou a cabeça nos seios extremosos de uma mãe, como essa mártir, que aí está e que não calcula quantas dores lhe estão reservadas, não pode ter descido tanto. Aquela criancinha[,] que eu tantas vezes beijei e abracei, que dormia junto a mim e perto de minha mãe o sono plácido da inocência, não pode ser a mulher que hoje prefere ser barregã<sup>39</sup> a ser esposa... (*Agarrando-a*). Oh! Dize-me que mentes, que eu enlouqueci... Que não dizes o que pensas... Ambos se calam... Ambos confirmam... Agrada-lhes, então, viver em pública mancebia? Pois bem: saiam! Esta casa não é couro<sup>40</sup> de barregãs e devassos. E[,] pelo caminho, àqueles que forem encontrando, vão dizendo: nós somos amantes e assassinos... Tu, Frederico, dirás: eu sou um infame, um traidor!... Matei um amigo[,] e tu, Eduarda: eu sou uma louca, uma matricida!... Saiam...

FREDERICO e EDUARDA – Perdão... perdão... (*De joelhos*).

#### Cena IX

OS MESMOS, ELVIRA, e depois JOÃO e DR. COSTA.

ELVIRA (*assustada*) – Que é isto? Que é isto?...

ALBERTO – Vieste a tempo, minha mãe!... Sabes quem são estes dois?... Amantes. Vim[,] ontem à noite[,] encontrá-los em flagrante delito de crime... O homem é Frederico, Frederico, o meu bom amigo, e a mulher... A mulher... Vê lá se adivinhas? É tua filha, é minha irmã, é Eduarda.

ELVIRA (*indo a eles, e reconhecendo-os*) – Eles! Não... não...

ALBERTO – Espantaste-te?... Pois olha: ouve mais: preferem ser amantes a ser esposos!...

ELVIRA (*sem poder mais suster-se[,] cai redondamente. Todos acodem*).

EDUARDA e ALBERTO – Minha mãe. (*Amparam-na*).

FREDERICO – Elvira!

ALBERTO – Para longe! Não lhe toque. (*Vibrando o tímpano com força – a João[,] que tem entrado*). Depressa, o doutor Costa, ali em frente!... (*Levanta*

<sup>39</sup> Concubina.

<sup>40</sup> Lugar onde se podiam asilar os criminosos, onde não entrava a justiça do rei; asilo.



a mãe e coloca-a sobre o sofá, ajudado por Eduarda. A Frederico).<sup>41</sup> Não seria completa a tua obra, se ela vivesse.

FREDERICO – Alberto...

ALBERTO – Só te resta matar-me[,] também... Que fazes ainda aqui?... Ah! Percebo. Queres contemplar a sua agonia?... Vê-la-ás... Vê-la-ás... (*Noutro tom*). E o médico[,] que não vem... (*A Frederico*). Mas, escuta bem: deixar-te-ia com vida, por me desonrares, mas mato-te, se ela morre.

EDUARDA – Não: ela há de viver para perdoar e ser feliz...

ALBERTO – Tarde te lembras da sua felicidade!...

DR. COSTA (*entrando, acompanhado de João. Alberto indica-lhe a mãe, à qual se dirige o doutor. Momento de silêncio[,] durante o qual o doutor observa, hesita, ausculta, palpa, e a agitação e a ansiedade se pintam em todos os semblantes*).

ALBERTO – Então, doutor?...

DR. [COSTA] (*tomando Alberto de parte*) – Prepare-se para um grande golpe... Sua mãe está grávida... E[,] talvez[,] prestes a abortar...

ALBERTO (*com um grito*) – Ah!...

FREDERICO e EDUARDA – Perdidos!...

DR. [COSTA] – Vou à casa e volto já: nada receiem. (*Sai*).

#### Cena Última

ALBERTO, EDUARDA, ELVIRA e FREDERICO.

ALBERTO (*depois de uma longa pausa*) – Era[,] então[,] ela a culpada?... Meu Deus! Meu Deus!... (*A Eduarda[,] que está junto à mãe*). Perdão, Eduarda...

FREDERICO (*ajoelhando*) – Perdão, Alberto...

ALBERTO (*olhando para o retrato do pai*) – Perdão, meu pai: bem vêes, é para salvar a honra da tua memória. (*Levantando Frederico*). Legítima aquela criança...

FREDERICO – Não posso...

ALBERTO – Não podes! Por quê?

FREDERICO – Porque... sou casado!

FIM DO DRAMA.

---

<sup>41</sup> Na edição original: "(Levanta a mãe e coloca-a sobre o sofá, ajudado por Eduarda). A Frederico".



# FRUTOS DA OPULÊNCIA

Peça em quatro atos  
de  
Joaquim Alves Torres

PORTO ALEGRE  
Tipografia do Jornal do Comércio

1886<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Segundo consta na própria edição, a peça foi “representada pela primeira vez em 26 de julho de 1883 e, pela segunda, em 10 de setembro do mesmo ano em 57ª récita da Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira”. *Frutos da opulência* foi publicado em *Teatro Rio-Grandense – Volume I*, juntamente com o drama em cinco atos *O marido de Ângela* (1884) e a comédia em um ato *Impalpáveis* (1886). O único exemplar localizado da edição encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.





## PERSONAGENS INTÉRPRETES<sup>43</sup>

VISCONDE DE CORDOVID (J. F. de Souza Motta<sup>44</sup>)

João J. Vaz de Oliveira)

ESTÁCIO (João da Silva Porto)

BELISÁRIO (José R. da Rocha)

DOMINGOS BEZERRA (João Moreira da Silva)

POLICARPO CALDEIRA (João Luiz da Silveira)

ANTÔNIO (Joaquim Pereira Martins)

GABRIELA (D. Clarita Ramirez)

---

<sup>43</sup> N. do A.: O autor necessitava publicar os nomes desses distintos intérpretes, porque a eles deveu o sucesso de sua peça.

<sup>44</sup> N. do A.: O muito apreciado ex-artista dramático, Sr. Souza Motta, que tanto realce deu à parte do *Visconde*, por poderoso motivo, foi substituído na segunda representação pelo digno sócio de cena da sociedade Luso-Brasileira, o Sr. João Vaz.





## ATO I

*Sala modesta.*

Cena I

VISCONDE e ANTÔNIO.

ANTÔNIO (*vindo da direita e entregando ao visconde duas chaves*) – Servem perfeitamente.

VISCONDE – Muito bem. Hoje mesmo tenciono utilizar-me delas; cumpre, portanto, que dê providências, a fim de não falhar-me o plano. Devo voltar daqui a pouco com um rapaz que desejo apresentar ao senhor Belisário. Vou buscá-lo ao hotel próximo. Quando findar a nossa visita e sairmos, procurarei meios de ficar nas proximidades desta sala.

ANTÔNIO – Poderá entrar logo que haja escuridão e note silêncio. Pelo resto, respondo.

VISCONDE – Serve-me com dedicação que muito terás a lucrar; mas se procederes ao contrário, pouco me custará denunciar aquele furto de teu irmão. (*Sai*).

ANTÔNIO (*só*) – Não há motivo para traí-lo. O que ele quer, afinal, não é para mau fim. Paga bem e não me compromete; estou satisfeito. (*Olhando para fora[,] pela porta do fundo*). Lá vem o senhor Estácio. Não se encontraria com o Visconde? (*Retira-se pela direita*).

Cena II

BELISÁRIO e ESTÁCIO.

BELISÁRIO (*pela esquerda*) – O Estácio ainda não veio. – Tem se demorado, hoje. (*Rumor de passos ao fundo, dentro*). Aí vem alguém. Decerto é ele.

ESTÁCIO (*entrando*) – A sua benção, meu tio.

BELISÁRIO – Deus te abençoe, rapaz. Acabava de pensar em ti, quando apareceste. Demoraste muito; notei-o[,] entretanto, porque precisava falar-te.

ESTÁCIO – Comecei hoje a tomar lições de mecânica. É uma ciência que admiro e cujo estudo fascina-me. Se, à vontade de aprendê-la, correspondesse a minha inteligência, no futuro, sem dúvida, seria um grande artista.

BELISÁRIO – Oxalá o sejas.

ESTÁCIO – Tenho certeza do contrário, mas nutro[,] contudo[,] a esperança de ser alguma coisa. Não antevejo possibilidade de avançar na carreira comercial, nem para ela tenho vocação. Os atrativos da arte afagam, subjugam-me o espírito. Demais, se não me é dado esperar a fortuna pelo dinheiro, porque sou e serei eternamente pobre, desejo ao menos possuí-la pela glória



ou pela arte. No estudo da mecânica empregarei todo meu esforço intelectual; a ela me consagrarei de coração; por ela me sacrificarei. Encontrarei no futuro a recompensa ou a desilusão. Foi nestas disposições, por assim dizer, assentadas<sup>45</sup> de ontem para hoje, que falei a um professor e fui tomar a primeira lição. Eis a causa da minha demora.

BELISÁRIO – Que agora está justificada.

ESTÁCIO – O que sei por curiosidade está muito longe de assemelhar-se ao que desejo saber por ciência. (*Assentando-se*). Não tenho em mente, por ora, abandonar o meu emprego no comércio, porque isso seria loucura; estou[,] porém[,] resolvido a estudar com afinco tudo que for inerente à minha aspiração. A idade de vinte e quatro anos não é, por certo, incompatível com o estudo, principalmente se ao estudo precede o impulso de uma força de vontade inexcedível. Não é desta opinião, meu tio?

BELISÁRIO – Sem dúvida.

ESTÁCIO – E o tio aprova a minha resolução?

BELISÁRIO – Aprovo.

ESTÁCIO – Com satisfação[,] agradeço-lhe.

BELISÁRIO – Oportunamente[,] falaremos sobre isto. Agora quero conversar contigo a respeito de outro assunto.

ESTÁCIO – Quando quiser, meu tio.

BELISÁRIO (*mostrando-lhe um quarto de papel, sorrindo*) – És tu o autor destes versos?

ESTÁCIO (*confuso*) – São meus. Fi-os por desfastio.

BELISÁRIO – Então[,] não tem objetivo, isto é, não são dirigidos a alguém?

ESTÁCIO (*mais confuso*) – Naturalmente.

BELISÁRIO – Dizes a verdade?

ESTÁCIO – Não duvide, meu tio.

BELISÁRIO – Pois eu[,] encontrando, por acaso, esse papel e conhecendo a tua letra, vim procurar-te para perguntar...

ESTÁCIO (*trêmulo*) – O que, meu tio?

BELISÁRIO – Se os versos tinham um objetivo e se esse objetivo era minha filha.

ESTÁCIO (*animando-se*) – E se eu corroborasse a sua suspeita?

BELISÁRIO – Provarias à evidência que quiseste iludir-me.

ESTÁCIO – Quis, meu tio; mas peço-lhe perdão. Eu amo a Gabriela.

BELISÁRIO – Os homens da minha idade, quer pela experiência, quer pelo atilamento do espírito, não se enganam facilmente. Além disso, sou pai. Não

---

<sup>45</sup> Na edição original consta “acentuadas”, porém o próprio autor, em nota ao final da edição, assinala a incorreção.



suspeitei, pois, que a amavas, fui mais adiante; já tinha adivinhado o teu sentimento.

ESTÁCIO – Adoro-a; e desposá-la é o sonho da minha existência: mas nada possuo[,] e como seria incapaz de fazê-la partilhar uma vida de trabalhos ou, quem sabe, de provações, fiz do meu amor um segredo. Conservava-o incommunicável[,] sem refletir que[,] de momento a momento[,] estava sujeito a ser violado pelas indiscrições do coração.

BELISÁRIO – E era necessário, porventura, esse segredo? Não sabes que a união de ambos é a minha principal ambição? Não sabes que[,] sendo Gabriela a filha que idolatro e tu o sobrinho que prezo, como digno filho de meu irmão, esse enlace é até uma necessidade para a minha velhice?

ESTÁCIO – Obrigado, meu tio, por essas palavras[,] que encham-me de alegria. E se Gabriela pensasse do mesmo modo...

BELISÁRIO – Como?

ESTÁCIO – Ignoro se a prima corresponde ao meu amor e[,] nesse caso[,] a dúvida, a cruel dúvida[,] me inquieta.

BELISÁRIO – Isso é puerilidade de namorado.

ESTÁCIO – Gabriela me tem grande afeição, creio; mas esse afeto, me parece, é todo fraternal.

BELISÁRIO – O coração amante custa a crer na felicidade que almeja. Gabriela amar-te-á, decerto, porque não encontrará melhor esposo do que tu.

ESTÁCIO – Bondades do tio.

BELISÁRIO – Qual bondades! Fôra preciso que não convivesses comigo[,] para julgar-te de modo diverso. Tu amas a Gabriela, ela há de corresponder-te, tenho quase certeza. É que minha filha terá visto em ti mais um irmão do que um futuro marido e[,] nesta persuasão[,] vive tranquila e descuidosa. Desperta-lhe o coração adormecido e dir-me-ás depois se tive ou não razões para assegurar a felicidade que desejas.

ESTÁCIO – Aproveitarei o seu conselho. Hoje falarei a Gabriela, sondarei os seus sentimentos, acordarei de leve o seu coração. Se o efeito produzido for agradável, creia, meu tio, que serei um homem ditoso.

### Cena III

#### OS MESMOS e DOMINGOS.

DOMINGOS (*ao fundo*) – Tenhas boa noite, amigo Belisário. Adeus, Estacinho. (*Aperta a mão dos dois*). Com licença dos amigos. (*Assenta-se*). Venho escangalhado. Durante o dia[,] caminhei como um endemoninhado. A propósito: vai bem a Gabriela?

BELISÁRIO – Vai, felizmente.



DOMINGOS – Valha-nos isso, valha-nos isso. Pois é como lhes digo. Estou a botar a alma pela boca fora...

ESTÁCIO – Não parece.

DOMINGOS – Sempre me dão apartes os que não me compreendem. (*Olhando-o fixamente*). Tu sabes o que se passa no meu interior? Não sabes; portanto[,] não interrompas-me. Demais, se não pareço, é porque sou moderado e pachorrento. A razão é óbvia. Pois fiquem certos de que estou extremamente fatigado. A propósito: tive hoje a grandíssima honra de apertar a mão do ministro das obras públicas. Fui felicíssimo na recepção que me fez. Já calculam que fui tratar de uma empresa...

BELISÁRIO – A de derrubar rochedos?

DOMINGOS – Nada, nada; essa já caducou. Não lhe achei furo. O plano era pobríssimo. Desprezei o plano. Imediatamente, porém[,] fiz novas descobertas. A dos cais ambulantes[,] que abandonei por duvidar dos resultados. A dos canhões fluentes[,] que dei por morosíssima na sua execução. Finalmente[,] a dos carros voláteis[,] de que me ocupo atualmente[,] com grande proveito para o Estado, para o comércio, até para a navegação, como o demonstrarei quando chegar a ocasião. Assentado o plano, fui ao ministro expô-lo[,] para que ele consiga da câmara um privilégio[,] por cem anos. O ministro riu-se. Ora[,] um ministro que ri-se, aprova.

ESTÁCIO – É evidente.

DOMINGOS – Evidentíssimo, adianto eu. E vocês[,] ante a magnificência da ideia, aprovarão também, mormente tu (*dirigindo-se a Estácio*) que entendes de maquinismos. Ó aquele, tu não és fortíssimo nos maquinismos?

ESTÁCIO – Entendo alguma coisa; mas vejamos o plano.

BELISÁRIO – Sim; venha o plano.

DOMINGOS – Pois lá vai ele. O meu fim é aniquilar os caminhos de ferro, os vagões, os veículos, os ônibus, as berlindas, os bondes<sup>46</sup>[,] com a construção dos carros voláteis, isto é, carros voadores. Para estes carros, não se gasta um real em preparar caminhos, em fazer trilhos. São a vapor. O vapor dá-lhes o impulso necessário e[,] com este impulso[,] os carros não correm, saltam, voam. Desta sorte, toda viagem fica reduzidíssima. Por exemplo: se em treze horas vem-se de São Paulo à Corte, pelo caminho de ferro, nos meus carros, a viagem é de duas horas, no máximo. Nem o telefone... (*De repente*). Oh! Que ideia! Esta minha cabeça, este meu crânio é prodigiosíssimo.

ESTÁCIO – Outra descoberta para aniquilar o telefone, não?

DOMINGOS – Exatíssimo. E volto ao ministro.

BELISÁRIO – É cedo ainda, Bezerra.

<sup>46</sup> Na edição original, “... os wagons (...) os bonds...”.



ESTÁCIO – À vista da nova ideia, penso que o senhor Bezerra...

DOMINGOS – Trata-me por tu. Eu trato a todo o mundo por tu, com exceção dos ministros e dos influentes, porque careço deles.

ESTÁCIO – Penso que já desistiu do privilégio para os carros voláteis.

DOMINGOS – Não desisto[,] até amanhã. Esta noite vou estudar a nova, a fim de verificar se será preferível, o que duvido; porque a empresa dos carros voláteis é para enriquecer em pouco tempo.

BELISÁRIO (*sorrindo*) – Eu sou de opinião que não desistas e que tenhas mais persistência, do contrário abortarão todos os teus planos.

DOMINGOS – Está dito. Fico esperando a decisão do ministro sobre a minha justíssima pretensão. A propósito: vamos ao teu gabinete[,] que quero comunicar-te um segredo.

ESTÁCIO – Ainda outra descoberta?

DOMINGOS – Não nos entendemos. Um segredo não é descoberta; e se é descoberta, não pode ser segredo: isto está claríssimo: só não compreende quem nasceu curto de ideias. (*A Belisário*). O rapaz quer ver se me confunde; mas vem barrado. (*Designando a frente*). Aqui vive o privilégio.

ESTÁCIO – Pudera, sonhando eternamente com ele.

BELISÁRIO – O Bezerra quis dizer talento.

DOMINGOS – Apoiadíssimo. Foi talento que quis dizer. Talento eu tenho, não é verdade, Belisário?

ESTÁCIO – Ninguém contesta.

BELISÁRIO – Tens-no e respeitável; mas é pena que o canses[,] diariamente... a descobrir coisas engenhosas.

DOMINGOS – Mas, homem, ouve-me. Eu trabalho para ser útil ao meu país e[,] principalmente[,] às minhas algibeiras. Quero dotar o nosso Brasil com melhoramentos que assombrem as mais poderosas nações do Universo. Imagina tu o reboliço que farão os meus carros voláteis... As nações[,] em massa[,] tirarão suas cabeças, quero dizer, seus chapéus[,] em sinal de reverência. Só ao lembrar-me de que[,] em três ou quatro dias[,] se pode vir do Japão à América...

ESTÁCIO – Então[,] por cima da água os carros voam também?

DOMINGOS (*olhando-o meio embasbacado*) – Por cima?... Naturalíssimo. Pois eu não afirmei que até seria útil à navegação? Eu[,] quando afirmo, não nego; porque negando, nunca afirmo. A questão é esta. A propósito: o visconde de Cordovil não tem vindo por cá? Eu necessitava do concurso dele[,] para a consecução da minha empresa. É rico e me serve. É um dos tais a quem não trato por tu. Vocês[,] que pensam do tipo do visconde? É bom ou mau tipo? Se é mau, não pode ser bom.

BELISÁRIO – Faço dele os melhores conceitos.



DOMINGOS – Não duvido dar-lhe lucros, visto que careço dos seus capitais. A propósito: tenho resolvido nomear-te gerente da minha empresa, Belisário. Quanto ao Estacinho, será o meu homem para os maquinismos.

BELISÁRIO – Aceitamos de bom grado; mas não querias, há pouco, vir ao meu gabinete?

DOMINGOS – Já me havia esquecido. Vamos. (*Toma-lhe o braço*). Vais admirar a força do meu raciocínio. (*Saem*).

#### Cena IV

#### ESTÁCIO e GABRIELA.

ESTÁCIO – Este homem acaba doido.

GABRIELA (*pela direita*) – Boa noite, primo.

ESTÁCIO (*voltando-se rápido*) – Boa noite, Gabriela.

GABRIELA – Quem é que acaba doido?

ESTÁCIO – O Domingos Bezerra, aquele tipo, cuja preocupação constante, a que darei antes o nome de monomania – é a descoberta de grotescas utopias. Hoje está pior do que noutros dias. Foi ter com o ministro e pediu-lhe privilégio para introduzir carros voadores. Vê só isto. E lá seguiu com teu pai para o gabinete.

GABRIELA – Foi entretê-lo.

ESTÁCIO – Aquilo não entretém; produz dores de cabeça.

GABRIELA – Esquece o pobre homem. Vamos conversar[,] enquanto não se dorme.

ESTÁCIO – Bem sabes que aprecio extraordinariamente a tua conversação. Ela é atrativa<sup>47</sup> e eu gosto imenso de ser atraído.

GABRIELA (*sorrindo*) – Estás galanteador. Será por que não ceaste conosco?

ESTÁCIO – Que ideia, Gabriela! Segue-se daí que[,] quando ceio contigo e o tio[,] estou insípido? Obrigado pela lembrança.

GABRIELA – Já te zangaste, pelo que vejo. Não permites[,] então[,] que gracie contigo? Está bem; falemos sérios, tão sérios como os clérigos.

ESTÁCIO – Há clérigos que riem-se.

GABRIELA – Melhor para eles e pior para a minha comparação[,] que em tal caso foi desastrada.

ESTÁCIO – Superlativamente desastrada.

GABRIELA – Vá que seja. Mas onde estiveste até agora?

ESTÁCIO – Fui assistir à primeira lição de mecânica, ciência a que definitivamente resolvi entregar as minhas faculdades intelectuais.

GABRIELA – É a tua vocação; fazes bem.

---

<sup>47</sup> Na edição original, "Ela é atraente".



ESTÁCIO – É a minha vocação; mas[,] além disso[,] ainda tenho outros motivos.

GABRIELA – Pode-se saber quais?

ESTÁCIO – Não; por ora[,] faço deles um mistério.

GABRIELA – Está satisfeita a minha curiosidade.

ESTÁCIO – Foi essa a razão porque cheguei mais tarde do que a hora habitual. Ora, logo que nos avistamos, às minhas primeiras palavras, achaste-me galanteador...

GABRIELA – Pareceu-me.

ESTÁCIO – Pois agora quero sê-lo[,] deveras.

GABRIELA – Em teu nome ou por procuração?

ESTÁCIO – Em meu nome.

GABRIELA (*sorrindo*) – Estou ansiosa por ouvir-te.

ESTÁCIO – Antes[,] porém[,] hás de sujeitar-te a um interrogatório. Supõe que estás num confessionário e que sou, por exemplo, um franciscano, um carmelita ou um bernardo; fica à tua escolha.

GABRIELA (*sorrindo*) – Interroga, franciscano.

ESTÁCIO – Tu tens coração?

GABRIELA – Tenho, ao lado esquerdo, isto é, no lugar em que foi colocado pela natureza.

ESTÁCIO – Esse coração vive inocente, tranquilo, adormecido no retiro de que falas, ou tem culpas ou foi despertado por sentimentos que...

GABRIELA (*consigo*) – Devo dissimular[,] para que nada suspeite.

ESTÁCIO – Ficaste pensativa.

GABRIELA – Estava refletindo no meio de responder. O meu coração ainda não estremeceu por sentimentos que... (*Sorrindo*). Fico no *que*[,] como tu.

ESTÁCIO (*alegre*) – Portanto[,] se houvesse um homem que te enchesse de adorações, que lhe dirias?

GABRIELA (*sorrindo*) – Diria que...

#### Cena V

#### OS MESMOS, O VISCONDE e POLICARPO.

VISCONDE (*aparecendo ao fundo[,] seguido de Policarpo Caldeira[,] que traja no rigor da moda, pastinhas, pince-nez, bengala*) – Concedem-nos licença?

GABRIELA (*consigo*) – Ele!

ESTÁCIO – Queira entrar, senhor visconde de Cordovil e bem assim o cavaleiro que o acompanha.

VISCONDE (*jovial*) – Minha senhora, como passa? Senhor Estácio, folgo em vê-lo bom. (*Aperta a mão de ambos*). Hão de permitir[,] agora[,] que lhes apresente o senhor Policarpo Caldeira, muito digno...



POLICARPO – Amigo aqui do visconde.

VISCONDE (*engolindo em seco*) – Está visto. Apresento-lhes[,] sobretudo[,] pelas suas qualidades de distinto cavalheiro...

POLICARPO – Honrarias, visconde; são honrarias. (*Dirigindo-se a Estácio*). Vossa excelência, minha senhora...

VISCONDE – Estás falando ao senhor Estácio, Policarpo. (*A Estácio e Gabriela*). É míope, desculpem-no.

POLICARPO (*atrapalhado*) – Então[,] hoje estou num estado deplorável...

ESTÁCIO – Nós temos o prazer de recebê-lo e estimamos deveras travar relações com pessoas da amizade do senhor visconde. – Queiram assentar-se. (*Assentam-se*).

POLICARPO – Penhorado por tantas amabilidades, não sei como deva agradecer... Senhor...

ESTÁCIO – Estácio das Neves.

POLICARPO – Eu costume trazer cartões com o meu nome, a fim de proporcionar aos meus amigos a satisfação...

VISCONDE – De que, Policarpo? (*Baixo*). Ias dizer tolice.

POLICARPO (*sorrindo*) – De... O visconde tem espírito. (*A Estácio*). Mas o senhor me desculpará por tê-lo esquecido. Não obstante, tenho a honra de assinar-me Policarpo Caldeira, dois nomes apenas[,] que é o tom; sou agrimensor e futuro engenheiro geógrafo. A geografia sempre foi o meu forte...

VISCONDE (*que procura sempre conversar com Gabriela*) – Acredita que o senhor Estácio...

POLICARPO – Não tem dúvida, visconde... Eu continuo. Sou membro do Liceu Industrial, do de Artes e Ofícios. Membro[,] simplesmente; por comodidade[,] rejeito os cargos de eleição. Pertença à Escola Geral do Tiro do Campo Grande. Atiro menos mal...

VISCONDE – Ó Policarpo!...

POLICARPO – Não há novidade, visconde! (*A Estácio*). Eu sou muito desejado nas diversas sociedades da Corte... Não imagina o apuro em que me vejo para atender aos deveres que me são inerentes... Faço parte do Centro Literário, do Grêmio, do Retiro, dos Ensaio e das outras associações literárias[,] sem exceção da menos importante. Calcule se é possível exercer um cargo na administração de uma[,] sem que a outra não se julgue ressentida... Sou membro ainda do Clube Progressista, da Sociedade Propagadora das Belas Artes e proponho-me a sócio efetivo da Fênix Científica...

VISCONDE (*sorrindo[,] a Estácio*) – É sócio[,] também[,] do Jardim das Crianças, do Instituto dos Meninos Cegos...

POLICARPO – O visconde tem espírito.

ESTÁCIO – São duas instituições que precisam do concurso dos homens considerados.

POLICARPO – Sem dúvida, sem dúvida, tanto que, quando posso, dispenso-lhes a minha proteção.



VISCONDE – Permite observar-te, Policarpo, que te esqueceste de prestar deferência à prima do senhor Estácio. Aonde há senhoras, há o elemento que seduz, há o alvo para onde devem convergir as vistas do nosso sexo...

GABRIELA – Em nossa casa não existe a etiqueta.

VISCONDE – Bem sei que não existe aqui o cerimonial; mas a delicadeza ordena que sejamos solícitos com as representantes do sexo amável e formoso.

POLICARPO (*encaminhando-se para Gabriela*) – Suplico a vossa excelência o indulto da minha falta. Aceito a lição, caro visconde, apesar de que não foi voluntária a falta da qual sou o primeiro a acusar-me. Fui vítima da distração... Não podem fazer ideia da maneira por que sou sujeito a distrações...

VISCONDE (*passando para junto de Estácio*) – É consequência do teu temperamento.

POLICARPO – O visconde tem espírito.

VISCONDE (*a Estácio*) – Aquilo é frase automática, escusa de avaliar o seu peso...

ESTÁCIO – Faz timbre da modéstia...

VISCONDE – Faço timbre de bom senso.

POLICARPO (*a Gabriela*) – Vossa excelência desculpa-me, não é assim?

GABRIELA – Não tenho de que desculpá-lo, creia. Culpada é a distração.

POLICARPO – Vossa excelência tem tanta bondade quanto é bela e sedutora... Não sou um namorado e[,] contudo[,] não me furto ao prazer de exprimir a admiração que os seus encantos despertaram em mim. Vossa excelência é digna competidora dessa rosa branca que trás ao cabelo.

GABRIELA (*sorrindo*) – A rosa é amarela.

POLICARPO – Efetivamente... Estou hoje, repito, num estado deplorável... Maldita miopia! Maldita enfermidade!

GABRIELA (*sorrindo*) – Sendo assim, as suas expressões lisonjeiras, relativamente ao meu físico, descem do valor que quis dar-lhes...

POLICARPO – Por quem é... Não me faça injustiça. Seria incapaz de... (*Fala com ela em voz baixa*).

VISCONDE (*que falava baixo com Estácio*) – Asseguro-lhe que[,] além de hábil caçador, é perfeito conhecedor de armas... Quando desejar, pode tirar a prova... Vá caçar com ele.

ESTÁCIO – É para surpreender[,] sendo tão míope.

VISCONDE – Na verdade[,] surpreende.

POLICARPO – Um parecer, visconde.

VISCONDE – Que é?

POLICARPO – D. Gabriela sustenta que a sensibilidade do homem é inferior à da mulher e até à dos animais de outra espécie. Eu protestei imediatamente. Sou alguma coisa filósofo... E não admito que a mulher sinta mais do que o homem, quanto mais do que o bruto, cujo instinto material, quero dizer, cujas disposições para a propagação da raça...



VISCONDE – Policarpo, detém-te aí.

POLICARPO – É prudente[,] é... Ia invadir a... zoologia... Mas qual de nós tem razão?

GABRIELA – Quero ouvir uma opinião abalizada.

VISCONDE – A minha nunca o foi sobre estas questões puramente filosóficas, motivo por que hesito em responder. A sensibilidade[,] que define a capacidade de sentir, é um fato psicológico muito complexo para ser profundamente conhecido. Direi[,] entretanto[,] que a mulher é mais sensível do que o homem. Quanto à sensação dos animais...

POLICARPO (*prontamente*<sup>48</sup>) – Agora é comigo!

VISCONDE (*carregando o sobrolho[,] para Policarpo*) – Que dizes?

POLICARPO (*que reconheceu a dubiedade da frase*) – Salvo a redação, visconde, salvo a redação...

VISCONDE – A senhora D. Gabriela[,] portanto[,] venceu. Conquanto se tornasse defensora de causa própria, a meu ver, tem mais razão do que o Policarpo...

POLICARPO – Mas, visconde, não me escasseie essa parte da inteligência... Vaidades à parte, eu sou inteligente e apelo para o senhor Estácio... A quem posso provar...

ESTÁCIO – O senhor visconde já me afirmou que o senhor Policarpo é um perfeito caçador...

POLICARPO (*meio embasbacado*) – O visconde tem espírito.

ESTÁCIO – Que tem uma pontaria admirável, que atira de *pince-nez* e que entende de armas de caça como um verdadeiro perito...

POLICARPO – Creia que o visconde...

ESTÁCIO – Mas recordo-me agora de que fiz, há dias, aquisição de uma arma propriamente para caça... Confesso-lhe que sou também apologista dessa diversão...

POLICARPO – Pois vamos caçar amanhã...

ESTÁCIO – Amanhã não me é possível; mas logo que o seja, terei o prazer de convidá-lo para esse fim. Desejo[,] porém[,] utilizar-me desde já dos seus conhecimentos a respeito das armas... Rogo-lhe o obséquio de acompanhar-me ao meu aposento. Examinará a espingarda de que falei e dir-me-á[,] depois[,] se fiz boa compra...

VISCONDE – Vai, Policarpo, e nada de modéstia... És o Nemrod da atualidade...

POLICARPO – Vamos, senhor Estácio. (*Saindo, sorri a Estácio*). O visconde tem espírito... (*Sai com Estácio*).

---

<sup>48</sup> Na edição original, “pramptamente”.



Cena VI

GABRIELA e O VISCONDE.

VISCONDE – Realizaram o meu ardente anelo... (*Tomando as mãos de Gabriela*). Ansiava por ficar a sós com o anjo dos meus enlevos... Querida Gabriela!... (*Contempla-a*).

GABRIELA (*baixando a fronte*) – Ricardo!

VISCONDE – Sou ditoso quando despe-me o título[,] para me chamar Ricardo... E por quê? Porque o Ricardo de Cordovil é o homem do amor, das afeições[,] e o visconde de Cordovil é homem da sociedade, constrangido a usar as cerimônias[,] que despreza. (*Falando com fogo*). No entanto[,] eu vivo unicamente para si, Gabriela. Tenho-lhe dito muitas vezes que é o meu primeiro e único amor!

GABRIELA – Eu o acredito, Ricardo.

VISCONDE – Anjo repleto de sedução, de atrativos, de inocência; flor de perfume inebriante a oscilar na haste da juventude ridente<sup>49</sup>; donzela casta, pudica, adorável: és o meu elemento vital: a tua posse será a ventura suprema, indizível, impossível de descrever!

GABRIELA (*enlevada*) – Ricardo!

VISCONDE – Não tardará muito a realidade deste sonho delicioso da minha existência... Os meus papéis virão de Lisboa dentro de um a dois meses e[,] logo que cheguem[,] virei pedir a mão de um anjo a seu pai. Podia fazê-lo já; mas eu almejo novas sensações[,] no dia em que cessar o mistério do nosso amor: e dessas sensações à felicidade completa, apenas quero o mais curto intervalo de tempo.

GABRIELA – Concordei em tudo consigo, Ricardo.

VISCONDE – Porque confia no amor que lhe consagrei e confia bem. O sentimento que me inspirou não é vulgar, Gabriela. Acima dele[,] nenhum existe, desafio. Esta adoração que alimento na alma e que dela sai em eflúvios divinos[,] para chegar até si – é imensa, pura, veemente como nenhuma outra. (*Tomando-lhe as mãos com paixão*). Mas se é tão formosa... Se eu vejo no coruscar desses olhos meigos – o prenúncio de um gozo infinito!... (*Conchegando-a brandamente para si*). Como és arrebatadora! Como eu te estremeço, ó minha adorada Gabriela! (*Oscula-lhe a fronte*).

Cena VII

OS MESMOS, BELISÁRIO e DOMINGOS.

DOMINGOS (*dentro*) – É eminentíssimo!

---

<sup>49</sup> Que ri; sorridente.



VISCONDE (*desprendendo-se rapidamente de Gabriela e tomando respeitosa atitude*) – Ah! (*Consigo*). Quase surpreenderam-me.

BELISÁRIO (*aparecendo[,] para Domingos[,] que o segue*) – Julgo que deve ser.

DOMINGOS (*vendo o visconde, vai a ele*) – A propósito: como passa, senhor visconde?

VISCONDE – Menos mal; e o senhor?

DOMINGOS – Eu... Eu fui hoje à casa do ministro. Eu não durmo, senhor visconde. Fui ter com ele: o Estado precisa da realização de grandiosas ideias: tenho-as: apresento-as: quero pô-las em prática. Acabei de demonstrar matemática, fisicamente[,] a certeza do meu plano acerca dos carros voláteis. (*Durante este tempo[,] Belisário e o visconde apertam-se as mãos e falam baixo*). Que pensa deles, senhor visconde?

VISCONDE (*que não tem prestado atenção*) – Nada.

DOMINGOS (*entre sério e admirado*) – Como, nada?

VISCONDE – Disse que o senhor foi ao ministro, senhor Bezerra.

DOMINGOS – Agora percebo; mas peço-lhe que me trate por tu; é assim que trato ao mundo inteiro, excetuando vossa excelência e o ministro... (*Suspende-se[,] por se achar dominado de uma impressão qualquer*). E curiosíssimo!... Oh! Que ideia! É singularíssima!... (*Fica a pensar*).

VISCONDE (*baixo[,] a Belisário*) – Aonde vai parar este homem?

BELISÁRIO – É um infeliz.

VISCONDE – Parece que a enfermidade é incurável.

DOMINGOS – O movimento será mais ou menos este. (*Imita um objeto que salta de um lugar a outro*). Bem. Devo[,] incontinente[,] prevenir o incidente ao ministro. Naturalíssimo! Vou. (*Absorto. Vai saindo devagar*). É preciso que ele saiba.

#### Cena VIII

#### OS MESMOS, ESTÁCIO e POLICARPO.

POLICARPO (*entrando[,] a Estácio*) – Em resumo, é excelente a sua arma. (*Batendo de repente com a mão na testa*). Com a breca! Esquecia-me da entrevista... (*Vendo Domingos[,] que irá transpondo a porta[,] para sair*). Ó Bezerra! Espera, Bezerra!

DOMINGOS (*completamente abstrato*) – O que fará de mim a história? (*Sai*).

POLICARPO (*voltando-se ao visconde*) – A história... Visconde, que fará dele a história?

VISCONDE – Mandará empalhá-lo.

POLICARPO – O visconde tem espírito. (*Cortejando Estácio*). Senhor Estácio. (*Despedindo-se de Belisário[,] em quem supõe Gabriela[,] que está mais*



*afastada[,]brincando com as flores de um vaso*). Minha senhora... Vou ao Alcazar, visconde. (*Reparando na frase*). Diabo! Queiram desculpar. (*Sai*).

Cena IX

ESTÁCIO, BELISÁRIO, VISCONDE e GABRIELA.

VISCONDE – É estouvado, mas é um excelente rapaz. Trouxe-o em minha companhia para apresentá-lo ao senhor Belisário, mas não me deu tempo, como viu. Tinha-o já apresentado ao senhor Estácio e à senhora D. Gabriela. Notou igualmente que é míope.

BELISÁRIO – Basta a recomendação do senhor visconde[,] para considerá-lo devidamente.

VISCONDE – Agradeço a deferência. (*Vendo o relógio*). É tarde e vejo que são horas de acomodarem-se. (*Apertando a mão de Gabriela*). Passe bem, minha senhora. (*Fazendo o mesmo a Belisário e Estácio*). Senhor Belisário, senhor Estácio, às ordens.

BELISÁRIO – Ficamos[,] como sempre[,] à sua disposição.

VISCONDE – Muito obrigado. (*Corteja e sai. Logo depois[,] Antônio fecha a porta do fundo e desaparece*).

GABRIELA – A sua benção, meu pai. (*Beija a mão do pai*). Boa noite, primo.

ESTÁCIO – Boa noite. (*Gabriela entra à direita*).

Cena X

BELISÁRIO e ESTÁCIO.

BELISÁRIO (*depois que a filha entra e fecha a porta do quarto*) – Falaste-lhe?

ESTÁCIO – Falei.

BELISÁRIO – E então?

ESTÁCIO – Positivamente[,] não declarei-lhe o meu amor; mas através das suas palavras cheias de suavidade entrevi a esperança.

BELISÁRIO (*sorrindo*) – Nesse caso, namorado, vai dormir e sonhar. Até amanhã. (*Sai*).

ESTÁCIO – Até amanhã, meu tio. (*Voltando o olhar para o quarto de Gabriela*). E tu, ente adorado, imagem que eletriza a minha imaginação, raio de luz que me irradia a existência, pérola que fascina-me o olhar, dorme no teu santuário de virgem e sonha com os anjos. (*Sai*).



Cena Última

[VISCONDE, só.]

VISCONDE (*sutilmente abrindo a porta do fundo*) – Daqui a pouco dormirão todos; daqui a pouco (*designando a porta do quarto de Gabriela*), ela será minha!

CAI O PANO.



## ATO II

*A mesma decoração.*

Cena I

BELISÁRIO e ANTÔNIO.

BELISÁRIO (*assentado, pensativo, a Antônio[,] que tem chegado*) – Que deseja, Antônio?

ANTÔNIO – Vim pedir licença para ausentar-me de sua casa...

BELISÁRIO – Não quer mais servir-me?

ANTÔNIO – Longe de mim essa ideia.

BELISÁRIO – Não sei[,] então...

ANTÔNIO – Eu me explico, senhor Belisário. Preciso ausentar-me, porque minha filha está doente e necessita passar fora da cidade algum tempo. Assim recomendou-me o médico. Adotei o conselho e vim pedir-lhe permissão. Trata-se de minha filha e por ela farei o que for humanamente possível.

BELISÁRIO – Mas sua filha é uma moça nutrida e parece até vender saúde. Não seria capaz de afirmar que estivesse doente. É enfermidade recente, não? Afecções do peito, talvez?

ANTÔNIO – Creio que sim...

BELISÁRIO – Faz bem não descuidar-se da saúde dela. É uma moça bonita, cheia de encantos...

ANTÔNIO (*sorrindo*) – Não é tanto.

BELISÁRIO – É suspeito para contestar. Mas pode ir, Antônio. Não serei eu que o prive de zelar a existência de sua filha.

ANTÔNIO – Vou passar uns dois meses, pelo menos, em casa do meu comadre Lourenço; e se o senhor Belisário, como é natural, carecer de alguém que me substitua, suplico-lhe que não olhe a considerações; admita.

BELISÁRIO – É certo que precisarei de alguém, mas admitirei provisoriamente, porque não o despeço.

ANTÔNIO – Faz mal em considerar-me desse modo...

BELISÁRIO – É inútil objetar-me. É meu desejo. Pode ir descansado.

ANTÔNIO – Obrigado[,] mil vezes. Parto, pois, senhor Belisário. Já me acho bastante comovido para fazer novas despedidas, por isso peço-lhe que me recomende à senhora D. Gabriela e ao senhor Estácio. Passe bem, senhor Belisário.

BELISÁRIO (*apertando-lhe a mão*) – Seja feliz, Antônio; e fique convicto de que almejo a pronta cura de sua filha.

ANTÔNIO – Agradeço-lhe[,] de coração. (*Consigo*). Como eu sou comediante! (*Sai*).



Cena II

BELISÁRIO e ESTÁCIO.

BELISÁRIO – É um excelente homem este Antônio. (*Vendo Estácio[,] que entra meio tristonho; admirado*) – Como? Não saíste hoje de tarde?

ESTÁCIO – Não saí, meu tio. Fui acometido de uma fortíssima dor de cabeça e achei preferível deitar-me. (*Assenta-se*).

BELISÁRIO – Nem sais mais?

ESTÁCIO – Não pretendo perder a minha lição, por isso tenho de sair.

BELISÁRIO – Então[,] presta-me um favor. Vai à casa do Albano Travassos e pede-lhe que se previna com a quantia que sabe, porque dentro destes quinze dias a mandarei buscar. Estamos a dezesseis, e daqui a um mês se vence a letra do visconde. Não quero incorrer em faltas.

ESTÁCIO – De modo nenhum incorrerá. Conquanto pobres, a nossa dignidade se conservará inabalável. Mas deixemos isso e falemos de outra coisa. Diga-me, tio Belisário, que pensa daquela pronunciada melancolia da prima? Gabriela[,] desde ontem[,] parece triste...

BELISÁRIO – Eu sei... Pergunta-o a ti[,] que foste acordar-lhe o coração.

ESTÁCIO – Oh! Não! Não sou eu, decerto, a causa da tristeza que descortino em seu semblante... Gabriela tem, sente alguma coisa de grave. Está apreensiva. O seu riso não é o riso franco[,] meu conhecido. A prima sofrerá, meu tio?

BELISÁRIO – Se sofresse, tê-lo-ia dito. Entretanto[,] as tuas palavras assustam-me.

ESTÁCIO – A mim[,] muito mais, pois que já habituei-me a sonhá-la minha esposa adorada.

BELISÁRIO – Cumpre[,] por conseguinte[,] que façamo-la declarar-se. É mister que ela justifique o seu estado atual, não concordas?

ESTÁCIO – Sem dúvida, meu tio.

BELISÁRIO – Fala-lhe hoje[,] com franqueza. Dize-lhe que a amas e que desejas unir-te a ela, podendo acrescentares que faço nisso o maior gosto.

ESTÁCIO – Tinha tomado essa resolução.

BELISÁRIO – Veremos se amanhã ainda estará melancólica. Eu[,] por mim[,] julgo que não.

ESTÁCIO (*duvidando*) – Quem sabe!

BELISÁRIO – Há de ver. Demais me é conveniente que se amem, que se casem quanto antes.

ESTÁCIO – Isso, meu tio, é bom de dizer.

BELISÁRIO – E de fazer, por que não?

ESTÁCIO – Porque a minha posição perante à sociedade é dúbria, é falsa. Não desejo casar-me para infelicitar minha mulher.



BELISÁRIO – Louco! Há muito tempo não vivemos unidos? Porventura[,] têm-nos faltado recursos, a despeito da nossa pobreza? Não têm: portanto[,] posso, devo, hei de casá-los.

ESTÁCIO – Mas o futuro?

BELISÁRIO – O futuro ao acaso pertence.

ESTÁCIO – Não é com essas teorias que me convence. Filho do positivismo, como sou, não as aceito. Eu idolatro, venero o anjo deste lar... Ninguém concebe, sequer, o mundo de afetos que reside em meu peito. Ninguém compreende a grandeza do sentimento que me ligou a ela. Ninguém avalia o que almejo para a sua ventura na terra. Portanto[,] ninguém me diga que espere do acaso o futuro.

BELISÁRIO – Mas eu sou velho e sou pai. Um velho tem a experiência dos anos. Um pai quer ver sua filha feliz. Ora[,] a minha experiência não me contraria o intento e a minha qualidade de pai o aprova. Neste pressuposto[,] determino que se casem. Terás a vontade de desobedecer-me?

ESTÁCIO – Talvez, meu tio.

BELISÁRIO – Em que se funda essa tua pertinácia?

ESTÁCIO – Na esperança de que mais tarde (*sorrindo*), mas não muito tarde, realizarei o nosso recíproco desejo. Entregue-me Gabriela o seu coração[,] que jubilosamente esperarei pelo delicioso dia. Creio que ela pensará da mesma forma.

BELISÁRIO – Ainda não capitulo.

ESTÁCIO – Nem eu. (*Saindo*). Agora vou preparar-me para sair.

BELISÁRIO – Não esqueças o meu pedido.

ESTÁCIO – Sim, meu tio. (*Sai*).

### Cena III

#### BELISÁRIO e POLICARPO.

BELISÁRIO – Conheço-lhe a índole e o bom senso. É capaz de sacrificar o coração para que nunca lhe exprobre um ato de leviandade. Assaz refletido nas suas ações, só as pratica com oportunidade. Merece a ventura que aspira. Oxalá Gabriela o compense.

POLICARPO (*ao fundo*) – Vejo um vulto. Será ela ou ele? Olhem que estou catacega na regra. (*Indo colocar o pince-nez, é visto por Belisário que[,] casualmente[,] lança os olhos para o fundo*).

BELISÁRIO – Ah! (*Vai ao encontro*).

POLICARPO – É ao senhor Belisário das Neves a quem tenho a honra de me dirigir?

BELISÁRIO – A ele mesmo, pondo de parte a honra com que ataviou a sua pergunta.



POLICARPO – Não admito, não, senhor. É muita honra, é. Vossa senhoria é um respeitável chefe de família, é um cidadão benquisto...

BELISÁRIO (*sorrindo*) – O senhor Caldeira confunde-me com tanto cavalheirismo...

POLICARPO – Histórias... meu caro... (*Caindo em si*). Oh! Diabo! Desculpe a minha familiaridade. Julgava estar falando a um íntimo. É que vossa senhoria não imagina quanto sou propenso às distrações, ao esquecimento.

BELISÁRIO – Não reparo nessas futilidades, senhor Caldeira. Não se assenta?

POLICARPO (*estendendo-lhe a mão[,] que Belisário aperta*) – Tenho a satisfação de travar conhecimento com vossa senhoria. O meu amigo visconde de Cordovil trouxe-me anteontem a esta casa, a fim de apresentar-me a vossa senhoria. Como[,] porém[,] não o visse, o fez somente à senhora sua filha e ao senhor seu sobrinho. Oh! Boas pessoas, na verdade.

BELISÁRIO – Mas o senhor viu-me; até[,] ao sair[,] fez-me um cumprimento...

POLICARPO – Queira desculpar; foi equívoco.

BELISÁRIO – Tanto não foi que o correspondi.

POLICARPO – Não pode ser. Vossa senhoria fez quiproquó<sup>50</sup> ou tomou-me por outro. Recordo-me perfeitamente de que até cumprimentei ao senhor Estácio e à excelentíssima senhora sua filha...

BELISÁRIO – Justamente... O senhor teve a delicadeza de tratar-me por – minha senhora. (*Sorri*). Veja se se lembra agora.

POLICARPO – Ah! Tem manifesta razão, meu caro senhor Belisário. Efetivamente eu... eu fiz asneira no meu cumprimento. Foi a miopia. O senhor já sabia que sou míope? Sou míope como uma porta. (*Assenta-se*). Vossa senhoria[,] entretanto[,] não se dê ao trabalho de ligar apreço a este fato... natural, porque é da natureza.

BELISÁRIO – Está visto. (*Assenta-se*).

POLICARPO – Pois eu estou em sua presença e julgo-me já apresentado. Policarpo Caldeira, ex-futuro bacharel, agrimensor, membro do Liceu Industrial, do Liceu de Artes e Ofícios, sócio da Propagadora e de todas as sociedades literárias que...

BELISÁRIO (*atalhando*) – Já conhecia os seus títulos honoríficos.

POLICARPO (*sorrindo*) – O visconde forneceu-lhe os, não? Aquele visconde vive a endeusar-me. Ah! É que sou o seu amigo mais íntimo, quase conselheiro, por assim dizer. O visconde considera-me como o seu Pólux, sendo ele o Castor. Gosto daquele querido visconde... É dotado de muito espírito...

BELISÁRIO – Tem o confirmado.

POLICARPO – Não há dúvida: o visconde tem espírito.

BELISÁRIO – Por que não veio ele com o senhor?

<sup>50</sup> Confusão de uma coisa com outra ou situação cômica resultante de equívoco(s).



POLICARPO – Penso que anda[,] atualmente[,] um tanto atarefado. Além disso, fiz o propósito de vir só, porque um motivo... (*Hesita*).

BELISÁRIO – Um motivo?

POLICARPO – Eu, senhor Belisário, vim apresentar-me, visitá-lo e pedir-lhe...

BELISÁRIO – Conclua, senhor Caldeira.

POLICARPO – Concluo. (*Consigo*). Pois eu não estou com a coisa na boca[,] sem poder soltá-la? (*Alto*). Vou concluir.

BELISÁRIO – Não se acanhe.

POLICARPO – Pois bem, senhor Belisário, não me acanho; fique certo de que não me acanho: eu vim pedir-lhe a mão da excelentíssima senhora D. Gabriela, essa formosa menina...

BELISÁRIO (*admirado*) – A mão de minha filha? Pede-me a sua mão?...

POLICARPO – Exatamente. Oh! Adoro-a, estremeço-a, venero-a, necessito-a...

BELISÁRIO – A mão?

POLICARPO (*sorrindo*) – A mão e o corpo, bem entendido. Diabo! Quero dizer: adoro a sua excelentíssima filha. Contemplei-a ontem pela primeira vez e a consequência foi apaixonar-me. Estou convencidíssimo de que a nossa união será a mais feliz possível, a admitir-se que ela me corresponda, como creio. Confessei o meu amor ao visconde; ele aprovou e disse que a sua opinião era que nos casássemos, caso o senhor anuísse. O visconde protege-me... Chegou a dizer-me que se eu conseguisse merecer tal dita ele dotaria a noiva... Aquele querido visconde!...

BELISÁRIO (*sério*) – O dote de minha filha, senhor Caldeira, é o que lhe deixou sua mãe, é o que lhe deixarei eu; um dote honroso: pobreza e virtude. (*Ergue-se*).

POLICARPO (*consigo*) – Tais dotes não me servem. O do visconde é mais sedutor. (*Alto*). Mas eu julgo... (*Ergue-se*).

BELISÁRIO – Julgue o que quiser. Minha filha rejeita o dote de outrem. Só o aceitará de mim ou daquele que a desposar por amor sincero e profundo.

POLICARPO – Muito bem, muito bem; queira apertar esta mão, porque nos compreendemos como dois homens de grande alcance.

BELISÁRIO (*sem mover-se*) – Perdão, eu...

POLICARPO (*interrompendo*) – Está tudo arranjado. Amor profundo e sincero é o meu. Aquele que pode e deve desposá-la, sou eu. Quanto ao dote – será como pondera o senhor Belisário. O visconde dota-me e eu doto-a.

BELISÁRIO – É inútil continuar a respeito de tal assunto.

POLICARPO (*admirado*) – Como?

BELISÁRIO – É inútil continuar, porque não posso atender ao seu pedido. Sobre minha filha[,] tenho outras vistas.

POLICARPO (*atrapalhado*) – Mas afianço-lhe que o visconde empenha-se...



BELISÁRIO – O senhor visconde[,] com ser seu amigo, não se pode julgar com direitos de influir nos meus atos. Sou pai e [,] nas minhas resoluções paternas[,] prescindindo da intervenção de segundos ou terceiros. O que eu pretender e minha filha anuir – será o que farei.

POLICARPO – Mas se D. Gabriela amar-me?...

BELISÁRIO – Para que o senhor Caldeira não me julgue despótico em relação aos sentimentos de minha filha, sem incômodo[,] vou consultá-la. (*Indo à porta do quarto de Gabriela*). Gabriela! Gabriela!

POLICARPO – Sinto que o senhor Belisário arrancasse-me a esperança da... do... de... (*Consigo*). Maldita língua! Faze-te agora de rogada, língua de trapo! De trapo! Estou a tratar-me de trapo!

BELISÁRIO – Aí vem Gabriela.

#### Cena IV

#### OS MESMOS e GABRIELA.

GABRIELA (*entrando, um tanto pálida e triste*) – Meu pai[,] que deseja? (*Vendo Policarpo*). Senhor Policarpo, como tem passado?

POLICARPO (*apertando-lhe a mão*) – Não muito bem, minha senhora. Com o coração a transbordar de...

BELISÁRIO – Eu trato da questão, mesmo porque é prudente não dilatar um assunto que exige imediato desenlace.

POLICARPO (*consigo*) – Inutilizou-me a obra. (*Alto*). Pois não. (*Consigo*). Se eu tomo...

BELISÁRIO – Minha filha, o senhor Caldeira[,] depois de confessar-me que estava apaixonado por ti, pediu-me a tua mão. O senhor Caldeira é um bom moço. Tem qualidades apreciáveis...

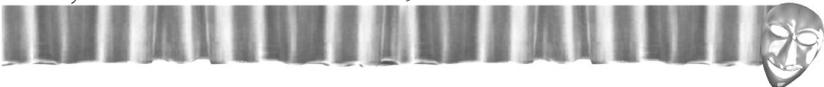
POLICARPO (*risonho, atalhando*) – Favores; são favores... Aqui do senhor seu pai.

BELISÁRIO – Não sabendo o que responder-lhe, chamei-te para o fazeres em meu lugar, visto teres mais competência para isso.

POLICARPO – Antes de dar a decisão, minha senhora, eu apelo para... o seu coração.

GABRIELA – O meu coração, senhor Caldeira, não sentiu ainda o menor desejo de ligar-se a outro; por esta razão, bem vê que é impossível dar-lhe uma resposta satisfatória. Fico[, entretanto[,] com o desgosto de não poder retribuir a afeição que me dedicou, e suplico-lhe que não me queira mal por isso. (*Estendendo-lhe a mão*). Perdoa? (*Ele aperta*).

POLICARPO (*suspirando*) – Que remédio! Que remédio, minha senhora! Eu sempre fui um desgraçadinho. (*Consigo*). Diabo! Estou caindo no ridículo. (*Alto*). Está bem, minha senhora! Safo-me com a alma... Quero dizer: retiro-



-me com a alma despedaçada, mas acredite, sim[,] acredite... (*Consigo*). Em que farei ela acreditar, não me dirão? (*Alto*). Sim, acredite-me que... que vou-me embora!

Cena V

OS MESMOS e DOMINGOS.

DOMINGOS (*entrando taciturno*) – Boas tardes. – Adeus, Belisário. Adeus, Policarpo. Adeus, Gabriela. Vocês como vão?

BELISÁRIO – Bem. E tu?

DOMINGOS (*solene*) – Malíssimo!

OS TRÊS – É possível?

DOMINGOS – Possibilíssimo. (*Assenta-se*).

POLICARPO (*consigo*) – Não sai do superlativo. Anda sempre no elevado...

BELISÁRIO (*a Domingos*) – Mas o que tens, homem? Fala. Bem vêes que estamos em família...

POLICARPO (*a Belisário*) – Sinto muito; mas eu não sou da família...

BELISÁRIO – Falei figuradamente.

DOMINGOS (*erguendo-se*) – Tudo é figuradíssimo, neste mundo. Há ideias... Mas de que servem? De que servem as ideias, quando temos em nossa frente um obstáculo – a rocha do indiferentismo, a montanha da estupidez – o Himalaia da inveja? Para que ter ideias? As ideias não vingam. No nosso país não se quer ideias – quer-se o que entra pra aqui (*indica a barriga*), quer-se a pança cheia! Eu fui, sou e serei o homem da ideia. (*Bate na cabeça*). Neste crânio genial – há o futuro grandioso de mil nações. Entretanto[,] burlaram-me a geringonça; fui vencido: estou aniquiladíssimo! (*Assenta-se[,] abatido*).

BELISÁRIO – Mas o que houve?

POLICARPO – Explica-te, Bezerra.

DOMINGOS – O caso é tristíssimo; não há um só indivíduo que diga o contrário. Anteontem fui ao ministro, não é verdade? Fui levar-lhe a minha maravilhosa descoberta dos carros voláteis. Ele riu-se, também lhes disse. Fui segunda vez: o contínuo devolveu-me a petição[,] sem me dizer uma só palavra. Fiquei surpreendidíssimo! Agarrei, porém, a petição[,] e fui em seguida levá-la à casa do ministro. Encontrei-o, felizmente. Dei-lhe a e acrescentei que lhe marcava dia e meio para despachar. Hoje vou saber o despacho. Sabem, calculam, adivinham, pensam[,] qual foi ele? Foi este, a lápis, sem assinatura... Ah! Mas eu conheço a letra do ministro e sou capaz de processá-lo.

POLICARPO – Diga o despacho.

DOMINGOS – “Vá esta petição ao senhor diretor do Hospício Pedro II, para informar.” Que tem o hospício com os meus carros? (*Furioso*). Os meus carros estão doidos? Eu estou doido? Vocês estão doidos? Respondam.



POLICARPO – Não estamos, graças a Deus!...

DOMINGOS (*mais enfurecido*) – Queres dizer na tua... Que eu... Livra-te de o afirmares... Se houver uma só pessoa que ouse chamar-me doido, ainda mesmo que seja o ministro, mato-a! Ah! É que ninguém conhece a cor do meu fígado...

POLICARPO (*consigo*) – Este diabo está com acesso. Nada. Já não me agrada a conversa. (*Alto, cumprimentando*). Meus senhores, minha senhora...

DOMINGOS (*tomando-o pelo braço*) – Vem cá, Policarpo. Não foges; não sairás: assim o quero e tenhas entendido. Estou desesperadíssimo e careço de alguém que grite comigo, que badale, que trombeteie pela cidade – a inépcia do ministro.

POLICARPO – Mas se não sei gritar; se...

BELISÁRIO – Apresenta nova invenção. Em último caso, se os ministros não quiserem realizar as tuas ideias, busca a iniciativa particular.

DOMINGOS (*alegrando-se de repente*) – Dá cá um abraço, Belisário. Tu és um homem eminentíssimo. O teu conselho vale ouro; aceito-o já e já. Oh! Tenho as ideias em turbilhão... Vou pacificá-las e[,] amanhã[,] estará organizado um novo e gigantesco plano. (*Enfia o braço no de Policarpo*). Vamos, Policarpo. Levo-te daqui à minha casa. Adorado Policarpo, caminha. Vê que estou satisfeítíssimo, jubilosíssimo, entusiasmadíssimo. (*Saem*).

#### Cena VI

BELISÁRIO e GABRIELA.

BELISÁRIO (*a Gabriela[,] que durante a cena anterior entreteve-se a bordar*) – Se diariamente tivermos destas visitas, não sei em que se transformará a nossa casa.

GABRIELA (*com triste sorriso*) – Nem eu, meu pai.

BELISÁRIO (*encarando-a*) – Mas o que tens tu, Gabriela? De que provém a tua melancolia? Tu sofres? Dize-me o que tens.

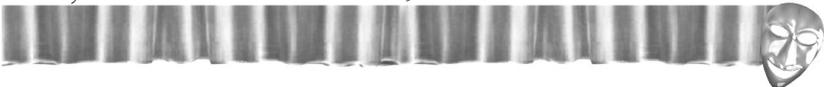
GABRIELA – É ilusão de meu pai; nada tenho, nada soffro.

BELISÁRIO – Ilusão! Sou[,] porventura[,] alguma criança, para enganar-me tão facilmente? Ilusão! Não obstante[,] vejo-te pálida. Tens os olhos pisados, um sorriso triste, a fronte meditativa... Vejo tudo isso e achas que iludi-me? Não, Gabriela; não enganei-me. Tu padeces e és uma ingrata...

GABRIELA – Meu pai!

BELISÁRIO – Uma ingrata, sim; uma ingrata, porque não me fazes partilhar os teus pesares, porque não me confessas o que sentes. – Tu amas, minha filha?

GABRIELA (*consigo*) – Meu Deus! Meu Deus! Como eu padeço neste momento!



BELISÁRIO – Responde, filha. Se amas, fala. É o amor algum crime? É teu pai um algoz[,] para despedaçar a felicidade que anelas? Não! Eu só desejo dar-te a e para consegui-la, não hesitarei no emprego de esforços sobre-humanos. Tenho por ti um culto e tu, no entanto[,] te retrais e ocultas o motivo da tua tristeza.

GABRIELA – Isso que chama tristeza, não é mais do que a consequência da insônia.

BELISÁRIO – Da insônia? Pois não tens dormido?

GABRIELA – Há duas noites; e daí resulta essa *enfermidade* que me deram. O *papá* deve convir que uma pessoa[,] passando em claro duas noites, necessariamente fica prostrada, ou num mal estar que atormenta. É o que me sucede. Está satisfeito agora?

BELISÁRIO – Estou[,] em parte; porque só o estarei[,] realmente, quando teu semblante voltar ao seu estado de frescura, de suavidade, de alegria e de saúde.

GABRIELA – Amanhã ou depois[,] estarei boa.

BELISÁRIO – Deus queira. – Tenho de concluir um serviço em meu quarto. Antes, porém, vou dar-te um enigma para entreteres o tempo. Ei-lo. Teu primo Estácio, hoje, há de falar-te sobre um assunto de interesse... tríplice. O que ele pretende, eu de boa mente concedo. Adivinha e coroa a obra. (*Sai[,] sorrindo*).

#### Cena VII

#### GABRIELA e O VISCONDE.

GABRIELA (*tristemente*) – Já o adivinhei, mas muito tarde.

VISCONDE (*ao fundo, vendo-a, desce rapidamente*) – Querida Gabriela! Estás, felizmente, só. (*Tomando-lhe as mãos*). Como tens passado, meu anjo? Estava louco por ver-te. Ontem, por impossibilidade, não vim. Acredita que desesperei. Passou[,] entretanto[,] o dia, a noite e hoje, mal descambou a tarde, jantei e eis-me aqui, em tua presença, para contemplar-te, para repetir-te que o meu amor tocou à meta da loucura e que[,] junto a ti, esqueço o mundo. (*Abraça-a e dá-lhe um beijo*).

GABRIELA (*repleta de alegria*) – Sou feliz!

VISCONDE – Virei logo...

GABRIELA (*repetindo*) – Logo?!...

VISCONDE – Logo, à noite. Espera-me, cerrando apenas a porta do teu aposento.

GABRIELA – Não prossigas, Ricardo. Sinceramente[,] digo-te que não espera ouvir essas expressões.

VISCONDE – Mas são naturais[,] quando...



GABRIELA – Quando tu abusaste e nutres o intento de continuar no mesmo caminho, não é assim? Mas não são naturais, se refletires que o homem de bem deve elevar a mulher que adora e não abatê-la mais no seu próprio conceito. – Ricardo, tu fizeste-me os protestos de uma afeição profunda e eu entreguei-te espontaneamente o meu coração, talvez porque fosses o primeiro a despertá-lo. Apesar disso, porém, tu, utilizando meios pouco dignos, desprezaste a pureza que realçava o teu sentimento, olvidaste tudo e me precipitaste no abismo.

VISCONDE – Gabriela!

GABRIELA – Que sou eu para ti? Uma mulher a quem sinceramente amas ou uma mulher a quem pretendeste arrancar a honra, a virtude, a castidade, para arremessar no caminho da perdição? Quando cometeste o crime, não pensaste na reparação imediata? Que te aconselhou ontem a razão? A duração do crime ou a reabilitação da mulher que desonraste? Fala. Quero ouvir-te.

VISCONDE (*com sorriso de hipócrita*) – Que escarcéu, Gabriela! Quanta palavra retumbante[,] sem necessidade! Mas quem te diz que não serás reabilitada? Quem te diz que não repararei a minha falta? Mas se eu nunca pensei de modo diverso. O que[,] todavia[,] não passa de puerilidade é o teu escúpulo em prolongar a nossa ventura. Pois[,] que tem? Que mal resulta daí?

GABRIELA – Cala-te, por Deus! Não profiras mais semelhantes palavras! A continuação do crime é impossível, juro-te pela honra de meu pai, porque eu já não a tenho. Sou eu, porém, agora[,] quem te pergunto: por que não cumpres o teu dever? Fala hoje a meu pai. Dentro de dias[,] estaremos unidos e então será eterna a nossa felicidade!

VISCONDE (*decidindo-se*) – Gabriela, eu não posso casar-me.

GABRIELA (*num ímpeto misto de cólera e desespero*) – Oh!

VISCONDE – Mas tudo se remediará. Dentro de um mês[,] terás um marido e serás respeitada pela sociedade[,] que nem de leve terá a audácia de insultar-te! Entretanto[,] o nosso amor...

GABRIELA (*com expressão*) – Infame! Víbora acariciada no seio de uma família honesta, por que não deixaste a peçonha nos charcos aonde arrastavas-te? Por que vieste envenenar aqueles que te abriram as portas da honra? Foge do lar que manchaste, víbora! Se não tenho o salto de uma bota para esmagar-te, sobram-me forças para enxotar-te!

VISCONDE (*com certo riso*) – Eu saio, mas observo-lhe que pratica a maior das tolices. (*Antes de sair*). Pondere! (*Sorrindo*). Se precisar de mim, sabe aonde moro. (*Sai. Aparece Estácio*).

Cena Última

GABRIELA e ESTÁCIO.

GABRIELA (*em desespero, chorando*) – Sou uma desgraçada!



ESTÁCIO (*tomando-lhe as mãos*) – Por que[,] Gabriela? Tu, desgraçada, quando eu voto-te o mais santo dos cultos, quando eu faço de ti a minha suprema felicidade na terra?! Tu, desgraçada, quando eu daria a vida para salvar um fio dos teus cabelos?!

GABRIELA (*em pranto*) – Eras tu o ídolo que eu devia venerar e fui cair aos pés de uma serpente!

ESTÁCIO (*com um grito*) – Ah! Quem foi o miserável?

GABRIELA – Foi esse que saiu.

ESTÁCIO (*com ódio profundo*) – O visconde de Cordovil! (*Com riso sarcástico*). Maculou a castidade e vai resplandecer em plena sociedade!

CAI O PANO.



### ATO III

*A mesma decoração.*

Cena I

VISCONDE e ESTÁCIO.

VISCONDE (*aparecendo ao fundo*) – Ninguém. Pouco importa! Sobeja-me tempo para empregar nas entrevistas desta espécie, a que eu darei o nome de humorísticas.

ESTÁCIO (*entrando*) – Pelo toque da campainha e pela hora[,] concluí que era o senhor.

VISCONDE – Folgo em satisfazer os caprichos do senhor Estácio, razão porque atendi ao seu chamado. Muito o estranhei, confesso; mas espero que desfará tal impressão, explicando-se.

ESTÁCIO – Não convidei-o a vir aqui, senhor visconde, para dar-lhe explicações, convidei-o para pedir-lhe contas do seu vil procedimento!

VISCONDE – Temos fraseologia expressiva, já vejo. Tome um conselho, meu caro. Essas palavras[,] que soam de forma estrondosa, não produzem mais o efeito que supõe. O modernismo despreza os termos bombásticos, por nimiamente<sup>51</sup> inúteis; rogo, pois, ao senhor Estácio[,] que se abstenha deles. – Com licença. (*Assenta-se*). Ouvi-lo-ei melhor assentado.

ESTÁCIO – Declaro-lhe positivamente que não estou resolvido a prolongar uma cena onde se chocam pontos de honra. Repito que o convidei para dar-me contas do seu indigno procedimento e não para ouvir as suas chocarriças.<sup>52</sup>

VICONDE – Mas é de um temperamento fogoso! Revolta-se pelo mais leve gracejo.

ESTÁCIO – O gracejo é de mau gosto[,] quando se trata de assunto sério. Sabe que não veio a esta casa para dar expansões à sua veia humorística. Aqui[,] onde existe ainda a honra, apesar da sua vontade, não é o local próprio de cínicos jograis<sup>53</sup>, nem de histriões<sup>54</sup>!

---

<sup>51</sup> Excessivamente, demasiadamente.

<sup>52</sup> Gracejos atrevidos.

<sup>53</sup> Na Idade Média, trovadores ou intérpretes de poemas e canções de caráter épico, romanesco ou dramático.

<sup>54</sup> Comediantes, cômicos.



VISCONDE (*erguendo-se insultado*) – Senhor! (*Dá uma risada e assenta-se de novo*). Ia fazer jus ao título de parvo! Queira prosseguir, senhor Estácio. Alterei-me um pouco; desculpe.

ESTÁCIO – O senhor visconde adquiriu relações nesta casa[,] sem que eu, meu tio, ou minha prima, lhe as fosse solicitar.

VISCONDE – Gosto de relacionar-me.

ESTÁCIO – Soube insinuar-se no ânimo daqueles que o acreditaram homem de bem.

VISCONDE – Com licença. (*Acende um charuto*).

ESTÁCIO – A entes como eu e o tio, pouco afeitos ao trato dos vilões envolvidos na capa da honradez, foi fácil enganar.

VISCONDE – Perdão. Não os enganei. Enganaram-se os senhores!

ESTÁCIO – Tem razão. Se não tratássemos com boa fé – os abutres da sociedade[,] escondidos na roupagem de cavalheiros – teríamos facilmente conhecido o disfarce! Mas o senhor veio relacionar-se[,] aqui, porque tinha um fim infame a preencher! Ofereceu *amizade* ao pai e[,] iludindo a filha com palavras mentidas, arremessou-a no abismo da ignomínia!

VISCONDE – Quem lhe contou isso?

ESTÁCIO – Tentará negar?

VISCONDE – Não tenho por hábito negar o que pratico.

ESTÁCIO – Confessa, pois!

VISCONDE – Confesso, sim. Sou um homem de índole excepcional. Uns dizem que a tenho má, outros que a tenho boa. Francamente, não sei por qual destas opiniões me decida, apesar de considerar-me um ente dotado de certo cabedal de instrução e de raciocínio. Não faço um elogio próprio; analiso-me para fundamentar o meu modo de ser[,] franco e sincero[,] na confissão dos meus atos.

ESTÁCIO – Confessa uma torpeza e pensa justificá-la!

VISCONDE – O senhor a dar-me com o fraseado bombástico!

ESTÁCIO – Basta, senhor! Está em minha presença e eu pergunto-lhe o que pretende fazer daquela pobre moça, vítima do seu nefando atentado?

VISCONDE – Chegaria ao ponto de satisfazer à sua pergunta[,] se não interrompesse-me. Sou rico e vivo neste mundo para gozar, tendo sempre em vista evitar desgostos. Ora[,] eu vim a esta casa, envolto na capa da honradez ou escondido na roupagem de cavalheiro, como disse o senhor Estácio, e [e]namorei-me de sua prima. Sua prima correspondeu-me. O homem, nas minhas condições, quando quer conseguir o seu desejo, promete tudo que é possível prometer; assim o fiz: soube já, precisamente por ela, que triunfei. Pois bem: julga que não cumpri as minhas promessas? Não. Ofereci-lhe a reparação. Recusou. E sabe por que recusou? Por uma ninharia, uma questão



de indivíduos. Assegurei-lhe que se casaria dentro de um mês. Dava-lhe um marido, talvez excelente. Rejeitou, porque esse marido não era eu!

ESTÁCIO (*indignado*) – Que revoltante cinismo!

VISCONDE (*sorrindo*) – Aí vem o senhor...

ESTÁCIO (*forte*) – Cala-te, infame! Nem mais uma palavra preciso ouvir de teus lábios! Elas queimam como fogo!

VISCONDE (*levantando-se*) – Não declame!

ESTÁCIO – Tu és o mais detestável dos homens, depravado cínico! Não há coração, monstro de perversidade, que se iguale ao teu! Criatura germinada do lodo, por que transpuseste os umbrais daquela porta e foste salpicar a fronte de um anjo? (*Sobre-excitado em seu desespero*). És tão miserável[,] que eu já não exijo uma reparação! É tal o ódio, é tal a aversão que inspiras[,] que prefiro vê-la morrer desonrada a ser tua esposa!

VISCONDE (*cruzando os braços e sorrindo*) – Na verdade, isto é uma magnífica comédia!

ESTÁCIO (*fora de si*) – Sai desta casa ou livro a terra de um monstro infame! (*Avança*).

VISCONDE – Detenha-se, senhor Estácio. Em primeiro lugar[,] previno-lhe de que trago comigo um revólver de seis tiros; em segundo, digo-lhe que não obedeço às suas ordens, porque não é o dono da casa. Quem manda aqui é o senhor Belisário das Neves e o senhor Belisário das Neves é meu devedor!

## Cena II

### OS MESMOS e POLICARPO.

POLICARPO (*que tem se mostrado ao fundo*) – Que é isso, visconde? (*Pondo o pince-nez*). Querem ver que o visconde está alterado!... Adeus, visconde...

ESTÁCIO – Saio eu[,] então! Agora, principalmente, era impossível ficar entre jograis!

VISCONDE – Faz muito bem. Ao contrário[,] teria de rir-se, porque os jograis divertem.

ESTÁCIO (*com força*) – Não divertem: causam asco e desprezo! (*Sai*).

## Cena III

### VISCONDE e POLICARPO.

POLICARPO – Visconde, aquilo é conosco?

VISCONDE – Não o percebes, imbecil?

POLICARPO – Amenize o termo, visconde.

VISCONDE – Para tão néscia pergunta...

POLICARPO – É que não podia admitir...



VISCONDE – O quê?

POLICARPO – Que ele me ridicularizasse...

VISCONDE – Por que razão?

POLICARPO – Porque é um rival[,] que achato quando me parecer.

VISCONDE – Um rival! Como?

POLICARPO – Ama a Gabrielinha e... Mas é justamente para tratar desse negócio que vim aqui procurar o visconde, visto não o ter achado em casa e me terem informado que viera para este sítio.

VISCONDE – Então[,] que há? Já falaste ao pai?

POLICARPO – Falei[,] ontem: a resposta tanto dele, como dela, foi bomba, como não era de esperar.

VISCONDE – Este infeliz Policarpo!

POLICARPO – Infeliz! (*Rindo-se*). O visconde tem espírito...

VISCONDE – E desanimaste?

POLICARPO – Não, porque afinal espero tudo do seu auxílio, visconde... Mas ainda não sabe como a tarde de ontem me foi funesta... Mal acabava de levar pelas trombas – um não mais redondo que um zero ou um ó, quando caio nas garras do Bezerra... Vi jeitos do homem espatifar-me o fato<sup>55</sup> e reduzir-me à expressão mais simples... Ora[,] calcule o que será a expressão mais simples de um homem...

VISCONDE – Deve ser a sua raiz quadrada.

POLICARPO – Quer dizer que sou quadrado?... O visconde tem espírito...

VISCONDE – Depois, que fez o Bezerra?

POLICARPO – Passou-lhe o acesso, graças a uma providencial lembrança do senhor Belisário. Voltou ao seu estado normal o homem. Ora[,] o estado normal do Bezerra é exatamente um estado anormal, porque[,] em tal estado[,] vive a fazer descobertas, a inventar... o diabo! Pois bem; ainda assim o homem não me largou mais. Carregou-me para sua casa, fez-me dormir com ele e só, há coisa de uma hora, me pude escapar... Inventou ontem tantas asneiras que até já me parecia que eu próprio fôra inventado por ele... Visconde, o Bezerra está doido... Sustento que está doido...

VISCONDE – É um doido divertido.

POLICARPO – O visconde tem espírito... Pela minha parte[,] dispenso os divertimentos do Bezerra. Nada. Ontem[,] quase caí nas garras do tigre... Olhe que é uma pantera quando enfurece...

VISCONDE – Suponho que o senhor Belisário e a filha estão fora... Hoje[,] terei com ela uma conversa a teu respeito... Vou[,] em poucos minutos[,] à casa do conselheiro Almeida, quase defronte a esta[,] e daqui a nada estou de volta... Tu ainda demoras-te?

---

<sup>55</sup> Paletó ou casaco.



POLICARPO – Não sei, visconde... Ando meio fugido do Bezerra... Tenho receio de que ele apareça de repente...

Cena IV

OS MESMOS e DOMINGOS.

DOMINGOS (*ao fundo, prazenteiro*) – Deus os salve, povos desta... habitação!

POLICARPO (*fazendo um movimento de susto*) – Ui! (*Consigo*). Falai no mau, preparai o pau. – A contra regra deste diabo é infalível...

VISCONDE – Como vai o senhor Bezerra?

DOMINGOS – Trate-me por tu, visconde. (*Risonho*). Preciso muitíssimo do senhor. Depois falaremos. (*Dirigindo-se a Policarpo*). Então[,] o Policarpinho deu às de vila-diogo<sup>56</sup>[,] sem mais nem menos? (*Batendo-lhe na barriga*). Ora[,] este Policarpo... (*Dá uma risada*). E que dizes tu à coisa, ó Policarpo?

POLICARPO (*sem ter que dizer*) – Eu... eu... nada.

DOMINGOS (*franzindo-lhe o sobrolho*) – Nada?! (*Sério*). Dora em diante passas a morar comigo.

POLICARPO (*consigo*) – Estou servido!

DOMINGOS – Mas estou jovialíssimo! Abençoado conselho do Belisário! Fui para casa; dei impulso às minhas fecundas ideias e raiou novo sol no horizonte da minha capacidade intelectual. Oh! Sou fecundo; fecundíssimo!

VISCONDE – Os homens fecundos devem ser fenomenais...

POLICARPO – O visconde tem espírito...

VISCONDE – Pelo menos o senhor Bezerra faz-me acreditar na existência de um deles.

DOMINGOS – Trate-me por tu e não se admire de que eu seja um ente fenomenal...

POLICARPO (*consigo*) – Idiota é que ele é.

DOMINGOS – A minha fecundidade nem se discute. O senhor visconde não pode fazer um pálido juízo do valor intrínseco que possui o meu crânio maravilhosos. É estupendíssimo! Sem grande esforço, descortino os mais vastos horizontes...

VISCONDE – Vê-se, vê-se: mas o senhor Bezerra dar-me-á licença para ir à residência do conselheiro Almeida...

DOMINGOS – Hei de também ocupar a atenção do conselheiro em qualquer dos próximos dias... Faça o favor de preveni-lo a tal respeito. E a propósito: fui, há pouco, ao ministério da marinha e apresentei uma petição de privilégio para a introdução dos – guerreiros mergulhadores – navios da minha invenção... Peço privilégio para um século... Igual pedido enderecei ao da guerra – para a introdução das espingardas maquiavélicas. O plano da primeira invenção...

VISCONDE – Volto daqui a momentos e[, então[,] o ouvirei com prazer...

DOMINGOS – Está bem: na volta[,] mostrarei os planos.

---

<sup>56</sup> Fugiu.



POLICARPO (*súplice*) – Visconde, eu o acompanho até a porta...

VISCONDE – Não há necessidade, Policarpo. Fica fazendo companhia ao senhor Bezerra. (*Sai*).

Cena V

POLICARPO e DOMINGOS.

DOMINGOS (*olhando Policarpo com desgosto e amizade*) – Ingratíssimo mancebo! Pois dou-te casa, cama e mesa e[,] futuramente[,] as maiores posições e tu querias deixar-me solitário[,] para acompanhar o visconde até a porta do conselheiro... (*Sério*). Já te disse, repito e sustento: hei de fazer de ti um grande homem, quer queiras, quer não. Simpatizei contigo, acabou-se!

POLICARPO (*consigo*) – Quer dar comigo no hospício.

DOMINGOS – Através das massas compactas do teu cérebro, lobrigo um fogo fátuo<sup>57</sup> que será o santelmo<sup>58</sup> da tua grandeza no porvir. Serás o espírito das minhas empresas...

POLICARPO – Sinto dizer que não sou espírito.

DOMINGOS (*batendo-lhe na barriga[,] a sorrir*) – És matéria, maganão<sup>59</sup>. (*Assentando-se*). Vamos[,] porém[,] tratar das minhas invenções...

POLICARPO – Deixa isso para logo...

DOMINGOS – Não posso. Eu quando digo – não posso – não digo – posso. É bom que o tenhas entendido para nosso governo. A propósito: onde está o Belisário?

POLICARPO – Creio que saiu com a filha.

DOMINGOS – Por que não me participaste logo, Policarpo do diabo?

POLICARPO – Não te zangues, Bezerra... Bem sabes que ignorava e só o soube, há apenas minutos, por mo ter dito o visconde.

DOMINGOS – Isto foi um contratempo para mim. Vinha também mostrar-lhe os planos...

POLICARPO – Ele não deve tardar.

DOMINGOS – O remédio é esperá-lo; porque[,] definitivamente[,] não saio daqui sem deixá-lo boquiaberto... Ora[,] ouve. – Assenta-te, Policarpo.

POLICARPO – Não me sinto fatigado...

DOMINGOS – Assenta-te e não retruques. És meu comensal e não concedo-te o direito de contrariar as minhas deliberações.

POLICARPO (*consigo*) – Estou sem liberdade, não há dúvida.

DOMINGOS – Nem te permito que fales em voz baixa. Assenta-te, Policarpo.

POLICARPO – Pronto, Bezerra. (*Assenta-se*).

---

<sup>57</sup> Vaidoso e oco; presunçoso. Ou transitório.

<sup>58</sup> Chama azulada, de natureza elétrica, que surge nos mastros dos navios, sobretudo quando há tempestade.



Cena VI

OS MESMOS, BELISÁRIO e GABRIELA.

DOMINGOS – Nesse assentimento à minha vontade inquebrantável reconheço a tua pequenez e a enormidade da minha inteligência[,] que achou a solução de problemas científicos deste século em que se destacaram as mais maravilhosas invenções. Ora[,] não há invenção sem inventor e é isto um axioma tão certo como dois e três serem cinco. Pois[,] na falange dos heróicos descobridores, ocupo eu a primeira fileira, sou talvez o generalíssimo em chefe. Vou, pois, discorrer sobre mim... (*Belisário e Gabriela aparecem*).

POLICARPO – Ontem[,] já discorreste.

DOMINGOS – Não me atrapalha, Policarpo. Em continuação ao arrazoado que deitei ao visconde, vou demonstrar (*erguendo-se e vendo Belisário, vai direito a ele*) que a utilidade dos navios mergulhadores é manifesta.

POLICARPO (*erguendo-se também*) – É manifesta. (*Indo direito a Gabriela*). Como vai, senhor Belisário?

DOMINGOS (*gritando*) – Silêncio, Policarpo! Quando eu falo, fala um homem e quando esse homem fala, falo eu. (*Gabriela vai para um lado tirar o chapéu*).

BELISÁRIO (*sorrindo*) – Como estás, Bezerra?

DOMINGOS – Em posição vertical[,] que é a posição dos grandes gênios. Eu sacrifico-me pela causa do progresso e não admito que usem contestar-me.

BELISÁRIO – É justo.

DOMINGOS – Justíssimo! Prossigo, porém, na demonstração dos dois gigantes inventos[,] que ora ocupam as sábias atenções dos ministros da guerra e da marinha. Os navios mergulhadores serão os maiores portentos dos combates navais. Possuem a propriedade de aniquilar, escangalhar, arrasar os navios inimigos e tudo pelo fundo do rio ou do mar! Introduce-se aqui, surge acolá (*gesticulando para provar, dá quase um murro em Policarpo*) e tudo esfacela, pulveriza, espatifa!

POLICARPO (*que se desvia, consigo*) – Espatifado ia ficando eu.

DOMINGOS (*solene*) – Basta apenas meia dúzia dos meus navios para destruir a mais colossal esquadra inglesa! Mas eu[,] que alcanço com a elevação das minhas ideias, tanto no mar como em terra, também inventei as espingardas maquiavélicas, como único e exclusivo meio de destroçar o maior exército de recrutas. Não precisaremos mais sustentar generais e oficiais, bastam recrutas! Uma espingarda disparada sobre o inimigo[,] mata de quarenta a cinquenta homens, logo, mil armas, matam cinquenta mil. O tiro parte, ricoche-

---

<sup>59</sup> Diz-se de, ou indivíduo jovial, engraçado.



teia e vai tudo raso! (*Gesticulando com o dedo[,] toca em Belisário e fixa-lhe o olhar meio desvairado*).

BELISÁRIO – Os meus parabéns por esse sucesso.

DOMINGOS (*abraçando Belisário com transporte*) – Obrigado! Obrigado! Morro de contente...

POLICARPO (*consigo*) – Péssimo gosto...

DOMINGOS – O orgulho, a alegria transportam-me ao apogeu... – Que apogeu há de ser, Policarpo?

POLICARPO (*rápido*) – Do entusiasmo, Bezerra, do entusiasmo...

DOMINGOS – Do entusiasmo, Belisário. Sou venturosíssimo! (*Comovido*). O meu nome será imortal! Não de fazer de mim uma estátua para colocar na praça pública, não é verdade?

BELISÁRIO – Sem dúvida.

POLICARPO (*consigo*) – Para colocar no hospício, pode ser.

DOMINGOS – Fiz muito excesso hoje; sinto-me abarrotado de cansaço. Há de permitir que me vá embora. Amanhã serão despachadas as minhas petições e[,] cheio de alegria[,] virei anunciar-te a minha ascensão à glória. Adeus, Belisário. (*Vendo Gabriela*). Gabriela, como passas? (*Olhando para Policarpo*). Vem daí, comensal.

POLICARPO (*consigo*) – Lá me vou para o suplício! (*Muito desconsolado, cortejando*). Senhor Belisário, minha senhora... (*Indo sair, leva por diante uma cadeira, atrapalha-se e[,] quase perdendo o equilíbrio[,] põe a mão por acaso no ombro de Domingos*).

DOMINGOS – Firmeza, comensal! (*Sai com Caldeira*).

#### Cena VII

#### BELISÁRIO e GABRIELA.

BELISÁRIO – Cada dia que decorre, mais me convence de que essa tua obstinada tristeza tem uma causa poderosa. Ainda agora mesmo corroboraste minha suspeita. Pois nem os lances cômicos do Bezerra e de Policarpo conseguiram mostrar sequer um rápido sorriso à flor de teus lábios?

GABRIELA (*procurando disfarçar*) – Meu pai!

BELISÁRIO – Acreditei-te ontem, ou antes, quis acreditar nas razões que[,] para iludir a minha desconfiança, julgaste prudente dar.

GABRIELA (*consigo*) – Que tormento!

BELISÁRIO – Hoje[,] para persuadir-te de que aceitara as tuas razões, aleguei que tinhas necessidade de distrações e propus-te um passeio[,] à tarde. Quiseste relutar, mas temeste e pareceu-te mais acertado não recusar. Tu saíste, portanto, constrangida.

GABRIELA – Afianço-lhe que não, meu pai.



BELISÁRIO – Não te creio e tanto que vou instar pela confissão desse mal que te acabrunha. Espera-me aqui. Vou ao meu quarto e já volto. É verdade. (*Metendo a mão no bolso[,] puxa uma carta*). Vamos a saber de quem é esta carta[,] que recebi ao entrar da porta. (*Sai*).

Cena VIII

GABRIELA e VISCONDE.

GABRIELA (*com terror e voz chorosa*) – O que será de mim, meu Deus? O que hei de confessar a meu pai?

VISCONDE (*entrando pelo fundo e vendo-a*) – Minha senhora!

GABRIELA (*num ímpeto de cólera e medo*) – Ah! (*Vai a retirar-se*).

VISCONDE – Venha cá, Gabriela. Não pode esquivar-se, quando procuro-a[,] de propósito[,] para dizer-lhe algumas palavras.

GABRIELA (*com constrangimento*) – Seja breve, se não deseja encontrar-se com meu pai.

VISCONDE – Eu não fujo de seu pai, minha senhora.

GABRIELA – Pois eu julguei que seria esse o seu dever, ao menos por um resto de dignidade.

VISCONDE – A senhora não sabe quem sou eu. Pois crê que um homem conhecedor das voltas deste mundo se circunscreva a algum dever? (*Sorri-se*). Não fui educado na escola dos papalvos<sup>60</sup>, minha senhora.

GABRIELA – Que impudência!

VISCONDE – Vou ser breve[,] todavia[,] em atenção à sua pessoa. Ao sair ontem daqui, após a cena tempestuosa que promoveu, deve recordar-se das minhas últimas palavras. Aguardei qualquer recado da sua parte: não fez: tomei a resolução de vir.

GABRIELA – Que quer de mim?

VISCONDE – Quero que a senhora se resolva definitivamente a desposar um rapaz que anteontem apresentei-lhe e que ontem solicitou a sua mão.

GABRIELA (*com dignidade e desprezo*) – Não insulte mais a mulher que[,] por sua desgraça[,] o amou!

VISCONDE – Mas a senhora precisa da reabilitação; e não é isso o que lhe ofereço? Para que há de ser uma mulher do mundo, se pode ser uma boa mãe de família?

GABRIELA (*entre lágrimas e pungida*) – Que homem abjeto é o senhor! Que coração de fera é o seu!

VISCONDE – Eu detesto as choradeiras. Proponho-lhe a reparação. Responda-me.

GABRIELA (*olhando-o[,] ativa e forte*) – Recuso!

VISCONDE – Bem. Propus-lhe; agora imponho.

---

<sup>60</sup> Indivíduos simplórios, tolos.



GABRIELA (*subindo de indignação*) – Com que direito?

VISCONDE – Com o direito do poder. Seu pai deve-me cinco contos e sei que não mos pode pagar. Pois bem; a 16 do próximo mês vence-se a letra que ele assinou: se a senhora[,] até o dia 15[,] insistir na recusa, protesto a letra: seu pai será executado!

GABRIELA (*prostrando-se*) – Piedade, senhor!

VISCONDE (*rindo-se*) – Levante-se! A senhora não está na igreja. (*Sai. Nesse momento aparece Belisário. Gabriela chora.*)

### Cena Última

GABRIELA, BELISÁRIO e ESTÁCIO.

BELISÁRIO (*com a carta aberta na mão e sombrio*) – Gabriela, que fazias ajoelhada aos pés do visconde? Por que derramas essas lágrimas? (*Silêncio[,] em que Gabriela ergue-se soluçante e vem cair aos pés de Belisário. Com voz vibrante.*) Responde!

GABRIELA – Meu pai! (*Os soluços embargam-lhe a voz. Estácio aparece.*)

BELISÁRIO – Esta carta[,] que acabei de ler[,] me foi dirigida por um anônimo[,] que se diz meu amigo. Sabes o que ela contém? Diz que exerça certa vigilância sobre o visconde de Cordovil, porque é um homem iníquo e se diverte a roubar a honra daquelas infelizes que não tem a precisa coragem para castigar a sua insolência.

GABRIELA (*prorrompendo em pranto*) – Perdão, meu pai!

BELISÁRIO (*meio alucinado*) – Pedes perdão? (*Com voz violenta.*) O que suplicas tu ao visconde de Cordovil? (*Vendo que ela nada responde, agarra-lhe no pulso e fá-la erguer-se.*) Gabriela! O que há de comum entre o conteúdo desta carta e esse pranto que não podes esconder? Fala ou eu... enlouqueço!

GABRIELA (*consigo*) – Mata-me, meu Deus!

BELISÁRIO (*cada vez mais excitado pelo desespero de querer adivinhar uma desgraça e temê-la*) – Gabriela! Responde, ou eu não sei o que faço! Termina esta tortura que me dilacera o coração, ou eu, fora de mim, inteiramente louco, sou capaz de cometer um horror! Fala, Gabriela!

GABRIELA (*quase exausta*) – Sou uma infeliz, meu pai!

BELISÁRIO (*com um grito*) – Ah! Indigna! (*Impele a filha com violência: ela vai a cair como aniquilada. Estácio[,] que tem se aproximado, a ampara.*)

ESTÁCIO (*forte*) – Meu tio! Quando foi que as leis da humanidade autorizaram a um pai ser o carrasco de sua filha?!

BELISÁRIO – Quando esse pai está desonrado e ainda não matou o vilão!

ESTÁCIO – Nem matará, porque o sangue dos vilões não lava a mancha do opróbrio!

BELISÁRIO (*forte e pungido*) – E essa desgraçada?

ESTÁCIO – Hei de ampará-la na queda. Não teve forças para resistir, mas ficam-lhe os braços de um homem de bem!

CAI O PANO.



## ATO IV

*Sala rica.*

Cena I

VISCONDE, POLICARPO e DOMINGOS.

*(O visconde está adormecido no sofá; Domingos assentado em uma poltrona[.] a refletir profundamente; e Policarpo, vestido de noivo, a passear no proscênio).*

POLICARPO – Quase sete horas da noite e o visconde a dormir. *(Azafamado)*. É testemunha do casamento e não se move... Receio acordá-lo. O visconde, quando se acorda, fica de mau humor. *(Pausa)*. Pois[,] senhores, vou ser extremamente ditoso. Caso-me com uma bela moça. Não pude vencer a Gabriela, mas o visconde, que consagra-me uma grande amizade, encarregou-se de procurar-me uma substituta. O visconde conhecia a minha futura; era amigo do falecido seu pai. Por isso[,] e pela estima que nos liga, ele ofereceu um dote à minha noiva.

DOMINGOS *(ergue-se e vem a Policarpo)* – Pois é exato tudo quanto te disse.

POLICARPO – E o que me disseste tu?

DOMINGOS – Ah! Nada te disse? Então[,] desculpa. *(Vai de novo assentar-se e meditar)*.

POLICARPO – O Bezerra... Provavelmente amanhã estarei livre dele. *(Refletindo)*. E se encaixar-se na cabeça desse doido que eu e a minha mulher havemos de morar com ele? *(Alegra-se de súbito)*. Não há que temer... O visconde, felizmente, pretende casá-lo e casa-o. Quer ver se ampara a filha do Antônio. O visconde é um homem de sentimentos elevados. É um verdadeiro protetor das moças pobres e de boa conduta... Oh! Em pontos de honra, o visconde é rigoroso.

DOMINGOS *(vindo outra vez a Policarpo)* – É, pois, certíssimo[,] que te casas?

POLICARPO *(designando o traje)* – Vês.

DOMINGOS *(examinando-o)* – Vejo.

POLICARPO – Logo...

DOMINGOS *(a rir-se, batendo-lhe na barriga)* – Logo[,] acaba-se o mundo...

POLICARPO *(envergonhado)* – Mingote!

DOMINGOS – Não me trates pelo nome de batismo. Gosto mais do Bezerra. Eu sou o Bezerra. *(Entristecendo)*. E vais te separar do teu Bezerra, ingrato? *(De repente)*. Mas não; não podes.

POLICARPO – Obrigam-me as circunstâncias...

DOMINGOS – Não podes, afirmo-te. Não há poder no mundo que me separe de ti. Tu e tua mulher irão para minha casa. O que faço é dar-te os parabéns por me proporcionares a satisfação de ter uma mulher.



POLICARPO – Nada; a mulher pertence-me.

DOMINGOS (*fixa-o*) – Pertence-te? Como[,] pertence-te?

POLICARPO – Vai ser minha esposa à face do céu...

DOMINGOS – Isso não obsta, a que eu goste dela. Tu és meu comensal, ela será minha comensal.

POLICARPO – Caluda! O visconde mexeu-se!

DOMINGOS – É dorminhoco o visconde.

POLICARPO – É, é; mas tem espírito...

DOMINGOS – Tem espírito, tem espírito, mas a questão é que estou aqui, há duas horas, e nada do homem despertar. Eu tenho que fazer: o meu tempo é preciosíssimo!

POLICARPO – Os homens como o visconde carecem de descanso...

DOMINGOS – E eu, Policarpo? E eu[,] que trabalho pela grandeza do Brasil[,] não devo descansar?

POLICARPO – Deve e nem eu vou contra isso.

VISCONDE (*acordando e vendo luzes*) – Oh! Dormi deveras.

POLICARPO (*correndo a ele, solícito*) – Visconde...

DOMINGOS (*pensando*) – E não sei o que é o descanso, porque tenho sido a vítima dos invejosos. Realmente[,] não passo de um mártir da pátria... Quisera antes que me julgassem louco; infelizmente, porém, todos reconhecem o meu gênio e dizem a uma só voz que possuo o meu juízo perfeito... (*Fica abstrato*).

POLICARPO (*batendo no ombro de Domingos*) – Bezerra, vai cumprimentar ao visconde.

DOMINGOS (*como se respondesse a si mesmo*) – O visconde! Sim! É o último a quem devo recorrer. A iniciativa particular talvez me conceda a glória que a gente das pastas, por inveja, me negou.

VISCONDE (*descendo a Domingos*) – Foi pronto em atender ao meu chamado, senhor Domingos Bezerra.

DOMINGOS – Trate-me por tu, visconde. A propósito: com vai de saúde? (*Estendendo-lhe a mão*).

VISCONDE (*apertando-a*) – Vamos indo, senhor Bezerra.

POLICARPO (*adiantando ideias*) – Gordo, folgazão, ágil...

VISCONDE – Menos parvoíce, Policarpo.

POLICARPO (*sorrindo*) – Não tem dúvida, visconde.

DOMINGOS – Corri pressuroso ao seu chamado, visconde, porque compreendi, adivinhei logo, que se tratava de mim e dos produtos do meu cérebro.

VISCONDE (*sorrindo*) – Assente-se, senhor Bezerra.

DOMINGOS – Trate-me por tu. Nós, os homens, somos comuns, apesar de haver gradações na inteligência e a prova é que eu...

POLICARPO (*consigo*) – O Bezerra persuade-se de que é mais inteligente do que eu e o visconde...

VISCONDE – Mas assente-se, faça favor. (*Assenta-se*).



DOMINGOS (*assentando-se*) – É de parecer, visconde, que antes de entrarmos no assunto capital da nossa entrevista científica, lhe relate o que ultimamente me tem sucedido? Sou previdentíssimo, como sabe.

VISCONDE – Sei[,] e mais do que pensa, o quanto tem sofrido.

DOMINGOS – Contudo, não importa. Comecei por inventar coisas simples, passei depois a compostas e[,] finalmente[,] a complexas. O que este meu crânio tem descoberto, só eu sei, ninguém mais sabe, porque[,] os que sabem, guardam para si. (*Muito desgostoso*). Só tenho encontrado invejosos do meu talento. De repente[,] dou um tiro na cabeça.

POLICARPO (*depressa, chegando-se*) – Deixa-te disso, Bezerra.

DOMINGOS (*fazendo transição*) – Dou e mato-os[,] sem comisseração. Eles tem esfriado o meu entusiasmo. Dantes, ainda há um mês, vocês notavam o ardor na minha expressão, a brasa na voz, o fogo no olhar e a chama nos pés. E hoje, abatidíssimo pela luta com a ignorância, geladíssimo pela neve da indiferença e achapadíssimo pelas zurzaduras<sup>61</sup> das animalidades do ministério, estou reduzido a uma estátua de calmaria.

VISCONDE – É real.

DOMINGOS – Realíssimo, caro visconde. Os ministros despacharam com desaforos as minhas petições, de sorte que foram à garra – os navios mergulhadores, as armas maquiavélicas, os edifícios ambulantes, os limpadores do mar e inúmeros inventos de outra espécie. Ora[,] isto aniquilou-me e tentei morrer moralmente para esta terra sem patriotismo! Quem me alegrava de vez em quando era o Policarpo. O Policarpo servia de meu consolo. Este querido Policarpo!... Este querido comensal!...

VISCONDE – O Policarpo sempre foi o consolo dos aflitos.

POLICARPO – O visconde tem espírito.

VISCONDE – O senhor Bezerra, porém, atendeu prontamente ao meu convite e[,] todavia[,] ainda nada comuniquei-lhe que o justificasse.

DOMINGOS (*animando-se*) – Quer proteger uma nova ideia minha?

VISCONDE (*sorrindo*) – Quero casá-lo.

DOMINGOS (*dando um salto*) – Casar-me!

VISCONDE – Sim! Quero fazer do senhor um marido, um patriarca! Há de casar-se com uma jovem galante, linda... sedutora ao ponto do senhor esquecer tudo por ela.

DOMINGOS (*solene*) – Impossível! Jamais esquecerei as minhas ideias.

VISCONDE – Pois bem: se lhe garantir uma moça nas condições citadas, com um dote regular[,] e se depois de casado der o maior impulso à uma invenção sua, aceita?

---

<sup>61</sup> Açoites, maus tratos, críticas ásperas ou severas.



DOMINGOS (*num brado de júbilo*) – Aceito! (*Tomado de febril entusiasmo*). Até que afinal achei um homem que me compreendesse! (*Abraça o visconde*).

POLICARPO (*consigo*) – Daqui a três ou quatro horas, farei o mesmo à minha futura.

VISCONDE – Passem agora à outra sala. Antes de me preparar para o casamento, preciso dar certas ordens ao meu criado particular. Vão.

DOMINGOS (*radiante*) – Sem demora. (*A Policarpo*). Enfia o braço, comensal.

POLICARPO (*obedecendo, consigo*) – Que sina a minha! (*Saem*).

## Cena II

### VISCONDE e ANTÔNIO.

VISCONDE (*só, depois de tocar num tímpano*) – Tenho esbanjado uma grande parte da minha fortuna nestes casamentos de *conveniência*; mas ao menos desfruto e ninguém se atreverá a chamar-me um homem sem consciência ou um demolidor social. É verdade que ia desagradando-me o procedimento da Gabriela; mas[,] por fim, à vista das ameaças que achei prudente fazer-lhe, cedeu. Casa-se com o primo... Com este ou com aquele me é indiferente; o essencial é casar-se. Quer aceite, quer não, terá o dote. Relevo a dívida do pai. (*Assentando-se*). Presentemente[,] trato de reabilitar a filha do meu criado particular. Tendo já disposto do Policarpo, lembrei-me do Bezerra. Pode ser que cure esse maniaco.

ANTÔNIO (*entrando, alguma coisa sombrio*) – Creio que o senhor visconde estará agora resolvido a atender-me.

VISCONDE – Foi para isso que o chamei.

ANTÔNIO – Antes de tudo[,] cumpre-me dizer ao senhor visconde que sou pai.

VISCONDE – É um fato incontestável.

ANTÔNIO – Fiquei viúvo ainda moço e com uma filha de menor idade. Pobre e sem recursos, sujeitei-me a toda espécie de trabalho, tendo unicamente em vista educá-la e fazê-la feliz. (*Frisando*). Cheguei mesmo a ser infame por amor dela, porque houve quem tirasse partido de um segredo de família e da minha ignorância e rudez! Não calculei[,] então[,] o quanto fui perverso e vil!

VISCONDE (*rindo-se*) – Não se impressione com ninharias.

ANTÔNIO – Não ria, senhor visconde, quando eu sinto o coração a estalar de dor.

VISCONDE – O riso é habitual em mim e isto por uma simples razão. O mundo pouco me merece e como sei que ele me retribui de modo idêntico, não escrupuloso, rio-me. Divergimos neste ponto, vejo. Deve convir, portanto, que é melhor irmos ao termo do assunto que nos ocupa.



ANTÔNIO – É melhor. – O senhor visconde[,] a pretexto de proteger-me e intimidando-me com as consequências de um crime de meu irmão, fez-me cúmplice no atentado contra a honra do senhor Belisário, atentado esse, cujo alcance não previ. No dia seguinte[,] fiz constar ao senhor Belisário que minha filha estava doente e que[,] por tal motivo[,] ausentava-me de sua casa. Enganei-o, como sabe; porque vim para aqui. Deu-me um quarto e bom salário. O dever impunha-me que deixasse o serviço do senhor Belisário: aceitei o seu. Pois bem. Qual foi a consequência de tudo isto? Foi a desonra[,] que o senhor visconde lançou-me às faces. Perdeu minha filha.

VISCONDE – Quem o informou dessa ocorrência?

ANTÔNIO – Pressenti a verdade. Interoguei minha filha e fi-la confessar tudo. É[,] por consequência[,] inútil negar, senhor visconde.

VISCONDE – Não nego e prevejo[,] também[,] que vem pedir-me a reparação dessa falta.

ANTÔNIO – Venho, senhor visconde.

VISCONDE – Ouça com calma o que vou dizer-lhe. Não entro, por desnecessário, nas minudências que precederam ao fato de que se trata, porque[,] em resumo[,] sua filha foi culpada e eu o causador da culpa. É[,] portanto[,] lógico que deva a reparação. Devo e não recusarei dá-la. A lei me faculta a reparação. Eu não me caso.

ANTÔNIO (*forte e colérico*) – Não se casa?!

VISCONDE – E nada há que a tanto me obrigue. Reparo a falta por meio de um dote de dez contos de réis e comprometo-me a casá-la[,] o mais breve possível[,] com um homem de bom caráter. Serve-lhe, senhor Antônio?

ANTÔNIO (*depois de pensar e de notar-se que lhe passa pela mente uma ideia[,] que o alegra*) – Serve, senhor visconde. – Passe-me um cheque sobre o banco ou assinie uma letra.

VISCONDE – Quer já?

ANTÔNIO – O que pode ser amanhã, depois ou em outro dia, pode também ser já.

VISCONDE (*sorrindo*) – Seja. (*Vai à mesa, tira da carteira um papel, escreve nele, sela, assina e entrega a Antônio*). Está satisfeito? (*Antônio examina o papel*).

ANTÔNIO – Estou, senhor visconde.

VISCONDE – Quanto ao homem de que falei-lhe[,] é o senhor Bezerra.

ANTÔNIO – Fico ciente. Determina[,] agora[,] alguma coisa?

VISCONDE – Vou testemunhar o consórcio do Policarpo, mas desejo antes fortalecer o estômago. Traga-me uma chávena de café e leve-o também à outra sala[,] onde estão o Policarpo e o senhor Domingos. (*Antônio sai*).



Cena III

VISCONDE e DOMINGOS.

VISCONDE – Este domesticou-se logo. – Maravilhoso é o efeito do ouro. Ante o seu brilho ofuscador, são poucos os que resistem. E digam que não desfruta quem é opulento.

DOMINGOS (*aparecendo[,] transportado de alegria*) – Já aqui está a nova invenção. (*Bate na cabeça*). Contemple a minha cabeça, visconde[,] e veja os focos de luz que dela se desprendem... Bem no seu interior trabalha o gênio... O enormíssimo gênio!

VISCONDE – Cumprimento-o. Sabe que já dei ordens para o seu casamento?

DOMINGOS – Não me fale na matéria, quando eu falo no espírito.

VISCONDE – Bem; mas eu disse-lhe que só depois do seu casamento é que daria impulso aos seus inventos...

DOMINGOS – Pois[,] então[,] case-me com todos os diabos! Case-me amanhã, hoje, já, se puder. Oh! Eu arrebento, se faço explosão! Tenho no crânio a grande, a gigantesca, a nunca assaz idealizada invenção dos transportes elétricos. Constrói-se o fio condutor[,] que pode ter uma grossura conveniente, enche-se de eletricidade e o transporte do corpo humano se faz por ele[,] com a presteza do meteoro. O senhor visconde quer ir ao Rio Grande do Sul, mete-se-lhe no fio e toca-se a manivela. Dentro de três horas[,] está em Porto Alegre. É soberbíssimo!

VISCONDE – Conte comigo[,] para tudo. Agora[,] porém[,] vá se aprontar, a fim de assistir ao casamento do Policarpo.

DOMINGOS (*admirado*) – Como? O Policarpo vai casar-se?! (*Fica meio abstrato*). Pode casar-se. Hoje vai ele à garra, amanhã vou eu; mas vou para surgir[,] no outro dia[,] envolto na auréola da glória! (*Saindo eletrizado*). Visconde, um brado eloquente ao grande Bezerra! Um brado estrondosíssimo ao notabilíssimo homem do futuro, gênio da pátria, colosso das invenções científicas, gigante imortal das empresas monstros! (*Sai meio possesso*).

Cena IV

VISCONDE e POLICARPO.

VISCONDE – É de força, com efeito!

POLICARPO (*assomando*) – O Bezerra foi-se?

VISCONDE – Foi-se neste momento e vai deitando cinquenta quilômetros por hora. Olha que sempre te fizeste amigo de um mentecapto celeberrimo! E pudeste conviver com esse idiota ilustre sem te identificares com a sua demência? Policarpo, tu és um dromedário!

POLICARPO – O visconde tem espírito...



VISCONDE (*admirando-o*) – E vais te ligar pelos laços do himeneu!?...  
POLICARPO – Por graça do visconde[,] a quem Deus guarde! E serei o mais venturoso dos noivos, porque a minha futura é a inocência personificada, é formosa como a flor mais bela. (*Suspirando*). Oh! Como me tarda o êxtase ente à câmara nupcial! O visconde é anjo... (*Caindo em si*). O anjo é a minha futura, visconde.

VISCONDE – Estás apalermado, Policarpo?

POLICARPO – Visconde, eu sou um noivo.

#### Cena V

#### OS MESMOS e ANTÔNIO.

ANTÔNIO (*com bandeja e uma xícara*) – O café.

VISCONDE – Outra para o Policarpo. (*Bebe*).

POLICARPO – Agradecido, visconde. Estou em jejum e em jejum ficarei até finalizar a cerimônia. É um voto que fiz. Demais[,] pode cair alguma gota no fato. (*Antônio sai[,] meio sombrio*).

VISCONDE – Pois o café está excelente.

POLICARPO – Deve estar, deve estar...

VISCONDE – Então[,] hoje atiras-te?...

POLICARPO (*envergonhado*) – Visconde!... Tenho os ouvidos castos, visconde.

VISCONDE – Pudera! Tu já és casto...

POLICARPO – O visconde tem espírito... (*Vendo o relógio*). Já passam de sete horas... (*Apressado*). Vamos, visconde.

VISCONDE – Tem tempo. Enquanto me preparo, vai à cavalaria e vê se o Pedro está pronto. Ainda não senti rumor do carro. Se não está pronto o cocheiro, dize-lhe que avie-se. Preveniste-lhe de tarde que queria a parelha de tordilhos?

POLICARPO – Preveni. (*Saindo meio apressado, tropeça e cai sobre uma poltrona. Levanta-se azafamado*). Ora[,] o diabo sempre as arma! Lá se partiu o *pince-nez* e amarrotei o colarinho!... Maldição! Suicidava-me agora[,] se tivesse certeza de não morrer. (*Sai furioso*).

VISCONDE (*rindo-se*) – Muito me tem custado a empregar este rapaz. – Não é nada; depois de casado, fica com uns quinze contos e uma boa mulher.

ANTÔNIO (*entra*) – O senhor Belisário das Neves deseja falar ao senhor visconde. (*Toma a bandeja e a xícara vazia*).

VISCONDE – Introduza-o. Podia tê-lo feito.

ANTÔNIO – Ignorava se o senhor visconde...

VISCONDE – Não me ocultes de ninguém. Falo a quem me procura, fique sabendo.



ANTÔNIO – Obedecerei às suas ordens. (*Indo ao fundo, volta com Belisário[,]* que entra). O senhor Belisário!

Cena VI

VISCONDE e BELISÁRIO.

VISCONDE (*indo[,]* risonho[,]) ao encontro de Belisário) – Folgo bastante em recebê-lo na minha casa, senhor Belisário.

BELISÁRIO (*cumprimentando-o secamente*) – Senhor visconde.

VISCONDE – Observo que o senhor Belisário está menos amável do que o costume.

BELISÁRIO – Efetivamente[,]

 não podia mais trocar amabilidades com o senhor visconde, desde que foi desleal para aqueles que lhe estenderam a mão[,] convencidos de que apertavam a de um cavalheiro distinto e digno.

VISCONDE (*assentando-se e indicando uma cadeira a Belisário*) – Noto incoerência no que diz, pois que é justamente agora que está galanteando-me com amabilidades.

BELISÁRIO – E eu noto que desafivelou a máscara com que ilude aos incautos!

VISCONDE – É difícil molestar-me com o senhor Belisário (*sorrindo*) e[,]

 por isso[,] rogo-lhe que diga o que pretende de mim. Veio[,] naturalmente[,] para algum fim; é justo, pois, que eu queira sabê-lo.

BELISÁRIO – Sou[,]

 primeiramente[,] um devedor[,] que vem à morada do credor...

VISCONDE – Ponhamos a dívida de parte: é tão insignificante...

BELISÁRIO – Será para o senhor, mas para mim é exatamente ao contrário. É um peso que me oprime. Comigo trago a reforma da letra e os respectivos juros. Tem de aceitar, porque não quis protestar a que se vencia hoje. (*Põe sobre a mesa um papel e um maço contendo dinheiro. O visconde[,]* sem tomar o que Belisário coloca sobre a mesa, puxa a carteira, abre-a, tira um papel e entrega a Belisário[,]) que guarda-o).

VISCONDE (*sempre risonho*) – Deve estar cansado.

BELISÁRIO – Mudaram-se agora as cenas: sou um credor[,]

 que vem à presença do devedor[,] exigir o pagamento integral da sua dívida.

VISCONDE – É mais exigente do que eu, não obstante surpreender-me com as suas palavras. Então[,]

 devo-lhe?...

BELISÁRIO (*começando a indignar-se*) – Sabe melhor do que eu!

VISCONDE – Pois labora num erro: eu confesso a minha ignorância!

BELISÁRIO – Não zombe, senhor visconde, porque a zombaria não é oportuna quando se trava um combate entre a honra ultrajada e a infâmia.



VISCONDE – Deseja[,] então, por força, que tome a sério uma... uma simples rapaziada?

BELISÁRIO (*indignado*) – Miserável! (*Avança*).

VISCONDE – Para trás! E repare que está em minha casa. Se intenta a consecução de alguma luta brutal, creio que o local próprio é a rua.

BELISÁRIO – Assim como tu foste semear a desonra no centro da minha casa, eu também posso ajustar contas na tua. Não temo que me expulses daqui. Vim preparado para atacar a fera no seu covil.

VISCONDE – Vem assassinar-me?

BELISÁRIO – Venho dizer-te, visconde de Cordovil, que hás de casar com Gabriela ou mato-te[,] aqui mesmo, sem testemunhas! É necessário que minha filha se erga por ti ou que eu me vingue.

VISCONDE – Senhor Belisário, vá tranquilizar o seu espírito. A época dos romances passou. O realismo é coisa muito diferente. Quer que me case com sua filha? Eu[,] porém[,] não quero. Quer lutar comigo? Também não quero. Intenta matar-me? Terei o bom gosto de não consentir.

BELISÁRIO – Que há homens torpes, vis, há; mas que hajam homens, além disso, covardes e canalhas, custava-me a crer!

VISCONDE – Basta de palavões! (*Aparece Estácio*). Se não veio aqui para traiçoeiramente assassinar-me, retire-se! (*Indo à mesa e tomando a letra, indica o dinheiro*). Guarde esse dinheiro. (*Rasgando a letra*). Nada me deve! (*Contraí-se[,] como se sentisse dor interna*).

## Cena VII

### OS MESMOS e ESTÁCIO.

ESTÁCIO (*descendo, forte e atirando aos pés do visconde uma carteira*) – Não deve, porque paga! Cinquenta anos de honradez e probidade, não aceitam a esmola de trinta anos de infâmia! (*O visconde quer avançar, contraí-se de novo e dá demonstrações de que se não sente bem*).

BELISÁRIO – Que fizeste, Estácio?

ESTÁCIO – Achei quem me emprestasse[,] para pagar àquele homem!

VISCONDE (*horriavelmente incomodado*) – Que fogo se propaga em meu peito! (*Toca o tímpano[,] com desespero*).

BELISÁRIO – Estácio, preciso terminar a minha obra. (*Dirigindo-se ao visconde*). Pela última vez, senhor visconde de Cordovil, responda-me: casa-se com Gabriela?

ESTÁCIO (*pronto*) – Nunca, meu tio! Gabriela não foi culpada; foi vítima da traição deste homem! (*Antônio aparece*). Gabriela será minha mulher, porque adoro-a cada vez mais e porque hei de ser amado por ela. Aquele anjo, apesar do momentâneo contato da ignomínia, para mim ainda é tão casto como o ídolo que ergui no tabernáculo de meu peito!



Cena Última

OS MESMOS e ANTÔNIO.

ANTÔNIO (*regozijado ao ver as dores que atormentam o visconde*) – Está no final.

BELISÁRIO (*a Estácio*) – Mas a existência dele será um flagelo para ambos.

ANTÔNIO (*a Belisário*) – Veja!

VISCONDE – Sinto o inferno dentro de mim. (*Vendo Antônio*). Água, Antônio!

ANTÔNIO – Não é necessária. Nada combaterá o veneno que o café escondia.

VISCONDE – Ah! (*Grito desesperado. Despedaçando a roupa, no peito*). Homicida covarde! – Oh! O ouro... O prazer... (*Em último transe*). E morro como um bruto! (*Cai morto*).

ANTÔNIO – Em minha filha findou a série dos seus crimes! Quem o envenenou, fui eu!

ESTÁCIO – É a única justiça da terra: a justiça dos homens!

CAI O PANO.

FIM DA PEÇA

6 – 1883





## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, R. de. Varella, o poeta. Porto Alegre: *Revista Mensal do Partenon Literário*, n. 4 e 5, julho e agosto de 1879, p. 206/213.

ARTAGÃO, Mário de. *Janina*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1907.

AZEVEDO JÚNIOR, Vasco de. Celina. Porto Alegre: *Revista Mensal do Partenon Literário*, n. 3 e 5, 1877.

\_\_\_\_\_. A queda de uma virgem. *Revista Mensal do Partenon Literário*, n. 4, 1875.

BARRETO, Emídio Dantas. *A condessa Hermínia*. 1ª ed. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1883, 96 p.

BARRETO, João da Cunha Lobo. Estrelas e diamantes. Porto Alegre: *Revista Ensaios Literários*, n. 1, abr 1875, p. 10-25 (Prólogo), n. 2, mai, p. 37-51 (Ato I), n. 3, jun, p. 69-80 (Ato II), n. 4, jul, p. 101-112 (Ato III) e n. 5, ago, 1875, p. 101-112.

BASTOS, Manuel José da Silva. *O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto*. Rio Grande: Tipografia de A.B.M. Viana, 1849.

BASTOS JÚNIOR, Manuel Pereira. *O nobre e o plebeu*. Rio de Janeiro: Tip. Comercial de Soares & Cia., 1852.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul – do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

BORGES, Pery. *Deus e a natureza e seu autor: notas recolhidas sobre autor dramático gaúcho*: Arthur Rocha. Rio de Janeiro: [s.e.], 1961.

BRITO, José de Sá. A grupiara. Porto Alegre: *Revista Mensal do Partenon Literário*, 1875, n. 9, p. 116, n. 10, p. 151, n. 11, p. 196, e n. 12, p. 233.

\_\_\_\_\_. Mateus. Porto Alegre: *Revista Ensaios Literários*, n. 6 a 8, set-nov 1875.

\_\_\_\_\_. *File-o*. Porto Alegre: 1ª ed. [s.e.], 1876, p. 185-232.

\_\_\_\_\_. *A descrida*. Idem, p. 3-184.

BUENO, Franco. Em nome de Deus. Porto Alegre: *Revista Mensal do Partenon Literário*, 1876, n. 5, p. 193.



- CARDIM, Gomes. *O primeiro cliente*. [s.n. 1898], Cópia datilografada, 41 p.
- CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1956.
- COIMBRA, Arnold. *Caminho errado*. Rio Grande: cópia datilografada, 1945, 27 p.
- COSTA, Lobo da. *O filho das ondas*. 2ª ed. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu e Livraria Lobo da Costa, 1990.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. 2ª ed. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Ministério da Cultura (Fundação Biblioteca Nacional), [1990] 2001.
- CUNHA, Félix da. *Vítor*. Porto Alegre: Tip. do Jornal do Comércio, 1874.
- CUNHA, Maria da. *Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas*. Porto Alegre: Of. Gráficas de A Federação, 1887, p. 4-39.
- \_\_\_\_\_. *A flor do deserto*. Idem, p. 40-55.
- DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro* (em Porto Alegre no século XIX). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1956.
- \_\_\_\_\_; CESAR, Guilhermino et alii. *O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SEC, 1975.
- ENNES, Antonio. *Os lazaristas*. Pelotas: Tip. do Correio Mercantil, 1875.
- FERNANDES, Alexandre e BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *O grito da consciência*. [s.n.; s.d.], 103 p.
- \_\_\_\_\_. *Adélia Carré*. Bahia: Lito-Tipografia Tourinho, 1902.
- \_\_\_\_\_. *O reino do bicho*. Bahia: Tip. e Enc. do “Diário da Bahia”, 1899.
- FERREIRA, Inácio Vasconcelos. *A Independência*. Porto Alegre: Revista *Murmúrios do Guaíba*, n. 1, janeiro, 1870, p. 26-33.
- FISCHER, Antenor. *A literatura dramática do Rio Grande do Sul* (de 1900 a 1950). Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGL da PUCRS, 2007.
- FLORES, Moacyr. *O negro na dramaturgia brasileira – 1838 – 1888*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.



- FORTES, Bety Yelda B. Borges. *Arthur Pinto da Rocha – Um homem rio-grandense*. Porto Alegre: UBE-RS, 1998.
- GOLIN, Cida, CESAR, Guilhermino et alii. *Theatro São Pedro – palco da cultura (1858 – 1988)*. Porto Alegre: IEL, 1989.
- HEEMANN, Cláudio. \_\_\_\_\_. Joaquim Alves Torres. *Teatro social* (pesquisa, introdução e notas por Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989.
- HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.
- \_\_\_\_ & RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil – sob Dom Pedro II – 1ª parte*. Porto Alegre: IEL, 1979.
- \_\_\_\_ & RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil – sob dom Pedro II – 2ª parte*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1986.
- \_\_\_\_ & VILLAS-BÔAS, Pedro Leite et alii. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama, 1976.
- KEMP, Emilio. *Matinal*. 2ª ed. Porto Alegre: Livraria Americana, 1918.
- KILPP, Suzana. *Os cacos do teatro – Porto Alegre, anos 70*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1996.
- LEAL, Júlio César. *A escrava branca*. 1ª ed. Porto Alegre: Tip. da “Deutsche Zeitung”, 1883, 96 p.
- LISBOA, Anna Aurora do Amaral. *A culpa dos pais*. 3ª ed. *Teatro*. Rio Pardo: Edição da Tip. Popular, 1931, p. 1-31 (1ª sessão).
- \_\_\_\_. *A calúnia*. Idem, p. 1-39 (2ª sessão).
- \_\_\_\_. *As vítimas do jogo*. Idem, p. 1-41 (3ª sessão).
- LOPES NETO, Simões. *O boato*. Pelotas: Echenique & Irmão, 1894.
- \_\_\_\_. *A viúva Pitorra* (duas versões). *O teatro de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: IEL, 1990, p. 25- 120.
- \_\_\_\_. *Os bacharéis*. Porto Alegre e Pelotas: Copesul e Instituto João Simões Lopes Neto, 2006.
- MACIEL, Salustiano. *Um episódio da revolução (no Rio Negro)*. Livramento: Tip. da Livraria Guarany, 1895.
- MAIA, João. *A adúltera*. Porto Alegre: Globo, 1936, 64 p.
- MAQUIAVEL, Nicolau (MACHIAVELLI, Niccoló). *O príncipe*. São Paulo: Martim Claret, 2003.



MARIENSE, Apparício. *O filho duma escrava*. Cruz Alta: Tip. da Descentralização, 1882.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

PEIXOTO, Fernando. *Um teatro fora do eixo*. São Paulo: Hucitec, 1993.

PEQUENO *dicionário da literatura do Rio Grande do Sul* (Org. BRASIL, L. A. de Assis, MOREIRA, Maria Eunice e ZILBERMAN, Regina). Porto Alegre: Novo Século, 1999.

PORTO ALEGRE, Apolinário. *Mulheres! O teatro de Apolinário Porto Alegre* (Antologia organizada por Carlos Alexandre Baumgarten). Porto Alegre: IEL: CORAG, 2001, p. 13-65.

\_\_\_\_. *Sensitiva*. Idem, p. 83-127.

\_\_\_\_. *Benedito*. Idem, p. 67-82.

\_\_\_\_. *Os filhos da desgraça*. Idem, p. 129-184.

\_\_\_\_. *Ladrões da honra*. Porto Alegre: *Revista Mensal do Partenon Literário*, 1875, ano 4, 2ª série, n. 4, p. 161, n. 5, p. 194, e n. 7, p. 16.

\_\_\_\_. (Pseudônimo Iriema). *Epidemia política*. Porto Alegre: Tipografia do Correio do Sul, 1882.

PORTO ALEGRE, Araújo. *Os lobisomens. Teatro Completo de Araújo Porto Alegre - Vol. I*. Rio de Janeiro: INACEN, 1988, p. 25-122.

\_\_\_\_. *Os lavernos*. Idem, p. 123-214.

\_\_\_\_. *D. Sebastião*. Idem, p. 215-246.

\_\_\_\_. *Cenas em Penafiel*. Idem, p. 247-252.

\_\_\_\_. *A noite de São João*. Idem, p. 253-298.

\_\_\_\_. *Angélica e Firmino*. Rio de Janeiro: Minerva Brasiliense, Vol. I, 2ª série, 1845.

\_\_\_\_. *A estátua amazônica*. Rio de Janeiro: Tip. Dois de Dezembro, 1851. 2ª ed. *Teatro Completo de Araújo Porto Alegre*. Tomo II. Rio de Janeiro: INACEN, 1989.

\_\_\_\_. *Os voluntários da pátria*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857, 159 p. 2ª ed. *Teatro Completo de Araújo Porto Alegre*. Tomo II. Rio de Janeiro: INACEN, 1989.



\_\_\_\_. *O prestígio da lei*. Rio de Janeiro: Tip. de F. de Paula Brito, 1857, 84 p. 2ª ed. *Teatro Completo de Araújo Porto Alegre*. Tomo II. Rio de Janeiro: INACEN, 1989.

QORPO Santo. As relações naturais. *As relações naturais – Três comédias*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 11-40.

\_\_\_\_. Mateus e Mateusa. Idem, p. 41-61.

\_\_\_\_. Eu sou vida, eu não sou morte. Idem, p. 63-79.

\_\_\_\_. Hoje eu sou um; e amanhã outro. *Qorpo Santo – As relações naturais e outras comédias*. (Fixação de texto, prefácio e notas por Guilhermino Cesar). Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia UFRGS, 1969, p. 119-140.

\_\_\_\_. Um credor da fazenda nacional. Idem, p. 161-173.

\_\_\_\_. Um assovio. Idem, p. 177-197.

\_\_\_\_. Certa entidade em busca de outra. Idem, p. 201-212.

\_\_\_\_. Lanterna de fogo. Idem, p. 215-254.

\_\_\_\_. Um parto. Idem, p. 257-284.

REVISTA *Mensal* do Partenon Literário. Porto Alegre: edições de abril de 1869 a agosto de 1879.

REVISTA *O Colibri*. Porto Alegre: edições n. 1 a 41, de abril de 1877 a março de 1878.

RIBEIRO, Hilário. Aurélia. Porto Alegre: *Revista Mensal* do Partenon Literário, 1873, 2ª série, n. 7, p. 295-310, n. 8, p. 332-344, n. 9, p. 390-402, n. 11, p. 485-490, e n. 12, p. 540-545.

\_\_\_\_. Risos e lágrimas. Porto Alegre: *Revista Mensal* do Partenon Literário, 1872, n. 1, p. 9, n. 3, p. 17, n. 4, p. 20, n. 5, p. 23, e n. 6, p. 34.

\_\_\_\_. Uma história. Porto Alegre: *Revista Mensal* do Partenon Literário, 1874, n. 11, p. 206.

\_\_\_\_. *Lucinda*. Porto Alegre: Tipografia da Imprensa Literária, 1875.

ROCHA, Alípio. Crítica. *Jornal do Comércio*, 21 de janeiro de 1887.

\_\_\_\_ MAIA, João. *A adúltera*. [s.n.; s.d.], p. VIII-XXI.

ROCHA, Arthur. O filho bastardo. *Teatro de Arthur Rocha*. Vol. I. Porto Alegre: Oficinas do Jornal A Federação, 1876, p. 1-75.

\_\_\_\_. O anjo do sacrifício. Idem, p. 79-154.



\_\_\_\_. Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora. Idem, p. 155-182.

\_\_\_\_. *José*. Vol. II. Porto Alegre: Tip. da “Deutsche Zeitung”, 1879, 64 p.

\_\_\_\_. Os filhos da viúva. *Teatro de Arthur Rocha*. Vol. III. Porto Alegre: A Federação, s/d, p. 3-88.

\_\_\_\_. Deus e a natureza. Idem, p. 89-136.

\_\_\_\_. A filha da escrava. Idem, p. 137-212.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. 48ª ed. ver. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

SANTOS, Bernardino dos. Y-Juca Pirama. Porto Alegre: Revista *Murmúrios do Guaíba*, 1869.

\_\_\_\_. Frei Cristóvão de Mendonça. Porto Alegre: Revista *Murmúrios do Guaíba*, 1870, n. 1, jan, p. 7-18, n. 2, fev, p. 49-58, n. 3, mar, p. 97-112, e n. 6, jun, p. 241-248.

SILVA, José Alves Coelho da. *Escrava e mãe*. Rio Grande: L. Salcedo & Andrade, 1885.

SILVA, Lafayette. *História do teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do MES, 1938.

SOARES, Boaventura. *Um fruto da escravidão*. 1ª ed. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1884.

SOUSA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, 2 v.

TEIXEIRA, Antônio Alves. Crítica. \_\_\_\_\_. Anna Aurora do Amaral Lisboa. *Teatro*. Rio Pardo: Edição da Tip. Popular, 1931.

TEIXEIRA, Múcio. *Fausto e Margarida* (Imitação do Fausto, de Goethe). Porto Alegre: Tipografia de “O Rio-Grandense”, 1882.

\_\_\_\_. *O filho do banqueiro*. Porto Alegre: manuscrito, 1876, 149 p.

\_\_\_\_. *Os gaúchos*. Rio de Janeiro: [s.e.], 1921.

TILL, Rodrigues. *Três vultos marcados*: Lobo da Costa – Arthur Rodrigues da Rocha – Fontoura Xavier. Porto Alegre: Flama, 1970.

TORRES, Joaquim Alves. O sexto pecado mortal. Porto Alegre: *Revista Mensal* do Partenon Literário, 2ª série, vol. 5, 1876, n. 2, p. 68, n. 3, p. 104, n. 4, p. 153, e n. 6, p. 217.



\_\_\_\_. Martírios de amor. Porto Alegre: *Revista mensal* do Partenon Literário, 3ª série, vol. 1, 1877, n. 7, p. 149, e n. 8, p. 195.

\_\_\_\_. O marido de Ângela. *Teatro Rio-Grandense*. Porto Alegre: Tip. do Jornal do Comércio, 1886.

\_\_\_\_. Frutos da opulência. *Idem*, p. 139-233.

\_\_\_\_. Impalpáveis. *Idem*, p. 235-262.

\_\_\_\_. Linda. Porto Alegre: *Revista O Colibri*, out 1877 – fev 1878.

\_\_\_\_. *A condição de casamento*. Porto Alegre: Tip. da Imprensa Literária, 1876.

\_\_\_\_. O ultraje. *Teatro Social* (Org. Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989, p. 103-175.

\_\_\_\_. *Teatro social* (pesquisa, introdução e notas por Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989.

VIEIRA, Damasceno. Por um retrato. Porto Alegre: *Revista Ensaios Literários*, n. 5, ago 1875, p. 141-162.

\_\_\_\_. *Adelina*. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1880.

\_\_\_\_. *Arnaldo*. 2ª ed. Uruguaiana: Livraria Guarany, 1891.

\_\_\_\_. *Os gaúchos*. Porto Alegre: Tip. Gundlach & Cia., 1891.

\_\_\_\_. Crítica. *Jornal do Comércio*, 18 de janeiro de 1887. \_\_\_\_ MAIA, João. *A adúltera*. [s.n.; s.d.], p. III-VII.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas da bibliografia sul-rio-grandense*: autores. Porto Alegre: Nação, 1974.

\_\_\_\_. *Notas ao dicionário brasileiro de Sacramento Blake* (Parte do Rio Grande do Sul). Porto Alegre: Ed. datilografada, 1978.

\_\_\_\_ & MARTINS, Ari. *150 anos de literatura dramática no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: exemplar datilografado, 1968.

XAVIER, Baptista. *O carneiro*. Porto Alegre: *Jornal do Comércio*, 1899.



*Vol. I – Autores primordiais e textos fundadores* ◦ O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto, de Manuel José da Silva Bastos ◦ O nobre e o plebeu, de Manuel Pereira Bastos Júnior ◦ Vítor, de Félix da Cunha ◦ *Vol. II – A desonra como Machina Fatalis* ◦ Risos e lágrimas, de Hilário Ribeiro ◦ Os filhos da viúva, de Arthur Rocha ◦ Frutos da opulência, de Joaquim Alves Torres ◦ *Vol. III – O Jesuitismo na alça de mira* ◦ Os jesuítas ou O bastardo do rei, de José Manuel Rego Vianna ◦ Os lazaristas, de Antonio Ennes ◦ Deus e a natureza, de Arthur Rocha ◦ *Vol. IV – O divórcio em cena* ◦ O marido de Ângela, de Joaquim Alves Torres ◦ Arnaldo, de Damasceno Vieira ◦ Janina, de Mário de Artagaão ◦ *Vol. V – O drama abolicionista* ◦ O filho duma escrava, de Apparício Mariense da Silva ◦ A filha da escrava, de Arthur Rocha ◦ um fruto da escravidão, de Boaventura Soares ◦ *Vol. VI – O ideal republicano* ◦ Estrelas e diamantes, de João da Cunha Lobo Barreto ◦ Lucinda, de Hilário Ribeiro ◦ Escrava e mãe, de José Alves Coelho da Silva ◦ *Vol. VII – A mulher como autora* ◦ Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas e A flor do deserto, de Maria da Cunha ◦ A culpa dos pais, A calúnia e As vítimas do jogo, de Anna Aurora do Amaral Lisboa ◦ *Vol. VIII – A comédia* ◦ Político, e liberal, por especulação, de “Hum Militar Avulso” ◦ Uma manhã em casa dum autor crítico, de “O Freguês” (Pedro Antônio de Miranda) ◦ Por um retrato, de Damasceno Vieira ◦ File-o, de José de Sá Brito ◦ Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora, de Arthur Rocha ◦ Epidemia política, de “Iriema” (Appolinário Porto Alegre) ◦ Impalpáveis, de Joaquim Alves Torres ◦ O primeiro cliente, de Gomes Cardim.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-68558-04-1



9 788568 558041